

100  
1800

XX  
64

Inst. Bot. de Coimbra

Sala E

Est. 21

Táb. 25

N.º \_\_\_\_\_



ANUARIO

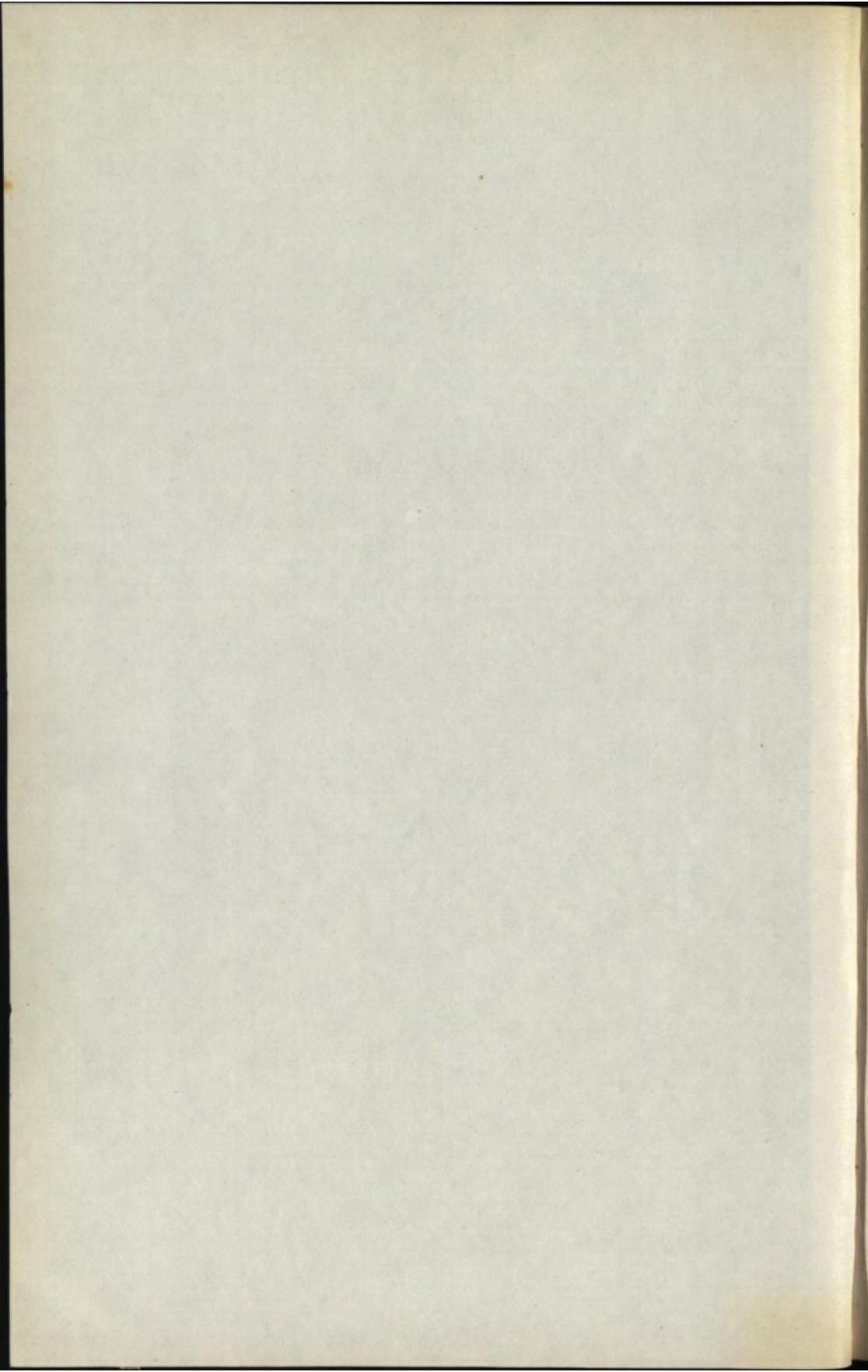
SOCIETATE BROTERIANA

ANNO XXVI

EDITO  
DE LA SOCIEDAD BROTERIANA



1923



# ANUÁRIO

DA

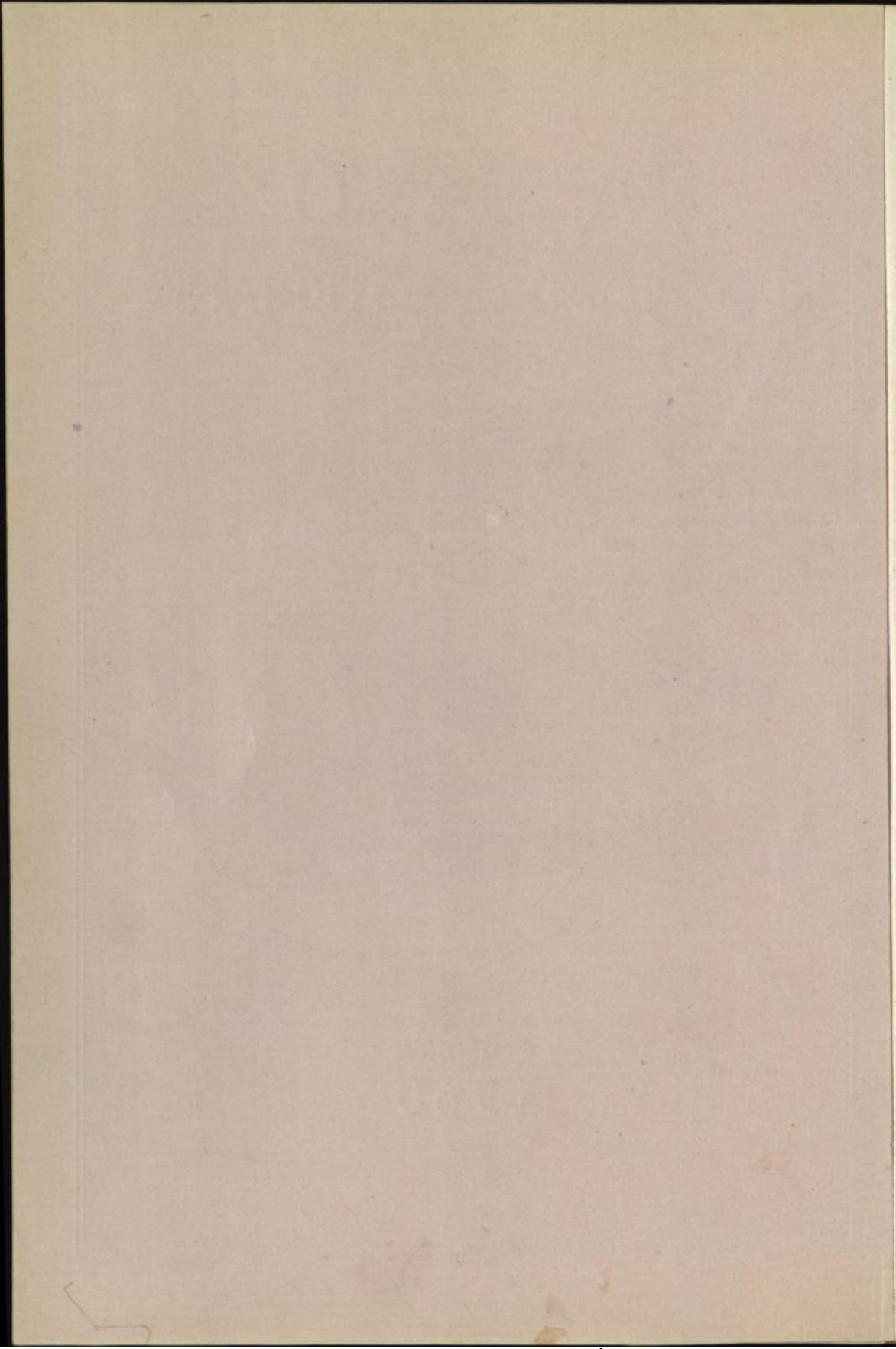
## SOCIEDADE BROTERIANA

**ANO XXVI**

REDACTOR  
PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES  
Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra



COIMBRA  
1960



ANUÁRIO  
SOCIEDADE BROTERIANA

ANUÁRIO DA  
SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XXVI  
1960

COMISSÃO  
1960

ARTURO DE  
SOCIÉTÉ BOTANICA  
VOLUME XXVI  
1907

# ANUÁRIO

DA

## SOCIEDADE BROTERIANA

**ANO XXVI**

REDACTOR

**PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES**

Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra



COIMBRA  
1960

ANUÁRIO  
da  
SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XXVI

PROFESSOR

PROF. DR. ARILDO FERNANDES



COIMBRA

Composição e impressão das Oficinas  
da Tip. Alcobacense, Lt. — Alcobaca

# SESSÕES DA SOCIEDADE BROTERIANA

## ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Reunião de 23 de Janeiro de 1960

*Presidência do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. José Ernesto de Mesquita Rodrigues*

**A**BERTA a sessão, foi concedida a palavra ao Presidente da Sociedade, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Prof. Dr. ABÍLIO FERNANDES, que procedeu à leitura do relatório da Direcção referente ao ano de 1959. Esse relatório é do teor seguinte:

«Durante o ano transacto, a vida da Sociedade decorreu normalmente. A Direcção continuou a dispensar o melhor da sua atenção às publicações. Infelizmente, porém, a falta de verba impossibilitou-a de fazer sair o volume das Memórias. Esta revista prosseguirá logo que as condições financeiras se tornem mais favoráveis. No entanto, deu-se à estampa o vol. XXXIII do Boletim, que insere trabalhos não só do pessoal do Instituto Botânico de Coimbra, mas também do de outras instituições portuguesas e estrangeiras. Aproveito o ensejo para deixar aqui consignados os meus melhores agradecimentos aos investigadores que se dignaram conceder-nos a sua colaboração. Publicou-se ainda o n.º XXV do Anuário, onde a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. ROSETTE BATARDA FERNANDES dá conta da actividade dos sócios e o Presidente da Direcção insere uma notícia sobre a vida e a obra do falecido sócio ARTUR AUGUSTO TABORDA MORAIS, bem como um relatório referente a uma herborização efectuada na Beira Alta no começo da Primavera.

O movimento da biblioteca foi bastante intenso, tendo-se recebido por troca e oferta 1951 volumes e folhetos.

A Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. MARIA MANUELA GAMA continuou as suas herborizações na Ilha da Madeira e o pessoal do Instituto Botânico efectuou colheitas em várias regiões do país.

Em 29 de Maio de 1959, atingiu o limite de idade o naturalista do Instituto Botânico, Lic. FRANCISCO DE ASCENSÃO MENDONÇA, que, desde 1938, se encontrava prestando serviço, em regime de comissão, na Junta de Investigações do Ultramar, onde desempenhou os cargos de Chefe da Missão Botânica de Angola e Moçambique e Director do Centro de Botânica. Desde a reorganização da Sociedade Broteriana, levada a efeito pelo saudoso Prof. LUÍS CARRISSO em 1934, até à data da sua passagem para a Junta, o Lic. F. A. MENDONÇA exerceu as funções de Secretário-tesoureiro e redactor do Anuário. Durante esse período, serviu a Sociedade com zelo, desempenhando com dedicação as funções que lhe tinham sido atribuídas e contribuindo com alguns artigos para o Anuário e Boletim. Apesar de, depois da sua saída, não ter podido prestar à Sociedade de forma efectiva os serviços de Secretário-tesoureiro e redactor do Anuário, o Lic. F. A. MENDONÇA continuou a manifestar o maior interesse pela Agremiação. Ao evocar a data de 29 de Maio de 1959, endereço ao Secretário-tesoureiro cessante as melhores saudações da Sociedade, ao mesmo tempo que faço votos pela sua saúde e pelas suas prosperidades ».

Terminada a leitura, o Presidente da Assembleia pôs em discussão o relatório da Direcção, o qual foi aprovado.

Em seguida, o Dr. ABÍLIO FERNANDES referiu-se ao estado financeiro da Sociedade. As contas, que foram aprovadas, mostraram que, em 31 de Dezembro de 1959, existia em caixa um saldo de 16 771\$00.

Prosseguindo, o Presidente da Direcção disse que a impressão e a distribuição das revistas da Sociedade consomem somas avultadas. Por esse facto, propôs que a Direcção fique autorizada a aplicar os fundos disponíveis na publicação e expedição das referidas revistas, no caso de serem insuficientes as verbas obtidas de outras fontes. Esta proposta foi aprovada.

A Assembleia resolveu reconduzir nos seus cargos os Vogais da Direcção anterior, Ex.<sup>mos</sup> Srs. Prof. Dr. ALOÍSIO FERNANDES COSTA e Rev. Cónego MANUEL PÓVOA DOS REIS.

Resolveu, também, manter em 2\$00 a quota mensal a pagar pelos sócios, continuando com a dispensa do pagamento de jóia.

## DIRECÇÃO

Reunião de 23 de Janeiro de 1960

*Presidência do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Abílio Fernandes*

Foi resolvido:

- a) Manter as comissões de redacção do Boletim e das Memórias.
- b) Que, em virtude de o Instituto Botânico se encontrar ainda privado de naturalista, a redacção do Anuário fique a cargo do Presidente da Sociedade, que actuará também como Secretário-tesoureiro até ser nomeado novo naturalista.
- c) Instar com os sócios para que realizem trabalhos de herborização, particularmente no domínio das Criptogâmicas.

\* \* \*

Temos o prazer de anunciar a admissão dos seguintes

### NOVOS SÓCIOS

FERNANDO CORRÊA CARDOSO, Regente Agrícola e aluno da Faculdade de Ciências, Coimbra.

JORGE AVELINO FALCÃO PAREDES, Licenciado em Ciências Biológicas, Centro de Biologia Piscatória, Lisboa.

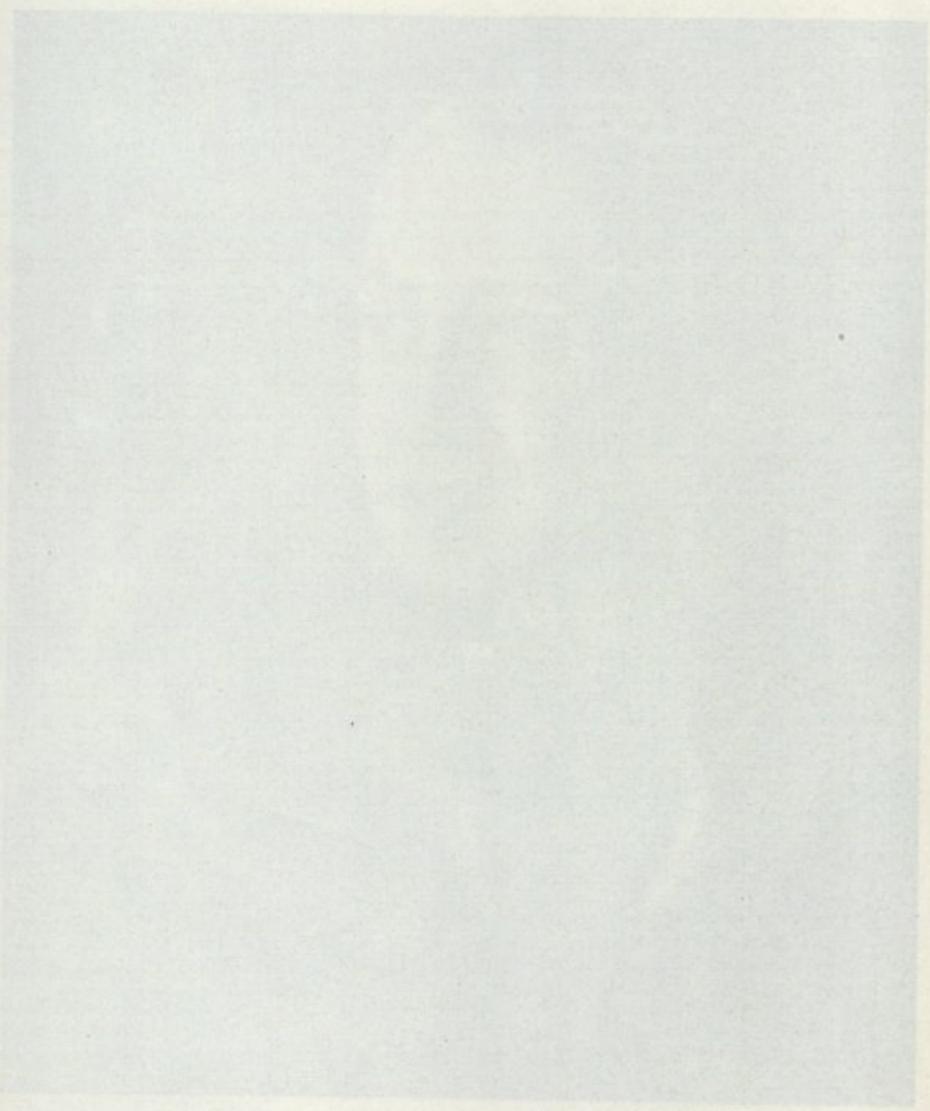
La Société de Biologie a l'honneur d'annoncer que le Congrès International de Biologie, qui se tiendra à Paris en 1905, aura pour thème principal l'étude de la vie animale et végétale. Les inscriptions sont closes depuis le 15 mai 1904.

DISCUSSION

On a discuté sur la question de savoir si la vie animale est plus évoluée que la vie végétale. Les uns ont soutenu que la vie animale est plus évoluée, car elle présente une plus grande complexité et une plus grande diversité. Les autres ont soutenu que la vie végétale est plus évoluée, car elle présente une plus grande stabilité et une plus grande longévité. La discussion a été très animée et a duré jusqu'à la nuit.

REVUE SOCIOLOGIQUE

On a discuté sur la question de savoir si la vie sociale est plus évoluée que la vie individuelle. Les uns ont soutenu que la vie sociale est plus évoluée, car elle présente une plus grande complexité et une plus grande diversité. Les autres ont soutenu que la vie individuelle est plus évoluée, car elle présente une plus grande stabilité et une plus grande longévité. La discussion a été très animée et a duré jusqu'à la nuit.



APPROVED BY  
*[Signature]*  
DATE: \_\_\_\_\_



Costa Rica

## PROF. DR. JOÃO PEREIRA DA SILVA DIAS

17 de Março de 1894 — 13 de Setembro de 1960

QUANDO, no início de 1944, na qualidade de Presidente da Sociedade Broteriana, pensei propor na Assembleia Geral desta Agremiação que se comemorasse condignamente o bicentário do nascimento do eminente botânico FÉLIX DE AVELLAR BROTERO, dirigi-me particularmente ao Prof. JOÃO PEREIRA DIAS, que nessa data estava desempenhando com excepcional brilho e proficiência as funções de Director da Faculdade de Ciências. Depois de ouvir o projecto das comemorações que lhe apresentei, respondeu-me que apoiava entusiásticamente a ideia, pois sempre tinha considerado meritório evocar a memória dos homens cuja vida constituía um exemplo a apontar aos vindouros. Tratando-se de um professor da antiga Faculdade de Filosofia — antecessora de parte da actual Faculdade de Ciências — que muito tinha honrado e prestigiado a sua cátedra e portanto a Universidade, parecia-lhe que as comemorações que a Sociedade Broteriana pretendia levar a efeito deveriam ser acompanhadas de outras promovidas pela Faculdade. Por outro lado, seria de toda a conveniência que às mesmas assistisse o mais directo representante da família de BROTERO, Sr. Tenente-Coronel AUGUSTO BOTELHO DA COSTA VEIGA, então Director da Biblioteca Nacional de Lisboa. Acentuou também a utilidade de se solicitar da Direcção Geral dos Correios, Telégrafos e Telefones a emissão de selos que recordassem o nosso sábio botânico.

Graças às sugestões recebidas, apresentei, na sessão do Conselho da Faculdade de Ciências de 19 de Janeiro de 1944, a proposta de se comemorar a data da passagem do bicentário de BROTERO com uma sessão solene na Sala dos Capelos, em que usassem da palavra os professores de Botânica das

Universidades portuguesas. Propus ainda que se effectuassem as diligências necessárias junto da Administração Geral dos Correios, Telégrafos e Telefones para que fosse emitido um selo comemorativo. Estas propostas, bem como a ideia de se integrar a sessão solene nos actos que a Sociedade Broteriana pretendia levar a efeito, mereceram a aprovação da Faculdade.

Em seguida, dirigi-me ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Reitor da Universidade de Coimbra, Prof. Dr. MAXIMINO JOSÉ DE MORAIS CORREIA, que mostrou a maior simpatia pela aspiração da Sociedade Broteriana, concordou com a realização da sessão solene na Sala dos Capelos e prometeu envidar todos os esforços para que fosse dada nos Paços das Escolas uma recepção em honra dos cientistas que tomassem parte nas festas.

Tornou-se então possível elaborar o programa, no qual a colaboração do Prof. PEREIRA DIAS era verdadeiramente preciosa, porquanto tomava a seu cargo a organização de uma exposição de retratos do nosso eminente naturalista, bem como uma conferência que subordinaria ao título «A estátua de Brotero por Soares dos Reis».

Na organização da parte das comemorações promovidas pela Faculdade de Ciências, o Dr. PEREIRA DIAS foi incansável, pois não só convidou os Profs. RUY TELES PALHINHA, AMÉRICO PIRES DE LIMA e MÁRIO D'AZEVEDO GOMES a proferirem alocações na sessão solene, mas também conseguiu assegurar a presença do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Tenente-Coronel AUGUSTO BOTELHO DA COSTA VEIGA e que este pronunciasse uma conferência sobre a vida de BROTERO. As suas diligências no sentido de se porem em circulação selos comemorativos do bicentenário foram também coroadas de êxito. Esses selos, executados sobre desenhos do distinto artista MARTINS BARATA, que, por sugestão do Prof. PEREIRA DIAS, tomou como motivos a estátua de BROTERO por SOARES DOS REIS e o retrato gravado por GREGÓRIO FRANCISCO DE QUEIROZ combinados com a estilização da espécie broteriana *Dianthus lusitanus*, resultaram de grande beleza e muito contribuíram para relembrar em Portugal e no estrangeiro a figura do nosso naturalista.

De harmonia com o programa, o Prof. PEREIRA DIAS organizou uma exposição iconográfica sobre BROTERO em que figuraram não só as reproduções dos quadros de DOMINGOS CLEMENTINO e MANUEL ANTÓNIO DA SILVA, mas também os retratos que

circularam quer como estampas avulsas, quer ilustrando artigos sobre a vida e a obra do eminente botânico, publicados em diversas revistas. Esta interessantíssima exposição esteve patente nas salas do laboratório do Instituto Botânico durante os dias da reunião, juntamente com os espécimes dos herbários coligidos por BROTERO e pelo seu discípulo VALORADO.

Os elementos que figuraram nessa exposição serviram ao Dr. PEREIRA DIAS para elaborar o magnífico estudo «Iconografia broteriana», publicado no volume XVI da *Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra*, dedicado à memória do antigo professor da Faculdade de Filosofia.

Nesse trabalho, modelo de exposição didáctica e de investigação histórica, em que o autor revela um temperamento artístico da mais fina sensibilidade e mostra profundos conhecimentos da arte da gravura, é dada notícia de 21 retratos do sábio botânico. De todos eles é apresentada uma descrição clara e concisa, seguida dos pormenores históricos referentes à ideia que presidiu à execução e publicação, bem como os dados sobre a vida dos artistas que realizaram as respectivas obras.

Como apaixonado pela história das artes plásticas, o Prof. PEREIRA DIAS não se limitou a apresentar uma simples enumeração dos retratos, pois que, uma vez estabelecida a cronologia das gravuras, foi-lhe possível tirar interessantes conclusões sobre a evolução dos processos de reprodução gráfica em Portugal durante os últimos 100 anos (*vide* Iconografia broteriana, Addenda, pág. 13, 1947). Por outro lado, averiguou que BROTERO é o cientista português que mais larga representação iconográfica possui. Apesar, porém, de o seu retrato ter sido divulgado pela pintura, desenho, gravura e escultura, a galeria existente é muito pobre, pois que todos resultaram, por cópia mais ou menos fiel, do retrato a óleo executado, em 1818, por DOMINGOS CLEMENTINO.

No dia 24 de Novembro de 1944, proferiu o Dr. PEREIRA DIAS a sua primorosa conferência intitulada «A estátua de Brotero por Soares dos Reis». Depois de se referir à proposta de se «erigir no Jardim Botânico uma memória a Brotero», apresentada por JÚLIO HENRIQUES na congregação da Faculdade de Filosofia de 22 de Julho de 1876, evocou, com grande precisão e elegância, a vida e a obra do eminente autor da

*Flora Lusitanica*, falou da subscrição aberta para se obterem os fundos necessários à construção do monumento e aludiu à grande actividade desenvolvida por JÚLIO HENRIQUES neste campo.

Em seguida, depois de mencionar ter sido SOARES DOS REIS o escultor encarregado da execução da estátua, referiu-se à vida atribulada deste artista, traçando magistralmente o seu perfil.

Sempre escutado com o maior interesse por uma assistência em que predominavam os botânicos que tinham vindo assistir às comemorações, o Dr. PEREIRA DIAS falou dos retratos que deveriam ter sido postos à disposição de SOARES DOS REIS para se documentar; das razões apresentadas pelo artista para que no monumento BROTERO figurasse sentado e não de pé; do desinteresse manifestado pelo escultor no que respeita à remuneração dos seus serviços; dos episódios picarescos passados com o modelo vivo — um galego vizinho de SOARES DOS REIS que se embriagava frequentemente — que o artista utilizou; dos pormenores da colocação do pedestal e das sugestões que o escultor emitiu sobre o assunto; das causas que ocasionaram que a estátua nunca tivesse sido inaugurada oficialmente; etc.

Esta conferência foi depois publicada no volume III (1944) da revista *Museu* e constituiu um dos mais valiosos escritos que nos legou o Prof. PEREIRA DIAS.

Como prova de reconhecimento pelos relevantes serviços prestados, a Sociedade Broteriana, na sua reunião de 25 de Outubro de 1945, resolveu conceder ao Dr. PEREIRA DIAS o título de sócio honorário.

Desde essa data até o momento da sua morte, nunca o Prof. PEREIRA DIAS deixou de manifestar o maior interesse pela nossa Agremiação e de lhe prestar o seu valioso auxílio. Ao lembrar a sua preciosa colaboração, cumpre-me não só deixar aqui bem patenteada a profunda mágoa sentida pelo desaparecimento inesperado e prematuro de tão ilustre membro, mas também evocar o alto exemplo da sua vida e consagrar à sua memória algumas singelas palavras de gratidão e saudade.

\* \* \*

JOÃO PEREIRA DA SILVA DIAS, filho de JOÃO PEREIRA DIAS e de D. ISABEL DA SILVA, nasceu em Marrazes, concelho de Leiria, em 17 de Março de 1894.

Depois de um curso secundário distinto, inscreveu-se na secção de Matemática da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, onde os seus méritos cedo foram notados pelos professores, o que é bem posto em evidência pelo facto de, aos 19 anos, antes, portanto, de terminar a licenciatura ter sido nomeado 2.º assistente provisório do 2.º grupo da 1.ª secção (7-III-1913), lugar que desempenhou até 1918.

Dentro da secção de Matemática, mereceram-lhe particular interesse as cadeiras de Geometria. À matéria dessas disciplinas se dedicou com grande entusiasmo, o que o conduziu a elaborar o valioso trabalho « Involuções do grupo Cremoniano no plano », apresentado, em 1917, como dissertação para o acto de doutoramento em Matemática na Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra.

As provas prestadas foram das mais brilhantes, o que explica que, por decreto de 25 de Março de 1918, tenha sido nomeado assistente definitivo e, decorridos dois anos, ascendesse, mediante concurso, a 1.º assistente do 1.º grupo da 1.ª secção.

Continuou depois a consagrar-se ao ensino com o maior zelo. As suas lições eram extremamente atractivas, tal o método e clareza da exposição, tal a beleza e o rigor das figuras que saíam do giz manejado pelos seus dedos hábeis... A fama do Dr. PEREIRA DIAS como pedagogo notável difundiu-se rapidamente entre os alunos e todos acorriam a ouvir as aulas do jovem assistente. Compreende-se, assim, que, em 1920, no mesmo ano em que foi nomeado 1.º assistente, tenha sido encarregado de reger interinamente a disciplina de Metodologia geral das Ciências Matemáticas na Escola Normal Superior.

Os seus elevados dotes intelectuais e a competência com que estava professando esta disciplina são sobejamente manifestados na publicação « Valor pedagógico da história das Matemáticas » (in *Arquivo Pedagógico*, vol. VII, n.º 3, 1928). Deste

modo, a regência da referida cadeira continuou a ser-lhe atribuída em anos sucessivos até à extinção da Escola.

Por decreto de 13 de Julho de 1921, o Dr. PEREIRA DIAS foi nomeado professor ordinário do 1.º grupo da 1.ª secção da Faculdade de Ciências, ascendendo, assim, aos 27 anos, ao mais elevado escalão do ensino universitário.

Desde essa data até à sua morte, regeu com a maior eficiência as disciplinas de Geometria, tornando-se o seu ensino cada vez mais perfeito à medida que os anos passavam. O Dr. PEREIRA DIAS, porém, não se limitava a ser o pedagogo distinto. Era também o professor afável, cortês, acolhedor, amigo e conselheiro dos seus discípulos, sempre disposto a satisfazer as suas aspirações logo que fossem justas. É, pois, compreensível que existisse à sua volta uma atmosfera de carinho e simpatia e que ele seja hoje lembrado com saudade e a maior veneração pelos milhares de licenciados em Matemática, oficiais do exército e engenheiros que passaram pelas suas aulas.

A vida de professor do Dr. PEREIRA DIAS foi das mais intensas, pois que, além de reger as cadeiras a que nos referimos, fez parte, quer como presidente, quer como vogal, de numerosos júris, entre os quais apontaremos: exames de aptidão para a matrícula na Universidade de Coimbra (6.º grupo); exames de estado para o ensino profissional industrial e comercial; exames de admissão ao 1.º ano de estágio dos 8.º e 9.º grupos; concursos de admissão à Escola Normal Superior; exames de estado dos candidatos ao magistério liceal; idem de candidatos ao magistério normal primário; provas de doutoramento nas Faculdades de Ciências; concursos para provimento de lugares de assistentes, professores agregados, extraordinários e catedráticos das Faculdades de Ciências das Universidades de Coimbra, Lisboa e Porto; etc.

No desempenho de todas essas funções procedeu sempre com a maior isenção e espírito de justiça, esforçando-se para que em nenhum caso houvesse inversão de valores na selecção que era necessário efectuar.

Por decreto de 14 de Fevereiro de 1925, foi confirmada a eleição do Dr. PEREIRA DIAS para Secretário da Faculdade de Ciências. Dotado de um espírito metódico, reorganizou os

serviços da respectiva secretaria, tendo desempenhado com a maior competência os deveres inerentes a esse cargo.

Em face das aptidões reveladas, o Conselho escolheu-o para dirigir a biblioteca da secção de Matemática. Do estado em que se encontrava essa livraria e do trabalho por ele efectuado, deu conta em relatório apresentado ao Director da Faculdade, em Dezembro de 1927. Por esse relatório se infere quanto foi acertada a actuação do Prof. PEREIRA DIAS que defendia o princípio de que, além de facultar bons livros de curso, a principal função da biblioteca «deve consistir em informar professores e alunos do moderno movimento científico, sugerindo-lhes novos problemas e novos métodos de investigação». Para isso, depois de conseguir que o Conselho da Faculdade aumentasse a dotação da biblioteca, procedeu à aquisição das obras de Matemática e à assinatura das revistas que se lhe afiguravam fundamentais e à compra de várias colecções de obras completas.

Sob a sua orientação e só com a ajuda do bedel da 1.<sup>a</sup> secção, cujos encargos oficiais eram de natureza diferente, os livros foram fichados pelos nomes dos autores, o que representou enorme progresso na organização da biblioteca. Assinalou a necessidade da elaboração do catálogo ideográfico, acentuando que esse só se poderia organizar quando a biblioteca possuísse um funcionário privativo devidamente habilitado.

Um outro aspecto da vida do Prof. PEREIRA DIAS foi o interesse que lhe mereceram as nossas províncias ultramarinas. Efectivamente, tendo tomado parte na Missão Académica a Angola, organizada em 1929 pelo saudoso Prof. LUÍS CARRISSO, tornou-se, após o regresso à metrópole, um entusiasta defensor e propagandista do Ultramar. Deste modo, aproveitava sempre o ensejo para, perante os seus alunos, amigos e conhecidos, falar do que tinha visto e pronunciar palavras de fé nos destinos do nosso Império. As conferências que proferiu em diversos meios muito contribuíram também para fazer despertar na consciência nacional quanto significava para o País o seu Ultramar.

Depois desta viagem, o Dr. PEREIRA DIAS procurou conhecer as outras províncias ultramarinas e, assim, visitou Moçambique acompanhando o Orfeão Académico (1949), a Guiné com o Teatro dos Estudantes (1953), bem como a Índia (1957) e

Macau (1959) como presidente dos júris de fiscalização dos exames de aptidão para a matrícula nas Universidades, Instituto Superior de Estudos Ultramarinos e Escolas de Belas-Artes e dos exames de admissão aos Institutos Industriais e Comerciais. Da sua visita à Guiné, resultou a magnífica conferência subordinada ao título «Impressões de uma viagem à Guiné Portuguesa», proferida em 7 de Maio de 1953, a convite da Câmara Municipal de Coimbra e integrada na Semana do Ultramar.

Incluído na respectiva Missão, o Dr. PEREIRA DIAS, em 1951, acompanhou também ao Brasil o Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra. Apaixonado pelas questões de arte e grande conhecedor de arquitectura, escultura, pintura e decoração, sempre que lhe era possível corria a deleitar-se na contemplação e estudo dos monumentos das cidades que visitava, fazendo o confronto entre eles e os portugueses. Passaram, assim, perante os seus olhos os templos e os mosteiros das cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Ouro Preto, Olinda, Recife e S. Salvador da Baía. Nesta última, encontrou, no claustro da Ordem Terceira de S. Francisco, um extenso silhar de azulejos cuja interpretação era um enigma para os especialistas brasileiros. Estudou cuidadosamente esse silhar, sendo os seus esforços coroados de êxito, visto ter conseguido identificar as cenas aí representadas e, embora não com inteira segurança, as oficinas onde os referidos azulejos teriam sido fabricados.

Os resultados destes brilhantes estudos foram apresentados em uma comunicação lida, em 13 de Novembro de 1953, na Academia Nacional de Belas-Artes e depois publicada no n.º 7 da revista *Belas-Artes*.

Em 1933, sobraçava a pasta da Instrução Pública o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Prof. Dr. SOUSA PINTO. O apreço que tinha pelos altos merecimentos do Dr. PEREIRA DIAS levou-o a endereçar-lhe convite para ocupar o elevado cargo de Director-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes, lugar que o ilustre professor de Matemática aceitou e para o qual foi nomeado por decreto de 21-IX-1933, publicado no *Diário do Governo* n.º 222, de 23-IX-1933.

Durante os 6 anos em que desempenhou estas funções (1933-1939), o Dr. PEREIRA DIAS revelou-se um burocrata exímio, tendo reorganizado e tornado mais eficiente o trabalho dependente das secretarias da Direcção-Geral. Além disso, efectuou trabalho extremamente útil e meritório como membro da Comissão encarregada de elaborar um esquema da organização geral do ensino em Portugal nos seus diferentes graus e especializações; como vogal da Comissão do Cinema Educativo; como Secretário Geral do Ministério da Instrução Pública no impedimento do titular efectivo; como presidente da Comissão incumbida de estudar as bases do concurso do projecto de adaptação da Igreja de Santa Engrácia (Lisboa) a Panteão Nacional; como vogal do ensino artístico do Conselho Superior de Instrução Pública; etc.

Nomeado Comissário do Governo junto do Teatro Nacional Almeida Garrett e do Teatro Nacional de S. Carlos, funções que desempenhou gratuitamente até 13 de Janeiro de 1943, data em que pediu a exoneração, o Dr. PEREIRA DIAS, extremamente consciencioso e artisticamente dotado, estudou com afincos a história do Teatro, leu as peças dos autores mais em evidência, interessou-se vivamente pelas decorações, cenários e guarda-roupas, tornando-se, assim, um autêntico especialista na matéria. Essa especialização foi sobejamente manifestada na magnífica lição subordinada ao título «*Alguns aspectos do Teatro Português*», proferida, em 1947, no Curso de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

A figura de GIL VICENTE atraiu fortemente a sua atenção, ficando deslumbrado pela obra magnífica de personalidade tão rica de talento, cujas peças, graças à agudeza da crítica dos costumes, mantêm ainda hoje o maior interesse. Deste modo, foi-lhe extremamente grato que o Governo, pelo decreto n.º 27 694, de 12 de Maio de 1937, resolvesse encarregá-lo de organizar as representações com que se deveria comemorar o quarto centenário da morte do fundador do teatro português.

De acordo com os concessionários do Teatro Nacional Almeida Garrett e com o Director do Conservatório Nacional, o Dr. PEREIRA DIAS elaborou programas muito criteriosamente escolhidos, destinados a récitas de gala, escolares e populares. As representações, que tiveram lugar não só em Lisboa, mas

também no Porto, Guimarães, Coimbra e Évora, constituíram um verdadeiro êxito e por elas se evocou perante os portugueses de todos os graus de cultura a figura do admirável autor do «Auto das Barcas».

As palavras proferidas pelo Dr. PEREIRA DIAS na abertura da récita de gala que teve lugar em Lisboa, em 31 de Maio de 1937, com a assistência do CHEFE DO ESTADO e membros do Governo, são um modelo de elegância e sobriedade, revelando bem a elevada compreensão que o professor de Matemática da Universidade de Coimbra adquirira da obra do nosso célebre comediógrafo. Essa elevada compreensão é bem posta em evidência quando, ao concluir, diz:

«Chegou o momento de subir êste pano.

O que por detrás dêle irá surgir era o teatro português no alvor do século XVI. A simplicidade de processos histriónicos e de movimento cénico, própria de um primitivo, poderá talvez, de comêço, entorpecer um pouco a nossa imaginação; e a linguagem, escrita na transição do período arcaico para o moderno, não terá certamente a maleabilidade da nossa de hoje e dar-nos-á uma ou outra palavra delida pela acção do tempo. Mas a nossa adaptação será breve: a clareza dos conceitos, o equilíbrio da composição, a alegria comunicativa da fantasia cómica, a frescura dos trechos bucólicos, a impetuosidade das exortações patrióticas, a unção dos hinos religiosos e a nitidez dos inúmeros tipos arrancados directamente à vida real transportam-nos para tam perto dêsse génio criador, que logo sentiremos palpitar, através da ficção dramática, a alma dos portugueses de todos os tempos.

Com verdade posso, pois, dizer:

Ao subir êste pano, veremos surgir — Portugal! ».

Como testemunho dessas comemorações, ficou o livro, concebido e realizado com o maior gosto artístico, intitulado «Centenário de Gil Vicente († 1537-1937)», onde o Dr. PEREIRA DIAS reuniu o decreto pelo qual o Governo mandava proceder às comemorações, as palavras proferidas pelo Comissário do Governo antes de se iniciar a representação de gala no Teatro Nacional Almeida Garrett, as pronunciadas por diversas indi-

vidualidades no princípio de outras récitas e ainda as peças que foram representadas.

A sua interferência na restauração do Teatro Nacional de S. Carlos é também digna dos maiores encómios. Efectivamente, o Dr. PEREIRA DIAS, auxiliado pelos outros membros da comissão nomeada para o efeito, mandou proceder às reparações de que essa casa de espectáculos carecia, mantendo-lhe a pureza das linhas primitivas e mobilando-a e decorando-a harmónicamente. Os depósitos do Teatro constituíam um amontoado dos mais diversos objectos onde era extremamente difícil encontrar qualquer coisa. Aí existia um número muito elevado de cenários, alguns de artistas verdadeiramente célebres, que era necessário classificar e ordenar. A esta tarefa se consagrou o Dr. PEREIRA DIAS com o maior cuidado. O géometra, porém, não poderia deixar de ser irresistivelmente atraído pelo estudo desses cenários, analisando as perspectivas e os métodos de trabalho dos diversos artistas. Como resultado desses estudos, surgiram os artigos «Cenários do Teatro de S. Carlos», 1940 e «Cenógrafos italianos em Portugal», 1941. Estes trabalhos, bem como a conferência pronunciada em 1947 na sede do jornal *O Século* sob o título «Dos momos e arremedilhos ao cenário sintético», revelam claramente a competência do Dr. PEREIRA DIAS como crítico de cenografia teatral.

O alto apreço do Governo pela obra realizada como Comissário junto dos Teatros Nacionais D. Maria II (Almeida Garrett) e S. Carlos é bem manifestado pelo facto de, na portaria que, a seu pedido, lhe concedeu a exoneração, se lhe dar «público testemunho de louvor pelo zelo, competência e dedicação que demonstrou no exercício desse cargo».

Expirado o período para o qual tinha sido nomeado Director-Geral, o Dr. PEREIRA DIAS regressou a Coimbra para voltar a consagrar-se à sua cátedra. As qualidades reveladas como Director-Geral, o perfeito conhecimento que tinha da legislação, a sua dedicação pela Faculdade de Ciências e pela Universidade, os seus reais dotes de burocrata, a sua ponderação, o seu carácter amável e franco, a simpatia que dele emanava e a sua primorosa educação constituíam elementos mais que suficientes para que sobre ele incidisse a atenção do Ministro da Educação Nacional, Prof. Dr. ANTÓNIO FÁRIA

CARNEIRO PACHECO, que, por portaria de 13 de Outubro de 1939, publicada no *Diário do Governo* n.º 246, 2.ª série, de 21-X-1939, o nomeou Director da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra. As razões que decidiram o Ministro a nomeá-lo para este novo cargo foram também aquelas que levaram todos os professores da Faculdade a congratular-se pela escolha extremamente feliz que tinha sido feita.

Depois de tomar posse deste novo lugar, o primeiro cuidado do Dr. PEREIRA DIAS foi organizar a secretaria da Faculdade que, até ali, quase não tivera existência real, em virtude de não possuir funcionários próprios e de se deslocar de uns gabinetes para outros à medida que os Directores se sucediam. Esforçou-se para a dotar com pessoal privativo; organizou «dossiers» correspondentes a cada um dos funcionários, onde era anotado tudo o que lhes dizia respeito; classificou e arquivou toda a correspondência; ordenou convenientemente os assuntos referentes aos alunos; etc. Deste modo, conseguiu, dentro de pouco tempo, criar um organismo cujo funcionamento se foi aperfeiçoando progressivamente e cuja eficiência se tornou cada vez maior.

Todos os Conselhos da Faculdade eram objecto de um estudo prévio. Os assuntos a apresentar eram devidamente catalogados na agenda e iam aparecer na sua ordem lógica. Nesta conformidade, sob a superior orientação do Dr. PEREIRA DIAS, os Conselhos actuavam de maneira eficiente e os professores sentiam prazer em trabalhar num ambiente em que todos tinham sempre tempo de intervir em qualquer assunto e onde a opinião de cada um era ouvida e respeitada. Os prós e os contras de qualquer questão eram apreciados com objectividade e ponderação, dentro da maior calma e serenidade. Orientava as discussões de uma maneira leal e franca, não manifestando nunca que, como Director, desejava que a sua opinião tivesse primazia. Emitia o seu parecer como qualquer outro vogal, ouvia todos os membros, recapitulava com nitidez e precisão as diversas fases do problema e mantinha as discussões até se convencer que o assunto estava claro perante o espírito de todos. Tirava então as suas conclusões, procedendo à votação nos raros casos em que, além dos preceituados pela lei, essa votação se tornava necessária. Terminado o Conselho, o

Prof. PEREIRA DIAS, com a sua capacidade, digamos mesmo arte especial de redigir, dava imediato andamento a todas as resoluções da Faculdade, tratando com idêntico interesse os assuntos que tinham merecido a sua aprovação e aqueles contra os quais tinha votado.

Dadas a isenção do seu procedimento, a delicadeza do seu trato, a sua afectuosidade, prudência, ponderação e diplomacia, existia à volta do Dr. PEREIRA DIAS uma atmosfera do maior respeito, carinho e simpatia, explicando-se que, sob a sua direcção, a Faculdade mantivesse sempre a maior coesão e manifestasse constantemente a sua ânsia de progresso.

Pelo facto de os concursos terem estado suspensos entre 1936 e 1942, o quadro de professores da Faculdade manteve-se bastante incompleto durante os três primeiros anos da direcção do Dr. PEREIRA DIAS. Defendendo, porém, o salutar princípio de que uma Faculdade só pode desempenhar convenientemente a sua missão desde que o quadro do pessoal docente esteja o mais completo possível, logo que, em 1942, puderam prover-se os lugares vagos, o Dr. PEREIRA DIAS, de acordo com o Conselho da Faculdade, procurou imediatamente modificar esse estado de coisas, solicitando do Governo a abertura dos concursos e providenciando para que as provas se efectuassem com brevidade. A partir dessa data, continuou sempre a envidar os seus melhores esforços no sentido de as vagas que iam surgindo serem preenchidas por pessoal idóneo, de modo a assegurar-se na Faculdade um eficiente funcionamento do ensino e da investigação.

A preparação do pessoal científico e técnico mereceu-lhe também particular atenção. Conhecedor dos benefícios que poderiam ser colhidos dos estágios feitos em bons centros de investigação estrangeiros, conseguiu que fossem concedidas bolsas de estudo a vários professores, assistentes e naturalistas. Infelizmente, a sua morte prematura impossibilitou-o de colher muitos dos frutos desta sua hábil política.

Em princípios de 1945, o Dr. PEREIRA DIAS caiu perigosamente doente, o que o levou a solicitar, em 24 de Janeiro de 1946, a exoneração de Director da Faculdade de Ciências. Esperançado em que o ilustre professor recobriria a saúde, Sua Excelência o Ministro mandou arquivar o requerimento. Feliz-

mente que a previsão se confirmou, porquanto, após uma melindrosa intervenção cirúrgica efectuada pelo Prof. REYNALDO DOS SANTOS, o Dr. PEREIRA DIAS pôde regressar à sua Universidade.

Durante ainda mais 15 anos se consagrou à Direcção da Faculdade. À *Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra*, fundada em 1931 mediante deliberação do Conselho Escolar presidido pelo saudoso Prof. ANSELMO FERRAZ DE CARVALHO, dedicou o melhor do seu interesse, não só como meio de divulgação dos trabalhos do corpo docente, mas também como elemento mediante o qual se poderiam estabelecer permutas e enriquecer, assim, as bibliotecas da Faculdade. Sob a superior orientação do Dr. PEREIRA DIAS, foram dados à estampa 21 volumes, tendo, portanto, esta publicação aparecido desde 1931 até hoje com a maior regularidade.

No fim de cada ano lectivo, elaborava o relatório referente à actividade de todos os departamentos da Faculdade. Esses relatórios, primorosamente redigidos, em que se referiam também as dificuldades com que se lutava, foram publicados na mencionada *Revista da Faculdade de Ciências* e constituem documentos ali arquivados que muito a valorizam.

A fim de prestar homenagem à memória do eminente professor que foi LUCIANO PEREIRA DA SILVA, a Faculdade de Ciências deliberou reunir todos os seus escritos, entre os quais alguns inéditos, e publicar as suas *Obras Completas*. Sentindo a maior veneração pela figura do sábio que tinha sido seu Mestre e do qual o seu espírito recebera forte influência, o Dr. PEREIRA DIAS consagrou-se a essa tarefa com o maior carinho.

O Ministro do Ultramar daquela época, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. FRANCISCO VIEIRA MACHADO, a quem o Dr. PEREIRA DIAS se dirigiu, compreendeu imediatamente o grande alcance dessa publicação em virtude de alguns dos trabalhos de LUCIANO PEREIRA DA SILVA serem consagrados à reivindicação da prioridade para os portugueses na descoberta da costa africana. Deste modo, mediante despacho de 14 de Maio de 1942, autorizou que ela fosse efectuada pela Divisão de Publicações e Biblioteca da Agência Geral do Ultramar. Resolvida, assim, a ingrata tarefa de obter recursos financeiros, o Dr. PEREIRA DIAS, com o seu apurado sentido estético, escolheu papel, formato e tipos, dispôs os artigos por ordem cronológica, reviu provas com a maior meticulosidade,

acompanhou a execução e impressão de gravuras e escreveu o prólogo com que abre o primeiro volume.

Como fruto desse trabalho, resultaram os três magníficos volumes que constituem as *Obras Completas de Luciano Pereira da Silva*, cuja publicação se deve inteiramente ao Dr. PEREIRA DIAS. Este, porém, na sua modéstia, apresentou as *Obras Completas* como «edição preparada pela Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra», apagando-se voluntariamente, de modo a que todas as honras revertessem para a sua Faculdade.

Conhecedor da aspiração que as secções de Física, Química, Mineralogia e Geologia, Zoologia, Antropologia e Botânica nutriam de trabalhar em assuntos ultramarinos, o Dr. PEREIRA DIAS conseguiu que, em 1954, a Junta de Investigações do Ultramar criasse o Agrupamento Científico de Estudos Ultramarinos anexo à Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, que dirigiu até à data do seu falecimento. Durante esse período, foram publicados vários trabalhos de Química, Mineralogia, Geologia, Zoologia, Antropologia e Botânica referentes a diversas províncias ultramarinas, dando-se, assim, satisfação aos objectivos que presidiram à criação do referido Agrupamento.

Graças igualmente à interferência do Dr. PEREIRA DIAS foi ainda criado, o Centro de Estudos de Matemática aplicada à Energia Nuclear. A direcção deste Centro foi entregue à superior competência do Prof. MANUEL DOS REIS e nele têm sido elaborados valiosos trabalhos.

Na sua qualidade de membro do Senado Universitário durante o período em que desempenhou o cargo de Director da Faculdade de Ciências, o Prof. PEREIRA DIAS pugnou sempre pelos interesses da sua Universidade, merecendo as suas opiniões a melhor aceitação naquele alto organismo, dados o acerto e ponderação com que eram emitidas.

Seguindo as pisadas do Prof. H. TEIXEIRA BASTOS, Mestre que o Dr. PEREIRA DIAS muito admirava, preocupou-se com os problemas espirituais dos estudantes, procurando esclarecê-los e responder às suas interrogações. Com esse objectivo, efectuou algumas conferências entre as quais uma intitulada «Donde vêm e para onde vão as Universidades», promovida pelo Con-

selho Cultural da Associação Académica e realizada, em 21 de Fevereiro de 1952, no anfiteatro do Instituto Botânico.

Os problemas materiais dos estudantes mereceram-lhe também grande interesse, sendo digna de nota a sua acção junto da Sociedade Filantrópico - Académica. Por alvará do Reitor de 14 de Novembro de 1939, foi nomeado presidente do Conselho Fiscal da Associação Académica, onde a sua acção foi das mais benéficas.

O Senado designou-o também representante da Universidade no Conselho Provincial da Beira Litoral, tendo desempenhado as respectivas funções de molde a honrar a Universidade.

Como Director da Faculdade, não poderia deixar de dedicar a maior atenção às obras que a Comissão Administrativa da Cidade Universitária de Coimbra estava executando nos diversos departamentos. A fim de se documentar convenientemente no sentido de poder colaborar na elaboração do projecto do edificio a construir para a secção de Matemática, visitou, em 1944, a expensas suas, a Cidade Universitária de Madrid e, mais tarde, em 1948, na qualidade de chefe da Missão nomeada por despacho de Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas, de 19 de Março do referido ano, e na companhia dos Profs. RUI GUSTAVO COUCEIRO DA COSTA e JOÃO RODRIGUES DE ALMEIDA SANTOS, várias instalações universitárias da Espanha, Itália, Suíça, Suécia, Holanda e Inglaterra.

O projecto da secção de Matemática, bem como o dos Institutos de Física e Química foram elaborados, mas, descontente com a morosidade que estava afectando a execução das obras de todas as secções da Faculdade, resolveu pedir a exoneração do cargo de Director da Faculdade de Ciências. Essa exoneração foi-lhe concedida em portaria de 30 de Outubro de 1959, publicada no *Diário do Governo* n.º 261, 2.ª série, de 7 de Novembro do mesmo ano, acompanhada da seguinte menção a todos os títulos honrosa:

«Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministério da Educação Nacional, que seja dado público testemunho de louvor ao professor catedrático da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, Doutor João Pereira da Silva Dias, pela forma como durante vinte anos

desempenhou as funções de Director da mesma Faculdade. No exercício deste cargo, que altamente prestigiou, o Dr. Pereira Dias afirmou decidido espírito de leal e dedicada colaboração e prestou à sua escola e à Universidade portuguesa relevantes serviços».

Conhecedor da competência pedagógica e do saber do Prof. PEREIRA DIAS, o Governo não poderia ter deixado de o escolher para fazer parte de alguns altos organismos orientadores. Assim, foi presidente da 2.<sup>a</sup> subsecção da Junta Nacional de Educação; vice-presidente da 6.<sup>a</sup> secção, 2.<sup>a</sup> subsecção, da mesma Junta; vogal da Direcção do Instituto de Alta Cultura; vogal da Comissão Permanente de Ciências do Instituto de Alta Cultura; etc. No desempenho de todos estes cargos, prestigiou a Universidade a que pertencia e prestou os mais valiosos serviços ao ensino e à investigação.

Dados igualmente a sua cultura artística, o seu alto sentido estético e os conhecimentos que possuía em diversos ramos, o Dr. PEREIRA DIAS fez também parte de várias comissões, entre as quais são dignas de menção:

- Presidente da Comissão orientadora dos trabalhos de organização do Museu Luso-hebraico a instalar na antiga sinagoga de Tomar.
- Vogal da Comissão organizadora do projecto de estatutos dos museus de arte e arqueologia dependentes do Ministério da Educação Nacional.
- Presidente da Comissão encarregada de desenvolver os estudos meteorológicos no País.
- Membro da Comissão para proceder ao estudo da futura exploração do Teatro Nacional D. Maria II.
- Vogal do Conselho Nacional que deve representar o País no Conselho Internacional dos Museus.
- Vogal do júri do concurso de projectos para o monumento ao Infante D. Henrique.
- Presidente da Comissão para elaborar o programa das novas instalações para o Museu Etnológico «Dr. Leite de Vasconcelos».
- Presidente da Comissão Nacional incumbida de reconstituir o Grupo Português de História das Ciências e

promover a adesão de Portugal à União Internacional da História das Ciências.

— Vogal da Comissão de reorganização dos cursos de Engenharia.

Os elevados méritos do Dr. PEREIRA DIAS foram reconhecidos pelo Governo Português, que, por decreto de 16-X-1948, publicado no *Diário do Governo*, 2.<sup>a</sup> série, n.º 250, de 27 dos mesmos mês e ano, agraciou o eminente professor com o grau de Grande Oficial da Ordem da Instrução Pública.

Várias instituições científicas se orgulhavam de o contar entre os seus membros. Assim, era elemento de destaque no Instituto de Coimbra, onde, por várias vezes, ocupou lugares de direcção; sócio honorário da Sociedade Broteriana; vogal correspondente da Academia Nacional das Belas-Artes; «membre associé dans la classe de Sciences de l'Académie des Sciences, Arts et Belles-Lettres de Lyon» (Junho de 1950); membro correspondente da Comissão Internacional encarregada de preparar e executar uma obra dedicada à história do desenvolvimento científico e cultural da Humanidade (UNESCO — Scientific and Cultural History of Mankind); etc.

Das páginas precedentes, ressalta claramente quão rica e multiforme era a personalidade do Dr. PEREIRA DIAS. Efectivamente, ele aparece-nos como o cientista apaixonado pelo ramo da Matemática que cultivava; o professor distinto para quem a arte de transmitir conhecimentos não tinha segredos; o universitário profundamente interessado no progresso e prestígio da sua Universidade; o burocrata exímio, de espírito extremamente metódico, organizando eficientemente todos os serviços em que superintendia; o profundo conhecedor da arte do Teatro, não só no que respeita à parte literária, mas também à actuação dos personagens e à cenografia; o artista de espírito culto e crítico, vibrando perante as obras de arte legadas pelo génio de arquitectos, escultores, pintores e gravadores; o turista que se embebe na contemplação da Natureza e procura conhecer todos os povos; o apaixonado da Arqueologia e Museologia, encorajando todos quantos se dedicam a essas disciplinas; e o patriota que ama acrisoladamente a sua Pátria

e procura servi-la, desempenhando com a máxima eficiência as funções que lhe confiam e os cargos para que o designam.

Por outro lado, encontramos no Dr. PEREIRA DIAS o Homem bom, inteligente, modesto, justo, sóbrio, afectuoso, delicado, cortês, franco, leal, de primorosa educação, do qual irradiava uma forte corrente de simpatia.

Dadas as superiores qualidades de que era dotado e o exemplo de uma vida de trabalho metódico inteiramente devotada ao serviço da sua Pátria e da sua Universidade, compreende-se que existisse à volta do Dr. PEREIRA DIAS um ambiente da maior veneração, carinho e simpatia e que o seu falecimento prematuro, longe de todos os seus numerosos amigos, tivesse causado o mais profundo pesar.

O Dr. JOÃO PEREIRA DA SILVA DIAS desapareceu do mundo dos vivos. Nesse mundo, porém, persistirão não só a saudade que deixou nos que tiveram a felicidade de conviver com ele e naqueles que o conheciam através da sua obra, mas também a memória do Homem que, ao longo de uma vida exemplar, teve sempre como imperativo fundamental o cumprimento do seu dever. Curvo-me reverente perante essa memória, ao mesmo tempo que desejo apontar aos vindouros um exemplo digno de ser seguido...

A. FERNANDES

## Publicações do

## PROF. DR. JOÃO PEREIRA DA SILVA DIAS

1. *Involuções do grupo Cremoniano no plano*. Coimbra Imprensa da Universidade, 1917.
2. Biblioteca Matemática. *Bol. Bibl. Univ.* IX, N.ºs 1-6, 1928.
3. Valor pedagógico da história das Matemáticas. *Arq. Pedagógico*, II, N.º 3, 1928.
4. Alocução do Comissário do Governo junto do Teatro Nacional Almeida Garrett na récita de gala de 31 de Maio de 1937. In *Centenário de Gil Vicente (†1537-1937)*. Lisboa, 1937.
5. *Cenários do Teatro de S. Carlos*. Publicação do Ministério da Educação Nacional, preparada pelo Comissário do Governo junto do Teatro Nacional de S. Carlos e subsidiada pelo Instituto de Alta Cultura. Lisboa, 1940.
6. Relatório apresentado ao Reitor da Universidade de Coimbra pelo Director da Faculdade de Ciências (Ano escolar de 1939-1940). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, VIII: 149-183, 1940.
7. Cenógrafos italianos em Portugal. *Estudos Italianos em Portugal*, IV, 1941.
8. Vida da Faculdade (1940-1941). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, IX: 275-301, 1941.
9. Vida da Faculdade (1941-1942). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, X: 289-324, 1942.
10. Prefácio das *Obras Completas de Luciano Pereira da Silva*. Divisão de Publicações e Biblioteca da Agência Geral das Colónias. Lisboa, 1943.
11. Prof. Dr. Henrique Teixeira Bastos. *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, vol. XI: 14-19, 1943.
12. Vida da Faculdade (1942-1943). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XI: 317-348, 1943.
13. A estátua de Brotero por Soares dos Reis. *Museu*, III, 1944.
14. Vida da Faculdade (1943-1944). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XII: 256-284, 1944.

15. Vida da Faculdade (1944-1945). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XIII: 224-252, 1945.
16. Iconografia broteriana. *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XIV: 181-230, 1945.
17. Vida da Faculdade (1945-1946). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XV: 160-171, 1946.
18. Vida da Faculdade (1946-1947). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XVI: 152-167, 1947.
19. Iconografia broteriana. Addenda. *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XVI: 121-129, 1947.
20. Vida da Faculdade (1947-1948). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XVII: 177-197, 1948.
21. Programas de novas instalações da Faculdade. *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XVIII: 154-183, 1949. (Em colaboração com Rui Couceiro da Costa e João R. de Almeida Santos).
22. Os azulejos do claustro da Ordem Terceira de S. Francisco da Baía. *Belas Artes*, N.º 7, 1954.
23. Vida da Faculdade (1948-1949). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XVIII: 141-153, 1949.
24. Vida da Faculdade (1949-1950). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XIX: 172-188, 1950.
25. Vida da Faculdade (1950-1951). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XX: 284-294, 1951.
26. Vida da Faculdade (1951-1952). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XXI: 191-203, 1952.
27. Vida da Faculdade (1952-1953). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XXII: 185-197, 1953.
28. Vida da Faculdade (1953-1954). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XXIII: 101-111, 1954.
29. Vida da Faculdade (1954-1955). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XXIV: 123-135, 1955.
30. Vida da Faculdade (1955-1956). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XXV, Supl.: I-XVIII, 1956.
31. Vida da Faculdade (1956-1957). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XXVI, Supl.: III-XVI, 1957.
32. Doutor João José Lopes Farinha (1910-1957). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XXVI, Supl.: XVII-XXII, 1957. (Em colaboração com L. M. Albuquerque).

33. Vida da Faculdade (1957-1958). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XXVII, Supl.: III-XXI, 1958.
34. Vida da Faculdade (1958-1959). *Rev. Fac. Ciênc. Univ. Coimbra*, XXVIII, Supl.: III-XXVII, 1959.

# DUAS ESPÉCIES AMERICANAS NOVAS PARA A FLORA DE PORTUGAL

por

**ROSETTE FERNANDES**

Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

NESTE trabalho, referimos o aparecimento em Portugal de duas espécies americanas que ocorrem como subespontâneas. A primeira pertence ao género *Lilaeopsis*, da família das *Umbelliferae*, enquanto que a segunda é uma espécie de *Solanum*.

***Lilaeopsis attenuata*** (Hook. et Arn.) Fernald  
in Rhodora, LXXII: 99 (1924) in adnot., p. p. quoad  
*Crantzia attenuata* Hook. et Arn.

*Crantzia attenuata* Hook. et Arn., Botan. Misc. III: 346  
(1833).

*Crantzia lineata* auct. non Nuttall.

*Lilaeopsis attenuata* (Hook. et Arn.) Pérez-Moreau in Lilloa,  
I: 293 (1937).

*Lilaeopsis carolinensis* Coult. et Rose var. *attenuata* (Hook.  
et Arn.) A. W. Hill in Journ. Linn. Soc. Lond. Bot.  
XLVII: 537 (1927), comb. illeg.

Herborizou-se esta interessante Umbelífera nas margens da Lagoa de Mira.

*Espécimes*: Praia de Mira, lado sul, entre a costa marítima e os terrenos cultivados, nos bordos dos charcos, 6-VIII-1956, J. Matos et F. Cardoso s. n. (COI); Praia de Mira, lado sul, nos bordos de uma vala de escoamento da lagoa, 20-IX-1956, A. Fernandes, R. Fernandes et J. Matos 6126 (COI).

O género *Lilaeopsis* tem a caracterizá-lo, principalmente, a configuração e constituição dos seus órgãos clorofilinos. Ao contrário da maioria das Umbelíferas, cujas folhas possuem limbo foliar quase sempre mais ou menos dividido e pecíolo diferenciado, em *Lilaeopsis* existem formações laminares ou cilíndricas, verdes, indivisas, partindo directamente dos nós. Essas formações são dotadas de tabiques transversais, estruturas pouco frequentes nas Dicotiledóneas. Os órgãos clorofilinos de *Lilaeopsis* têm sido interpretados de maneiras diversas, havendo autores (1) que os consideram como verdadeiras folhas e outros como filódios. Não nos interessando neste trabalho esclarecer qual a sua natureza morfológica, designá-los-emos por folhas, conforme é usado nas monografias do género.

Outra característica interessante é a inexistência de caules aéreos. As plantas são dotadas de um rizoma rastejante, em cujos nós, mais ou menos afastados, se inserem, simultaneamente, feixes de numerosas raízes delgadas e frágeis e uma ou mais folhas. As umbelas são simples e os pedúnculos, como é evidente, basilares.

A presença do género *Lilaeopsis* no continente europeu não é agora assinalada pela primeira vez, perquanto H. BUCH (Über die Flora und Vegetation Nordwest-Spaniens in Soc. Scient. Fenn. Comm. Biol. X, 17: 27, 1951) referiu *L. carolinensis* Coult. et Rose para o Cabo Finisterra. Neste local da Galiza, a planta vive associada com *Hydrocotyle bonariensis* Lam., espécie que igualmente faz parte da associação em que cresce *L. attenuata* no nosso país. É possível que os indivíduos da Galiza se devam referir também a este último taxon que é muito semelhante a *L. carolinensis*. No entanto, o facto de a planta colhida na Galiza, de que observámos um exemplar (2), não possuir frutos completamente maduros inpede-nos de chegar a resultados exactos quanto à sua identificação.

Em virtude de *L. attenuata* (Hook. et Arn.) Fern. não ser conhecida na Europa, achamos conveniente apresentar

(1) Sobre a interpretação destes órgãos, consulte-se J. BRIQUET, Feuilles septées chez les Dicotylédones (in Bull. Herb. Boiss. V: 459, 1897) e A. W. HILL (loc. cit.: 528).

(2) Agradecemos ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Director do Herbário da Universidade de Helsinquia o empréstimo do espécime espanhol.

uma descrição pormenorizada da espécie. Adaptámos a que se encontra no trabalho de PÉREZ-MOREAU, «Sinopsis das Umbelíferas Argentinas» (*loc. cit.*), introduzindo algumas modificações no que respeita ao tamanho das folhas e dos frutos (as nossas medidas extremas são indicadas entre parêntesis).

*Erva* com rizoma delgado de 1-3 mm de espessura, radicante nos nós; entrenós de (0,5) 1,5-5,5 (9) cm de comprimento. *Folhas* cilíndricas, atenuadas ou um pouco alargadas para cima, comprimidas no extremo superior, de (3) 6,5-27 (29)  $\times$  0,2-0,5 (0,6) cm, com 11-14 septos transversais. *Umbelas* (1) 2-4 em cada nó, raramente 7, plurifloras (8-21-floras); pedúnculos delgados, menores que as folhas, de (0,7) 3,2-6 cm; brácteas do involúcro 5-6, triangulares, agudas, muito menores que os pedicelos; pedicelos filiformes, de 2,5-8 mm de comprimento; pétalas ovadas, internamente esbranquiçadas, exteriormente purpurascetes, de 1-1,5  $\times$  0,9-1 mm; anteras subclípticas; filetes de 0,4-0,5 mm, alargando na base. *Frutos* subglobosos, mais largos que altos, de (1) 1,5-2  $\times$  (1,5) 2-2,5 mm; aquênios com as costas dorsais, intermediárias e comissurais subiguais, salientes, carinadas; 6 canais secretores, 2 dos quais comissurais.  $2n = 22$  (fig. a e b, Est. II) (1).

As espécies do género *Lilaeopsis* vivem em lugares húmidos ou encharcados, ou mesmo em águas cuja profundidade não vai geralmente além de 40 cm. Como sucede com outras plantas aquáticas, também nesta existe uma grande variabilidade que se traduz por diferenças na forma e dimensões das folhas, comprimento dos pedúnculos e dos entrenós, etc. (2).

Nos exemplares de Mira, os que foram colhidos nos bordos dos charcos (plantas da parte superior da fig. 1) possuem folhas mais curtas (3 cm) e frutos ligeiramente menores que os das plantas vegetando dentro de água (plantas da parte inferior da fig. 1 e fig. 2). Entre estas últimas formas, com folhas

(1) A contagem do número de cromosomas foi feita pelo Prof. A. FERNANDES, a quem agradecemos o auxílio prestado. Julgamos ser a primeira espécie do género cujo número de cromosomas foi determinado.

(2) Veja-se a este respeito: BRIQUET (*loc. cit.*) e CHODAT (*La végétation du Paraguay in Bull. Soc. Bot. Genève, XII: 8, 1920*).

muito mais longas, e as de folhas menores encontram-se todos os termos de transição. Tanto em indivíduos de uma como de outra categoria aparecem, por vezes, folhas não atenuadas, mas alargadas na parte superior em uma lâmina ligeiramente espatulada. Pela forma, estas folhas fazem a transição para as de *L. carolinensis* Coult. et Rose. No entanto, a sua largura não excede 6 mm, ao passo que PÉREZ-MOREAU afirma que a largura das folhas de *L. carolinensis* oscila entre 4,5 e 12 mm.

Por outro lado, o carácter que parece ter mais importância para distinguir as duas espécies é a forma dos frutos, os quais em *L. attenuata* (Hook. et Arn.) Fern. são suborbiculares e em *L. carolinensis* Coult. et Rose obovóides. Todos os frutos que examinámos no grande número de exemplares trazidos de Mira são suborbiculares (fig. 3). Por este facto, a identificação da planta como *L. attenuata* deve ser exacta.

A transferência de *Crantzia attenuata* Hook. et Arn. para o género *Lilaeopsis* foi feita por FERNALD em 1924. PÉREZ-MOREAU não considera FERNALD como o autor da nova combinação, em virtude de ter incluído sob aquele binome pelo menos 3 taxa diferentes (cf. A. W. HILL, *loc. cit.*: 535, 540, 543; e PÉREZ-MOREAU, *loc. cit.*: 296). No entanto, a combinação, quanto a nós, é legítima visto FERNALD ter indicado o basónimo.

A. W. HILL, em 1927, colocou *L. attenuata* como variedade dentro de *L. carolinensis* <sup>(1)</sup>. Nesta mesma espécie reconheceu ainda a var. *minor* A. W. Hill (= *Crantzia brasiliensis* Glaz.).

PÉREZ-MOREAU restabeleceu a var. *attenuata* na sua primitiva categoria sistemática e passou a considerar a var. *minor* A. W. Hill também como espécie independente <sup>(2)</sup>.

Pela descrição e pelas figuras que observámos da var. *minor* (A. W. HILL, *loc. cit.*: fig. 4; PÉREZ-MOREAU, *loc. cit.*: t. VII),

---

<sup>(1)</sup> A combinação de A. W. HILL, subordinando *L. attenuata*, como variedade, a *L. carolinensis*, é ilegítima.

<sup>(2)</sup> PÉREZ-MOREAU, baseado em que GLAZIOU apresentou uma descrição muito sucinta de *Crantzia brasiliensis* (GLAZIOU in *Mém. Soc. Bot. Fr.* I: 331, 1905-1913), criou uma nova combinação, *Lilaeopsis minor* (A. W. Hill) Pérez-Moreau. A descrição de *Crantzia brasiliensis*, no entanto, existe e, segundo as Regras de Nomenclatura, o epíteto *brasiliensis* deve ser mantido no caso de se considerar a planta como espécie autónoma.

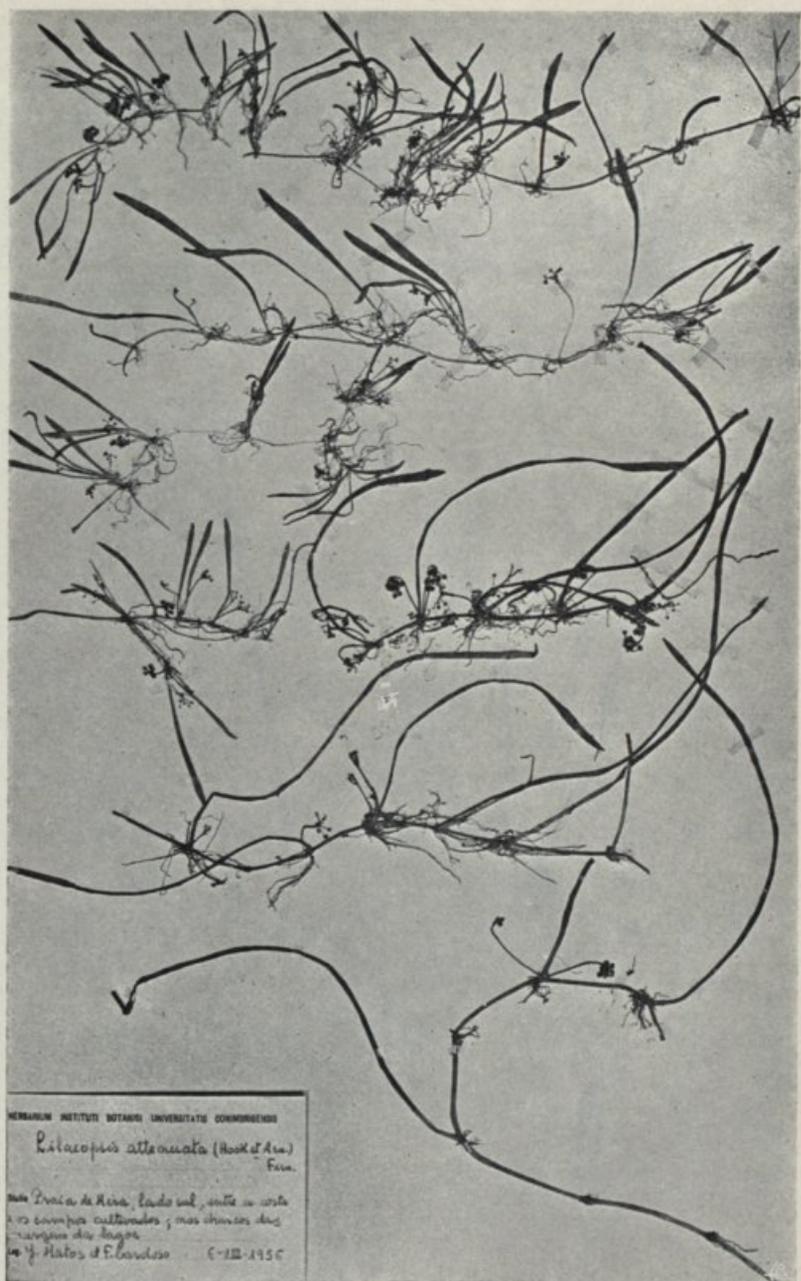
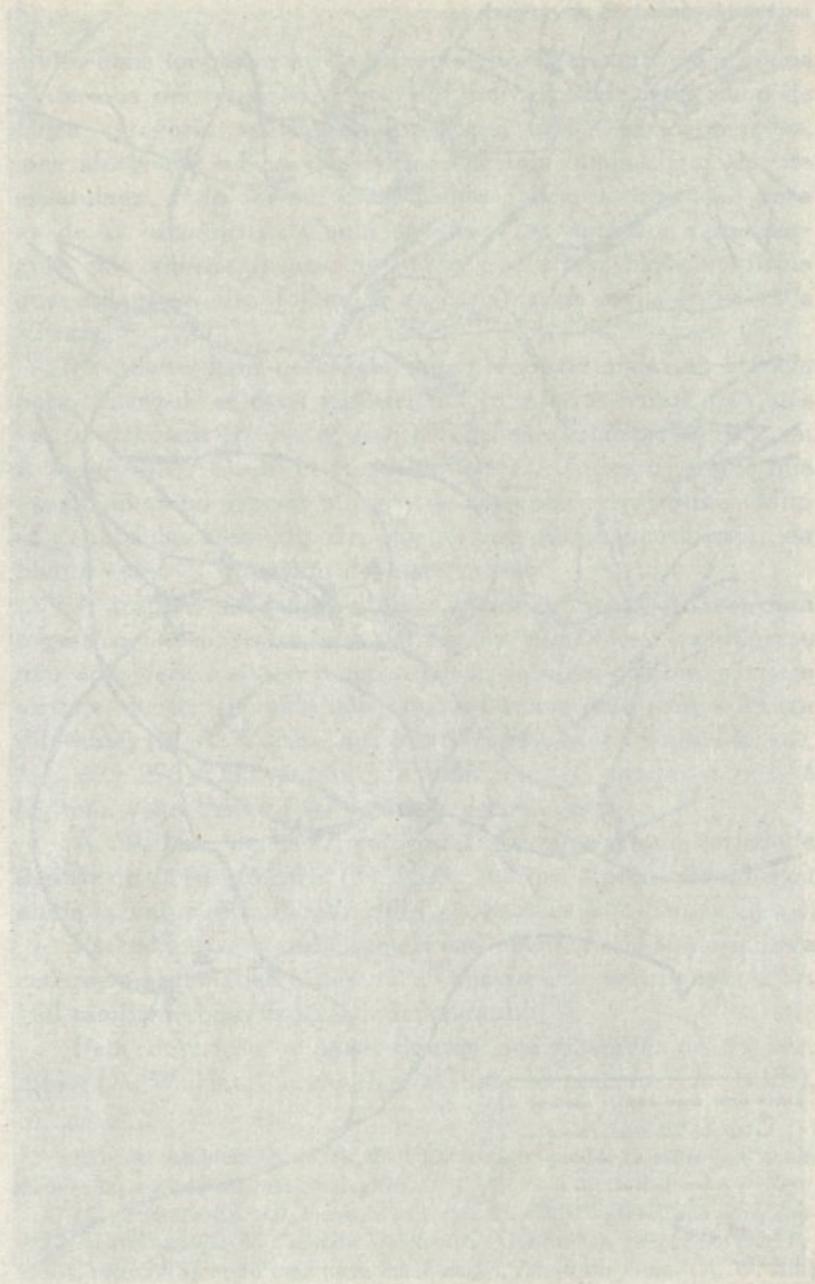


Fig. 1.—*Lilaopsis attenuata* (Hook. et Arn.) Fern. Os indivíduos montados na parte superior, de folhas menores e um pouco alargadas para cima, foram herborizados no solo molhado; os de folhas mais longas viviam dentro de água.



THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
LIBRARY  
540 EAST 57TH STREET  
CHICAGO, ILL. 60637  
TEL: 773-936-3000



Fig. 2. — *Lilaeopsis attenuata* (Hook. et Arn.) Fern. Notar a forma das folhas, atenuadas para o ápice. Estes espécimes vivem dentro de água.



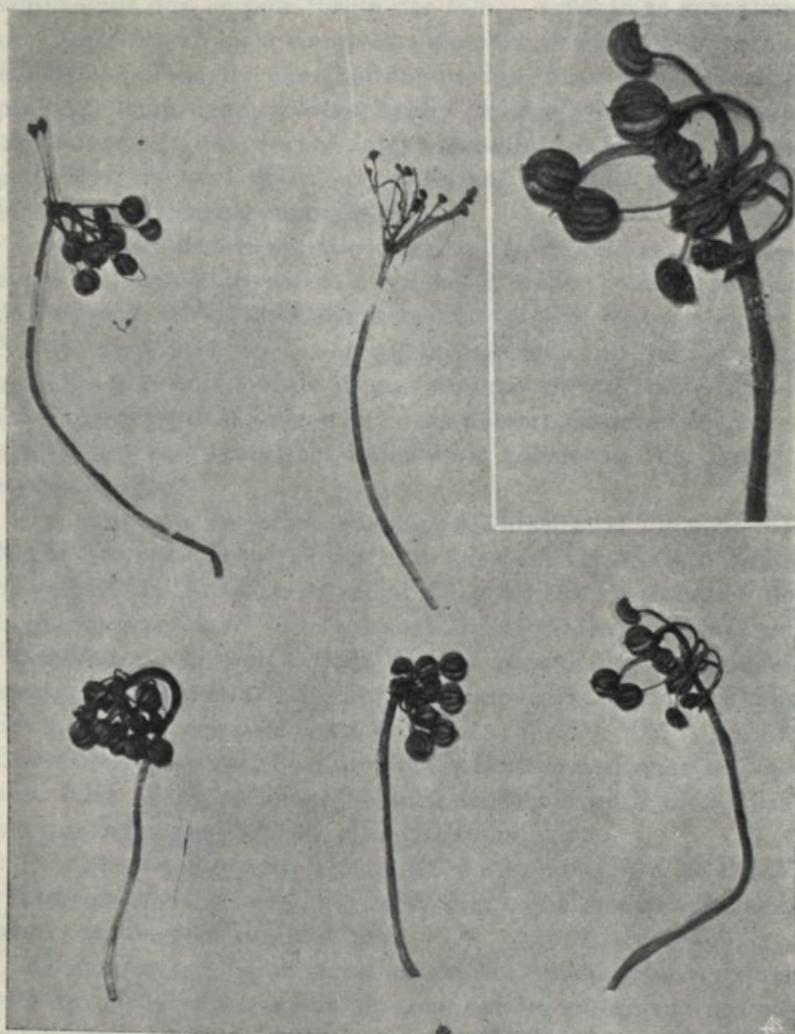


Fig. 3. — Umbelas de *Lilaeopsis attenuata* (Hook. et Arn.) Fern.  
Notar a forma dos frutos um pouco mais largos que  
altos.  $\times 2$ . Em cima, à direita, uma umbela  
mais ampliada.  $\times 4$ .



verificámos que, se pela forma das folhas a planta se aproxima de *L. carolinensis*, pela forma dos frutos é incontestavelmente a *L. attenuata*. Atendendo ao habitat que lhe é apontado («marshy prairies, damp sandy places, sandy fields»), é possível que a var. *minor* seja uma forma de *L. attenuata* dos terrenos menos molhados, na qual as folhas se teriam reduzido e os frutos tornado ligeiramente menores.

A confirmar esta suposição, encontrámos muitos indivíduos em Mira, crescendo em solo apenas húmido, com caracteres de folhas e frutos bastante semelhantes aos da var. *minor*. Nestes espécimes notava-se certa variação no número de umbelas por nó, desde só uma (carácter da var. *minor*), até 2-3-4 (carácter de *L. attenuata*) e do número de flores em cada umbela, podendo estas ser paucifloras (como na var. *minor*) e plurifloras.

Finalmente, na nova edição da «Illustrated Flora of the North Eastern United States and Adjacent Canada», o autor da revisão, H. A. GLEASON, reduz *L. carolinensis* a sinónimo de *L. attenuata*. Sendo exacta a representação iconográfica de PÉREZ-MOREAU, trata-se, porém, de dois taxa distintos, reconhecíveis principalmente, como atrás dissemos, pela forma diferente dos frutos (cf. PÉREZ-MOREAU, *loc. cit.*: t. III, *b, c* e t. IV, *b, c*). Duvidamos, por isso, que as plantas norte-americanas se possam filiar em *L. attenuata* e inclinamo-nos para uma falsa interpretação por parte de H. A. GLEASON.

*L. attenuata* é uma planta da Argentina <sup>(1)</sup> e do Brasil (exemplar duvidoso, segundo A. W. HILL), que vive nos charcos, pântanos, margens dos rios, etc.

É interessante notar que uma outra Umbelífera com a qual esta se encontra associada no seu país natal, a *Hydrocotyle bonariensis* Lam. (cf. CHODAT, *loc. cit.*), também existe em Portugal juntamente com aquela espécie. Dir-se-ia que a introdução destes dois elementos da flora americana se fez simul-

---

(1) Considerando *L. brasiliensis* (= *L. carolinensis* var. *minor* A. W. Hill) como simples forma de *L. attenuata*, a área desta última espécie fica consideravelmente alargada, abrangendo o Paraguai, Uruguai, Brasil e Argentina. Pode explicar-se a falta nos herbários de espécimes de *L. attenuata* típica de algumas regiões, devido a não ter sido herborizado material de terrenos alagados, mas só de sítios mais ou menos húmidos.

tâneamente. O desconhecimento de *Lilaeopsis* no nosso território teria resultado de, dadas as semelhanças das suas folhas com as de certos juncos, ter passado despercebida aos colectores.

Mira não é porto de mar onde acostem navios de longo curso, nem centro de exploração agrícola onde se cultivem espécies de origem sul-americana. O agente introdutor destas plantas não pode, pois, ter sido directa ou indirectamente o homem. Teremos que encarar, no caso presente, as aves marinhas migratórias como possíveis responsáveis pelo aparecimento de *L. attenuata* e de *H. bonariensis*. Sabe-se o grande papel que desempenham as aves na dispersão das espécies vegetais, principalmente daquelas cujas sementes ou frutos lhes servem de alimento. Em certos casos, porém, a sua intervenção é meramente accidental, visto as sementes, frutos ou mesmo fragmentos de plantas serem transportados de uns para outros locais presos às penas ou misturados ao lodo que lhes adere às patas.

São três as espécies de aves marinhas cujo voo migratório poderá ter interesse no transporte de sementes entre a Europa e a América e vice-versa: *Sterna macrura*, *Oceanites oceanicus* e *Puffinus puffinus*. Destas, parece-nos que só o *Oceanites oceanicus*, com voo de sul para norte muito rápido, poderá ser considerado como agente de dispersão intercontinental de ocidente para oriente. Estes palmípedes, que têm os seus ninhos no sector americano do Antártico, começam a emigrar para norte em fins de Março e Abril, ao longo das costas americanas. Nos meses de Julho e Agosto encontram-se no Atlântico Norte e, segundo JEAN DORST <sup>(1)</sup> (Les migrations des oiseaux: 174, 1956), «ils sont particulièrement abondants dans toute la partie de l'Atlantique parcourue par le Gulf Stream et au large des côtes du Portugal».

Porque não há então uma maior invasão de plantas americanas na costa portuguesa? Deve atender-se a que só um conjunto de acasos favoráveis poderá permitir que os elementos de disseminação presos às penas e patas das aves aí per-

---

(<sup>1</sup>) Ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Prof. Dr. A. XAVIER DA CUNHA MARQUES, ilustre Director do Museu e Laboratório Zoológico da Universidade de Coimbra, agradecemos a amabilidade com que se prontificou a procurar-nos a bibliografia acerca do voo das aves marinhas.

maneçam através das vicissitudes de uma tão longa viagem; a que será necessário que encontrem no lugar onde forem depositados condições favoráveis à sua germinação ou desenvolvimento; e, finalmente, a que as plantas não sejam afectadas por um meio hostil que as iniba de frutificar e, conseqüentemente, de se manterem na nova localidade.



Fig. 4.— Aspecto da vegetação dos bordos de uma vala de escoamento da Lagoa de Mira, onde foi encontrada *Lilaeopsis attenuata* (Hook. et Arn.) Fern.

Durante a herborização efectuada na vala de escoamento de Mira, procedemos ao inventário das espécies que vivem associadas com *L. attenuata*.

Crescendo dentro de água identificámos (fig. 4):

*Panicum repens* L.

*Juncus Fontanesii* Gay

*Rorippa Nasturtium-aquaticum* (L.) Hayeck

*Hydrocotyle bonariensis* Lam.

*Apium nodiflorum* (L.) Reichenb.

Nos bordos da vala, em solo encharcado ou muito húmido, encontramos:

*Typha* sp.  
*Iris pseudacorus* L.  
*Polygonum Persicaria* L.  
*Euphorbia pubescens* Vahl  
*Samolus Valerandii* L.  
*Mentha aquatica* L. var. *Broteriana* Cout.  
*Lycopus europaeus* L.

**Solanum Ottonis** Hylander (1)  
 in Uppsala Univ. Arsskr.: 279 (1945)

*Solanum gracile* Otto ex W. Baxter in Loudon, Hort. Brit. Suppl. II: 673 (1839), nom. nud.; ex Dunal in DC., Prodr. XIII, 1: 54 (1852). Non Sendtner.

Há já anos tem sido notada a presença em Coimbra e seus arredores, vivendo em entulhos, terrenos abandonados e até, por vezes, junto às paredes das casas em algumas ruas, de uma espécie de *Solanum*, semelhante ao *Solanum nigrum* L., mas distinto dele por certo número de caracteres bem definidos.

Uma mais larga pesquisa permitiu verificar que a planta se encontra bastante difundida no nosso país, visto ter sido herborizada não só na província da Beira Litoral, onde primeiramente foi assinalada, mas também no Douro Litoral, no Minho e no Ribatejo. Em face da larga área de distribuição

---

(1) Aos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Directores do Laboratório de Fanerogamia do Museu de História Natural de Paris, do Museu e Jardim Botânico de Genebra, do Instituto Botânico de Barcelona e do Instituto Botânico de Lisboa agradecemos o envio do material que lhes solicitámos.

Agradecemos também ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. A. LIMA DE FARIA, a amabilidade com que se prontificou, não só a traduzir-nos o texto sueco das notas sobre esta espécie que figuram nas revistas *Botaniska Notiser* (363, 1933) e *Meddelanden fran Göteborgs Botaniska Trädgård* (X: 199, 1935), como a enviar um espécime da nossa planta ao Prof. BLOM. A este senhor estamos igualmente reconhecida pelo estudo a que procedeu.

Ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Eng. A. R. PINTO DA SILVA, a quem a planta tinha também chamado a atenção, agradecemos o empréstimo do seu material.

que apresenta e da abundância de sementes que produz, pode concluir-se pela sua subespontaneidade, tudo levando a crer que nos próximos anos seja registada a sua presença em outros pontos do país. Julgamos que a introdução desta planta em Portugal não é, no entanto, muito antiga, pois que, dadas as afinidades que tem com *Solanum nigrum* L., seria natural esperar que figurasse nos herbários portugueses algum exemplar erradamente determinado como pertencendo a esta última espécie, o que de facto não sucedia.

Devido ao grande número de espécies do género *Solanum*, algumas delas muito próximas (e que estudos ulteriores reduzirão provavelmente a sinónimos), torna-se quase impossível, pela simples descrição, distinguir muitas delas umas das outras. De todas as que figuram na sect. *Pachystemonum*, subsect. *Morella* (DUNAL, loc. cit.), a que pertence a nossa planta, aquela com cuja descrição mais se harmoniza é *S. Ottonis* Hylander (= *S. gracile* Otto ex Dunal). Pelo facto de DUNAL afirmar que *S. gracile* é anual, surgiu-nos, porém, a dúvida sobre se a planta portuguesa, que é vivaz, se poderia atribuir àquele taxon. Na Argentina, onde vive no estado espontâneo, *S. Ottonis* é um subarbusto (cf. CABRERA, Man. Fl. Alred. Buenos Aires: 412, 1953). Sendo assim, desaparece a objecção que nos tinha levantado a leitura da descrição (1). Por outro lado, o confronto da planta portuguesa com os exemplares que DUNAL refere a *S. gracile* (fig. 5, 6, 7 e 8) e que nos foram amavelmente emprestados pelo Museu de História Natural de Paris, mostrou-nos que a nossa identificação era correcta (2).

---

(1) DUNAL estudou espécimes secos e indivíduos vivos cultivados em França e na Suíça. Estando os primeiros representados por fragmentos das partes terminais dos ramos, o juízo que DUNAL faz sobre a duração da vida de *S. gracile* é duvidoso. Quanto às plantas cultivadas nos jardins botânicos, o autor pode ter sido levado a pensar que eram anuais quer por não ter acompanhado o seu desenvolvimento, quer pelo facto de as plantas serem renovadas anualmente, como muitas vezes sucede em semelhantes culturas, quer ainda por as plantas morrerem devido aos frios invernais, etc.

(2) O Prof. BLOM (em carta que nos escreveu o Dr. TYCHO NORLINDH) não concordou com a nossa determinação por julgar que as bagas de *S. Ottonis* não possuem massas pétreas, ao passo que as da nossa planta as apresentam. Essa afirmação é destituída de fundamento, pois que num dos frutos de um espécime (fig. 7 e 8) de *S. Ottonis* do Museu de Paris (in Chili ad

A forma e dimensões das folhas, o seu revestimento piloso, a forma e dimensões do cálice, corola, filetes, anteras, estigmas e frutos, bem como o colorido destes concordam inteiramente com os da planta portuguesa (Est. I). Esta perence, pois, ao tipo de *S. Ottonis* Hylander (= *S. gracile* Otto ex Dunal) <sup>(1)</sup>.

*Solanum Ottonis* Hylander é uma planta originária das regiões subtropicais da América do Sul (Brasil, Argentina, Uruguai, Chile, etc.) e do México que tem sido encontrada algumas vezes na Europa. Assinalada primeiramente como subespontânea no Jardin des Plantes de Montpellier (cf. THELLUNG, Fl. Adv. Montpellier: 452, 1912), foi herborizada, em 1925, na Suécia, onde se extinguiu, e mais recentemente na Catalunha <sup>(2)</sup>.

---

Rancagua, leg. Bertero n.º 639) contámos nada menos de 9 dessas formações! Por outro lado, também em indivíduos da Nova Zelândia, região onde a espécie é subespontânea, aparecem massas pétreas nas bagas (cf. G. T. S. BAYLIS, A cytogenetical study of New Zealand forms of *Solanum nigrum* L., *S. nodiflorum* Jacq. and *S. gracile* Otto in Trans. Roy. Soc. New Zeal. LXXXV: 384, 1958). Ainda segundo G. T. S. BAYLIS, a presença de massas pétreas não tem o valor que alguns autores lhe querem atribuir [... it (character) seems always inconstant (*loc. cit.*); «... I have found the stone masses a very variable character» (in littera)].

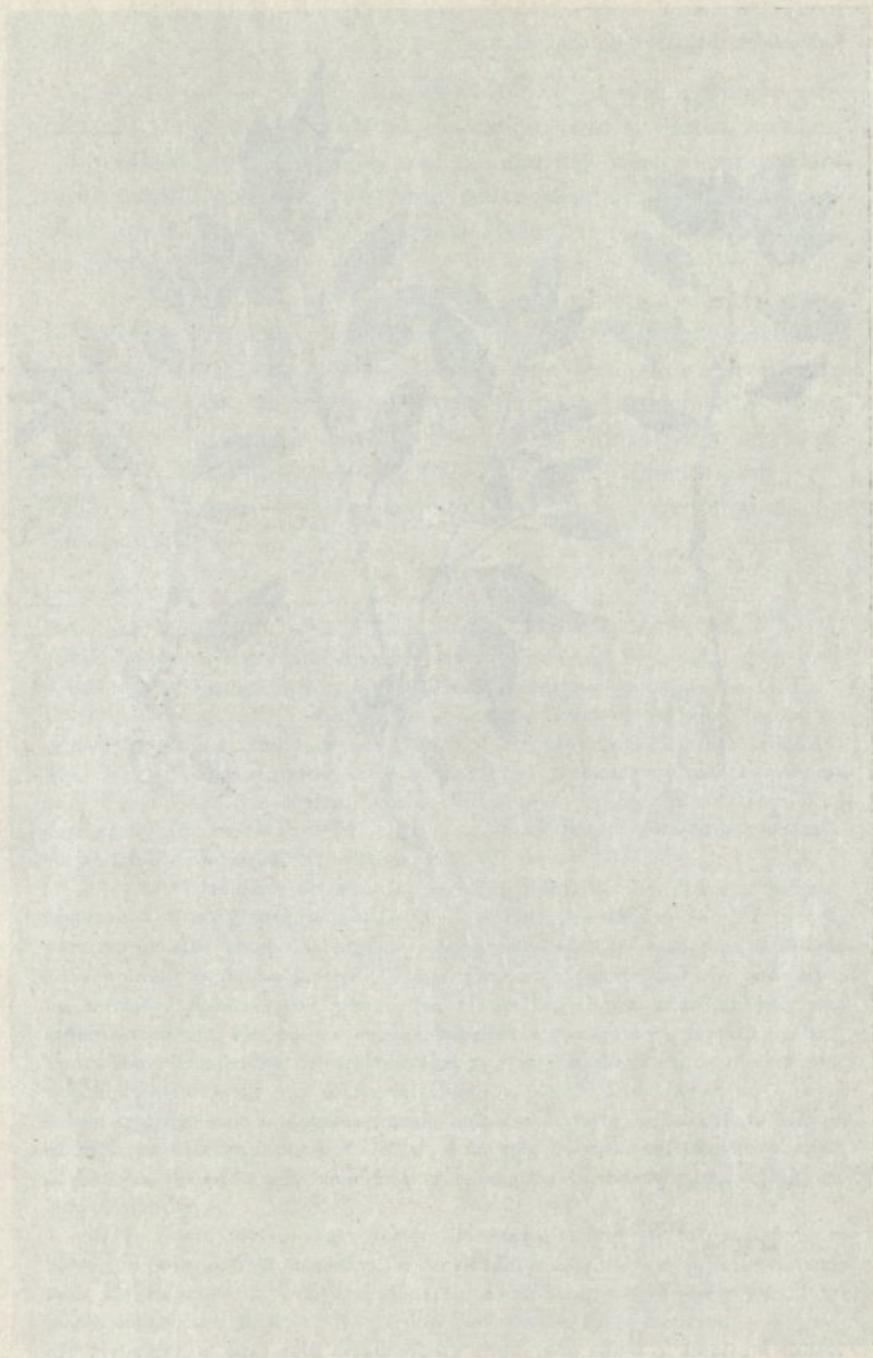
<sup>(1)</sup> A forma que se encontra na Nova Zelândia não corresponde exactamente à nossa planta, conforme G. T. S. BAYLIS verificou no estudo comparativo que fez entre um espécime português que lhe enviámos e outros subespontâneos naquela região. Essas pequenas diferenças, que consistem no tamanho ligeiramente maior das flores da planta neozelandesa, nas anteras também um pouco mais alongadas e, sobretudo, nos filetes ca. 1 mm mais compridos, foram também por nós verificadas num exemplar que aquele botânico nos ofereceu. Como a planta portuguesa, no que se refere também aos caracteres florais, está em perfeita concordância com os exemplares determinados por DUNAL, é ela que deve ser referida ao tipo de *S. Ottonis*, devendo possivelmente criar-se uma variedade para a planta da Nova Zelândia.

<sup>(2)</sup> Desta região, examinámos um exemplar que nos foi amavelmente oferecido pelo distinto botânico A. DE BOLÓS e cuja determinação confirmámos. Em Espanha, *S. Ottonis* é vivaz, tal como acontece no nosso país, atingindo uma altura de 1,5 m. No Jardim Botânico de Lisboa cultiva-se *S. Ottonis* Hylander, o qual está erradamente etiquetado como *S. sinaicum* Boiss. Esta última espécie, cujo tipo estudámos, é muito diferente de *S. Ottonis* pelos seguintes caracteres: altura menor, não ultrapassando 20 cm (sempre?);



Fig. 5. — *Solanum Ottonis* Hylander  
(*S. gracile* Otto ex Dunal)

Exemplar citado por DUNAL, colhido por COMMERSON próximo  
de Buenos Aires (P).



THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
CHICAGO, ILLINOIS  
LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
PHOTODUPLICATION SERVICE  
540 EAST 57TH STREET  
CHICAGO, ILLINOIS 60637



Fig. 6. — *Solanum Ottonis* Hylander  
(*S. gracile* Otto ex Dunal)

Exemplar citado por DUNAL, colhido no Rio de Janeiro  
por GAUDICHAUD (P).



Fig. 2.—*Stem of Oenothera biennis*  
(*O. biennis* L.)  
Stem of *Oenothera biennis* L.  
see (Appendix 1)



Fig. 7.—*Solanum Ottonis* Hylander  
(*S. gracile* Otto ex Dunal)

Exemplar citado por DUNAL, colhido por BERTERO no Chile (P).



Fig. 1. *Solanum Ottonis* Hayden  
(A. S. Hitchcock et al. 1933)  
Exemplar obtato por D. S. Hitchcock en Chile (P.)



Fig. 8 — *Solanum Ottonis* Hylander  
(*Solanum gracile* Otto ex Dunal)

Pormenor do espécime representado na fig. 7.



Fig. 2. — *Salicornia virginica* L.  
(*Salicornia virginica* L.)  
Plants of various ages on the

Em Portugal tem sido encontrado nas seguintes localidades:

*Minho*: Viana do Castelo, junto ao hotel de Santa Luzia, IX-1958, *J. Matos* s. n. (COI).

*Douro Litoral*: Entre-os-Rios, nas areias húmidas mais ou menos ruderalizadas e atingidas pelas cheias do rio Tâmega, VII-1957, *R. Pinto da Silva* s. n. (COI; LISE); pr. Canais, entre Amarante e Marco de Canavezes, num talude fresco junto à estrada, 6-VII-1960, *Pinto da Silva, B. Rainha et M. Silva* 67554 (LISE).

*Beira Litoral*: Ponte de Cacia, no dique do rio Vouga, 11-VI-1958, *A. Fernandes, R. Fernandes et J. Matos* 6211 (COI); Coimbra, nos entulhos, terrenos abandonados, etc., VI-1953, *A. Matos* s. n. (COI).

*Ribatejo*: Constância, nas margens do Zêzere, próx. da foz, com dois metros ou mais de estatura e muito abundante, 24-IX-1958, *B. Rainha* (COI; LISE); Chamusca, junto às sebes, 26-VIII-1959, *B. Rainha* 4038 (LISE).

Por se tratar de uma espécie muito próxima de *S. nigrum* L., achamos conveniente descrevê-la pormenorizadamente.

### ***Solanum Ottonis* Hylander (Est. I)**

Planta vivaz, sufruticosa, ramosíssima, os indivíduos jovens com os ramos  $\pm$  herbáceos, os mais velhos lenhosos sobretudo na base, sendo herbáceos apenas os raminhos mais novos; caules e ramos mais idosos cilíndricos, revestidos de casca pardacenta, os ramos menos idosos subcilíndricos ou um pouco angulosos, verdes, percorridos por linhas longitudinais pouco salientes e sem asperezas, cobertos de pêlos simples, esbranquiçados, subaplicados, com a ponta dirigida para cima. Folhas lanceoladas ou ovado-lanceoladas, acunheadas na base, decurrentes no pecíolo, insensivelmente acuminadas, agudas, acu-

---

vilosidade constituída por pêlos 2-3 vezes mais compridos e também mais grossos; folhas dentado-lobadas e não inteiras ou subonduladas; pedicelos o dobro mais compridos, delgados e não espessados no cimo na frutificação; flores um pouco maiores, com anteras o dobro mais espessas e mais compridas; estilete mais longo; frutos menores; sementes com diâmetros duplos das de *S. Ottonis*; etc.

tiúsculas ou mesmo obtusiúsculas, inteiras ou ligeiramente onduladas, um pouco discolores (mais claras na página inferior), cobertas nas duas páginas, mas mais densamente na inferior,



Fig. 9. — *Solanum Ottonis* Hylander.

Exemplar muito ramificado, com cerca de 1,40 m de altura, colhido nos arredores de Coimbra.

por pêlos do mesmo tipo dos do caule; nervura mediana um pouco saliente na página inferior, levemente saliente na superior; nervuras laterais ascendentes, arqueadas, pouco salientes ou obsoletas na página inferior, impressas na superior. Cimeiras umbeliformes, 5-7-floras, extraxilares, subopositifólias, com

pedúnculos delgados, patentes; pedicelos gráceis menores que os pedúnculos, retroflectidos no estado de flor jovem (botão), patentes e radiantes no estado florífero, de novo retroflectidos no estado frutífero; cálice 5-lobado com os lóbulos triangular-oblongos, obtusos; corola branca com uma mácula amarela em forma de estrela no centro, e também com algumas estrias escuras, partida quase até dois terços, com os segmentos estreitos, lanceolados, agudos, patentes ou retroflectidos, glabros por cima, puberulentos por baixo; filetes menores que as anteras, vilosos na base, coniventes; anteras coniventes, lineares, amarelo-claras; ovário subgloboso; estilete viloso nos dois terços inferiores, maior que os estames; estigma aclavado-hemisférico; baga globosa um pouco deprimida, primeiro verde depois negro-purpúrea, opaca, sementes numerosas, pequenas,  $1,25 \times 1,5$  mm; massas pétreas 1-2 (por vezes mais).

Os exemplares mais idosos chegam a atingir 2 m de altura e são extremamente ramificados.

Nos indivíduos jovens encontram-se folhas maiores, algumas delas como as da figura *b* (Est. I); nos espécimes mais idosos as folhas são predominantemente dos tipos médio e pequeno, representados na Est. I, fig. *b*<sub>1</sub>, *b*<sub>2</sub>.

Os ramúsculos axilares possuem folhas de um tipo ainda menor e nitidamente obtusas no ápice.

Folhas  $2-8 \times 1-4,5$  cm.

Pecíolos  $0,5-3,5$  cm.

Pedúnculos 1-2 cm.

Pedicelos  $0,5-1$  cm.

Lobos do cálice  $0,75 \times 1$  mm na base.

Diâmetro da corola  $1,6-1,8$  cm.

Lobos da corola  $5-6 \times 2,5$  mm no meio ( $\times 4$  mm na base).

Filetes  $0,5-1$  mm.

Anteras  $2,6-2,75 \times 0,75$  mm.

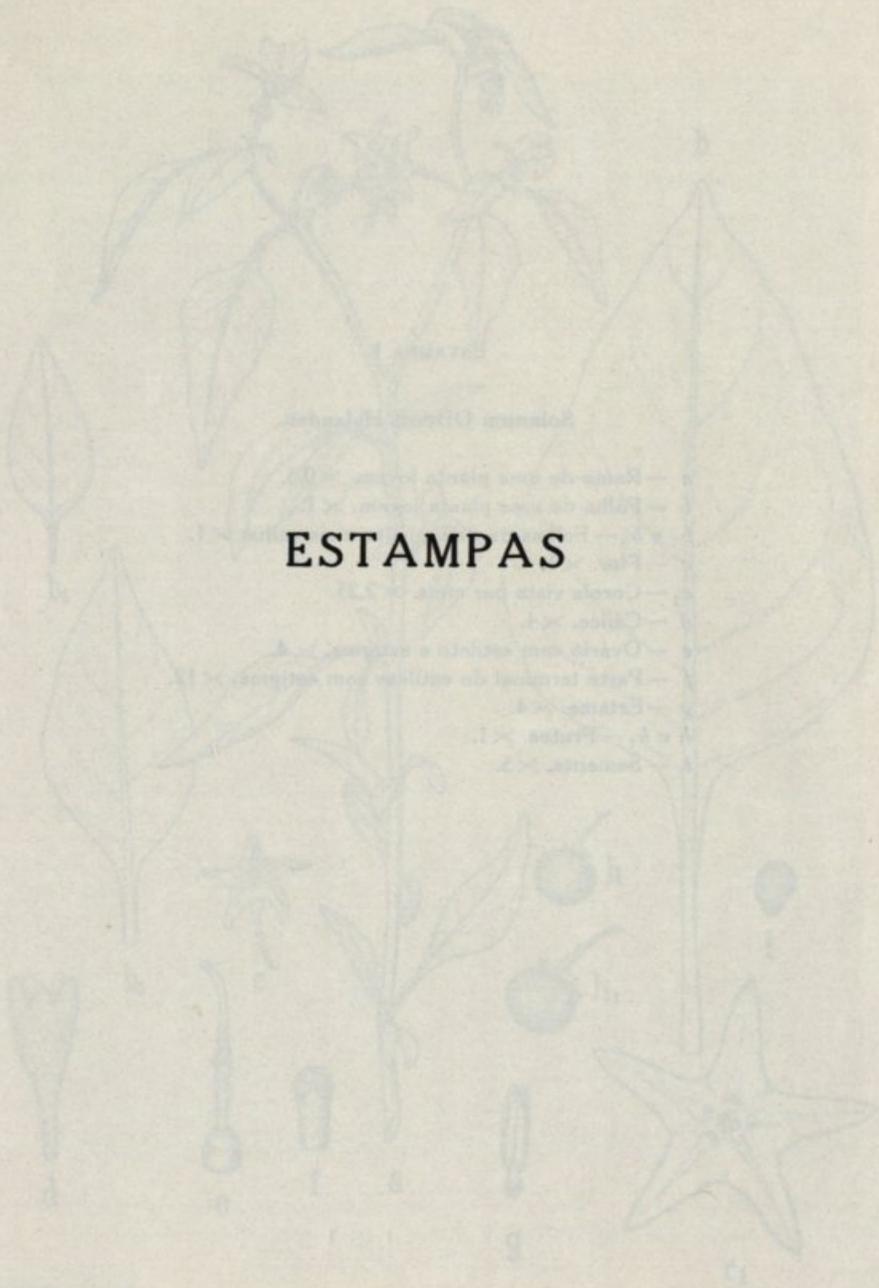
Estiletos 6-7 mm.

Bagas 7-8 mm. diâm.

Sementes  $1,25 \times 1,5$  mm.

Nos vértices vegetativos da raiz contaram-se 24 cromosomas (fig. c, d, Est. II), o que mostra que a planta é diplóide. A meiose, estudada nas células-mães dos grãos de pólen, decorre com grande regularidade (fig. a, Est. III), formando-se 12 bivalentes (fig. b, Est. III) e aparecendo 12 cromosomas na metafase da segunda divisão (fig. c, Est. III). Não notámos, pois, qualquer desvio que nos levasse a supor estarmos na presença de um híbrido.

# ESTAMPAS



*Solanum elaeagnifolium*

Das variedades vegetativas de raiz caudiciforme, a *S. crinitum* (Fig. 2, W. Bot. Br.) é a que mostra que a planta é ríspida. A maioria, entretanto, são de raízes de grãos de pólen. Acorde com grande variedade de (Fig. 2, W. Bot. Br.), incluindo-se 13 variedades (Fig. 2, W. Bot. Br.) que são de raízes de grãos de pólen. A maioria de espécies de raízes de grãos de pólen, porém, qualis que mostra que as raízes de grãos de pólen são presentes em sua maioria.

### ESTAMPA I

#### *Solanum Ottonis* Hylander

- a* — Ramo de uma planta jovem.  $\times 0,5$ .
- b* — Folha de uma planta jovem.  $\times 1$ .
- b*<sub>1</sub> e *b*<sub>2</sub> — Folhas de uma planta mais velha.  $\times 1$ .
- c* — Flor.  $\times 1$ .
- c*<sub>1</sub> — Corola vista por cima.  $\times 2,25$ .
- d* — Cálice.  $\times 4$ .
- e* — Ovário com estilete e estigma.  $\times 4$ .
- f* — Parte terminal do estilete com estigma.  $\times 12$ .
- g* — Estame.  $\times 4$ .
- h* e *h*<sub>1</sub> — Frutos.  $\times 1$ .
- i* — Semente.  $\times 5$ .



Rosette Fernandes del.  
Santos Figueira. adj.

*Solanum Ottonis* Hylander



*Solanum elaeagnifolium* L.

Botanical Illustration

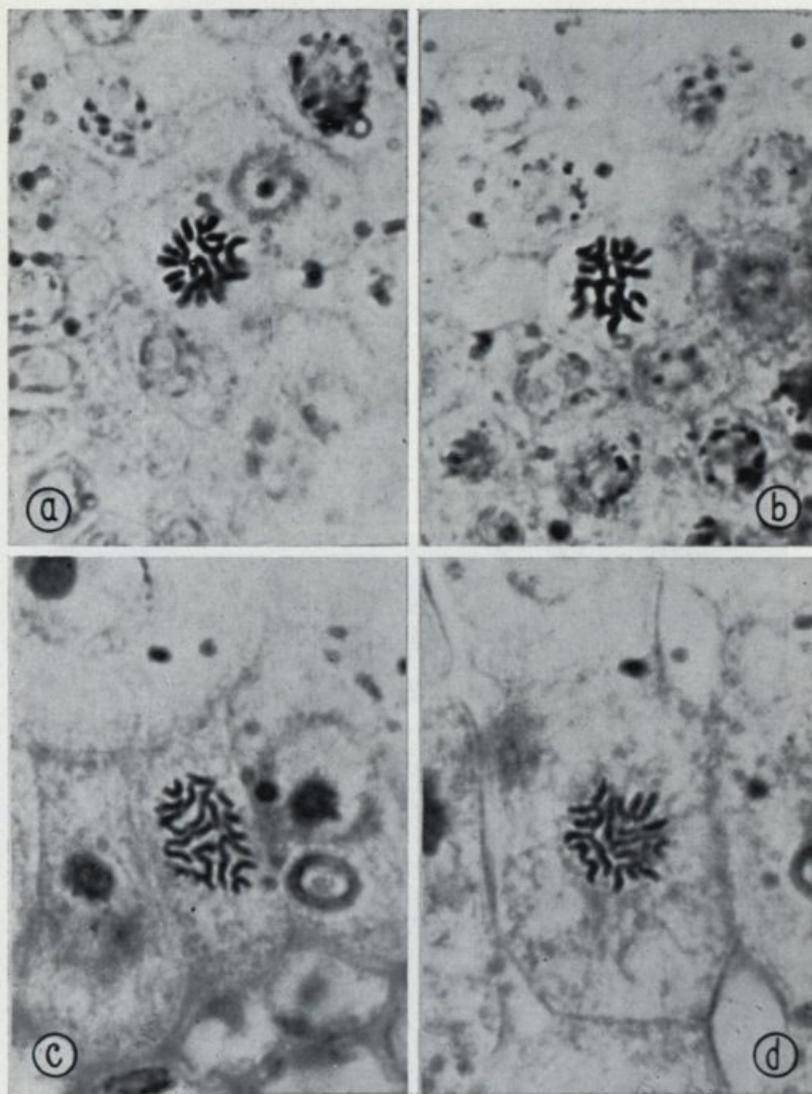
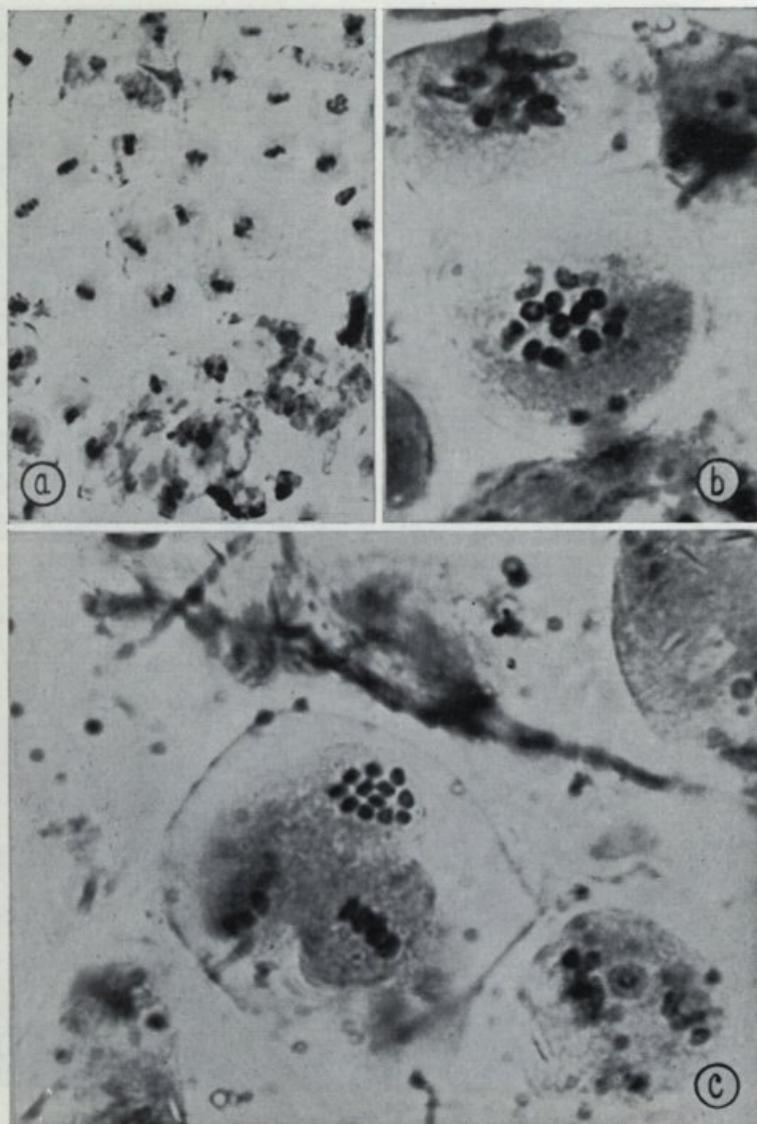
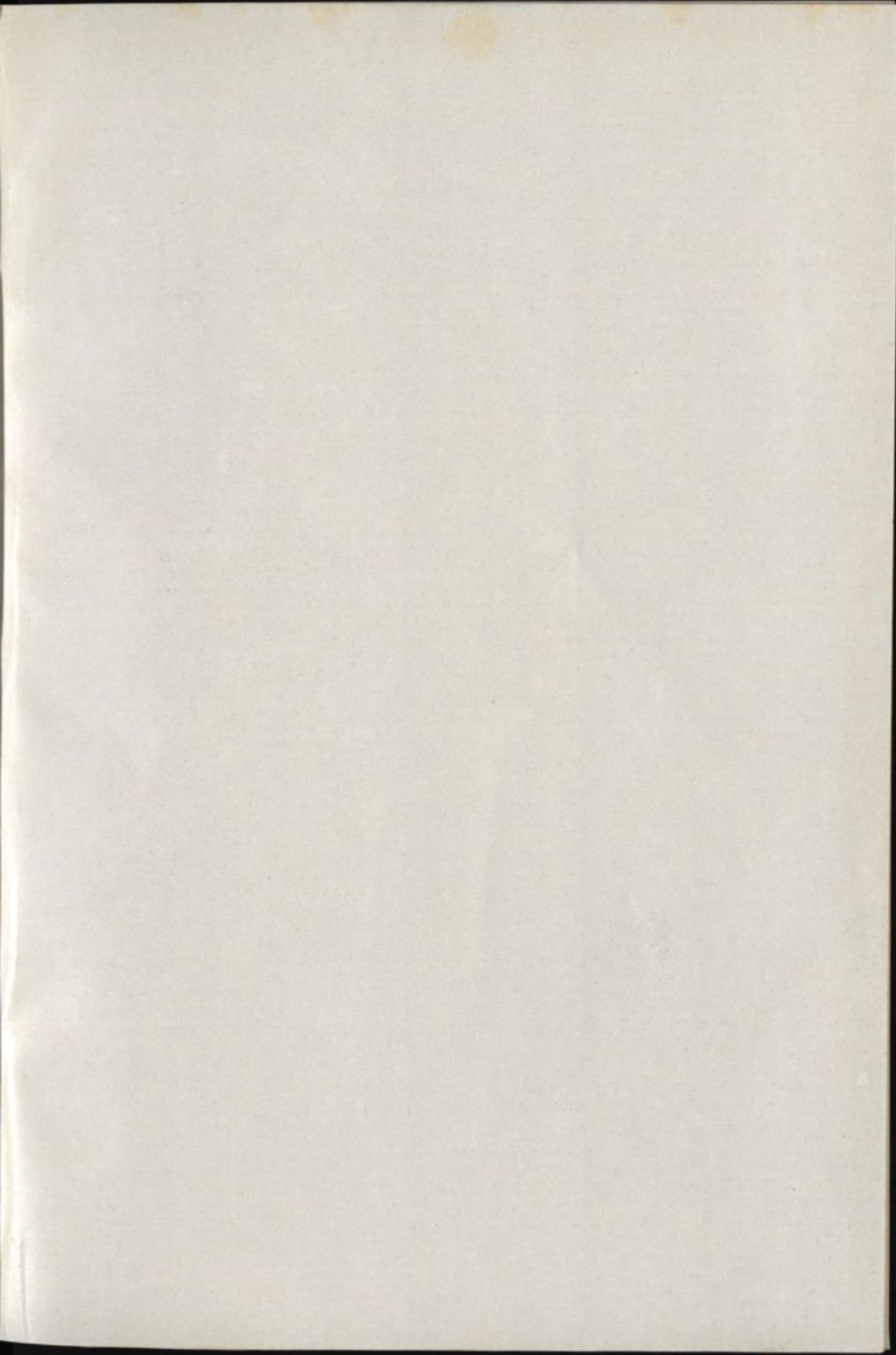


Fig. a e b—Placas equatoriais em células do meristema radicular de *Lilaeopsis attenuata* (Hook. et Arn.) Fern. ( $2n = 22$ ). Fig. c e d—Idem de *Solanum Ottonis* Hylander ( $2n = 24$ ).



*Solanum Ottonis* Hylander. Fig. a — Grupo de células-mães de grãos de pólen na metafase da divisão heterotípica, onde se não nota qualquer irregularidade. Fig. b — Metafase I, mostrando 12 bivalentes. Fig. c — Metafase II, mostrando 12 cromosomas.



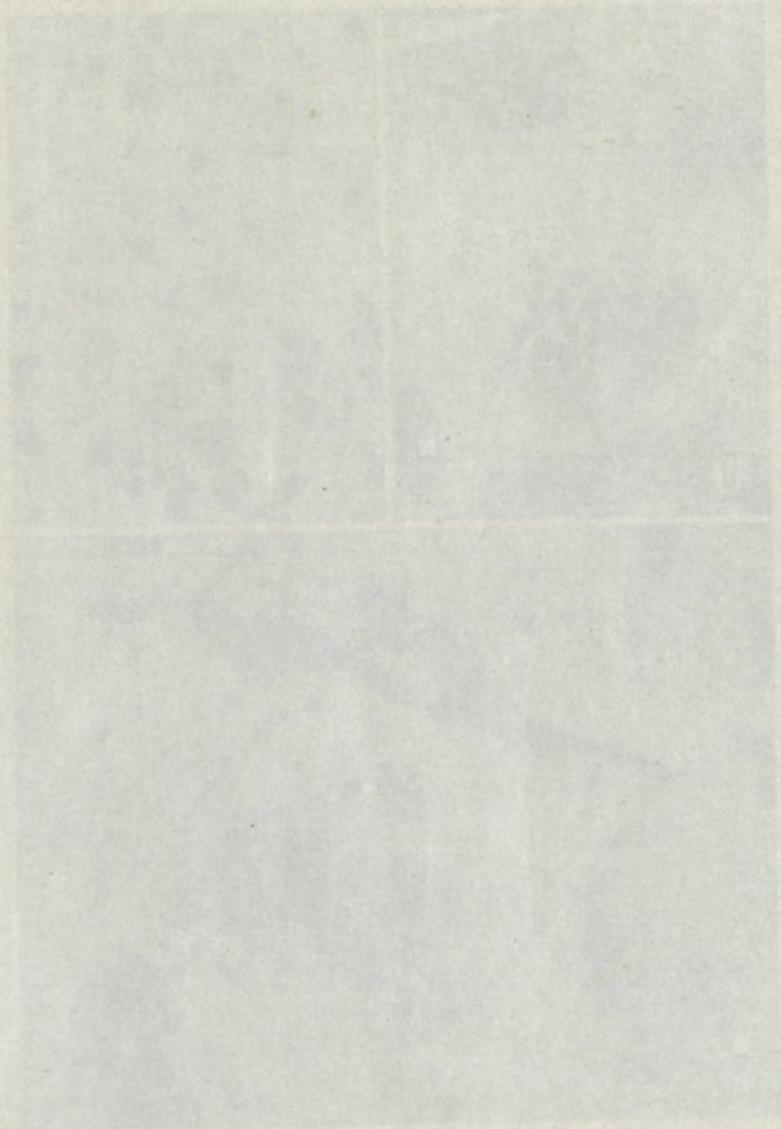
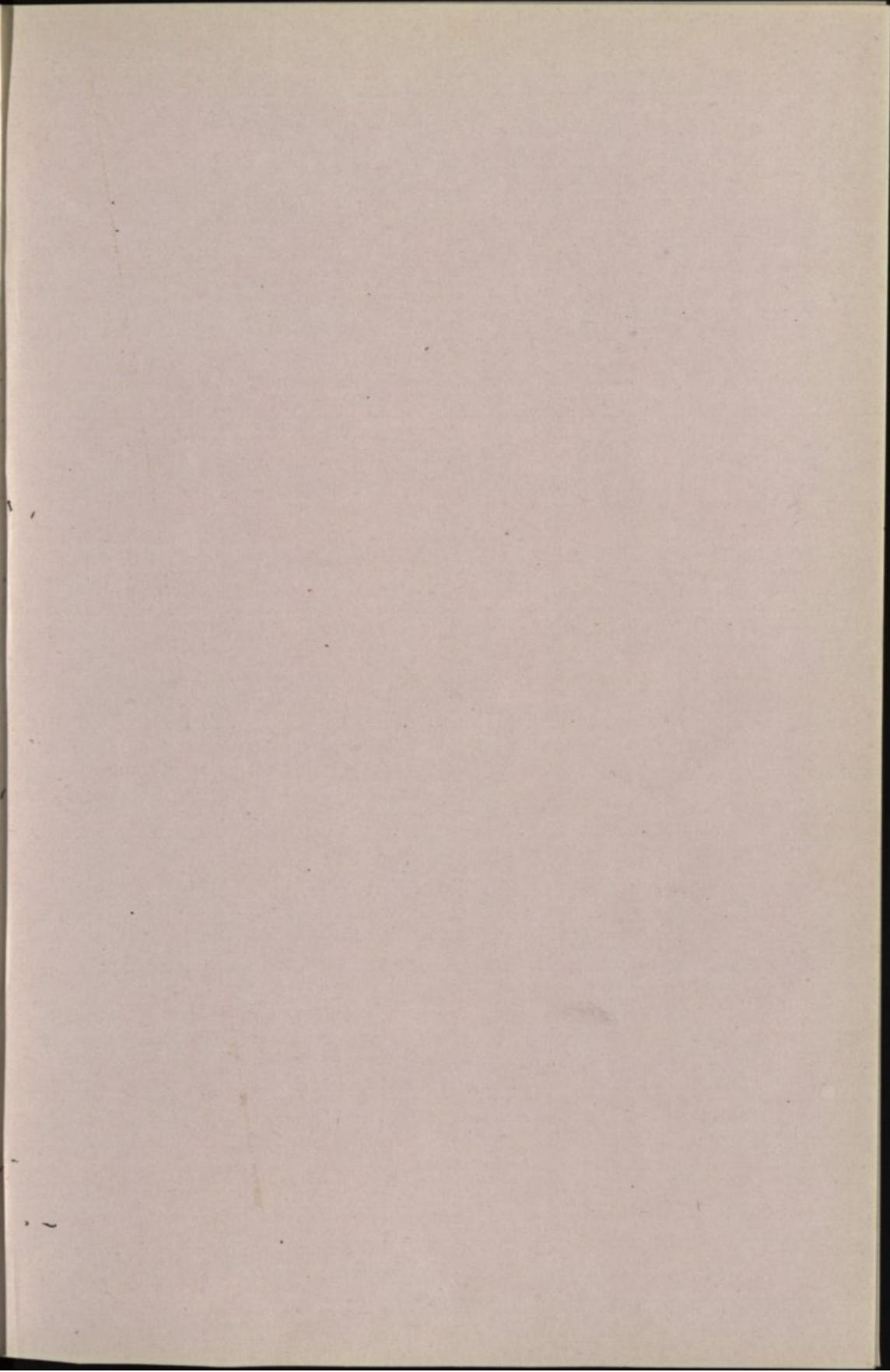
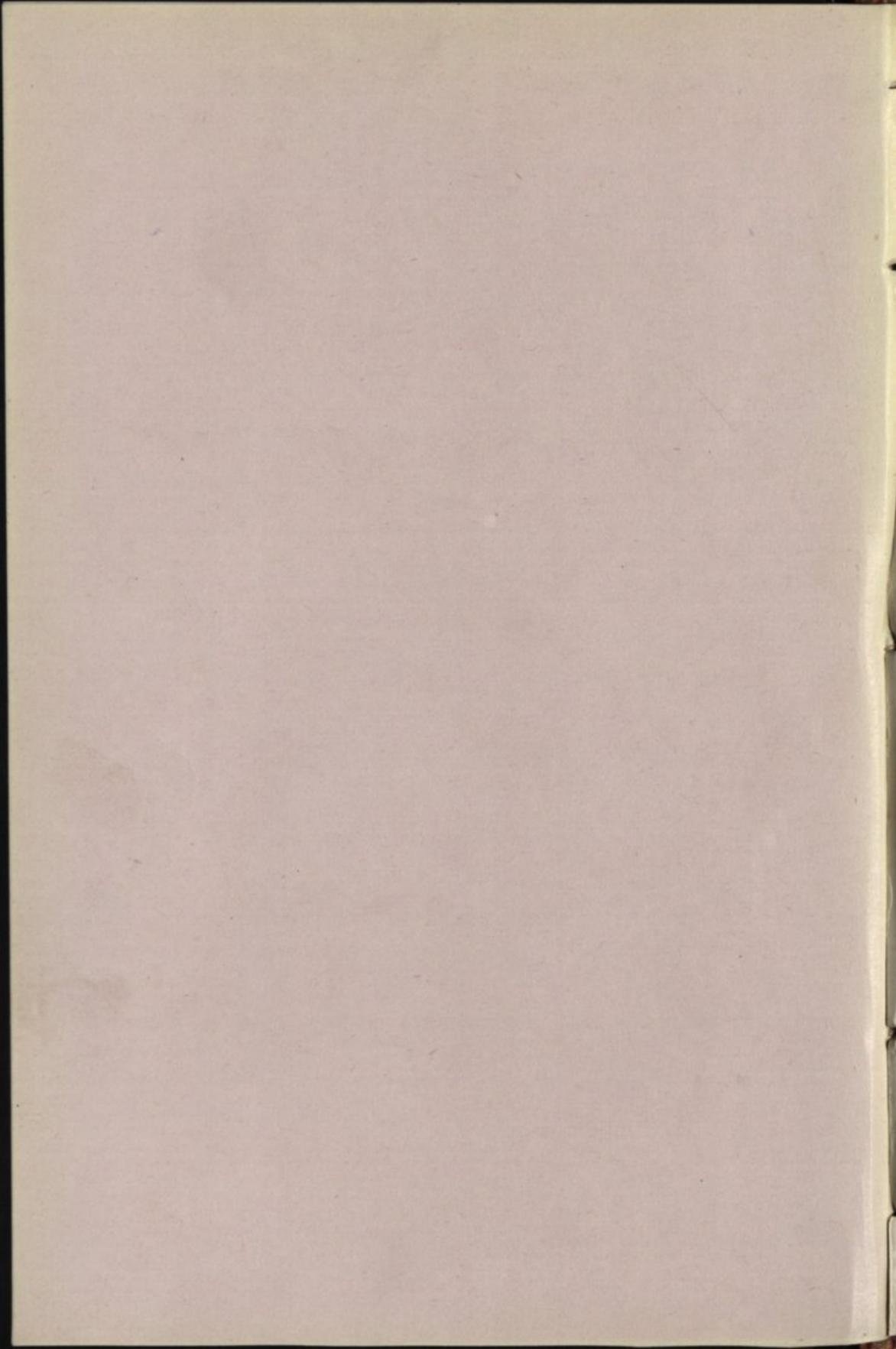


Fig. 1. Group of buildings in the city of  
Moscow, showing the main entrance to the  
Museum of the Revolution. Fig. 2. The  
main entrance to the Museum.





# ANUÁRIO

DA

## SOCIEDADE BROTERIANA

**ANO XXVII**

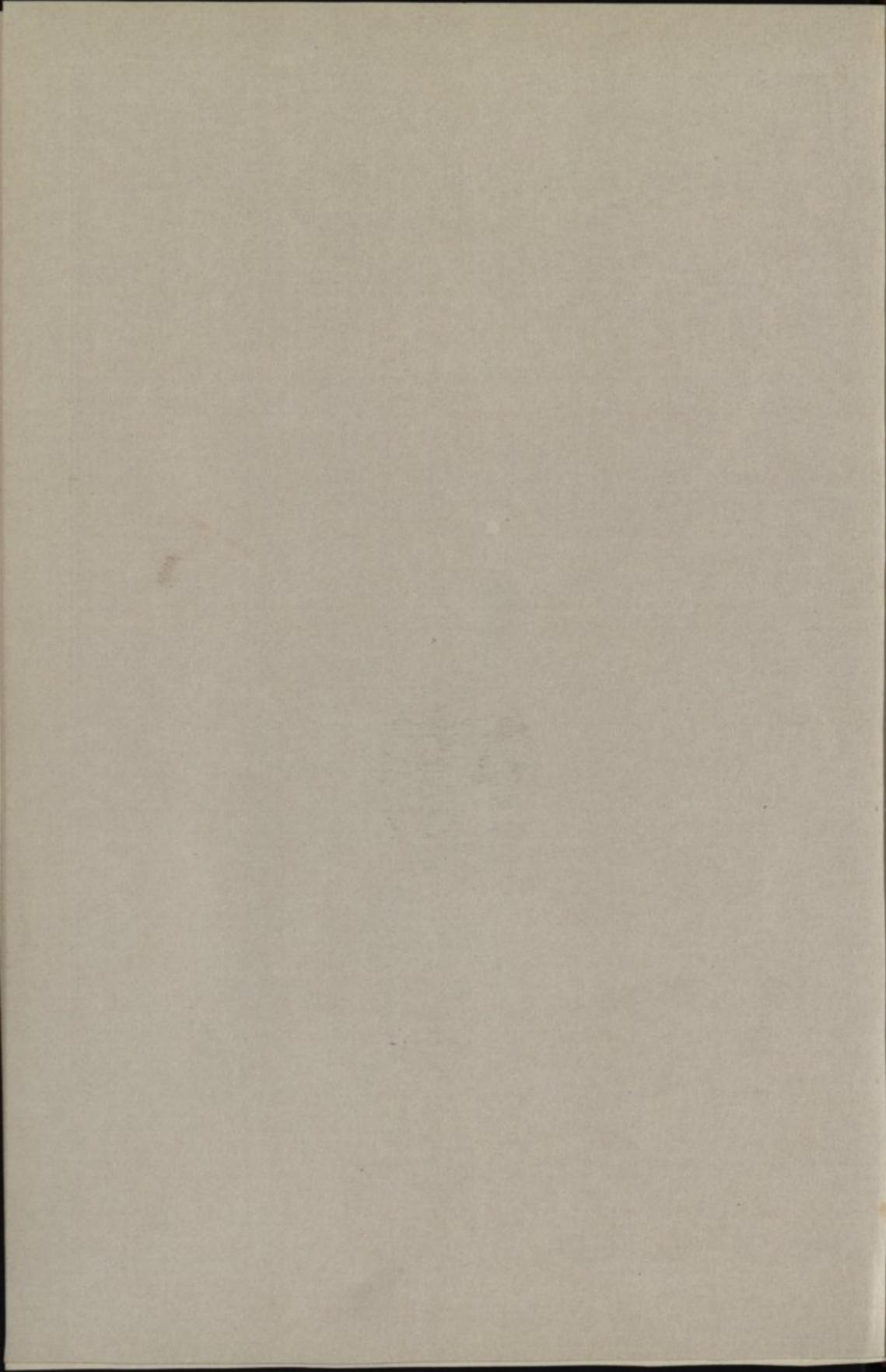
REDACTOR

**PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES**

Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra



COIMBRA  
1961



ANUÁRIO  
DA  
SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XXVII

REVISOR

PROF. DR. ABILIO FERREDES

*Licenciado em Ciências Biológicas, Universidade de Coimbra*

ANUÁRIO DA  
SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XXVII

1961



COIMBRA

1961

ANUÁRIO DA  
SOCIEDADE BROTERIANA  
ANO XXVII  
1981



# ANUÁRIO

DA

## SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XXVII

REDACTOR

PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES

Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra



COIMBRA  
1961

# ANUÁRIO DA SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XXVII

REDACTOR

PROF. DR. ABILIO FERNANDES

Director do Instituto Histórico da Universidade de Coimbra



COIMBRA

Composição e impressão das Oficinas  
da Tip. Alcobacense, Lt. — Alcobaca

## SESSÕES DA SOCIEDADE BROTERIANA

### ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Reunião de 30 de Janeiro de 1961

Presidência do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. José Ernesto de Mesquita Rodrigues

**A**BERTA a sessão, foi concedida a palavra ao Presidente da Sociedade, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Prof. Dr. ABÍLIO FERNANDES, que procedeu à leitura do relatório da Direcção referente ao ano de 1960. Esse relatório é do teor seguinte:

«Durante o ano de 1960, a Direcção procurou desempenhar o melhor possível as funções que os estatutos lhe atribuem. Deste modo, dedicou uma grande parte da sua atenção às revistas da Sociedade. Infelizmente, como no ano transacto, a falta de verba impossibilitou-a de publicar o volume das *Memórias*. Espera-se que a situação financeira melhore e que seja possível à Direcção publicar o volume XIV no decurso de 1961. Foi, porém, dado à estampa o volume XXXIV do *Boletim*, que insere trabalhos não só dos investigadores do Instituto Botânico de Coimbra, mas também dos de outras instituições portuguesas e estrangeiras. Aproveito o ensejo para deixar aqui consignados os meus melhores agradecimentos a todos quantos se dignaram conceder-nos a sua colaboração. Publicou-se ainda o n.º XXVI do *Anuário*, que contém uma notícia sobre a vida e a obra do saudoso sócio honorário, Prof. Dr. JOÃO PEREIRA DA SILVA DIAS, que tanto auxiliou a Direcção na efectivação das festas comemorativas do bicentenário de BROTERO, e um artigo



da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. ROSETTE MERCEDES BATARDA FERNANDES sobre a flora portuguesa.

Em Setembro, realizou-se em Lisboa (16-22) e em Coimbra (22-23) a IV Reunião Plenária da « Association pour l'Étude Taxonomique de la Flore d'Afrique Tropicale », agremiação de que o Presidente da Sociedade foi Secretário-geral durante os anos de 1957-1960. Em Coimbra, depois das sessões de trabalho, os participantes percorreram o Jardim Botânico e o Instituto, reunindo-se, após a visita, na sala da Sociedade Broteriana, onde os membros estrangeiros ofereceram um vinho de honra aos portugueses. Nesta reunião trocaram-se diversos brindes, em alguns dos quais foi evocada a acção do fundador da Sociedade, Prof. Dr. JÚLIO HENRIQUES, como pioneiro do estudo da flora de África. No final da sessão, foram descerrados os retratos de JÚLIO HENRIQUES e LUÍS CARRISSO.

Vários membros da Sociedade Broteriana tomaram parte no XXV Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, realizado em Sevilha, de 22 a 26 de Novembro. As comunicações que ali apresentaram foram as seguintes:

J. V. MALATO BELIZ — O método das coincidências em fitosociologia.

— Interesse agro-florestal da cartografia da vegetação.

MARIA E. PEREIRA DIAS — Breves apontamentos sobre a vegetação espontânea das Lamas de Miro (Serra de Barroso).

MANUEL DE ASSUNÇÃO DINIZ — As abelhas ibéricas do género *Anthophora*.

A. FERNANDES — Novos dados sobre a cariologia de *Narcissus bulbocodium* L.

ROSETTE BATARDA FERNANDES — Nota preliminar sobre as *Cucurbitaceae* de Moçambique.

— Sobre o aparecimento de duas espécies americanas na flora de Portugal.

ROSETTE BATARDA FERNANDES & A. FERNANDES — Nota sobre as *Cucurbitaceae* de Angola.

MARIA MANUELA GAMA — Nova contribuição para o estudo dos Colêmbolos da Ilha da Madeira.

S. RIVAS GODAY — El complejo climático en la Cartografía de la Vegetación.

P. GONZÁLEZ GUERRERO — El panorama físico en el Guadarrama.

— El abono gaditano «Ficoguanoides» y su empleo en práticamente.

— El abono gaditano «Ficoguanoides» y su influjo en práticamente.

F. A. MENDONÇA — Índice fitocorológico da flora de Angola.

MANUEL PÓVOA DOS REIS — Sobre a identificação de *Chamtransia violacea* Kütz.

JOSÉ ERNESTO DE MESQUITA RODRIGUES — Contribuição para o conhecimento das Algas de água doce de Portugal.

O movimento da biblioteca foi bastante intenso, tendo-se recebido durante o ano por troca e oferta 2549 volumes e folhetos.

A Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. MARIA MANUELA GAMA continuou as suas herborizações na Ilha da Madeira e o pessoal do Instituto Botânico efectuou colheitas em várias regiões do País. Infelizmente, como há cerca de 19 meses que o Instituto Botânico se encontra sem naturalista, uma parte desse material não pôde ainda ser estudado. A outra parte foi identificada pela Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. ROSETTE MERCEDES BATARDA FERNANDES que tem neste período desempenhado graciosamente as funções de naturalista. A Direcção agradece-lhe penhoradamente o auxílio que se tem dignado conceder-lhe ».

Terminada a leitura, o Presidente da Assembleia pôs em discussão o relatório da Direcção, o qual foi aprovado.

Em seguida, o Dr. ABÍLIO FERNANDES referiu-se ao estado financeiro da Sociedade. As contas, que foram aprovadas, mostraram que, em 31 de Dezembro de 1960, existia em caixa um saldo de 18 161\$40.

Prosseguindo, o Presidente da Direcção disse que a impressão e a distribuição das revistas da Sociedade consomem somas avultadas. Por esse facto, propôs que a Direcção fique autorizada a aplicar os fundos disponíveis na publicação e expedição das referidas revistas, no caso de serem insuficientes as verbas obtidas de outras fontes. Esta proposta foi aprovada.

A Assembleia resolveu reconduzir nos seus cargos os Vogais da Direcção anterior, Ex.<sup>mos</sup> Srs. Prof. Dr. ALOÍSIO FERNANDES COSTA e Rev. Cónego MANUEL PÓVOA DOS REIS.

Resolveu, também, manter em 2\$00 a quota mensal a pagar pelos sócios, continuando com a dispensa do pagamento de jóia.

### ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Reunião de 30 de Janeiro de 1961

*Presidência do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. José Ernesto de Mesquita Rodrigues*

Aberta a sessão, o Presidente da Assembleia concedeu a palavra ao Dr. ABÍLIO FERNANDES, que se exprimiu nos seguintes termos:

« Desde 1956, data da realização em Coimbra do XXIII Congresso Luso-Espanhol, que as Direcções das Associações Espanhola e Portuguesa para o Progresso das Ciências pensaram introduzir alterações na orgânica dos Congressos que promovem. Considerando que o sistema das comunicações livres acarreta uma dispersão extraordinária e que os assuntos nelas versados são em regra muito restritos, interessando um número muito limitado de congressistas, foi resolvido, ao preparar-se o Congresso de Madrid, ensaiar-se o sistema de colóquios, mantendo-se, porém, as comunicações livres. Como a realização dos referidos colóquios tivesse sido considerada um êxito, decidiu-se que o Congresso de Sevilha fosse organizado em moldes idênticos. Nas reuniões que tiveram lugar durante este último Congresso, as Direcções das duas Associações, no desejo de restringir ainda mais os assuntos a discutir, resolveram que, no próximo Congresso, que terá lugar no Porto no decurso de 1962, não só houvesse colóquios, mas também temas para as secções. As comunicações livres serão, porém, ainda mantidas. Nestas condições, a Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências resolveu pedir às Sociedades federadas que indicassem temas para os colóquios e para as secções. Teremos, portanto, que transmitir as nossas sugestões ».

Depois de usarem da palavra diversos membros, foi resolvido escolher assuntos de certa latitude, de modo a poder interessar um número elevado de biólogos. Os temas escolhidos,

respectivamente para o colóquio e para a secção, foram os seguintes:

- a) A célula: aspectos microscópicos e submicroscópicos.
- b) A flora e a fauna peninsulares.

Depois de o Presidente da Direcção exortar os membros a prestarem a sua colaboração ao próximo Congresso, foi encerrada a sessão.

### **DIRECÇÃO**

Reunião de 30 de Janeiro de 1961

*Presidência do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Abílio Fernandes*

Foi resolvido:

- a) Manter as comissões de redacção do Boletim e das Memórias.
- b) Que, em virtude de o Instituto Botânico se encontrar ainda privado de naturalista, a redacção do Anuário fique a cargo do Presidente da Sociedade, que actuará também como Secretário-tesoureiro até ser nomeado outro naturalista.
- c) Instar com os sócios para que realizem trabalhos de herborização, particularmente no domínio das Criptogâmicas.

\* \* \*

Temos o prazer de anunciar a admissão dos seguintes

### **NOVOS SÓCIOS**

J. P. M. BRENAN, Royal Botanic Gardens, Kew, Richmond, Surrey, Inglaterra.

EDUARDO SAMPAIO FRANCO, Engenheiro Silvicultor, Laboratório Nacional de Engenharia Civil (Secção de Madeiras), Lisboa.

EDUARDO JOSÉ MENDES, Licenciado em Ciências Biológicas e Investigador do Centro de Botânica da Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa.

NELMA CELESTE CARDOSO DA FONSECA, aluna de Ciências Biológicas, Coimbra.

ANTÓNIO MENDES MACARA, Engenheiro Silvicultor, Lisboa.

MARIA EMÍLIA DE FRIAS DE OLIVEIRA MARTINS, aluna de Ciências Biológicas, Coimbra.

MARIA ELISA ABRANCHES DE MIRANDA PIMENTEL, aluna de Ciências Biológicas, Coimbra.

ANTÓNIO DE FARIA E SILVA, Engenheiro Agrónomo, Escola de Regentes Agrícolas, Coimbra.

**JURINEA CASS.,**  
**GÉNERO NOVO PARA A FLORA DE PORTUGAL**

por

**ROSETTE FERNANDES**

Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

**A**PESAR de bastante visitada pelos botânicos, a Serra da Estrela parece não lhes ter ainda desvendado completamente a totalidade da sua flora. Assim, de vez em quando, surgem ali surpresas. É o caso de uma planta recentemente descoberta naquelas montanhas numa exploração levada a efeito pelo Prof. ABÍLIO FERNANDES, a uma zona que até então não tinha sido objecto das pesquisas do pessoal do Instituto Botânico de Coimbra. Trata-se de *Jurinea humilis* (Desf.) DC., espécie espontânea, mencionada agora pela primeira vez para o nosso país e pertencente a um género que também só agora é referido para Portugal.

*Espécime*: Serra da Estrela, na descida para o vale da ribeira de Beijames, nos interstícios das rochas xistosas, 18-VI-1959, A. Fernandes, J. Matos et A. Sarmento 6758 (COI—Est. I).

O género *Jurinea*, da família das Compostas, distingue-se de *Serratula*, com o qual está estreitamente relacionado, pelos seguintes caracteres: pêlos do papilho dos aquénios unidos em anel na base e não livres, aquénios escamulosos, tetrágonos e não lisos e cilíndrico-comprimidos.

*Jurinea humilis* (Desf.) DC. encontra-se nas montanhas da Sicília, da parte meridional da França, da Espanha (Galiza, cordilheira cantábrica, regiões central, austral, etc.) e do norte de África.

A sinonímia desta espécie é a seguinte:

**Jurinea humilis** (Desf.) DC., Prodr.

VI: 677 (1837)

- Carduus mollis* Gouan, Ill. Bot.: 63 (1773) non L.  
*Serratula mollis* Cav., Ic. I: 62, t. 90, fig. 1 (1791).  
*Serratula humilis* Desf., Fl. Atl. II: 244, t. 220 (1800).  
*Jurinea Bocconii* Guss., Fl. Sic. Syn. II: 448 (1844).  
*Jurinea humilis* (Desf.) DC. var. *Bocconii* DC., loc. cit.  
*Jurinea humilis* (Desf.) DC. var. *scaposa* Lar. et Lev., Deux  
 Excurs. Bot. Nord Esp. Portugal: 24 (1880).  
*Jurinea pyrenaica* Gren. et Godr., Fl. Fr. II: 270 (1852).  
*Jurinea humilis* (Desf.) DC. forme (?) *pyrenaica* (Gren.  
 et Godr.) Rouy, Fl. Fr. IX: 102 (1905).  
*Jurinea Gouanii* Rouy, loc. cit.: 101.

Segundo BOISSIER (Voy. Midi Esp., II: 369, 1839-1845), *Jurinea Bocconii* Guss. deve ser incluída em *J. humilis* (Desf.) DC. Da mesma opinião é WILLKOMM (Prodr. Fl. Hisp. II: 175, 1870), o qual, além desse taxon, introduz também *J. pyrenaica* Gren. et Godr. na sinonímia de *J. humilis*, por ter verificado que não mostravam fixidez os caracteres pelos quais GUSSONE e GRENIER et GODRON tinham pretendido definir as espécies que respectivamente descreveram.

ROUY, porém, admite a autonomia específica de *J. Bocconii*, seguindo, assim, o critério de NYMAN (Consp. Fl. Eur. II: 416, 1878-1882) e de POJERO (Fl. Sic. II: 124, t. 21, 1902). FIORI (in Fl. Anal. Ital. III: 318, 1903-1904) cita esse taxon como variedade de *J. humilis*, de acordo com o que DE CANDOLLE já fizera.

No que se refere a *J. pyrenaica*, ROUY é o único autor a isolá-la numa « forme » (var.?), ao passo que todos os restantes botânicos cujos trabalhos consultámos aceitaram a opinião de WILLKOMM.

O estudo das descrições, a análise das figuras e a observação dos exemplares dos herbários geral de Coimbra, de WILLKOMM e de Madrid <sup>(1)</sup> mostraram-nos que *J. humilis*, des-

(1) Agradecemos penhoradamente à Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. ELENA PAUNERO a amabilidade com que se dignou facultar-nos o material existente no herbário do Instituto Botânico de Madrid.

crita sobre plantas da Argélia, é tipicamente unicaule e monocéfala, possuindo folhas penatipartidas, de segmentos mais ou menos estreitos. Indivíduos com estas características (var. *sca-posa* Lar. et Lev.) encontram-se também em Espanha, onde, no entanto, são mais comuns as formas de capítulo sésbil ou muito curtamente pedunculado, nas quais, geralmente, em paralelo com a redução do comprimento do pedúnculo, se verifica um menor comprimento das folhas. Além disso, os lobos foliares são muito mais aproximados nos indivíduos de capítulo sésbil do que nos espécimes de capítulos pedunculados. *J. pyrenaica*, acaule, com capítulos pequenos e folhas menores e de lobos mais estreitos que o tipo de *J. humilis*, deve corresponder a uma forma das grandes altitudes, muito reduzida, por isso, nas suas dimensões.

Quanto a *J. Bocconii*, espécie da Sicília, é sob reserva que nos pronunciamos, em virtude do pequeno número de exemplares autênticos desse taxon que nos foi possível examinar.

Confrontando as descrições, notámos que, fundamentalmente, *J. Bocconii* se distingue de *J. humilis* pelas folhas, cujos segmentos são obtusos, mais curtos e proporcionalmente mais largos do que no último taxon. Por outro lado, segundo POJERO, em *J. Bocconii* o capítulo é sempre sésbil, ao passo que em *J. humilis* pode ser sésbil ou pedunculado. Examinando as figuras dos dois taxa, verifica-se que elas correspondem exactamente às respectivas descrições. BOISSIER (*loc. cit.*: 370) faz, porém, notar que «La figure de DESFONTAINES représente les lobes des feuilles plus allongés qu'on ne les trouve d'ordinaire». Ora, a figura de *Serratula mollis* Cav., que representa uma planta espanhola, mostra que esta, quer no que respeita aos caracteres das folhas, quer ao comprimento do pedúnculo, é intermediária entre o tipo de *Serratula humilis* Desf., do Norte de África, e o tipo de *J. Bocconii*, da Sicília. Com efeito, as folhas de *Serratula mollis* têm lobos mais curtos e mais obtusos do que as que são representadas na figura de *Serratula humilis* e o capítulo possui pedúnculo, mas menor do que neste último taxon. Sendo, de acordo com POJERO, os capítulos de *J. Bocconii* sempre sésseis, a planta figurada por CAVANILLES, embora pelas folhas se aproxime muitíssimo de *J. Bocconii*, tem forçosamente de incluir-se em *J. humilis* devido à existência de pedún-

culo. Mas serão os caracteres de *J. Bocconii* tão constantes como POJERO pretende? Verificámos que bastantes plantas espanholas identificadas como *J. humilis* são muito variáveis no que se refere à largura dos lobos foliares, encontrando-se, por vezes na mesma colheita (Escorial, leg. *J. D. Rodriguez*; Escorial, leg. *Lange*; etc.), indivíduos com lobos de folhas estreitos e outros com eles largos. Além disso, entre as plantas colhidas em Toledo (leg. *C. Vicioso et Beltran*), as quais, pela largura e forma dos lobos das folhas, poderiam ser incluídas na *J. Bocconii* típica, existe um indivíduo com capítulo pedunculado.

Concluimos, pois, que em *J. humilis* as folhas podem ter lobos mais ou menos largos, mais ou menos aproximados, e agudos ou mais ou menos obtusos; que os capítulos, maiores ou menores, podem ser sésseis ou mais ou menos pedunculados; que a planta pode ser acaule ou possuir um caule com algumas folhas.

Notar-se-ão todas estas variações também nas plantas da Sicília ou ter-se-à isolado aí a forma acaule, com folhas de lobos largos e obtusos?

*Jurinea Bocconii* Guss. é mencionada como *Serratula Bocconii* Guss. no Index Seminum Horti Bocconii, de 1825. Não pudemos consultar essa obra, sendo-nos, portanto, impossível saber se se trata de um *nomen nudum*. Se realmente *Serratula Bocconii* não foi descrita, teria sido DE CANDOLLE o primeiro a publicá-la como var. *Bocconii* de *Jurinea humilis*. Mais tarde, GUSSONE publicou a descrição da planta como *J. Bocconii*. Nestas condições, se a nossa suposição é exacta, os autores que devem figurar nesta nova combinação são (Guss. ex DC.) Guss.

DE CANDOLLE e também FIORI consideram *Serratula subacaulis* Poir. sinónimo de *J. humilis* (Desf.) DC. É possível que, em parte, assim seja. Mas é mais provável que aqueles autores tenham sido levados a essa conclusão pelo facto de POIRET (Encycl. VI: 550, 1804) ter indicado, como sinónimo da sua espécie, *Carduus mollis* Gouan que é, na verdade, sinónimo de *J. humilis*.

Em virtude, porém, de POIRET descrever as flores de *Serratula subacaulis* como amarelas (em *J. humilis* são rosadas), os

pêlos do papilho « non plumeux » (em *J. humilis* os pêlos do papilho são denticulados) e de indicar como habitat da planta, além da França, também a Áustria (onde se não encontra *J. humilis*), somos levados a excluir *Serratula subacaulis* Poir. da sinonímia de *Jurinea humilis* (Desf.) DC.

pelos do papilão (non pilosus) (na *J. humilis* os pelos do papilão são densos) e de hábil como hábil de plant. além da França, também a Austrália (onde se não encontra). (humilis) somos levados a crer que Serratula subcaulis (Desf.) DC. é a mesma espécie de Serratula humilis (Desf.) DC. e não se trata de uma espécie diferente com folhas de folhas estreitas e outras com mais largas. Além disso, entre as plantas colhidas em Tolosa (na *J. humilis* e *Serratula*) as quais, pela largura e forma dos folíolos, podem ser incluídas em *J. humilis* ou *J. subcaulis* existe um indivíduo com capítulos pedunculados.

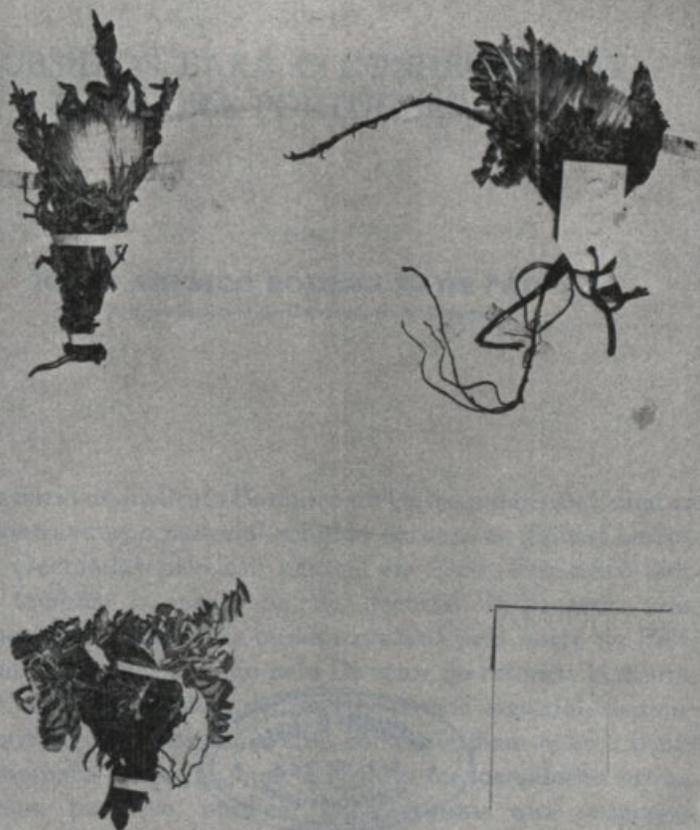
Concluimos, pois, que em *J. humilis* as folhas podem ser lobes mais ou menos largas, mais ou menos aproximadas, e agudas ou mais ou menos obtusas; que os capítulos, maiores ou menores, podem ser mais ou menos pedunculados; que a planta pode ser anual ou possuir um caule com algumas folhas.

Nestas e em todas estas variações também nas plantas de Serratula se trata-se de incluído si é forma anual, com folhas de lobes largos e obtusas?

*Juncus Baccanti* Guss. é mencionada como *Serratula Baccanti* Guss. no Index Seminum Horti Baccanti de 1825. Não podemos consultar essa obra, sendo nos impossível saber se se trata de um nome antigo. Se realmente *Serratula Baccanti* não foi descrita antes de Camus e, portanto a publicá-la como var. *Baccanti* de *Juncus humilis* e mais tarde, Gussone publicou a descrição da planta como *J. Baccanti*. Nestas condições, se a nome suposição é exacta, os autores que devem figurar nesta nova combinação são (Exim. in DC.) Guss.

De Camus e também Poir. consideram *Serratula subcaulis* Poir. sinónimo de *J. humilis* (Desf.) DC. É possível que, em parte, assim seja. Mas é mais provável que aqueles autores tenham sido levados a essa conclusão pelo facto de Poir. (Encycl. VI: 330, 1804) ter indicado, como sinónimo de sua espécie, *Camus mollis* Guss. que é, na verdade, sinónimo de *J. humilis*.

Em virtude, porém, de Poir. descrever as flores de *Serratula subcaulis* como axilares (em *J. humilis* são rosadas), os



HERBARIUM INSTITUTI BOTANICI UNIVERSITATIS CATHOLICAE

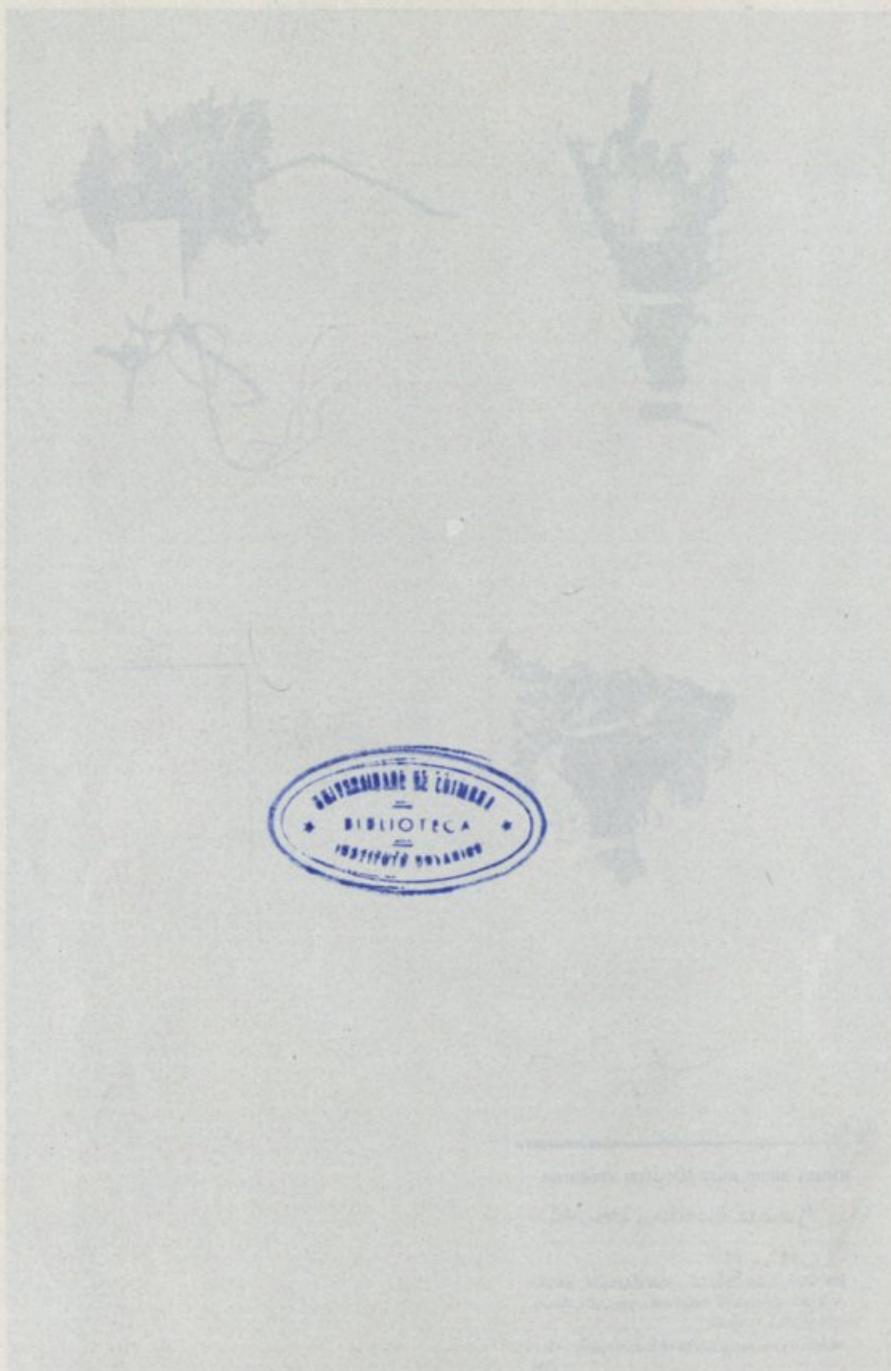
6758 *Jurinea humilis* (Desf.) DC.

Planta de terra da Bahia, ora desecada para o  
 uso da herbária de Leipzig, nos cultivos  
 do jardim botânico.

em Pernambuco, J. Matos et A. Sarmento, 49-VI-  
 1854

*Jurinea humilis* (Desf.) DC.

Espécime A. Fernandes, J. Matos et A. Sarmento 6758



Explicación A. Fernández, J. Matos et A. Zorramán 6758  
 Juncus humilis (Desf.) DC.

## SUBSÍDIOS PARA O CONHECIMENTO DA FLORA PORTUGUESA — I

por

**JORGE AMÉRICO RODRIGUES DE PAIVA**

Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

**N**O herbário do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra encontrava-se o material coligido durante as últimas herborizações efectuadas pelo seu pessoal em 1960. Por outro lado tivemos também o ensejo de, no decurso do presente ano, colher bastantes espécimes numa excursão pelo norte do País.

Tendo sido encarregado pelo Director do referido Instituto, Prof. Dr. ABÍLIO FERNANDES, de identificar esse material, depararam-se-nos alguns exemplares que correspondiam quer a espécies novas para Portugal, quer a regiões ou localidades novas. Resolvemos, por isso, publicar os elementos que reunimos. Consideramos esta nota a primeira de uma série de contribuições para o melhor conhecimento da flora portuguesa, visto esperarmos poder continuar estes estudos.

Ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Prof. Dr. ABÍLIO FERNANDES e à Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. ROSETTE BATARDA FERNANDES agradecemos todo o apoio e ajuda que amavelmente nos concederam durante a elaboração deste trabalho.

### ***Eleocharis flavescens* (Poir.) Urban**

Esta Ciperácea, muito rara no nosso país, tinha sido colhida até esta data somente na Apostiça, próximo da Lagoa da Albufeira (cf. B. RAINHA in Agron. Lusit. 18: 85, 1956). Foi agora encontrada na Lagoa de Mira.

*Espécime*: Praia de Mira, nas areias das margens da Lagoa, 14-VII-1961, J. Matos 7930 (COI).

*Distribuição*: Beira Litoral e Estremadura.

### **Carex asturica** Boiss.

Esta espécie, que só estava assinalada para as serras do Marão e Gerês, foi colhida nos contrafortes da Serra da Peneda.

*Espécime*: Bouça, pr. do Batateiro, entre Lamas de Mouro e Tangil, nos lameiros, 25-VII-1961, J. Paiva, J. Matos & A. Marques 8134 (COI).

*Distribuição*: Minho e Trás-os-Montes e Alto Douro.

### **Paspalum dilatatum** Poir.

Herborizou-se pela segunda vez esta espécie no Minho, mas mais a norte de S. Bartolomeu do Mar (cf. R. FERNANDES in Bol. Soc. Brot. sér. 2, 31: 185, 1957).

*Espécime*: Lugar do Paraíso, pr. de Vila da Praia de Âncora, num lameiro, 23-VII-1961, J. Paiva, J. Matos & A. Marques 8000 (COI).

*Distribuição*: Minho, Douro Litoral, Beira Litoral e Algarve.

### **Paspalum Urvillei** Steud.

PIRES DE LIMA, na «Adenda» da *Flora portuguesa* (1947) de SAMPAIO, assinala *P. Urvillei* Steud. como espécie cultivada e subespontânea no nosso país, não indicando, no entanto, qualquer localidade. Como a planta tem sido herborizada em vários locais, achamos conveniente citá-los aqui. Um dos exemplares que mencionamos (*A. Santos* s. n.), determinado por R. FERNANDES, já tinha sido colhido em 1957.

Em virtude de *P. Urvillei* Steud. e *P. dilatatum* Poir. se assemelharem bastante, tendo havido até autores que consideraram a primeira espécie como um variedade da segunda (*P. dilatatum* Poir. var. *parviflorum* Doell. in MART., Fl. Bras. 2: 64, 1877), resolvemos apresentar no seguinte quadro alguns dos mais importantes caracteres diferenciais entre os dois taxa:

<i>P. Urvillei</i> Steud.	<i>P. dilatatum</i> Poir.
Planta robusta até 2 m de altura, áspera.	Planta menos robusta de 0,8-1,5 m de altura, não áspera.
Bainha das folhas inferiores hirsuta.	Bainha das folhas glabra ou levemente pubescente.
Panicula com 8-30 espigas.	Panicula com 3-7 espigas.
Espiguetas de 2-2,5 mm de comprimento.	Espiguetas maiores, de 3-3,5 mm de comprimento.
Glumas com longos pêlos marginais densos.	Glumas com longos pêlos marginais menos densos.

Ambas as espécies são originárias da América do Sul, particularmente da Argentina, Brasil e Uruguai. Tem sido introduzidas nalguns países por serem consideradas como bons pastos, sendo, no entanto, *P. Urvillei* Steud. mais áspero e menos tenro que *P. dilatatum* Poir.

*Espécimes*: Na margem de uma vala, na estrada Cantanhede-Mira, a 100 m do desvio para Febres, 23-X-1956, *A. Santos* s. n. (COI); Póvoa de Baixo, entre Estarreja e Murtosa, nos campos de cultura em pousio e ao longo das valas, 22-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 7935 (COI); entre Cantanhede e Mira, a 3 km de Cantanhede, próximo do desvio para Varziela, ao longo duma linha de água, 3-XII-1961, *J. Paiva & A. Santos* 8302 (COI).

*Distribuição*: Subespontânea na Beira Litoral.

***Setaria geniculata* (Lam.) P. Beauv.**

Ess. Agrost.: 51, 169, 178 (1812)

*Panicum geniculatum* Lam., Encycl. Méth. Bot. 4: 727 (err. typ. 737) (1798).

*Panicum imberbe* Poir. in Lam., Encycl. Méth. Bot. Suppl. 4: 272 (1816).

*Setaria gracilis* H. B. & K., Nov. Gen. Sp. 1: 109 (1816).

*Setaria imberbis* (Poir.) Roem. & Schult., Syst. Veg. 2: 891 (1817).

*Pennisetum geniculatum* Jacq., Eclog. Gram.: t. 26 (1820).

*Panicum flavum* Nees, Agrost. Bras.: 238 (1829).

*Panicum berteronianum* Steud., Syn. Pl. Glum. 1: 50 (1854).

*Chaetochloa imberbis* (Poir.) Scribn., U. S. Dept. Agr. Div. Agrost. Bull. 4: 39 (1897).

*Chaetochloa versicolor* Bicknell in Bull. Torr. Bot. Club, 25: 105 (1898).

*Chaetochloa gracilis* (H. B. & K.) Scribn. & Murr. in U. S. Dept. Agr. Div. Agrost. Bull. 21: 15, fig. 4 (1900).

*Chaetochloa geniculata* (Lam.) Millsp. & Chase in Field Mus. Bot. 3: 37 (1903).

Por se tratar de uma espécie nova para a flora de Portugal, achamos conveniente apresentar aqui a descrição:

Planta vivaz de rizoma curto, nodoso, densamente ramificado. Colmos de 40-80 (150) cm lisos, erectos mas geniculados no terço inferior, mais ou menos ramosos com os ramos longamente nus no cimo. Folhas com a bainha estriada, glabra e usualmente mais comprida que os entrenós; lígula substituída por uma orla de pêlos curtos e densos; limbo alongado até 25 cm de comprimento, estreito, de 5-8 mm de largura, plano, não enrolado, glabro ou levemente piloso junto à base. Panícula espiciforme, cilíndrica, 2-10 mm de comprimento, 4-8 mm de largura e com eixo pubescente. Sedas da base das espiguetas amarelo-arruivadas, antrorso-aculeoladas, 5-8 mm longas, aproximadamente com o dobro das espiguetas. Espiguetas ovado-elípticas, 2-2,5 ou raramente 3 mm de comprimento; gluma inferior membranosa, convexa, com sensivelmente metade do comprimento da espiguetas, ovada, aguda, trinérvea; gluma superior membranosa, convexa, igualando  $\frac{2}{3}$  do tamanho da espiguetas, ovada, aguda ou apiculada, 5-nérvea; glumela inferior da flor estéril, membranosa, plano-convexa, do tamanho da espiguetas, 5-nérvea, e a superior membranoso-hialina, plana, aproximadamente do tamanho da espiguetas, elíptica, com duas nervuras marginais; glumela inferior da flor fértil, coriácea, convexa, ovada, aguda, transversalmente rugosa, finamente pontuada na

extremidade, do tamanho da espiguetta, arroxeadas no terço superior e enérveas; glumela superior da flor fértil, coriácea, elíptica, plana, pontuada e enérvea. Cariopse sensivelmente  $1,5 \times 1$  mm, elíptica, quase lisa.  $2n = 72$  (KISHIMOTO). Est. I e II, fig. B.

*Espécimes*: Branca, Curval, entre Oliveira de Azeméis e Águeda, nas bermas da estrada, 28-VII-1961, J. Paiva, J. Matos & A. Marques 8270 (COI); Branca, Curval, entre Albergaria-a-Velha e Oliveira de Azeméis, espalhada pelos incultos e ao longo de uma linha de água, 30-X-1961, J. Paiva, J. Matos & A. Sarmento 8298 (COI); próximo de Couto de Cucujães, entre Oliveira de Azeméis e Ovar, nos incultos, 30-X-1961, J. Paiva, J. Matos & A. Sarmento 8299 (COI); entre Couto de Cucujães e Ovar, nos incultos, 30-X-1961, J. Paiva, J. Matos & A. Sarmento 8300 (COI).

Esta espécie é nativa das regiões tropicais e subtropicais do continente americano, mas encontra-se naturalizada em diversos locais da África, Ásia, Austrália e Europa. No entanto, no que respeita à Europa só encontramos referências para a França (J. VISANT in Bull. Soc. Bot. Fr. 107: 29, 1960) e para as Ilhas Britânicas (C. E. HUBBARD, Grasses: 341, 1959).

No nosso país já se encontra bastante difundida pelo norte da Beira Litoral. Supomos que a introdução desta Gramínea em Portugal não deve ser muito recente e que é provável que se encontre espalhada por outras regiões. *S. geniculata* (Lam.) P. Beauv. assemelha-se muito a *S. glauca* (L.) P. Beauv. e a *S. pallide-fusca* (Schrum.) Stapf & C. E. Hubb. Como *S. glauca* (L.) P. Beauv. é frequente por todo o país, pensamos que os nossos colectores poderão ter encontrado já *S. geniculata* (Lam.) P. Beauv. sem, no entanto, a terem colhido por pensarem tratar-se daquela espécie.

O quadro seguinte indica os caracteres diferenciais entre as duas espécies, alguns dos quais são também postos em evidência nas figuras da Est. II.

<i>S. geniculata</i> (Lam.) P. Beauv.	<i>S. glauca</i> (L.) P. Beauv.
Planta vivaz, com rizoma curto e nodoso.	Planta anual.
Limbo da folha estreito (5-8 mm), não enrolado.	Limbo da folha mais largo (ca. 1 cm), geralmente espiralado-enrolado.
Paniculas estreitas de 4-8 mm.	Paniculas mais largas, atingindo 1 cm.
Espiguetas de 2-2,5 raramente 3 mm de comprimento.	Espiguetas mais compridas (3-3,5 mm) e mais largas.
Gluma inferior 3-nérvea.	Gluma inferior 5-nérvea.
Gluma superior 5-nérvea.	Gluma superior 5 ou usualmente 7-nérvea.
Glumela inferior da flor fértil levemente rugosa e arroxeadada no terço superior.	Glumela inferior da flor fértil fortemente rugosa e raramente arroxeadada na extremidade.
Cariopse de ca. 1,5 mm de comprimento.	Cariopse maior, com ca. de 2 mm de comprimento.

Sob o ponto de vista histológico não encontramos diferenças sensíveis entre as duas espécies.

### **Melica uniflora** Retz.

Esta Gramínea, considerada rara no país, foi colhida no Douro Litoral, próximo de Arouca, o que alarga a esta província a sua área de distribuição.

*Espécime*: Arouca, encosta da Serra da Freita (maciço da Gralheira), entre Arouca e a Senhora da Guia, numa mata sombria de *Quercus*, 20-VII-1961, J. Paiva, J. Matos & A. Marques 8254 (COI).

*Distribuição*: Trás-os-Montes e Alto Douro (Bragança), Douro Litoral, Beira Alta e Beira Litoral.

**Triglochin palustris L.**

Esta espécie, muito rara em Portugal pois só estava assinalada para Caminha, foi herborizada muito mais a sul, entre as praias da Torreira e do Furadouro.

*Espécime*: Quintas do Norte, entre a Torreira e o Furadouro, terreno lodoso encharcado, 22-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 7966 (COI).

*Distribuição*: Minho e Beira Litoral.

**Narthecium ossifragum (L.) Huds.**

Enquanto PEREIRA COUTINHO (1939) indica as «Serras do Alto Minho» como área de distribuição desta espécie, SAMPAIO (1947) indica as Serras de Castro Laboreiro, Gerês e Barroso. A espécie tem realmente uma distribuição mais vasta no Alto Minho, pois herborizou-se em diversos locais, sendo frequente nos ribeiros das altitudes das Serras da Peneda e Castro Laboreiro.

*Espécimes*: Lamas de Mouro, entre Melgaço e Castro Laboreiro, no leito e nas motas dum ribeiro, 24-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8052 (COI); a 3 km da Senhora da Peneda, no leito e nas motas dum ribeiro, 24-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8072 (COI); a 4 km da Senhora da Peneda, entre a Senhora da Peneda e Lamas de Mouro, incultos encharcados, 24-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8081 (COI); Bouça, pr. do Batateiro, contrafortes da Serra da Peneda, entre Lamas de Mouro e Tangil, nos lameiros, 25-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8133 (COI).

**Paradisialia lusitanica (P. Cout.) Samp.**

Esta espécie existe também na Serra da Peneda, para onde não tinha sido ainda assinalada. Não é de estranhar que assim seja, visto ter sido já colhida na Serra de Castro Laboreiro.

*Espécimes*: a 3 km da Senhora da Peneda, num lameiro encharcado, 24-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8071

(COI); Outeiral, contrafortes da Serra da Peneda, entre Lamas de Mouro e Tangil, junto a um riacho, 25-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8115 (COI).

### **Allium Victorialis L.**

Herborizou-se pela segunda vez na Serra da Peneda (cf. R. BARRETO in Agron. Lusit. 19: 10, 1957), onde era bastante abundante num local elevado, húmido e sombrio, de uma mata de *Quercus*, ao longo de uma linha de água.

*Espécime*: Outeiral, contrafortes da Serra da Peneda, entre Lamas de Mouro e Tangil, local húmido e sombrio, 25-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8109 (COI).

### **Lilium Martagon L.**

Tanto PEREIRA COUTINHO (1939) como SAMPAIO (1947) indicam como extremo norte da área de distribuição desta espécie no nosso país a Serra do Gerês. Foi colhida agora mais ao norte, na Serra da Peneda, num habitat semelhante ao do dos outros locais onde já fora herborizada.

*Espécime*: Outeiral, contrafortes da Serra da Peneda, entre Lamas de Mouro e Tangil, numa mata de *Quercus*, em local húmido e sombrio, 25-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8114 (COI).

*Distribuição*: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro e Beira Alta.

### **Amaranthus hybridus L.**

Herborizámos esta espécie também no Douro Litoral.

*Espécime*: Porto Manso, pr. de Aregos, nos terrenos de cultura das margens do rio Douro, 28-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8239 (COI).

*Distribuição*: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral, Beira Litoral, Beira Baixa, Ribatejo, Estremadura e Algarve.

**Ranunculus Flammula L.**

Na *Flora Portuguesa* (1947), SAMPAIO indica todo o país como área de distribuição desta espécie. Na verdade, foi agora herborizada no Algarve, mas não encontramos qualquer referência para o Ribatejo.

*Espécime*: encosta do Pico da Foia, 11-VI-1960, A. Fernandes, R. Fernandes & J. Matos 7421 (COI).

*Distribuição*: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral, Beiras, Estremadura, Alentejo e Algarve.

**Nigella gallica Jord.**

Esta espécie que, segundo os dados existentes, estaria confinada a Trás-os-Montes e Alto Douro, foi também encontrada no Douro Litoral.

*Espécime*: Porto Manso, pr. de Aregos, margem do rio Douro, 28-VII-1961, J. Paiva, J. Matos & A. Marques 8231 (COI).

*Distribuição*: Douro Litoral e Trás-os-Montes e Alto Douro.

**Malcolmia lacera (L.) DC. forma  
albiflora, nov. forma**

A typo petalis albis differt.

Habitat in locis arenosis maritimis in Praia da Quarteira, 12-VI-1960, A. Fernandes, R. Fernandes & J. Matos 7472 (COI, holotypus).

**Rorippa sylvestris (L.) Bess.**

SAMPAIO, na sua *Flora* (1947), dá para esta espécie a área de distribuição do Minho ao Algarve, enquanto que P. COUTINHO indica a Beira e a Estremadura. Na área de distribuição deve incluir-se também Trás-os-Montes e Alto Douro, onde foi recentemente herborizada.

*Espécime*: pr. de Pinhão, entre Pinhão e Lamego, por entre as gramíneas do leito do rio Douro, 27-VII-1961, J. Paiva, J. Matos & A. Marques 8205 (COI).

**Amelanchier ovalis** Medik.

No Minho, esta espécie aparece não só na Serra do Gerês, mas também na da Peneda.

*Espécime*: Outeiral, contrafortes da Serra da Peneda, entre Lamas de Mouro e Tangil, nas fendas das rochas e numa mata de *Quercus*, 25-VII-1961, J. Paiva, J. Matos & A. Marques 8110 (COI).

**Ononis viscosa** L.

No Baixo Alentejo, *Ononis viscosa* L. habita não apenas na Serra de Serpa (cf. P. COUTINHO, 1939), mas também próximo de Santiago de Cacém.

*Espécime*: pr. de Santiago de Cacém, no caminho para o Cercal, alcantilados das bermas das estradas, 9-VI-1960, A. Fernandes, R. Fernandes & J. Matos, 7296 (COI).

**Medicago Blancheana** Boiss. var. **Bonarotiana**  
(Arcang.) Urb.

Esta Leguminosa, que só estava assinalada para a Estremadura (cf. P. DA SILVA, A. TELES & M. SILVA in Agron. Lus. 14: 16, 1952), foi agora observada no Baixo Alentejo.

*Espécime*: arredores de Beja, nas searas de trigo, 14-VI-1960, A. Fernandes, R. Fernandes & J. Matos 7529 (COI).

*Distribuição*: Estremadura e Baixo Alentejo.

**Anthyllis Dillenii** Schultes ex Loud.

Confirma-se a suposição de P. DA SILVA (in Agron. Lusit. 18, 1956), segundo a qual a distribuição no litoral do Norte indicada por SAMPAIO na *Flora portuguesa* (1947) (sub. *A. vulneraria* L. var. *littorea* Samp.) devia ser correcta, pois que, além de ter sido agora herborizada próximo de Viana do Castelo, encontraram-se no herbário do Instituto Botânico de Coimbra espécimes que vêm confirmar essa distribuição.

*Espécimes*: Praia de Vila do Conde, IV-1884, J. Craveiro s. n. (COI); Viana do Castelo, Cabo da Mós, VI-1886, A. Cunha

91 (COI); Matosinhos, areias marítimas, IV-1901, *Sampaio* 1681 (COI); pr. de Viana do Castelo, praia da Amorosa, nas dunas marítimas, 23-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 7981 (COI).

*Distribuição*: litoral do Minho e Douro Litoral.

### **Ornithopus perpusillus** L.

Herborizou-se esta espécie no Algarve (Pico da Foia), sendo assim mais adequada a distribuição indicada na *Flora* de SAMPAIO (1947): «Todo o país» — pois que a área da planta não se limita às províncias citadas por PEREIRA COUTINHO (1939): Minho, Trás-os-Montes, Douro, Beira e Alto Alentejo.

*Espécime*: Pico da Foia, sienitos, 11-VI-1960, *A. Fernandes, R. Fernandes & J. Matos* 7412 (CCI).

*Distribuição*: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral, Beiras, Alto Alentejo e Algarve.

### **Erodium laciniatum** (Cav.) Willd.

Esta espécie era apenas conhecida dos arredores de Faro, onde WELWITSCH (cf. MARIZ in Bol. Soc. Brot. sér. 1, 8: 168, 1890) a herborizou. Foi recentemente encontrada entre Silves e S. Bartolomeu de Messines.

*Espécime*: a meio do caminho entre Silves e S. Bartolomeu de Messines, encosta de monte calcário, 12-VI-1960, *A. Fernandes, R. Fernandes & J. Matos* 7453 (COI).

*Distribuição*: Algarve.

### **Eryngium Duriaeanum** Gay

Apesar de SAMPAIO (1947) indicar as «Montanhas do Norte» como área desta espécie, ainda não tinha sido assinalada para a Serra da Peneda e maciço da Gralheira, onde foi recentemente herborizada.

*Espécime*: Outeiral, contrafortes da Serra da Peneda, entre Lamas de Mouros e Tangil, 25-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8111 (COI); Arouca, no cimo da Serra da Freita

(maciço da Gralheira), Senhora da Laje, 28-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8259 (COI).

*Distribuição*: Serras da Peneda, Soajo, Gerês, Cabreira, Gralheira e Estrela.

**Carum verticillatum** L. forma **lineatum**

R. Fernandes

Esta interessante forma, que só estava assinalada entre Poceirões e Pegões, foi agora herborizada próximo de Vila do Bispo.

*Espécime*: a 4 km de Vila do Bispo, entre esta vila e Aljezur, terreno encharcado, 10-VI-1960, *A. Fernandes, R. Fernandes & J. Matos* 7394 (COI).

*Distribuição*: Estremadura e Algarve.

**Lilaeopsis attenuata** (Hook. & Arn.) Fern.

Esta Umbelifera, encontrada pela primeira vez em Portugal na margem sul da Lagoa de Mira (cf. R. FERNANDES in An. Soc. Brot. 26: 31, 1960) foi agora colhida junto à ria de Aveiro, entre a Torreira e o Furadouro, onde se encontra bastante espalhada e abundante. No extremo norte da ria, num local em que a planta vegetava em óptimas condições, pois o terreno estava alagado, herborizaram-se espécimes com folhas excepcionalmente longas, atingindo cerca de 42 cm.

*Espécimes*: Quintas do Norte, entre a Torreira e o Furadouro, terreno lodoso, encharcado, 22-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 7967 (COI); entre a Torreira e o Furadouro, no extremo norte da ria de Aveiro, 22-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 7973 (COI).

*Distribuição*: Beira Litoral.

**Laserpitium Nestleri** Soy-Willm.

var. **lusitanicum** P. Cout.

Tal como outras espécies de altitude, esta não estava assinalada ainda ao norte do Gerês. Encontra-se, porém, na Serra da Peneda, onde se herborizou recentemente.

*Espécimes*: Senhora da Peneda, por entre as pedras do leite de um riacho, 24-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8074 (COI); Outeiral, contrafortes da Serra da Peneda, entre Lamas de Mouro e Tangil, numa mata de *Quercus*, 25-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8120 (COI).

### **Vaccinium Myrtillus L.**

Assinale-se a Serra de Castro Laboreiro como mais um local do Alto Minho onde esta espécie vegeta. Foi também herborizada no Douro Litoral, no maciço da Gralheira.

*Espécimes*: a 5 km de Castro Laboreiro, numa mata de *Quercus*, 24-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8056 (COI); Arouca, Serra da Freita (maciço da Gralheira), entre o posto de radar e a Senhora da Guia, num pinhal, 28-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8247 (COI).

*Distribuição*: serras do Alto Minho, do Larouco, Marão, Gralheira e Estrela.

### **Anagallis tenella (L.) L. forma albiflora,** nov. forma

A typo corolla alba differt.

Habitat in locis humidis in *Caramulo* circa S. João do Monte, 23-V-1961, *A. Santos* s. n. (COI, holotypus).

### **Centunculus minimus L.**

A primeira citação desta espécie no Minho é de *Mariz* para Carreço (in Bol. Soc. Brot. sér. 1, 16: 167, 1899). Voltou a herborizar-se nesta província em Esposende.

*Espécime*: Esposende, salgadiços, 23-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 7983 (COI).

*Distribuição*: Minho, Douro Litoral, Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Litoral e Ribatejo.

**Centaureum spicatum** (L.) Fritsch

Colhemos esta Gencianácea em Esposende, o que confirma a área atribuída por SAMPAIO na sua *Flora* (1947) para esta espécie.

*Espécime*: Esposende, salgadiços, 23-VII-1961, J. Paiva, J. Marques & A. Marques 7980 (COI).

*Distribuição*: de Caminha ao Algarve.

**Armeria eriophylla** Willk.

*Armeria eriophylla* Willk. está citada só para o distrito de Bragança e extremo norte do distrito de Vila Real (Pitões e Montalegre). Voltou a colher-se noutra localidade do último distrito.

*Espécime*: Santa Marta do Alvo, entre Ribeira de Pena e Vila Pouca de Aguiar, nas fendas das rochas, 26-VII-1961, J. Paiva, J. Matos & A. Marques 8149 (COI).

*Distribuição*: Trás-os-Montes e Alto Douro.

**Inula salicina** L.

Existe também no Douro Litoral.

*Espécime*: Porto Manso, pr. de Aregos, margem do rio Douro, no cascalho do rio, 28-VII-1961, J. Paiva, J. Matos & A. Marques 8228 (COI).

*Distribuição*: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral e Beira Alta.

**Phalacrocarpum oppositifolium** (Brot.) Willk.

Acrescente-se o Douro Litoral à área de distribuição desta espécie, porquanto foi colhida no maciço da Gralheira. Também se herborizou na Serra da Peneda, para onde não encontramos qualquer referência.

*Espécimes*: Outeiral, contrafortes da Serra da Peneda, entre Lamas de Mouro e Tangil, nas fendas das rochas, 25-VII-

-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8118 (COI); Arouca, Serra da Freita (maciço da Gralheira), entre o posto de radar e a Senhora da Laje, 28-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8246 (COI).

***Cynara algarbiensis* Coss. forma *albiflora*,**  
nov. forma

A typo corolla alba differt.

Habitat in locis incultis, 39 km Beja distantibus, ad margines viae Mértola-Beja, 13-VI-1960, *A. Fernandes, R. Fernandes & J. Matos* 7518 (COI, holotypus).

Foram encontradas plantas de flores completamente brancas, formando uma pequena população bem delimitada, a pouca distância de uma outra de flores róseo-purpúreo carregado e de outra ainda de flores de róseo-lilacinas. A cor dominante é róseo-purpúreo, sendo possivelmente as plantas com flores de colorido intermediário resultantes do cruzamento entre as duas outras formas.

***Hieracium laevigatum* Willd. ssp. *laevigatum***

Esta subespécie estava assinalada para o país só para o Lindoso (cf. VAN SOEST in Mem. Soc. Brot. 6: 98-99, 1950). Foi agora encontrada em Peso, nas margens do Minho.

*Espécime*: Peso, margem do rio Minho, por entre as rochas, 25-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8089 (COI).

*Distribuição*: Alto Minho.

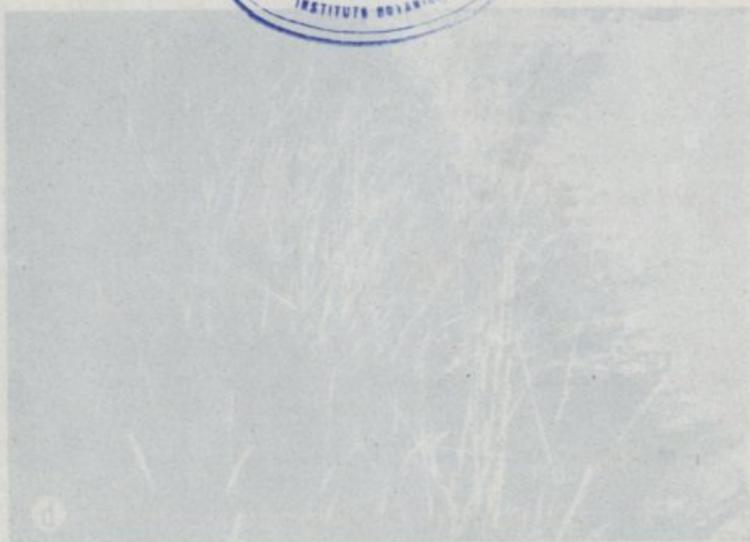




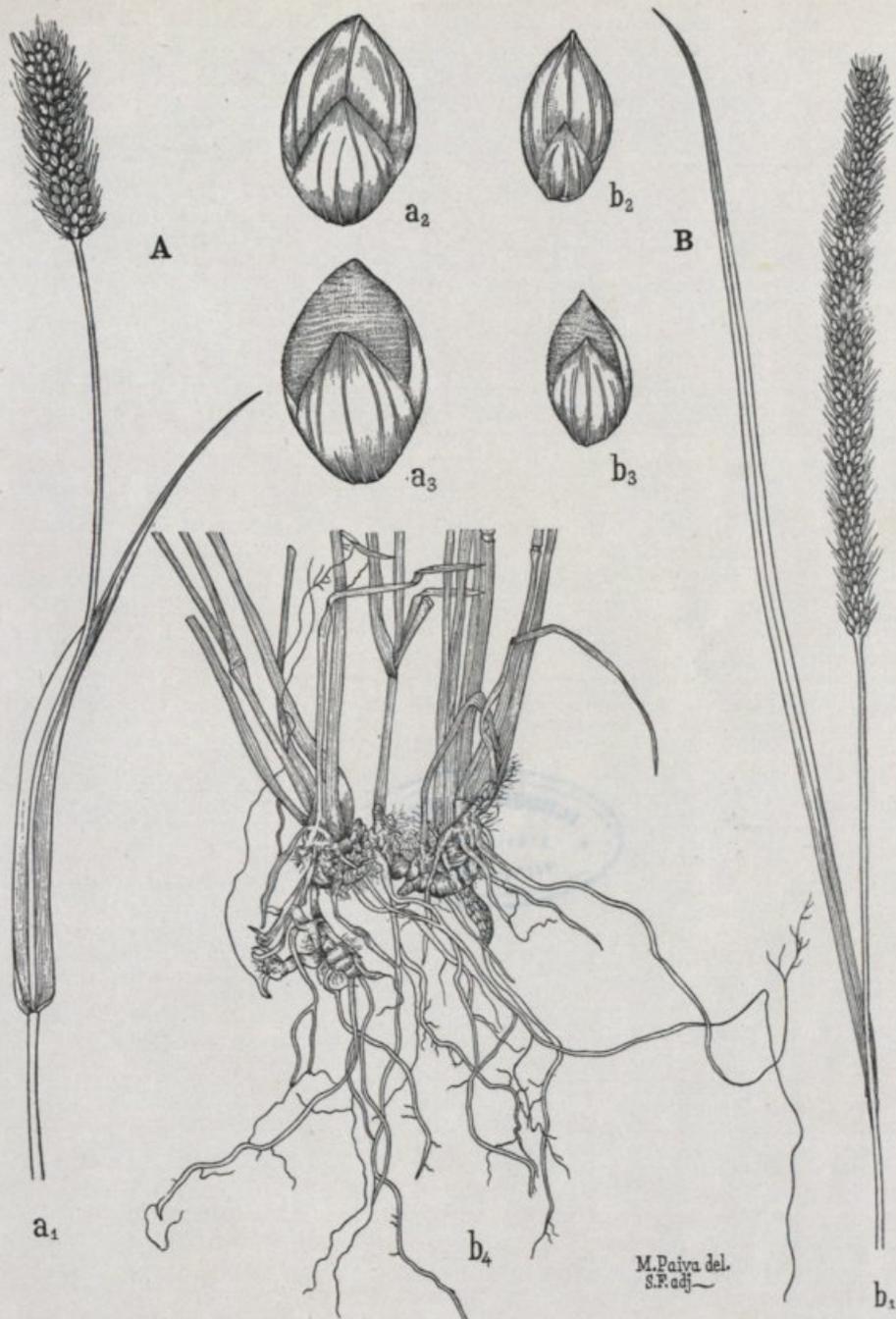


*Setaria geniculata* (Lam.) P. Beauv.

- a — plantas em um inculto próximo de Couto de Cucujães.  
b — plantas na berma da estrada em Branca.



*Setaria verticillata* (Lam.) P. Bennis.  
a — plantas em um campo próximo de Couto de Cucujães.  
b — plantas na beira da estrada em Branca.

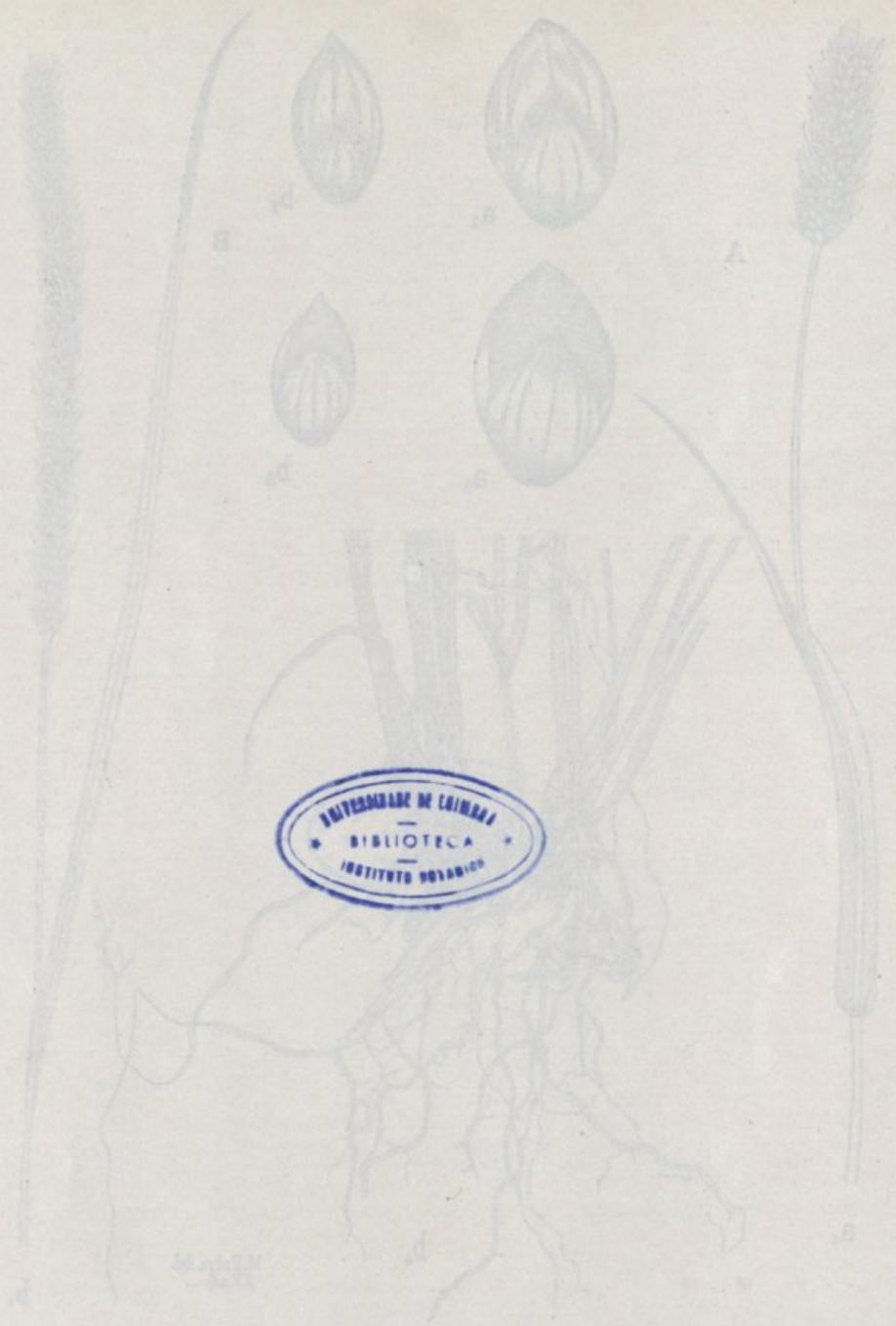


A — *Setaria glauca* (L.) P. Beauv.

$a_1$  — panícula ( $\times 1$ );  $a_2$  e  $a_3$  — espiguetas vistas, respectivamente, pelo lado da gluma inferior e superior ( $\times 10$ ).

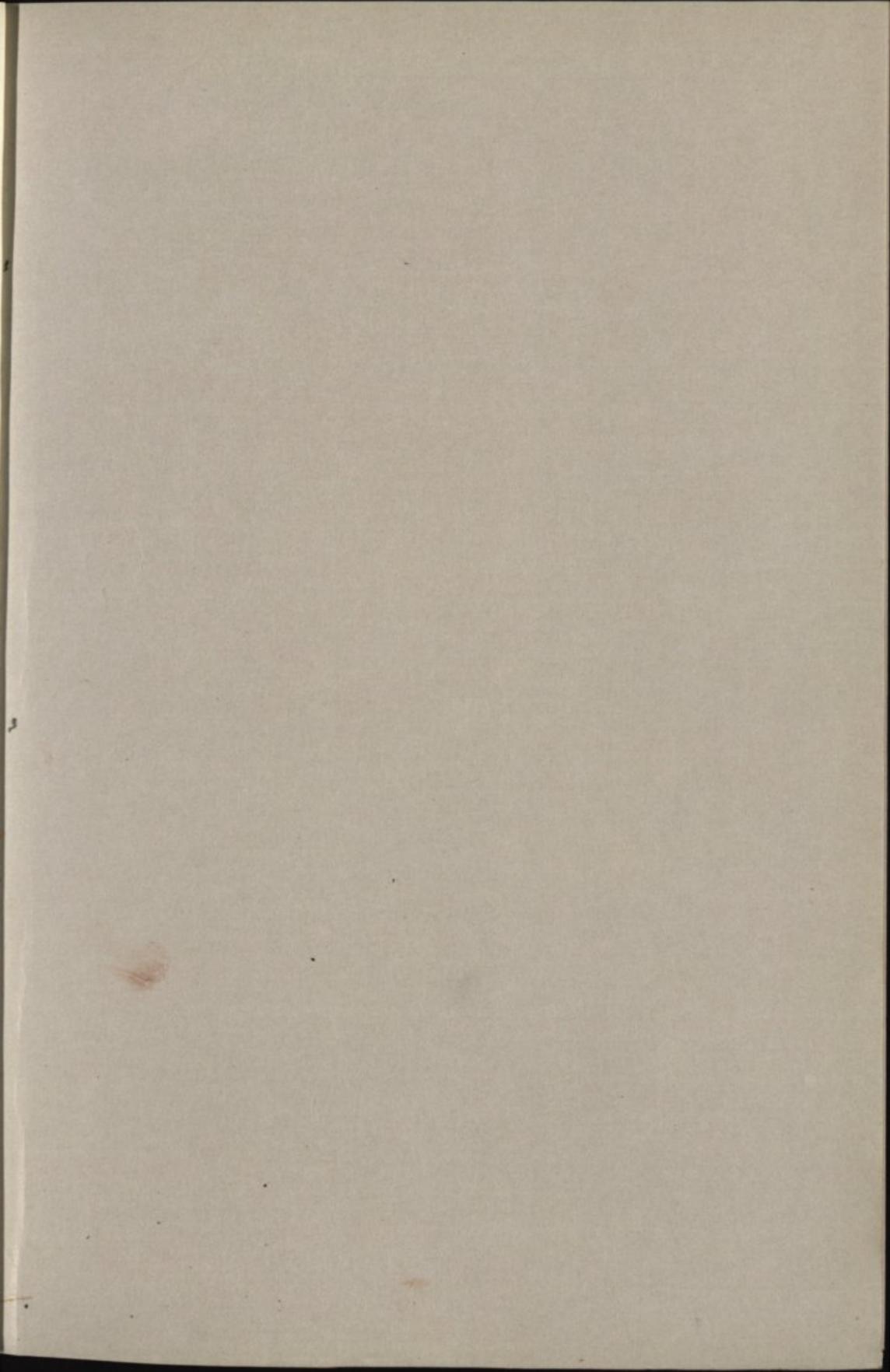
B — *Setaria geniculata* (Lam.) P. Beauv.

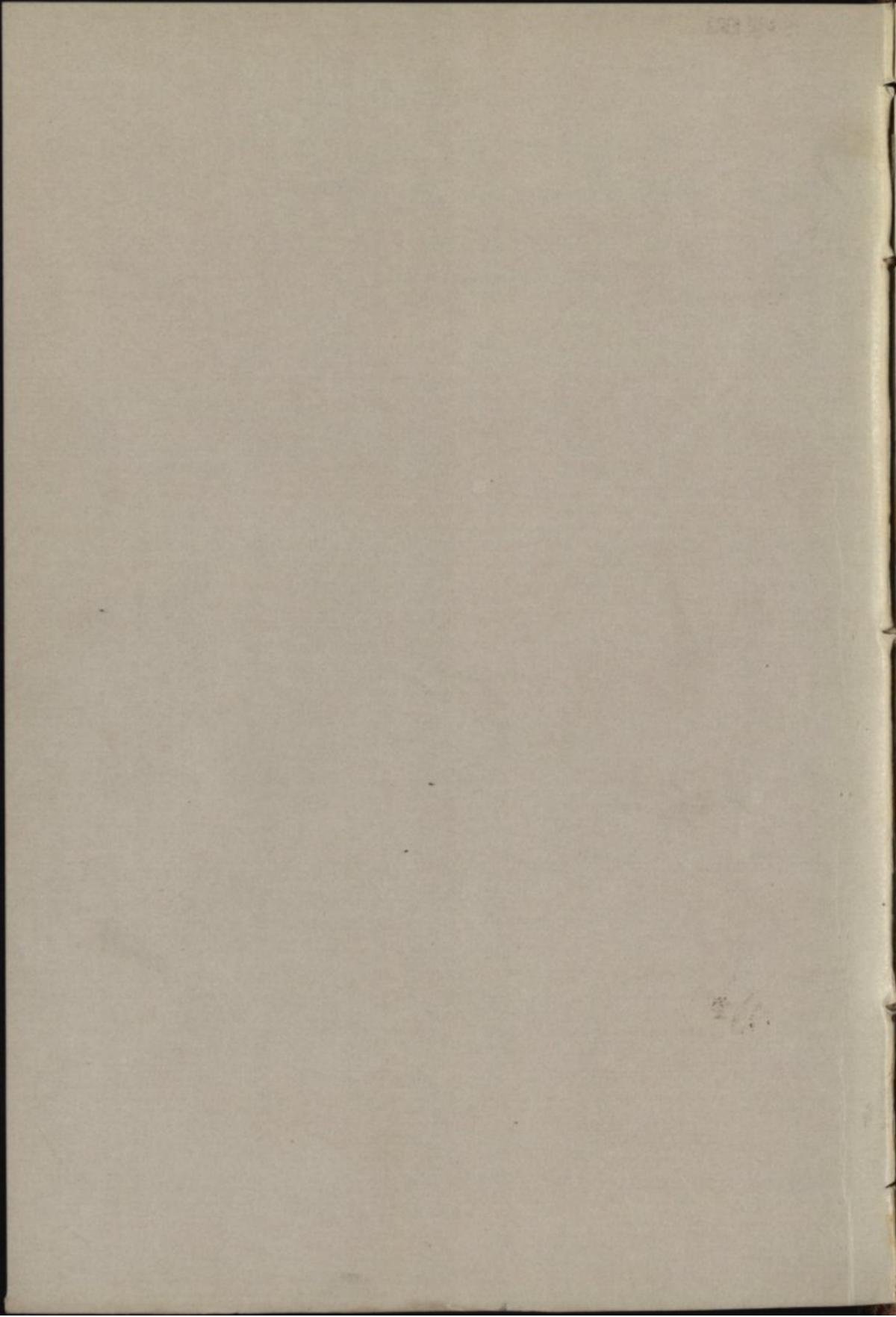
$b_1$  — panícula ( $\times 1$ );  $b_2$  e  $b_3$  — espiguetas ( $\times 10$ );  $b_4$  — rizoma com raízes e a parte inferior de vários colmos ( $\times 1$ ).



UNIVERSIDADE DE CALIFORNIA  
 BIBLIOTECA  
 INSTITUTO BOTANICO

A - *Zebrina glauca* (L.) P. Bosc.  
 a - panícula ( $\times 1$ ); e - gluma - espiguetas vistas respectivamente pelo lado da gluma inferior e superior ( $\times 10$ ).  
 B - *Zebrina pendulata* (Lam.) P. Bosc.  
 b - panícula ( $\times 1$ ); d - e - espiguetas ( $\times 10$ ); f - gluma vista pelo lado inferior de vistas coladas ( $\times 10$ ).





16. MAR 1963

**ANUÁRIO**  
DA  
**SOCIEDADE BROTERIANA**  
**ANO XXVIII**

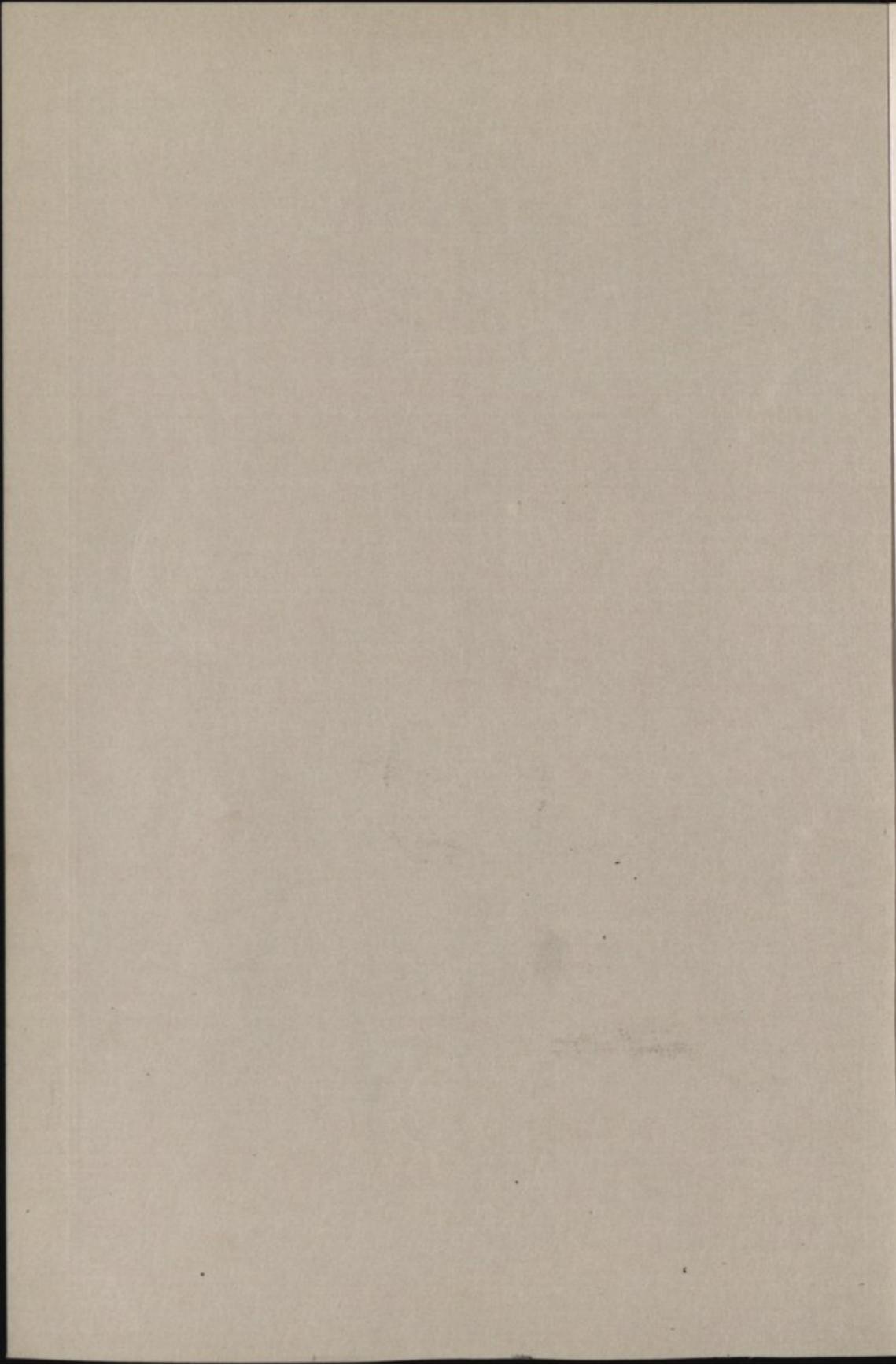
REDACTOR

**PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES**

Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra



COIMBRA  
1962



ANUÁRIO  
DA  
SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XXVIII

ANUÁRIO DA  
SOCIEDADE BROTERIANA

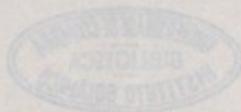
ANO XXVIII

1962



COIMBRA  
1962

ARQUIVO DA  
SOCIEDADE PROTERIANA  
1901



# ANUÁRIO

DA

## SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XXVIII

REDACTOR

PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES

Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra



COIMBRA  
1962

ANUÁRIO  
DA  
SOCIEDADE BROTERIANA  
ANO XXVIII

REDACTOR  
PROF. DR. ARIÑO FERNANDES



Composição e impressão das Oficinas  
da Tip. Alcobacense, Lt. — Alcobaga

1962

# SESSÕES DA SOCIEDADE BROTERIANA

## ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Reunião de 20 de Janeiro de 1962

*Presidência do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. José Ernesto de Mesquita Rodrigues*

**A**BERTA a sessão, foi concedida a palavra ao Presidente da Sociedade, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Prof. Dr. ABÍLIO FERNANDES, que procedeu à leitura do relatório da Direcção referente ao ano de 1961. Esse relatório é do teor seguinte:

«Graças a uma ligeira melhoria das condições financeiras da Sociedade, foi possível publicar no decurso do ano transacto o volume XIV das *Memórias*, o qual é constituído integralmente por uma série de artigos sobre Fungos, da autoria dos eminentes micologistas brasileiros, Prof. A. CHAVES BATISTA e seus colaboradores, J. L. BEZERRA, R. GARNIER DE SOUSA e G. E. PERES. A Sociedade agradece penhoradamente a estes distintos investigadores a valiosa colaboração que lhe prestaram, ao mesmo tempo que manifesta a sua satisfação por ter tido o ensejo de publicar o resultado de estudos realizados no Instituto de Micologia da Universidade do Recife.

Publicou-se igualmente o volume XXXV do *Boletim*, que insere trabalhos de autores portugueses e estrangeiros. Aproveitou o ensejo para apresentar os meus melhores agradecimentos a todos quantos se dignaram prestar-nos a sua colaboração.

Finalmente, deu-se também à estampa o N.º XXVII do *Anuário* que, além das referências à actividade da nossa agre-



miação, contém dois artigos sobre a flora portuguesa, da autoria, respectivamente, da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> D. ROSETTE MERCEDES BATARDA FERNANDES e do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. JORGE AMÉRICO RODRIGUES DE PAIVA.

O movimento da biblioteca foi bastante intenso, tendo-se recebido durante o ano, por permuta e oferta, 2858 volumes e folhetos.

Muito lamento ter de anunciar que a actividade dos sócios no que respeita a trabalhos de herborização foi quase nula. Espero que no próximo ano as condições se modifiquem e tenhamos o prazer de assinalar uma actividade mais intensa.

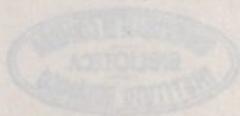
O pessoal do Instituto Botânico continuou, porém, as suas colheitas. As algas estão sendo estudadas pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Dr. JOSÉ ERNESTO DE MESQUITA RODRIGUES e Rev. Cónego MANUEL PÓVOA DOS REIS e as plantas vasculares pela Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> D. ROSETTE MERCEDES BATARDA FERNANDES e pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. JORGE AMÉRICO RODRIGUES DE PAIVA. A todos deixo aqui consignados os melhores agradecimentos da Direcção pelo auxílio prestado».

Terminada a leitura, o Presidente da Assembleia pôs em discussão o relatório da Direcção, o qual foi aprovado.

O Dr. ABÍLIO FERNANDES pediu a palavra para dizer que em 24 de Abril completa 70 anos o sócio honorário Prof. Dr. AURÉLIO PEREIRA DA SILVA QUINTANILHA, que foi vice-presidente da Sociedade desde 1929 a 1935 e a quem se deve, em grande parte, o renascimento do *Boletim*, cuja publicação JÚLIO HENRIQUES estava disposto a terminar em 1920. Por outro lado, o Prof. AURÉLIO QUINTANILHA tem sido um valiosíssimo colaborador dessa revista, porquanto nela publicou vários dos seus notáveis trabalhos. Propõe, portanto, que o volume do *Boletim* referente ao ano de 1962 (vol. XXXVI) seja dedicado ao eminente cientista. Esta proposta foi aprovada por aclamação.

Em seguida, o Dr. ABÍLIO FERNANDES recordou à Assembleia que o XXVI Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências terá lugar no Porto, de 22 a 26 de Junho, insistindo com os sócios para que elaborem comunicações que possam ser apresentadas ao referido Congresso.

Depois o Dr. ABÍLIO FERNANDES referiu-se ao estado financeiro da Sociedade. As contas, que foram aprovadas, mostraram



que, em 31 de Dezembro de 1961, existia em caixa um saldo de 19 444\$70.

Prosseguindo, o Presidente da Direcção disse que a impressão e a distribuição das revistas da Sociedade consomem somas avultadas. Por esse facto, propôs que a Direcção fique autorizada a aplicar os fundos disponíveis na publicação e expedição das referidas revistas, no caso de serem insuficientes as verbas obtidas de outras fontes. Esta proposta foi aprovada.

A Assembleia resolveu reconduzir nos seus cargos os Vogais da Direcção anterior, Ex.<sup>mos</sup> Srs. Prof. Dr. ALOÍSIO FERNANDES COSTA e Rev. Cónego MANUEL PÓVOA DOS REIS.

Resolveu, também, manter em 2\$00 a quota mensal a pagar pelos sócios, continuando com a dispensa do pagamento de jóia.

## DIRECÇÃO

Reunião de 20 de Janeiro de 1962

Presidência do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Abílio Fernandes

Foi resolvido:

- a) Manter as comissões de redacção do *Boletim* e das *Memórias*.
- b) Que, em virtude de o Instituto Botânico se encontrar ainda privado de naturalista, a redacção do *Anuário* fique a cargo do Presidente da Sociedade, que actuará também como Secretário-tesoureiro até ser preenchido o lugar vago.
- c) Instar com os sócios para que realizem trabalhos de herborização, particularmente no domínio das Criptogâmicas.

\* \* \*

Temos o prazer de anunciar a admissão dos seguintes

## NOVOS SÓCIOS

EDMUND LAUNERT, Department of Botany of the British Museum (Natural History), London.

MARIA LEONOR DE SOUSA GONÇALVES, Investigadora do Centro de Botânica da Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa.

MANUEL AUGUSTO MENDES, Engenheiro Silvicultor, Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, Lisboa.

ARMANDO AIRES DE NORONHA, Engenheiro Silvicultor, Lisboa.

FIRMINO ANTÓNIO SOARES, Engenheiro Silvicultor, Missão de Estudos Agronómicos do Ultramar, Lisboa.

NOVOS SÓCIOS

... do Reino Unido, Department of Botany of the British Museum (Natural History), London.

# NOTAS SOBRE A FLORA DE PORTUGAL

## IX

por

**ROSETTE FERNANDES**

Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

**Dryopteris Filix-mas** (L.) Schott subsp. **Filix-mas**

Gen. Fil.: t. 9 (1834).—Malato Beliz in Bol.

Soc. Brot. sér. 2, **34**: 17 (1960)

*Polypodium Filix-mas* L., Sp. Pl. ed. 1: 1090 (1753).—  
Brot., Fl. Lusit. **2**: 397 (1804) p. p.

*Polystichum Filix-mas* (L.) Roth in Mertens, Roem. Arch.  
Bot. **2**: 106 (1799) p. p.—J. Henriq. in Bol. Soc. Brot. sér. 1,  
**12**: 75 (1895) p. p. quoad vars. *genuinum*, *crenatum* et *incisum*.

*Nephrodium Filix-mas* (L.) Rich., Cat. Med. Paris: 129  
(1801).—Samp., Man. Fl. Portuguesa: 8 (1909) p. p.; Fl. Por-  
tuguesa: 13 (1947) p. p.—P. Cout., Fl. Portugal, ed. 1: 40  
(1913), inclus. var. *genuinum* p. p., var. *crenatum* et var. *deorso-  
lobatum* p. p.

*Dryopteris Filix-mas* (L.) Schott var. *genuina* (Milde)  
P. Cout., Fl. Portugal, ed. 2: 44 (1939) p. p.

*Dryopteris Filix-mas* (L.) Schott var. *crenata* (Milde)  
Briquet, Prodr. Fl. Corse, **1**: 9 (1910).—P. Cout., Fl. Portugal,  
ed. 2: 44 (1939).—A. Mendonça et Vasconcellos in An. Inst.  
Vinho Porto: 125 (1944).

*Dryopteris Filix-mas* (L.) Schott var. *deorso-lobata* (Moore)  
Litard. in Bull. Soc. Bot. Deux-Sèvres: 82 (1910).—P. Cout.,  
Fl. Portugal, ed. 2: 44 (1939) p. p.—A. Mendonça et Vascon-  
cellos, *loc. cit.*

Quando, em 1958, fizemos a revisão do material de *Dryopteris Filix-mas* existente no herbário do Instituto Botânico de Coimbra, verificámos que a maioria dos espécimes que aí se encontrava pertencia à subsp. *Borreri* (Newm.) Becher. et von Tavel, mas que certo número deles se deveria incluir no tipo daquele taxon. Notámos também que alguns exemplares, pelos seus caracteres intermediários entre os das duas subespécies, poderiam, possivelmente, atribuir-se ao híbrido *D. × Tavelii* Rothm. Dado o facto de possuímos poucos espécimes de confronto de *D. Filix-mas* subsp. *Filix-mas* e nenhum de *D. × Tavelii* e de, ainda, ROTHMALER e PINTO DA SILVA (in Agron. Lusit. 1: 237, 1939) terem posto em dúvida a existência do primeiro taxon no nosso país<sup>1</sup>, resolvemos reunir elementos que nos permitissem fazer um estudo mais completo do problema. Entretanto, MALATO-BELIZ (*loc. cit.*) publicou uma nota mostrando que, de acordo com a conclusão a que chegara o botânico belga A. LAWALRÉE, alguns espécimes da Serra do Gerês deviam ser atribuídos ao tipo de *D. Filix-mas*. Após isto, pensámos que, para maior segurança na identificação das nossas plantas, era de toda a conveniência fazê-las também examinar por um especialista. Assim, enviámo-las ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. L. REICHLING que tem realizado estudos minuciosos sobre *D. Filix-mas* subsp. *Filix-mas* e subsp. *Borreri* e sobre *D. × Tavelii*. Este distinto pteridologista não só confirmou a determinação que fizéramos de alguns espécimes como *D. Filix-mas* típico, mas também verificou que outros, que tínhamos considerado intermediários, pertenciam, na verdade, ao híbrido *D. × Tavelii* Rothm. E, facto verdadeiramente notável, assinalou, pela primeira vez para o nosso país, a espécie *Dryopteris abbreviata* (Lam. et DC.) Newm., encontrada em algumas localidades da Serra da Estrela<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Ao contrário do que afirmaram ROTHMALER e PINTO DA SILVA (*loc. cit.*), encontram-se em LISU exemplares portugueses de *D. Filix-mas* subsp. *Filix-mas*, como tivemos ocasião de verificar recentemente.

<sup>2</sup> Ao eminente naturalista luxemburguês agradecemos reconhecidamente o auxílio que nos prestou, bem como a oferta de material de *D. × Tavelii*. Esperamos que, numa futura nota, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. L. REICHLING relate o aparecimento de *D. abbreviata* e de *D. × Tavelii* no nosso país.

Fica, assim, definitivamente esclarecido que o tipo de *D. Filix-mas* (L.) Schott se encontra em vários locais de Portugal. Damos, a seguir, a lista dos espécimes existentes no herbário do Instituto Botânico de Coimbra pertencentes a este taxon:

**Trás-os-Montes e Alto Douro:** Montesinho pr. da povoação, VI-1884, *A. Moller* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas* var. *crenatum*); Bragança, rio Fervença, VII-1879, *M. Ferreira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); arredores de Vimioso, Santulhão, VI-1888, *J. Mariz* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); Vimioso, S.<sup>to</sup> Adrião, VIII-1917, *J. Henriques* s. n. (sub *Nephrodium Filix-mas*); Vila Real, IX-1886, *Sofia*... s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*).

**Beira Alta:** serra de Montemuro, 15-IV-1954, *M. F. R. Pinto* s. n.; arredores de Almeida, Junça, VI-1890, *M. Ferreira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); Trancoso, VII-1890, *M. Ferreira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); arredores da Guarda, Pero Soares, VII-1885, *M. Ferreira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas* var. *incisum*); Guarda, VII-1885, *M. Ferreira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas* var. *incisum*); arredores da Guarda, Souto do Bispo, nos lugares sombrios e húmidos, 17-VI-1959, *A. Fernandes, J. Matos et A. Sarmento* 6713; Gouveia, VII-1890, *M. Ferreira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*).

**Beira Baixa:** serra da Estrela, Teixoso, VI-VII-1881, *A. R. Cunha* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); serra da Pampilhosa, VIII-1881, *J. Henriques* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*).

**Beira Litoral:** pr. Coimbra, Quinta dos Maias, V-1884, *Barros e Cunha* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*).

**Estremadura:** serra de Sintra, 18-II-1839, *Welwitsch* 5 (sub *Aspidium Filix-mas*).

*Dryopteris Filix-mas* subsp. *Filix-mas* encontra-se, pois, no Minho (Gerês), Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Alta, Beira Baixa, Beira Litoral e Estremadura, sendo possível que o exame do material de outros herbários mostre que aparece ainda noutras províncias (Douro Litoral e Alto Alentejo).

**Dryopteris Filix-mas** (L.) Schott subsp. **Borreri**(Newm.) Becher. et von Tavel<sup>1</sup> inBer. Schweiz. Bot. Gesellsch. **43**: 39 (1934). —P. Silva et Sobrinho in Agron. Lusit. **12**: 239(1950) exclus. specim. *F. Sousa et Santos* 33

*Dryopteris Borreri* Newm., Hist. Brit. Ferns, ed. 3: 189 (1854).—Rothmaler et P. Silva in Agron. Lusit. **1**: 237 (1939).

*Polypodium Filix-mas* sensu Brot., Fl. Lusit. **2**: 397 (1804) p. p.

*Polystichum Filix-mas* sensu J. Henriq. in Bol. Soc. Brot. sér. 1, **12**: 75 (1895) p. p.

*Nephrodium Filix-mas* sensu Samp., Man. Fl. Portuguesa: 8 (1909) p. p.; Fl. Portuguesa: 13 (1947) p. p.

*Nephrodium Filix-mas* (L.) Rich. var. *Borreri* (Newm.) Rouy, Fl. Fr. **14**: 408 (1913).—P. Cout., Fl. Portugal, ed. 1: 40 (1913).

*Dryopteris Filix-mas* (L.) Schott var. *Borreri* Newm., Hist. Brit. Ferns, ed. 3: 189 (1854).—P. Cout., Fl. Portugal, ed. 2: 44 (1939).

Pertencem a este taxon os seguintes exemplares do herbario do Instituto Botânico de Coimbra, muitos deles ali referidos ao tipo de *Dryopteris Filix-mas* (L.) Schott<sup>2</sup>:

<sup>1</sup> ROTHMALER (in Boissiera, **7**: 168, 1943) considera *Dryopteris paleacea* (Sw.) Hand.-Mazz. (= *Aspidium paleaceum* Sw., 1806), descrito sobre um exemplar do Peru, idêntico a *Dryopteris Borreri* Newm. (1854), o qual se baseou sobre uma planta da Inglaterra. Além disso, introduz na sinonímia desse taxon vários outros, baseados em espécimes do México, Himalaia, Hawai, etc., visto, segundo a sua opinião, se tratar apenas de uma única espécie de larga distribuição. Outros autores, como A. LAWALRÉE (in Bull. Soc. R. Bot. Belg. **90**: 27, 1957), pensam que o problema não está suficientemente esclarecido e adoptam, provisoriamente, para a planta europeia, o nome *D. Borreri*. Na categoria de subespécie, porém, o caso simplifica-se, pois que, quer *Aspidium paleaceum* Sw. e *Dryopteris Borreri* Newm. sejam ou não idênticos, a combinação a adoptar é *Dryopteris Filix-mas* subsp. *Borreri* (Newm.) Becher. et von Tavel.

<sup>2</sup> Embora os exemplares tenham sido quase todos etiquetados como *Polystichum Filix-mas*, J. HENRIQUES reconheceu bem que a entidade mais difundida no nosso país é a subsp. *Borreri*, visto afirmar (*loc. cit.*): «A forma predominando pôde referir-se á var. *paleaceum*, Moore». Notou ainda que essa variedade é bem diferente do tipo de *Dryopteris Filix-mas*, pois consi-

**Minho:** Melgaço, VI-1894, *A. Moller* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*<sup>1</sup>); arredores de Melgaço, S. Gregório do Minho, VI-1894, *A. Moller* s. n.; a 5 km de Castro Laboreiro, 24-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos et A. Marques* 8054; margem da ribeira de Âncora, VI-1886, *A. R. Cunha* 198 (sub *Polystichum Filix-mas*); serra do Soajo, Soajo pr. Lima, VI-1890, *A. Moller* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); serra do Gerês, V-1884, *A. Moller* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); serra do Gerês, entre S. Bento da Porta Aberta e Covide, 9-VII-1948, *A. Fernandes et Sousa* 2633; serra do Gerês, Albergaria, margens do rio Homem, 17-VIII-1948, *F. Sousa et A. Santos* 10, 11; arredores de Braga, III-1883, *A. Sequeira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*).

**Douro Litoral:** S. Pedro da Cova, VIII-1880, *A. Schmitz* 50 (sub *Polystichum Filix-mas*); Castelo de Paiva, 22-II-1898, *J. Salema* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*).

**Beira Alta:** serra da Lapa e mata de Vide, VII-1890, *M. Ferreira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); Aguiar da Beira, VII-1890, *M. Ferreira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); vale do Vouga, Ponte da Gaia, Arcozelo das Maias, 4-V-1953, *A. Fernandes, R. Fernandes et F. Sousa* 4351; Viseu, margens do Dão, VII-1886, *M. Ferreira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); Sabugosa, VII-1886, *M. Ferreira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); Tondela, VII-1886, *M. Ferreira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); Covas do Rio, Portas do Inferno, VIII-1901, *J. Henriques* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); serra do Caramulo, Macieira, VI-1884, *M. Ferreira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); Caramulo, IV-1903, *J. Henriques* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); Tábua, V-1883, *A. Costa Carvalho* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas* var. *genuinum*); estrada de Santa Comba Dão a Tábua, margens do rio Dão, 17-VI-1954, *J. Matos, A. Matos et A. Marques* 5055; arredores de Gouveia, S. Paio, VII-1890, *M. Ferreira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); Figueiró da Serra,

---

derou pertencentes às vars. *genuina*, *crenata* e *incisa* deste taxon exemplares, respectivamente, de Trancoso, Almeida, Bragança, Vimioso, Guarda e Pero Soares (ver a lista da pág. 11), que, de facto, se lhe devem referir.

<sup>1</sup> Nesta lista e nas dos taxa seguintes colocamos entre parênteses, à frente do número de colheita, a determinação primitiva, quando ela se encontrava em desacordo com a nossa.

VI-1890, *M. Ferreira* s. n.; Algodres, VIII-1892, *M. Ferreira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); entre Celorico e Fornos, VII-1885, *M. Ferreira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas* var. *genuinum*); Guarda, VII-1885, *M. Ferreira* s. n.; Guarda, vale do Chafariz do Souto do Bispo, 24-VII-1950, *A. Fernandes et J. Matos* 3497; Guarda, Salgueirais, 18-IX-1954, *A. Fernandes, J. Matos et A. Matos* 5180; serra da Estrela, Senhora do Desterro, VIII-1881, *J. Henriques* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*).

**Beira Litoral:** Buçaco, IV-1885, *F. Loureiro* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); Buçaco, s. d., *A. Schmitz* 2036; Coimbra, pinhal do Vale de Canas, 1875, *A. Moller* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); Coimbra, Quinta de Santa Cruz, V-1855, *Lopes Manita* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); Ponte da Mucela, Moura Morta, V-1892, *M. Ferreira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*); Ceira, 5-IV-1960, *M. L. V. Chuva* s. n.; Góis, Ponte do Sótão, VI-1883, *J. Henriques* s. n.; Lousã, X-1892, *M. Ferreira* s. n.

**Beira Baixa:** Cernache do Bonjardim, VII-1890, *F. Sá Marnito* 183.

**Ribatejo:** Ferreira do Zêzere, V-1914, *M. Ferreira* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas*).

### ***Dryopteris* × *Tavelii* Rothm.**

Candollea, 10: 92 (1943-46)

*Dryopteris Filix-mas* subsp. *Filix-mas* × *D. Filix-mas* subsp. *Borreri* (= *Dryopteris Filix-mas* × *D. paleacea*).

Em 1953, L. REICHLING<sup>1</sup> incluiu Portugal na área de distribuição deste híbrido. Recentemente, o mesmo botânico identificou como *D. × Tavelii* Rothm. vários espécimes que lhe enviámos e nós própria determinámos depois mais alguns. Não é de estranhar que este híbrido se encontre no nosso país, dada

<sup>1</sup> Cf. «*Dryopteris paleacea* (Sw.) Handel-Mazzetti et *Dryopteris × Tavelii* Rothmaler au Grand-Duché de Luxembourg et en Belgique» in Bull. Soc. R. Bot. Belg. 86: 39 (1953). Neste magnífico estudo, ilustrado com belas fotografias e desenhos elucidativos, o autor analisa minuciosamente sob os pontos de vista morfológico, fenológico, etc. os dois taxa acima indicados e apresenta um quadro com os seus caracteres diferenciais relativamente aos de *D. Filix-mas* subsp. *Filix-mas*.

a coexistência dos dois progenitores em vários locais (vejam-se as listas da distribuição de *D. Filix-mas* subsp. *Filix-mas* e subsp. *Borreri*), como na serra do Gerês, Guarda, serra da Estrela, etc. Na lista seguinte figuram unicamente os exemplares que REICHLING não estudou, visto contarmos que, em trabalho a publicar brevemente, este botânico cite aqueles que lhe enviámos.

*Espécimes*: Gerês, Carris, 17-VIII-1948, *F. Sousa et A. Santos* 33 (sub *Dryopteris Filix-mas* var. *Borreri*); Parambos, 25-VIII-1952, *F. X. R. Ferrand de Almeida* s. n.; Parambos, Canelha, 18-III-1953, *A. P. dos Santos* s. n.; serra da Estrela, Sabugueiro, VII-1914, *M. Ferreira* s. n. (sub *D. Filix-mas*); Oliveira do Conde, Vale Travesso, VI-1886, *A. Moller* s. n. (sub *Polystichum Filix-mas* var. *genuinum*).

**Phleum phleoides** (L.) H. Karst.

Deutsche Fl.: 374 (1880-1883).—Rothmaler et  
P. Silva in Agron. Lusit. 1: 242 (1939)

*Phalaris phleoides* L., Sp. Pl. ed. 1, 1: 55 (1753).

*Phleum Boehmeri* Wibel, Prim. Fl. Werth.: 125 (1799).—  
J. Henriq. in Bol. Soc. Brot. sér. 1, 20: 32 (1903).—Samp., Man.  
Fl. Portuguesa: 49 (1910); Fl. Portuguesa: 59 (1947).—  
P. Cout., Fl. Portugal, ed. 1: 71 (1913); *op. cit.*, ed. 2: 82  
(1939).—Rozeira in An. Fac. Ciênc. Porto, 28: 57 (1943).

Esta espécie, muito rara em Portugal, visto ter sido colhida apenas em duas localidades da província de Trás-os-Montes e Alto Douro—Freixo de Espada-à-Cinta (*Mariz*) e Bragança (*Sampaio*)—foi herborizada recentemente na Beira Baixa.

*Espécime*: estrada Covilhã-Fundão, nas moitas de *Quercus pyrenaica*, 20-VI-1959, *A. Fernandes, J. Matos et A. Sarmento* 6830 (COI).

*Distribuição*: Trás-os-Montes e Alto Douro e Beira Baixa.

**Butomus umbellatus** L.

Na área de distribuição desta espécie, passa a incluir-se a Beira Baixa, onde a planta foi pela primeira vez herborizada em 1959.

*Espécime*: Vila Velha de Ródão, leito do Tejo, entre os calhaus de uma ilhota junto à margem direita, 21-VI-1959, A. Fernandes, J. Matos et A. Sarmento 6878 (COI).

De acordo com a moderna divisão em províncias, *Butomus umbellatus* tem a seguinte área de

*Distribuição*: Beira Litoral, Beira Baixa, Ribatejo e Estremadura.

BROTERO (Fl. Lusit. 2: 53, 1804) cita-o também para o Douro. Não se encontram, porém, nos herbários exemplares que nos levem a confirmar a existência da espécie naquele rio.

**Minuartia tenuifolia** (L.) Hiern subsp. **tenuifolia**  
var. **hybrida** (Vill.) Briquet

Encontrou-se em nova localidade (2.<sup>a</sup> citação) do Alto Alentejo.

*Espécime*: interior do castelo de Marvão, sobre xistos, 22-VI-1959, A. Fernandes, J. Matos et A. Sarmento 6975 (COI).

**Cerastium brachypetalum** Pers.  
subsp. **tauricum** (Spreng.) Murb.

Este taxon, com uma distribuição tão dispersa no nosso país, encontra-se também na Beira Alta.

*Espécime*: arredores da Guarda, Souto do Bispo, 17-VI-1959, A. Fernandes, J. Matos et A. Sarmento 6705 (COI).

*Distribuição*: Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Alta Beira Litoral, Beira Baixa (Cernache do Bonjardim<sup>1</sup>), Estremadura e Algarve.

<sup>1</sup> W. MÖSCHL, no seu estudo sobre os *Cerastia* portuguesas (in Agron. Lusit. 13: 52, 1951), certamente por lapso, não inclui a Beira Baixa na lista das províncias onde tem sido herborizado *C. brachypetalum*, embora no mapa da distribuição (pág. 53) esta localidade esteja representada.

**Papaver Argemone L. var. Argemone**

Estenda-se a área de distribuição deste taxon até ao Alto Alentejo.

*Espécime*: na descida da serra de Portalegre, a 2 km da cidade, entre Reguengo e Portalegre, nos campos cultivados, 23-VI-1959, A. Fernandes, J. Matos et A. Sarmento 7001 (COI).

**Cheiranthus Cheiri L.**

Em 1948 (in Bol. Soc. Brot. sér. 2, 22: 55), foi assinada a presença desta espécie nos muros do castelo de Vila Viçosa. Mais recentemente, encontrou-se, também no Alto Alentejo, nos muros do castelo de Castelo de Vide, outra localidade que, como aquela, não tinha sido referida por COUTINHO. Continua, como se vê, a verificar-se a preferência de *Cheiranthus Cheiri* L. pelas muralhas de antigas fortalezas.

*Espécime*: Castelo de Vide, muralhas do castelo, 24-VI-1959, A. Fernandes, J. Matos et A. Sarmento 7009 (COI).

**Descurainia Sophia (L.) Prantl**

in Engl. et Prantl, Nat. Pfl.-Fam, III. 2: 192  
(1891).—P. Cout., Fl. Portugal, ed. 1: 254  
(1913); *op. cit.*, ed. 2: 305 (1939)

*Sisymbrium Sophia* L., Sp. Pl. ed. 1, 2: 659 (1753).—Brot., Fl. Lusit. 1: 587 (1804).—Mariz in Bol. Soc. Brot. sér. 1, 3: 88 (1885).—Samp., Man. Fl. Portuguesa: 197 (1910); Lista Esp. Herb. Port.: 56 (1913); Fl. Portuguesa: 234 (1947).

*Descurainia Sophia* não é planta frequente entre nós, como o demonstra o pequeno número de localidades onde tem sido encontrada. A sua área, que até à data se limitava às províncias de Trás-os-Montes e Alto Douro (Miranda e Barca d'Alva), Beira Alta (Almeida) e, possivelmente como adventícia, ao Douro Litoral (Porto), estende-se, porém, muito mais para o Sul, em virtude de ter sido encontrada em Vila Velha de Ródão.

*Espécime*: Vila Velha de Ródão, margem direita do Tejo, terreno areno-lodoso, 21-VI-1959, A. Fernandes, J. Matos et A. Sarmiento 6911 (COI).

### **Thlaspi perfoliatum L.**

Esta Crucífera, encontrada sobretudo na Estremadura, aparece também, mas com menor frequência, tanto ao norte como ao sul dessa província. Com efeito, ao norte, foi apenas assinalada para Bragança, e, ao sul, para Torrão e Serpa. Deste modo, não se justificava, até agora, a área indicada por SAMPAIO «desde Trás-os-Montes ao Alentejo». Uma tão grande descontinuidade na distribuição da planta fica, no entanto, em parte preenchida pelo seu encontro na Beira Litoral.

*Espécime*: estrada Coimbra-Cantanhede, pr. ramal para Portunhos, 16-III-1957, A. Fernandes, R. Fernandes et J. Matos 6136 (COI).

*Distribuição*: Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Litoral, Estremadura e Baixo Alentejo.

### **Agrimonia Eupatoria L. subsp. odorata (Gouan) Hook.**

A área ocupada por este taxon no nosso país deve, possivelmente, alargar-se bastante. Com efeito, como tivemos ocasião de verificar no herbário do Instituto Botânico de Coimbra, alguns espécimes que, pelos caracteres das folhas (número de glândulas, vilosidade e forma dos folíolos), foram identificados como *A. Eupatoria* L., deveriam antes atribuir-se à subsp. *odorata*. Atendendo, porém, a que a semelhança entre os dois taxa é muito grande e a que a maior parte desses exemplares duvidosos é destituída de frutos maduros, os quais fornecem os caracteres distintivos mais valiosos, torna-se difícil afirmar com precisão se, de facto, pertencem à subsp. *odorata* (Gouan) Hook. ou à subsp. *Eupatoria*<sup>1</sup>. Um deles, no entanto, apesar

<sup>1</sup> Poderão considerar-se esses espécimes como híbridos? ASCHERSON et GRAEBNER (Syn. Mitteleur. Fl. 6, 1: 425, 1902) referem um híbrido entre *Agrimonia Eupatoria* L. e *A. odorata* (Gouan) Mill. Sendo a primeira uma

da sua pubescência bastante densa, deve introduzir-se no primeiro taxon. Trata-se de um espécime colhido no Fundão, por ZIMMERMANN. Recentemente, herborizou-se também a planta no Alto Alentejo.

*Espécimes*: mata do Fundão, 5-VII-1900, Zimmermann s. n. (COI); arredores de Castelo de Vide, substrato de um souto, 22-VI-1959, A. Fernandes, J. Matos et A. Sarmento 6962 (COI).

***Euphorbia androsaemifolia* Willd.<sup>1</sup>**

Enum. Pl. Horti Berol. Suppl.: 27 (1814).

— Daveau in Bol. Soc. Brot. sér. 1, 3: 31

(1885). — P. Cout., Fl. Portugal, ed. 1: 390

(1913) p. p.; *op. cit.*, ed. 2: 465 (1939) p. p.

*Tithymalus androsaemifolius* (Schousb. ex Hornem.) Samp., Fl. Portuguesa: 184 (1947).

Encontrou-se este taxon em nova localidade do Alto Alentejo.

*Espécime*: Salvador, no cruzamento das estradas para Marvão e Galegos, nas bermas da estrada, 24-VI-1959, A. Fernandes, J. Matos et A. Sarmento 7035 (COI).

*Distribuição*: Ribatejo, Alto Alentejo e Algarve.

planta diplóide ( $2n=28$ ) e a segunda tetraplóide ( $2n=56$ ), é de esperar que do cruzamento entre as duas resultem indivíduos triplóides estéreis. Assim se explicaria o facto de, nesses indivíduos de determinação duvidosa, a inflorescência ser muito pobre e de os frutos se não terem desenvolvido completamente, embora alguns exemplares tivessem sido herborizados em época em que normalmente os frutos já estão maduros. ASCHERSON et GRAEBNER fazem também notar que no híbrido o « Blüthentraube bei vorge-rückter Blüthzeit meist nur im oberen Theile mit jungen Scheinfrüchten besetzt, da dieselben stets fehlschlagen, im unteren Theile die Früchte alle abgefallen. Pollen fehlschlagend ».

<sup>1</sup> O autor desta espécie é WILLDENOW e não HORNEMANN como pretendem BOISSIER (in DC., Prodr. 15, 2: 162, 1862) e ROUY (Ill. Pl. Eur. Rar. 8: 65, 1896). A descrição que HORNEMANN dá de *E. androsaemifolia* foi publicada posteriormente à de WILLDENOW, em 1815 (in Hortus Reg. Bot. Hafn. 2: 508, 1815).

É com grande reserva que atribuímos autonomia específica a *E. androsaemifolia*. Esta espécie, baseada em plantas colhidas por SCHOUSBOË no Alentejo, foi considerada por BOISSIER (in DC., Prodr. 15, 2: 162, 1862) distinta de *E. Esula* L., se bem que tão próxima dela que aquele autor interroga «An tamen adhuc hujus varietas?». ROUY (Ill. Pl. Europae Rar. 8: 65, t. 196, 1896), que estudou plantas portuguesas herborizadas por DAVEAU nas margens do Sorraia, estabeleceu as distinções entre *E. androsaemifolia* e a var. *salicetorum*<sup>1</sup> (Jord.) Rouy de *E. Esula*, taxon com o qual ela mais se assemelha. O estudo a que procedemos mostrou-nos que os caracteres distintivos invocados por ROUY não são de grande valor, porquanto, na própria colheita de DAVEAU, alguns espécimes (folha de herb. 24 453, LISU) apresentam caules menos espessos e mais baixos, folhas menores, particularmente mais estreitas, e menor número de ramos por baixo da umbela terminal do que ROUY indica para *E. androsaemifolia*, aproximando-se, bastante esses espécimes da var. *salicetorum* de *E. Esula*. Além disso, um exemplar do Douro mostra, ao lado de um fragmento nitidamente pertencente a *E. Esula* L., um outro intermediário entre esta espécie e as plantas do Sorraia e de Marvão.

É muito possível que *E. androsaemifolia* represente o extremo limite da variação de *E. Esula* L. no que respeita à robustez do caule e às grandes dimensões das folhas, não passando, provavelmente, de uma forma a colocar nas proximidades de *E. mosana* Lej. e de *E. salicetorum* Jord.<sup>2</sup>, as quais, em HEGI (Ill. Fl. Mitt.-Eur. 5, 1: 171), são reduzidas à categoria de formas, dentro de *Euphorbia Esula*.

O espécime colhido por SAMPAIO em Tavira e por ele referido a *E. androsaemifolia* parece, pela forma das folhas e das glândulas do ciato, pertencer a *E. medicaginea* Boiss. var.

<sup>1</sup> BOISSIER (*loc. cit.*) considera este taxon sinónimo de *E. androsaemifolia*.

<sup>2</sup> Vimos no herbário do Jardin Botanique de l'État, em Bruxelas, o tipo e vários outros exemplares de *E. mosana* Lej. e também alguns espécimes de *E. salicetorum*, o que veio reforçar mais ainda a nossa opinião, baseada, a princípio, apenas na observação de pequeno número de espécimes desse taxa existentes no herbário geral de Coimbra.

*oblongifolia* J. Ball (desse local existem em COI dois outros exemplares de *E. medicaginea*, um colhido por MOLLER e outro por PAU). Os caracteres atribuídos por SAMPAIO a *E. androsaemifolia*, isto é, folhas chanfradas no cimo e serrilhadas não se encontram nesta última espécie mas em *E. medicaginea*.

### **Euphorbia Esula L.**

Esta espécie, que COUTINHO não refere, encontra-se, na verdade, no nosso país, conforme SAMPAIO já assinalara em 1910 (Man. Fl. Portuguesa: 155).

*Espécimes*: vale do Sabor, Izeda pr. Bragança, 19-VI-1932, Carrisso et Mendonça 2308 (COI); Moncorvo, margem do Sabor, Vau, VI-1941, G. Pedro 1651 (LISI); Lagoaços, vertente para o Douro, IV-1944, Mendonça et Vasconcellos 6245 (LISI); entre a estação do C. F. de Ferradosa e a ponte, margem do Douro, 20-IV-1942, G. Pedro 3361 (LISI); entre Castelo Melhor e a Foz do Coa, VI-1942, G. Barbosa et M. Myre 4277 (LISI); Régua, in rupestris schistosis ad ripas fl. Durii pr. Bagauste, 3-VI-1939, W. Rothmaler et P. Silva 15 905 (LISE); Vila Nova de Gaia, Quebrantões, VI-1899, Sampaio s. n. (COI; LISU).

Segundo CHASSAGNE (Fl. Auvergne, 1: 294, 1956), *E. Esula* L. comporta-se como uma espécie de migração recente, chegando, em certas regiões da França, a desaparecer por períodos de 100 anos e instalando-se, em meios variáveis, sob formas pouco estáveis. Como já se disse, é provável que *E. androsaemifolia* represente apenas uma das muitas formas sob as quais *E. Esula* pode apresentar-se.

### **Cuscuta approximata** Babingt.

Ann. Mag. Hist. 13: 253 (1844). — P. Cout., Notas da Flora de Portugal, 5: 14 (1921); Fl. Portugal, ed. 2: 584 p. p. quoad spec. Beirae Merid.

*C. Epithimum* sensu auct. lusit. p. p.

*C. alba* sensu Mariz in Bol. Soc. Brot. sér. 1, 17: 176 (1900) p. p.

*C. Epithymum* (L.) L. raça *approximata* (Babingt.) Samp., Man. Fl. Portuguesa: 384 (1913) p. p. quoad specim. «de Bragança» et «da Serra da Estrela»; Fl. Portuguesa: 463 (1947) idem<sup>1</sup>.

Esta espécie tem sido confundida pelos botânicos portugueses principalmente com *C. Epithymum* (L.) L. e com *C. planiflora* Ten.

P. COUTINHO (Fl. Portugal, ed. 1: 491, 1913) referiu a *C. approximata* um exemplar de Mourão que, de acordo com as nossas observações, deve ser incluído em *C. planiflora*. Mais tarde, atribuiu também a *C. approximata* uma planta herborizada em Castelo-Novo, na Beira Baixa. É de estranhar, porém, que não tenha consultado os herbários do Porto e de Coimbra onde se encontravam, correctamente identificados, já em 1909, por SAMPAIO e por TRABUT, alguns espécimes de Trás-os-Montes e da Beira Alta. SAMPAIO, no seu «Manual» e depois na «Flora Portuguesa», atribui a esta espécie uma área que se estenderia de Bragança ao Algarve, o que não é exacto. Essa tão vasta área resulta de muitos exemplares do seu herbário estarem mal determinados.

*C. approximata* Babingt. é um taxon bem caracterizado e facilmente separável quer de *C. Epithymum*, quer de *C. planiflora* Ten. Entre os seus caracteres mais salientes, referiremos os seguintes: os segmentos do cálice são curtamente romboidais, quase trilobados, obtusiúsculos ou apiculados, sobrepondo-se pelos bordos principalmente na frutificação, tornando-se nesta altura um pouco acrescentes e com a nervura mediana fortemente espessada no cimo; pelo menos no seco, são muito rígidos e translúcidos, percorridos por um retículo de malhas relativamente largas, muito visível (paredes das células?); a

<sup>1</sup> Para a restante sinonímia, consulte-se L. TRABUT, Les Cuscutes du Nord de l'Afrique (in Bull. Soc. Bot. Fr. sér. 4, 54: 39, 1907).

Na interpretação deste taxon e de *C. planiflora* seguimos a opinião de L. TRABUT que é também a de T. G. YUNCKER, especialista do género *Cuscuta*. Vimos no herbário de Kew exemplares de *C. approximata* e de *C. planiflora*, determinados por este último naturalista e que concordam com os nossos, na aceção que lhes demos.

corola possui lobos obtusos, os quais se dispõem horizontalmente, sobrepondo-se também um pouco pelos bordos.

Damos a seguir a lista dos espécimes portugueses, percententes a *C. approximata*:

**Trás-os-Montes e Alto Douro:** serra de Rebordãos pr. povoação, VII-1897, *J. de Mariz* s. n. (COI, sub *C. alba* redet. Trabut); ao km 4 da estrada Bragança-Portelo-fronteira, 25-VI-1955, *A. Fernandes, J. Matos et A. Matos* 5563 (COI, sub *C. planiflora*); Bragança, 24-VII-1909, *Sampaio* s. n. (PO); Bragança, Monte de S. Bartolomeu, 24-VI-1955, *A. Fernandes, J. Matos et A. Matos* 5492, 5493, 5496 (COI, sub *C. planiflora*); arredores de Vimioso, VI-1888, *J. de Mariz* s. n. (COI, sub *C. Epithymum* var. *angustata*, redet. Trabut); Pinhão pr. Covas do Douro, 28-V-1955, *P. Silva, Rozeira, Teles et Rainha* 5663 (LISE et PO, sub *C. Epithymum*).

**Beira Alta:** Guarda, VII-1885, *M. Ferreira* s. n. (COI, sub *C. alba* redet. Trabut); Manteigas, pr. Hotel das Termas 14-VIII-1954, *J. Abreu* 174 (COI et ELVE, sub *C. Epithymum*); serra da Estrela, VII-1908, *Sampaio* s. n. (PO).

**Beira Baixa:** Covilhã, VI-VII-1881, *A. R. Cunha* s. n. (LISU, sub *C. Epithymum* var. *rubella*); Alcaide, Sítio da Serra, VI-1882, *A. R. Cunha* s. n. (LISU, sub *C. planiflora* Ten.); Fundão, Alcaide, Cabeço de S. Macário, 18-VII-1955, *J. A. Franco* 1882, 1892a (LISI, sub *C. Epithymum*); Castelo Novo, VII-1920, *L. Fernandes* s. n. (LISU).

**Estremadura:** Alcoentre, entre Ota e Cercal, 8-V-1962, *J. Paiva, J. Matos et M. Alves* 8504 (COI); Cascais, V, *Welwitsch* s. n. (LISU).<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Um exemplar de WELWITSCH, colhido em Cascais e existente em Kew, parasitando *Helichrysum serotinum* Boiss., foi determinado por ENGELMAN como *Cuscuta planiflora*. Um outro, arquivado no mesmo herbário, também de WELWITSCH, colhido na Serra da Arrábida, determinado por ENGELMAN como *C. planiflora* e parasitando *Rosmarinus officinalis*, é *C. approximata*. A planta de LISU, colhida em Cascais, parasita igualmente *Rosmarinus officinalis*, pelo que supomos ter havido troca de etiquetas nas plantas do herbário de Kew, visto na Serra da Arrábida se encontrar *C. planiflora* e não *C. approximata*.

*Distribuição*: Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Alta, Beira Baixa e Estremadura.

***Cuscuta planiflora* Ten.**

Fl. Neap. 3: 250, t. 220 f. 3 (1824-1829).—

Mariz in Bol. Soc. Brot. sér. 1, 17: 176 (1900)

p. p.—P. Cout., Fl. Portugal, ed. 1: 491 (1913);

*loc. cit.* ed. 2: 584 (1939)

*C. Epithymum* sensu auct. lusit. p. p.

*C. alba* sensu Mariz, *loc. cit.* p. p.

*C. Epithymum* (L.) L. raça *approximata* (Babingt.) Samp., Man. Fl. Portuguesa: 384 (1913); Fl. Portuguesa: 463 (1947) p. p. quoad specim. «do Baixo Alentejo».

*C. approximata* sensu P. Cout., Fl. Portugal, ed. 1: 491 (1913) quoad specim. «de Mourão».

Este taxon tem sido confundido com *C. Epithymum* L. e com *C. approximata* Babingt. Os principais caracteres que o permitem distinguir são os seguintes: os segmentos do cálice são moles, sobretudo no estado juvenil, vesiculosos-esponjosos, bastante espessos; os segmentos da corola não são obtusos, como afirma COUTINHO, mas, geralmente, cuculado-cristados no cimo e também esponjosos na parte superior.

É interessante notar que SAMPAIO não cita esta espécie nem no Manual, nem na Flora.

Identificámos, como pertencentes a *C. planiflora* Ten., os seguintes espécimes dos herbários portugueses:

**Minho**: Viana do Castelo, Monte de Santa Luzia, VI-1886, A. R. Cunha s. n. (LISU).

**Trás-os-Montes e Alto Douro**: Miranda do Douro pr. margem do rio Douro, 15-VI-1954, J. Castro et Araújo s. n. (PO, sub *C. Epithymum*).

**Beira Alta**: Barca d'Alva, 28-IV-1943, Rozeira et J. Castro s. n. (PO—4961, sub *C. Epithymum* var. *microcephala* (Welw.) Samp.); Manteigas, margens do Zêzere, VII-1882, A. R. Cunha s. n. (LISU).

**Beira Litoral:** Coimbra, Pedrulha, 23-V-1955, *A. Fernandes, J. Matos et A. Pereira* 5223 (COI, sub *C. Epithymum*); entre Leiria e Marinha Grande, 7-VI-1960, *A. Fernandes, R. Fernandes et J. Matos* 7111 (COI); Coimbra, Lóios, 27-V-1948, *J. Matos* s. n. (ELVE, sub *C. Epithymum*); Lousã, Senhora da Piedade, 16-V-1950 *J. Matos et A. Matos* s. n. (ELVE, sub *C. Epithymum* var. *rubella*).

**Beira Baixa:** Castelo Novo, Cabeço dos Corvos, VII-1887, *A. R. Cunha* s. n. (LISU, sub *C. Epithymum* var. *Kotschyi*); a cerca de 1 km de Idanha-a-Nova, em frente ao cruzamento para Penamacor, 21-VI-1956, *A. Fernandes, J. Matos et A. Santos* 6022 (COI); arredores de Castelo Branco, Alto da Lomba da Légua pr. rib. de Ocreza, 20-VI-1959, *A. Fernandes, J. Matos et A. Sarmiento* 6847, 6848, 6849 (COI).

**Ribatejo:** Golegã, Mato de Miranda, 6-VI-1948, *B. Rainha* 1557 (LISE, sub *C. Epithymum*); Vila Franca de Xira pr. rio Alenquer, 11-VI-1946, *B. Rainha* 1127 (LISE — 21 814, sub *C. cf. Epithymum*); Vila Franca de Xira, nas colinas calcárias, 16-V-1943, *M. Silva* s. n. (LISE — 22 529, sub *C. Epithymum* var. *rubella*).

**Estremadura:** ilhas Berlengas e Farilhões, V-1883, *Daveau* [LISU; COI, sub *C. Epithymum* var. *microcephala* (Welw.) redet. Trabut]; Lisboa, Tapada da Ajuda, 2-VI-1962, *J. C. Vasconcellos* (LISI 6203); serra da Arrábida, Portinho, 18-V-1942, *G. Pedro, Fontes et M. Silva* 89 (LISE — 7342, sub *C. Epithymum* var. *rubella*); serra da Arrábida, colina de Santa Margarida, 18-V-1942, *G. Pedro, C. Fontes et M. Silva* 116, 148, 156 (LISE — 7351, 7357, 7359 et 7360, sub *C. Epithymum* var. *rubella*); serra da Arrábida, Cabeço do Vale de Azeitão 21-V-1942, *G. Pedro, C. Fontes et M. Silva* 321 (LISE 7384, sub *C. Epithymum* var. *rubella*); Setúbal, Tróia, nas areias, 2-IX-1945, *C. Fontes et B. Rainha* 15 T (LISE — 24 270, sub *C. Epithymum*).

**Alto Alentejo:** Portalegre, Alegrete, Pico do Medronhal, 24-V-1952, *A. R. Raimundo* s. n. (LISI, sub *C. Epithymum* var. *rubella*); idem 19 (ELVE, sub *Cuscuta* cf. *planiflora*); Portalegre, Alegrete, Vale das Vinhas, 15-VI-1952, *A. R. Raimundo* 39 (ELVE, sub *C. Epithymum*); serra de S. Mamede, junto à Penha, 3-V-1957, *Malato-Beliz et al.* 4287 (ELVE, sub *C. Epithymum*); arredores de Estremoz, Herdade da Furada, VI-1907,

*H. Cayeme* (?) s. n. (LISU); arredores de Reguengos de Monsaraz, V-1911, *R. Palhinha et F. Mendes* s. n. (LISU); Azalinho pr. Mourão, V-1909, *R. Palhinha et F. Mendes* s. n. (LISU, sub *C. approximata* Babingt.).

**Baixo Alentejo**: Vila Nova de Mil Fontes, IV-1905, *Sampaio* s. n. [PO, sub *C. Epithymum* raça *approximata* (Babingt.) Samp.]; Odemira, V-1905, *Sampaio* s. n. [PO, sub *C. Epithymum* raça *approximata* (Babingt.) Samp.].

**Algarve**: s. l., s. d., *Welwitsch* s. n. (LISU); Alte, VI-1878, *A. Moller* s. n. (COI); S. Brás de Alportel, no Monte Arrotea, 9-V-1947, *P. Silva, C. Fontes, Myre et B. Rainha* 1887 (LISE, sub *C. Epithymum*); S. Brás de Alportel pr. Gralheira, 13-V-1939, *B. Rainha* 1797 (LISE).

***Myosotis caespitosa* K. F. Schulz var. *caespitosa***  
Pl. Stargard. Suppl. 1: 11 (1819)

*M. caespitosa* K. F. Schulz var. *vulgaris* Loret et Barrant., Fl. Montp. 2: 453 (1876). — P. Cout. in Bol. Soc. Brot. sér. 1, 21: 136-137 (1905).

*M. caespitosa* K. F. Schulz var. *genuina* P. Cout., Fl. Portugal, ed. 1: 497 (1913); *loc. cit.*, ed. 2: 591 (1959).

*M. lingulata* Lehm., Pl. Asperif. 1: 110 (1818), nom. nudum. — Samp., Fl. Portuguesa: 529 (1947).

Poucas são as plantas portuguesas atribuídas a este taxon que possuem flores com as dimensões das dos exemplares de países mais setentrionais (Inglaterra, Dinamarca, Alemanha, Suécia, etc.). Com efeito, verifica-se que, na maior parte dos espécimes do nosso país, tanto a corola como o cálice são menores, atingindo por vezes apenas cerca de metade do tamanho das plantas dos países acima mencionados. No entanto, dada a grande variabilidade de *M. caespitosa*, é difícil decidir se os caracteres apresentados por esta espécie em Portugal correspondem aos de uma variedade ou se serão apenas condicionados pelo meio.

**Myosotis caespitosa** K. F. Schulz

var. **multiflora** (Mérat) P. Cout., Fl. Portugal,  
ed. 1: 497 (1913); *loc. cit.* ed. 2: 591 (1939)

*M. multiflora* Mérat, Rev. Fl. Paris: 204 (1843).

*M. palustris* Lam. subsp. *multiflora* (Mérat) Rouy  $\alpha$  *multicaulis* Rouy, Fl. Fr. 10: 322 (1908)<sup>1</sup>.

*M. lingulata* Lehm. var. *parviflora* Gren., Fl. Ch. Jurass.: 536 (1865-1875), comb. illeg.

*M. lingulata* Lehm. var. *multiflora* (Mérat) Samp., Fl. Portuguesa: 529 (1947), comb. illeg.

*M. caespitosa* K. F. Schulz var. *sicula* Cout. in Bol. Soc. Brot. sér. 1, 21: 137-138 (1905); Fl. Portugal, ed. 1: 497 (1913); *loc. cit.* ed. 2: 591 (1939). Non *Myosotis sicula* Guss.

Em 1905, P. COUTINHO (*loc. cit.*) referiu a *M. caespitosa* var. *sicula* exemplares do Douro Litoral (Vila Nova de Gaia), Beira Litoral (Coimbra), Beira Alta (Vilar Formoso, Castelo Mendo e Manteigas) e da Beira Baixa (Covilhã), não tendo, nessa data, considerado nenhum espécime português dentro da var. *multiflora* (Mérat) P. Cout. Mais tarde, fazendo a revisão

<sup>1</sup> ROUY e FOUCAUD (Fl. Fr. 1: XI-XIII, 1893) admitiam como categorias sistemáticas infraespecíficas a *subespécie*, a *forma*, a *variedade* e a *subvariedade*. Mais tarde (*op. cit.* 10: 2-3, 1908), aceitando as resoluções do Congresso Internacional de Botânica de Viena (1905), segundo as quais o termo *forma* não se podia aplicar à categoria sistemática situada logo abaixo da espécie, substituíram essa designação por *raça*. *Raça* (= *forma*), no conceito desses botânicos, designava entidades com caracteres quantitativos constantes, mais estáveis que a *variedade* (« Nous estimons donc la *forme* d'un degré supérieur dans l'échelle de la classification à la *variété*, puisqu'elle est plus stable et se reproduit généralement telle quelle »). A *variedade* corresponderia a simples modificação do tipo específico, « due à des changements dans les conditions ordinaires de la vie de la plante ».

Modernamente, as categorias sistemáticas infraespecíficas sucedem-se na seguinte ordem: *subespécie*, *variedade* e *forma*. Nestas condições, querendo estabelecer uma equivalência entre as categorias sistemáticas de ROUY e FOUCAUD e as actuais, ter-se-á: *subespécie* = *subespécie*; *raça* (antiga *forma*) = *variedade*; *variedade* = *forma*. As variedades de ROUY e FOUCAUD eram precedidas por letras gregas. Sendo assim,  $\alpha$  *multicaulis* Nob., designa uma variedade daqueles autores que, segundo o que acabamos de dizer, não corresponde a uma variedade no conceito actual, mas a uma forma.

Sobre este assunto, veja-se também HEYWOOD (in Texon, 7: 89, 1958).

do seu herbário, todos esses espécimes, com exceção do de Castelo Mendo que continuou a ser referido à var. *sicula*, foram por ele redeterminados como var. *multiflora* (Mérat).

O facto de SAMPAIO, na Flora Portuguesa, não mencionar a var. *sicula*, levou-nos a procurar os motivos que justificassem tal omissão.

Verificámos assim que:

1) A var. *sicula* não se encontra em Portugal. Se bem que em certos espécimes portugueses os pedicelos sejam curtos e alguns cálices tubulosos e com os segmentos aproximados, o que poderia levar a atribuí-los a *M. sicula*, nenhum deles apresenta os frutos como os desta espécie, os quais são bastante distintos dos de *M. caespitosa*. Com efeito, ao passo que neste taxon os aquénios são largamente ovóides, com base larga e truncada, em *M. sicula* são de dimensões bastante menores, mais estreitos, quase elipsóides, possuindo base pequena e arredondada. Notámos ainda que, em quase todas as plantas portuguesas referidas inicialmente à var. *sicula*, além de cálices frutíferos tubulosos e que ocupam posição inferior no cacho, existem outros campanulados e, portanto, com a forma típica dos de *M. caespitosa*, situados a meio do mesmo cacho. Além disso, nestes cálices frutíferos campanulados e abertos, desenvolvem-se sempre quatro aquénios, ao passo que os tubulosos e fechados ou são estéreis ou neles apenas atingem a maturação um ou dois aquénios. Concluímos, pois, que este último aspecto do cálice não é normal e que o encostamento das suas paredes e segmentos resulta da falta dos aquénios.

2) As plantas de Manteigas e da Covilhã, redeterminadas por COUTINHO como var. *multiflora* (Mérat) P. Cout., pertencem a *M. stolonifera* Gay. Este taxon, caracterizado sobretudo pela emissão de estolhos, assemelha-se muito às formas portuguesas de *M. caespitosa*, devido principalmente à pequenez das flores e ao encostamento dos pêlos da base do caule. Sempre que, devido a deficiências na colheita, os estolhos se perderam, torna-se difícil decidir, à primeira vista, a qual das duas espécies se devem referir certos espécimes. No entanto, em *M. stolonifera* existe em geral uma maior abundância de pêlos na base do caule, não perfeitamente aplicados mas um pouco levan-

tados e os pedúnculos, pedicelos e cálices são muito mais densamente peludos que os de *M. caespitosa*. Os cálices são também de forma diferente, mais fundamente divididos do que nesta última espécie.

P. COUTINHO foi induzido a introduzir os espécimes da Covilhã e de Manteigas na var. *multiflora*, pelo facto de todos eles serem muito floríferos, apresentando ainda cálices fechados e tubulosos e pedicelos curtos, como naquela variedade. A causa desta forma do cálice é, porém, a mesma que já indicámos acima para *M. caespitosa*.

3) O exemplar de Castelo Mendo pertence a *M. Welwitschii* Boiss. et Reut.

Como não vimos o tipo da var. *multiflora* (Mérat) P. Cout., os exemplares abaixo indicados que lhe referimos foram identificados somente em face das descrições que pudemos consultar. Devemos notar ainda que é provável que essa variedade seja condicionada pelo meio e que não tenha, portanto, consistência. Por causas que ignoramos, os cálices inferiores, em maior ou menor número, não contêm frutos ou contêm menos que o normal, resultando da falta da frutificação a forma tubuloso-cilíndrica do cálice descrita para este taxon.

Por outro lado, o pequeno comprimento dos pedicelos, carácter indicado também para a var. *multiflora*, poderá interpretar-se do seguinte modo: como sucede noutras espécies com flores dispostas em cacho, nos indivíduos normais de *M. caespitosa* dá-se o alongamento progressivo dos pedicelos até um comprimento máximo, que corresponde ao atingido nos cálices frutíferos inferiores. Poderemos admitir que o facto de não haver frutificação, quer por falta de fecundação, quer por aborto dos jovens aquénios, terá como consequência o menor alongamento dos pedicelos. Se assim fosse, explicar-se-ia que os pedicelos inferiores, correspondentes a cálices estéreis, tenham um comprimento igual ao dos medianos que são férteis.

#### *Distribuição:*

**Douro Litoral:** Vila Nova de Gaia, Senhor da Pedra, VI-1901, *Sampaio* s. n. (Fl. Lus. Exs. 1654 COI, sub *M. caespitosa* var. *sicula*); Vila Nova de Gaia, Senhor da Pedra,

VI-1901, *Sampaio* s. n. (Fl. Lus. Exc. 1778 COI; PO, sub *M. caespitosa* var. *sicula*; LISU, sub *M. caespitosa* var. *multiflora* redet. P. Cout.).

**Beira Alta:** Vilar Formoso, ribeira dos Toirões, VI-1884, *A. R. Cunha* s. n. (LISU, sub *M. caespitosa* var. *multiflora*).

**Beira Litoral:** in areno-limosis humidis ad ripas Mundae, III-1848, *Welwitsch* 1440 (LISU, sub *M. caespitosa* var. *sicula*, redet. P. Cout. sub *M. caespitosa* var. *multiflora* Mérat); arredores de Coimbra, insuas ao Padrão, IV-1878, *A. Moller* s. n. (COI, sub *M. caespitosa*).

**Beira Baixa:** Castelo Branco, in arenaceis humidis ad margines rivi Ribeira Liria pr. Alcains, 16-VI-1938, *W. Rothmaler* 13 639 (COI et LISE p. p., sub *M. sicula* Guss.).

**Ribatejo:** «marais» de Azambuja, 1879, *J. Daveau* s. n. (COI, sub *M. caespitosa*).

**Alto Alentejo:** arredores de Niza, VI-1914, *M. Ferreira* s. n. (COI, sub *M. lutea*); entre Niza e Alpalhão, 22-VI-1959, *A. Fernandes, J. Matos et A. Sarmiento* 6945 (COI); inter Coima et Vendas, in pascuis sylvaticis, VI-1843, *Welwitsch* 1436 (LISU, sub *M. caespitosa* var. *multiflora*); Vendas Novas, Vale de Águias, 13-V-1947, *A. Fernandes et Sousa* 2227 (COI, sub *M. caespitosa*); Mora, IV-1917, *R. Palhinha et F. Mendes* s. n. (LISU p. p., sub *M. caespitosa*  $\alpha$  *genuina*).

### ***Myosotis discolor* Pers.**

Pertence a este taxon o espécime:

Serra do Gerês, VII-1918, *G. Felgueiras* 159 (COI, sub *M. lutea* Pers.).

### ***Myosotis hispida* Schlecht.**

Mag. Ges. Naturf. Freunde, **8**: 230 (1817). — P. Cout.

in Bol. Soc. Brot. sér. 1, **21**: 139 (1905);

Fl. Portugal, ed. 1: 498 (1913)

*Myosotis collina* sensu P. Cout., Fl. Portugal, ed. 2: 592 (1939). — Samp., Fl. Portuguesa: 529 (1947).

*Myosotis arvensis* var. *minor* Brot., Fl. Lusit. **1**: 294 (1804), fide P. Cout.

P. COUTINHO (in Bol. Soc. Brot. sér. 1, **21**: 139, 1905) atribui a BROTERO uma variedade que este nosso botânico não nomeou nem descreveu, visto se ter limitado a mencionar o seguinte, após a descrição, sinonímia e distribuição de *Myosotis arvensis* (L.) Hill: «*Variat caule ramoso et simplice, totoque habitu minori*». Não é possível, daqui, concluir, como fez COUTINHO, que, em *M. arvensis*, BROTERO englobava também *M. hispida* e muito menos é admissível separar uma var. *minor* que BROTERO não designou expressamente.

Deve atribuir-se a *Myosotis hispida* o espécime: Setúbal pr. Marateca, 1-IV-1951, F. Fontes et B. Rainha 4180 [ex LISE, sub *M. versicolor* (Pers.) Sm., COI].

### **Lippia canescens** H. B. et K.

Esta espécie, que tem sido encontrada como subespontânea na Beira Litoral, nas margens do Mondego (Maiorca e Alfairelos), aparece também na Beira Baixa, na margem direita do Tejo, em *habitat* semelhante.

*Espécime*: Vila Velha de Ródão, Porto do Tejo, margem direita do rio, entre calhaus, na argila húmida, 21-VI-1959, A. Fernandes, J. Matos et A. Sarmento 6874 (COI).

*Distribuição*: Beira Litoral e Beira Baixa.

### **Thymus** × **mixtus** Pau

Bol. Soc. Arag. Cienc. Nat. **6**: 29 (Jan. 1907);

Cart. **3**: 7 (1906), non rite public.?

*Thymus Mastichina* × *Zygis* Pau, *loc. cit.*

*Thymus Mastichina* L. var. *brachychaetus* Willk. et Lange, Prodr. Fl. Hisp. **2**: 400 (1870).

*Thymus brachychaetus* (Willk.) P. Cout. in Bol. Soc. Brot. sér. 1, **23**: 79 (1907) quoad basionym. et specim. «de Belder», excl. specim. «de S. Pedro da Cova»; Fl. Portugal, ed. 1: 512 (1913).

*Thymus Mastichina* L. raça *brachychaetus* (Willk.) Samp., Fl. Portuguesa: 511 (1947).

*Thymus caespititius* × *Mastichina* sensu Cout. p. p., Fl. Portugal, ed. 2: 607 (1939) non Pau.

Este híbrido foi encontrado recentemente nas proximidades de Vila Velha de Ródão, local não muito distante de Belver, onde, pela primeira vez, fora herborizado em Portugal.

*Espécime:* Vila Velha de Ródão, margem direita do rio Tejo, no depósito areno-argiloso com calhaus, 21-VI-1959, A. Fernandes, J. Matos et A. Sarmento 6975 (COI).

Ao atribuir os exemplares de Belver a *Th. brachychaetus* (Willk.), P. COUTINHO procedeu correctamente, porquanto eles são idênticos à planta espanhola colhida por Bourgeau (Collines au Puerto de Miravete) que é o *holotypus* de *Th. mastichina* var. *brachychaetus* Willk. No entanto, o exemplar cultivado de S. Pedro da Cova, igualmente colocado por COUTINHO nesse mesmo taxon, apresenta caracteres que o afastam das plantas de Belver: folhas mais largas, não enroladas ou só com os bordos ligeiramente revirados, distintamente pecioladas, obtusas; raminhos axilares relativamente alongados, com folhas semelhantes às axilantes, embora menores; e sedas dos dentes do cálice curtas e finas. Ora, nas plantas da Beira Baixa, tanto nas colhidas em Belver, como nas herborizadas recentemente em Vila Velha de Ródão, as folhas têm os bordos nitidamente enrolados, sendo as dos fascículos axilares muito enroladas, quase cilíndricas, acutiúsculas, densamente tomentelas, e os dentes do lábio inferior possuem sedas relativamente longas. Possivelmente, PAU examinou apenas a planta de S. Pedro da Cova e, por esse facto, foi levado a generalizar, ao afirmar que o *Thymus brachychaetus* P. Cout. não correspondia à var. *brachychaetus* Willk. E, assim, descreveu o *Thymus Henriquesii*, que fez corresponder ao taxon de COUTINHO ao qual atribuiu a origem híbrida: *Th. caespitius* × *Mastichina* (cf. PAU in Brotéria, sér. Bot. 22: 121, 1926). Na verdade, em nossa opinião, quer a planta de S. Pedro da Cova, quer a de Belver, são híbridos, dos quais um dos progenitores é, sem dúvida, o *Th. Mastichina*. Mas, pelos caracteres atrás referidos, a planta de Belver não é idêntica à de S. Pedro da Cova, sendo impossível, devido ao enrolamento tão nítido das folhas, atribuir-lhe, como segundo progenitor, o *Th. caespitius* Brot., no qual as folhas são planas e obtusas. Por conseguinte,

a afirmação de PAU só em parte é exacta, correspondendo o *Thymus Henriquesii* apenas à planta de S. Pedro da Cova. COUTINHO que, em 1913 (*loc. cit.* in adnot.), admitira para a planta uma possível origem híbrida (*Th. Mastichina* × *Serpyllum*), aceita, em 1939, em parte, a opinião de PAU, segundo a qual *Th. brachychaetus* P. Cout. é o híbrido *Th. caespititius* × *Mastichina*, divergindo no entanto do botânico espanhol visto introduzir na sinonímia desse híbrido também a var. *brachychaetus* Willk. de *Th. Mastichina*.

De acordo com as nossas observações, apresentamos os seguintes pareceres:

1) As plantas de Vila Velha de Ródão e de Belver são iguais entre si e distintas das de S. Pedro da Cova, concordando pelos seus caracteres com o *holotypus* da var. *brachychaetus* Willk. de *Th. Mastichina* L.

2) Somos da opinião de PAU, segundo a qual esse taxon é o híbrido *Thymus Mastichina* × *Zygis*.

3) Um dos progenitores da planta de S. Pedro da Cova é o *Th. Mastichina* L., sendo o outro difícil de estabelecer (*Th. Serpyllum* L. ou *Th. caespititius* Brot.?).

A natureza híbrida de *Thymus* × *mixtus* é posta em evidência pelo facto de, apesar da grande densidade das inflorescências, apenas uma ou outra flor produzir fruto em cada verticilastro.

BRIQUET (Les Labiées des Alpes maritimes: 539, 1891) afirma que no género *Thymus* se encontram flores hermafroditas proandrícas e flores ginodióicas (femininas devido à redução abortiva dos estames), em pés diferentes. Na planta de Vila Velha de Ródão não sucede assim, visto termos observado flores ginodióicas e flores hermafroditas (estas em menor número) nos mesmos verticilastros.

### **Nicotiana glauca** R. Grah.

Conforme ROMARIZ previra (in Bol. Soc. Port. Ciênc. Nat. 20: 14, 1954-55), a área desta espécie, subespontânea no nosso país, tende a alastrar. Assim, no Alto Alentejo, além de Elvas,

onde fora herborizada anteriormente, apareceu também em Portalegre.

*Espécime*: na muralha de Portalegre, 23-VI-1959, A. Fernandes, J. Matos et A. Sarmiento 7003 (COI).

*Distribuição*: Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Litoral, Estremadura, Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve.

**Centaurea longifolia** (Hoffgg. et Link) P. Cout.  
forma **alba** nov. forma

A typo corollis albis differt.

*Specimen*: ad viam «Marinha Grande-Leiria», in solo arenoso humidoque, 4-V-1957, A. Fernandes et J. Matos 6180 (COI).

**Centaurea polyacantha** Willd.  
forma **albiflora** nov. forma

A tipo corollis albis differt.

*Specimen*: in declivitatibus maritimis pr. «Nazaré», 4-V-1957, A. Fernandes et J. Matos 6173 (COI).

#### RÉSUMÉ

Dans ce travail, on fait l'étude de quelques taxa douteux qui ont été incorrectement interprétés par les botanistes portugais. Comme quelques échantillons à détermination incorrecte ont été, possiblement, envoyés à d'autres herbiers, soit portugais, soit étrangers, on donne la liste des spécimens, en faisant suivre le numéro de récolte (ou d'herbier) de la primitive identification.

En outre, on mentionne dans cette note quelques trouvailles récentes, notables particulièrement par sa rareté au Portugal et on signale l'existence de formes albinas chez *Centaurea longifolia* (Hoffgg. et Link) P. Cout. et *C. polyacantha* Willd.

## SUBSÍDIOS PARA O CONHECIMENTO DA FLORA PORTUGUESA — II

por

**JORGE AMÉRICO RODRIGUES DE PAIVA**

Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

**P**ROSSEGUINDO os trabalhos sobre a flora portuguesa que nos propusemos realizar, apresentamos agora uma segunda nota. Os estudos incidiram não só em plantas por nós herborizadas, mas também em material coligido pelo pessoal do Instituto Botânico, e, ainda, em espécimes já arquivados em herbário.

Na nossa primeira nota (in An. Soc. Brot. **27**: 17, 1961), apontámos os caracteres diferenciais entre *Paspalum Urvillei* Steud. e *P. dilatatum* Poir. e referimos a distribuição geográfica em Portugal da primeira destas espécies. Um lamentável lapso bibliográfico levou-nos, porém, a não citar o trabalho de PINTO DA SILVA (O género *Paspalum* em Portugal in Agron. Lusit. **2**, 1: 5, 1940), onde o Autor relata já o aparecimento de *P. Urvillei* Steud. na Beira Litoral, apresentando também a descrição daquelas duas espécies. Deste modo, a nossa contribuição limitou-se somente à indicação de mais algumas localidades na Beira Litoral.

Uma vez mais agradecemos ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Prof. Dr. ABÍLIO FERNANDES e à Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> D. ROSETTE BATARDA FERNANDES a orientação e os muitos esclarecimentos que amavelmente nos forneceram durante a elaboração deste trabalho.

Ao Sr. JÚLIO DE MATOS, que nos tem acompanhado em quase todas as herborizações, queremos agradecer não só a ajuda que nos tem prestado nos trabalhos de campo, mas também o material que as suas excursões lhe têm permitido coligir.

### **Ruppia maritima L.**

*R. rostellata* Koch in Reichb., Icon. Pl. Crit. 2: 66, t. A 4, fig. 306 (1824).—P. Cout., Fl. Portugal, ed. 2: 63 (1939).

BROTERO (Fl. Lusit. 1: 214, 1804) assinala esta espécie nas águas salinas das fontes de Rio Maior.

P. COUTINHO (in Bol. Soc. Brot. sér. 1, 15: 20, 1898), no seu trabalho sobre as Potamogetonáceas portuguesas, insere na distribuição geográfica de *R. spiralis* uma nota em que diz: «A *Ruppia maritima* indicada por Brotero (*Flora Lusit.*, pg. 214!) nas salinas de Rio Maior, em vista da deficiência da diagnose, tanto se pode referir a esta espécie como á seguinte (*R. rostellata*). Não conseguimos examinar a planta da localidade apontada, e só esse exame resolverá a synonymia que se deve adoptar».

Ao passarmos pelas salinas de Rio Maior numa das nossas explorações, herborizámos esta planta. O estudo cuidadoso a que procedemos mostrou-nos que se trata de *R. maritima* L., o que está de acordo com os dados de BROTERO.

Sendo assim, a área de distribuição deste taxon é um pouco mais vasta do que a indicada nas Floras de P. COUTINHO (1933) e de SAMPAIO (1947). Como fizemos uma revisão do material do género que se encontra nos herbários portugueses, damos aqui os resultados obtidos<sup>1</sup>.

**Minho:** Valença, insua de Ganfei, VI-1885, *A. R. Cunha* s. n. (LISE); Caminha, rio Coura, V-VI-1885, *A. R. Cunha* 372 (COI; LISU); Caminha, marinhas, III-1885, *A. R. Cunha* s. n. (LISE).

**Douro Litoral:** salinas de Matosinhos, V-1885, *C. Barbosa* 381 (COI; LISI; LISU).

**Beira Litoral:** ria de Aveiro (Esteiro do Bunheiro), nome vern. «erva arganel», 23-IV-1933, *Tavares de Sousa* s. n. (LISI); Figueira da Foz, Gala, num depósito de uma salina, altura da água 10-25 cm, pH 9-9,5, planta enraizada, submersa, VIII-1948, *F. Fontes* 17F (LISE).

**Estremadura:** minas de sal gema de Rio Maior, nas salinas, submersa, 18-V-1962, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8524

<sup>1</sup> Por falta de elementos, não nos foi possível identificar alguns espécimes, que poderão pertencer ou a esta espécie ou a *R. spiralis* L. ex Dumort.

(COI); Sacavém, nas valas junto ao talude da ribeira de Sacavém (rio Trancão), na várzea da margem esquerda (água salobra), 31-X-1944, *F. Fontes* s. n. (LISE); Sacavém, margem esquerda do rio Trancão, nas valas da lezíria, 6-VIII-1942, *F. Fontes & M. Silva* s. n. (LISE); Trafaria, VI-VII-1889, *J. Daveau* s. n. (LISU); Trafaria, areias marítimas, charcos de água salgada, XI-1889, *P. Coutinho* 420 (COI; LISI; LISU).

**Baixo Alentejo:** Alcácer do Sal, Comporta, nas valas de alimentação dos arrozais, 9-VIII-1946, *F. Fontes & M. Silva* 1722 (LISE).

### ***Ruppia spiralis* L. ex Dumort.**

*R. maritima* raç. *spiralis* (L.) Samp., Fl. Portuguesa: 22 (1947).

Tanto P. COUTINHO (1939) como SAMPAIO (1947) atribuem a este taxon uma área de distribuição muito mais vasta do que a que se deduz do material arquivado nos herbários portugueses. Efectivamente, ambos os autores indicam a costa ocidental do País, mas nós vimos apenas material da Beira Litoral e Estremadura. Damos a seguir a relação dos espécimes observados<sup>1</sup>.

**Beira Litoral:** Aveiro, pr. Murtosa, nas águas estagnadas, 23-VIII-1954, *B. Rainha* 2756 (LISE); Ria de Aveiro, V-1881, *J. Henriques* s. n. (COI); Ria de Aveiro, nomes vern. «limo mestre» e «sirgo», 1-VII-1933, *Tavares de Sousa* s. n. (LISI); Buarcos, IX-1886 *G. Carvalho* s. n. (COI); Figueira da Foz, Gala, marinhas do sul do Mondego, *Moller* s. n. (COI); Figueira da Foz, marinhas de sal, com *Ulva* sp. (folhelho) e outra planta chamada ali «limo papeira», nome vern. «limo cabelo», 23-VII-1940, *P. Silva* s. n. (LISE).

**Estremadura:** pr. Caldas da Rainha, junto ao oceano, VIII-1850, *Welwitsch* 1661 (COI); Óbidos, nas rochas da lagoa de Óbidos, próximo das salinas, 17-VI-1944, *B. Rainha* 390

<sup>1</sup> P. COUTINHO (in Bol. Soc. Brot. sér. 1, 15: 19, 1898) indica esta espécie para a lagoa de Albufeira (*Welwitsch* 1414). Não conseguimos fazer a determinação deste espécime por falta de elementos florais e frutíferos.

(LISE); lagoa de Óbidos, muito frequente no fundo limoso da lagoa, nome vern. « limo mestre », VIII-IX-1850, *Welwitsch* 1807 (LISU); lagoa da Foz do Arelho, IX-1889, *A. R. Cunha* s. n. (LISE; LISU); Sacavém, nas valas de alimentação das salinas, a montante da Quinta do Bate Mar, 26-VIII-1942, *F. Fontes & M. Silva* s. n. (LISE).

***Milium vernale* M. Bieb. var. *scabrum***

(C. Rich.) P. Cout.

Em Trás-os-Montes e Alto Douro esta Gramínea só foi herborizada em Freixo de Espada-à-Cinta (*J. de Mariz*, V-1887, COI). Encontrámo-la agora noutro local daquela província.

*Espécime*: Pinelo, entre Vimioso e Bragança, local húmido e sombrio, 27-IV-1962, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8467 (COI).

*Distribuição*: Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Alta, Estremadura e Alto Alentejo.

***Scirpus triquetrus* L.**

Enquanto P. COUTINHO (1939) indica para esta Ciperácea « Douro, Estremadura. Raro », SAMPAIO (1947) estabelece « Norte e Centro Litoral », como área da espécie. J. DAVEAU, no seu trabalho « Cypéracées du Portugal » (in *Bol. Soc. Brot. sér. 1*, 9: 58, 1891), refere « Alemndouro litoral (rives du Douro) e Centro Litoral (Alqueidão: Lezírias d'Azambuja) ». *Sc. triquetrus* L. foi agora herborizado próximo da Nazaré e em Maiorca, o que confirma a distribuição indicada por SAMPAIO.

*Espécimes*: Maiorca, nos arrozais, 22-VIII-1957, *J. Matos* s. n. (COI); a 4 km da Nazaré, numa vala, 7-VI-1960, *A. Fernandes, R. Fernandes & J. Matos* 7163 (COI).

*Distribuição*: Douro, Beira Litoral e Estremadura.

***Paradisea lusitanica* (P. Cout.) Samp.**

Assinala-se agora a sua presença, pela primeira vez, no Douro Litoral.

*Espécime*: Fonte Nova, pr. Cinfães, local húmido e sombrio, 28-IV-1962, J. Paiva, J. Matos & A. Marques 8478 (COI).

*Distribuição*: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral, Beira Alta e Beira Litoral.

### ***Polygonum capitatum* Buch.-Ham. ex D. Don**

Segundo nos informou o Sr. JÚLIO DE MATOS, jardineiro sub-chefe do Instituto Botânico, esta Poligonácea encontra-se com grande abundância no Bom-Jesus do Monte. No Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, onde é cultivada, tem-se verificado que se desenvolve rapidamente e com profusão, e que invade principalmente os muros, havendo necessidade de impedir que se propague à vontade, pois acabaria por prejudicar o desenvolvimento de outras plantas. Por isso, ao herbORIZARMOS no ano corrente este *Polygonum* no Minho, entre Ponte da Barca e Braga, não ficámos surpreendidos. Admirou-nos, porém, a extensão que já ocupava, pois o observámos em abundância durante cerca de 4 km.

*P. capitatum* Buch.-Ham. ex D. Don, espécie originária do Himalaia subtropical e temperado, distingue-se bem das outras espécies do género por ter as flores reunidas em cachos capituliformes, pecíolo biauriculado e pêlos glandulares nos caules e folhas.

Damos a seguir uma pequena descrição:

Planta vivaz, rizomatosa, trepadora. Caule radicante, ramoso, vermelho-acastanhado, coberto de pêlos glandulares. Folhas alternas um tanto grossas, ovadas ou elípticas, subagudas, atenuadas ou arredondadas na base, 1,5-3 × 3-5 cm, com pêlos glandulares, espalhados por todo o limbo quando jovens e limitados às nervuras e margens no estado adulto; pecíolo piloso-glanduloso, biauriculado na base. Capítulos de ca. de 1 cm de diâmetro, pedunculados, 2-3-nados; perianto róseo, 5-fendido, com os segmentos obtusos; estames 8; aquénio trigonal muito pequeno.

*Espécimes*: Vila do Pico, entre Ponte da Barca e Vila Verde, nos muros, 2-III-1962, J. Paiva, A. Marques & M. C. Alves

8345 (COI); Gêmea, entre Ponte da Barca e Vila Verde, nos muros, 2-III-1962, *J. Paiva, A. Marques & M. C. Alves* 8347 (COI).

### **Spergularia rupicola** Lebel ex Le Jolis

Esta Cariofilácea, encontrada habitualmente na zona marítima, foi também herborizada nas salinas de Rio Maior.

*Espécime*: minas de sal gema de Rio Maior, nos arruamentos das salinas, 18-V-1962, *J. Paiva, J. Matos & M. C. Alves* 8523 (COI).

### **Moehringia pentandra** J. Gay

Na Estremadura, esta espécie só era citada para S. Pedro de Muel e Sintra (cf. R. FERNANDES in Bol. Soc. Brot. sér. 2, 34: 119, 1960). Aparece também no extremo sul desta província.

*Espécime*: Serra da Arrábida, na encosta junto ao Portinho, nos sítios sombrios de uma mata de *Quercus*, 24-IV-1959, *J. Matos & F. Cardoso* 6591 (COI).

### **Murbeckiella Sousae** Rothm.

Este curioso endemismo português tem sido indicado somente para as serras do Marão e da Lousã. Em uma das nossas últimas explorações ao Norte do País herborizámo-lo no maciço da Gralheira.

*Espécime*: serra da Freita (maciço da Gralheira), entre Arouca e o Radar, no meio das rochas, 28-IV-1962, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8487 (COI).

*Distribuição*: Trás-os-Montes (Marão), Douro Litoral (Gralheira) e Beira Litoral (Lousã).

### **Chrysosplenium oppositifolium** L.

Herborizámos esta Saxifragácea em diversos locais do Marão e do Alto Minho, para onde já era citada, e ainda no Douro Litoral, onde se assinala pela primeira vez.

*Espécime*: Fonte Nova, pr. Cinfães, local húmido e sombrio, 28-IV-1962, J. Paiva, J. Matos & A. Marques 8480 (COI).

*Distribuição*: Alto Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral, Beira Alta e Beira Baixa.

### **Medicago littoralis** Rhode var. **inermis** Moris

Nas «Floras» portuguesas indica-se como habitat deste taxon «areias marítimas» (P. COUT.) e «costa marítima» (SAMPAIO). Herborizámo-lo, no entanto, num prado do sopé da serra de Montejunto. No herbário do Instituto Botânico de Coimbra só encontrámos um espécime desta variedade herborizado por DAVEAU nas Berlengas.

*Espécime*: Alcoentre, entre Ota e Cercal, num prado, 18-V-1962, J. Paiva, J. Matos & M. C. Alves 8499 (COI).

### **Lathyrus montanus** Bernh.

Herborizou-se esta Leguminosa no maciço da Gralheira, para onde não fora até agora apontada.

*Espécime*: Arouca, encosta da serra da Freita (maciço da Gralheira), entre Arouca e a Senhora da Guia, numa mata de *Quercus*, local húmido e sombrio, 28-VII-1961, J. Paiva, J. Matos & A. Marques 8257 (COI).

### **Oxalis Acetosella** L.

Tanto P. COUTINHO (1939) como SAMPAIO (1947) só referem *Oxalis Acetosella* L. para Paredes de Coura. Herborizou-se agora próximo de Castro Laboreiro.

*Espécime*: a 5 km de Castro Laboreiro, local húmido e sombrio, 24-VII-1961, J. Paiva, J. Matos & A. Marques 8058 (COI).

*Distribuição*: Minho (Insalde e Castro Laboreiro).

### **Elatine** L.

Ao estudarmos algumas plantas do género *Elatine* L., herborizadas por JÚLIO DE MATOS nas Matas de Foja, concluímos

que se tratava de *Elatine hexandra* (Lapierre) DC., espécie caracterizada por possuir folhas opostas, flores pediceladas, três sépalas, três pétalas, seis estames, cápsula trivalve e sépalas do mesmo tamanho ou ultrapassando pouco a cápsula.

P. COUTINHO (in Bol. Soc. Brot. sér. 1, 12: 34, 1895) menciona a existência em Portugal de *E. paludosa* Seub. var. *octandra* Gren. et Godr., que caracteriza por possuir «Flores tetrameri (staminibus 8); capsula quadrivalve», e refere-lhe espécimes colhidos por J. HENRIQUES próximo de Aveiro e por M. FERREIRA em Trancoso.

Na 1.<sup>a</sup> edição da Flora de Portugal (1913) P. COUTINHO distingue duas variedades em *E. paludosa* Seub., var. *hexandra* DC. (com flores trímeras) e var. *major* A. Br. (com flores tetrâmeras), sem, no entanto, referir a qual das duas pertence o material português.

Na 2.<sup>a</sup> edição da mesma obra (1939), reduz as variedades à categoria de formas, que designou, também no texto da descrição da espécie, respectivamente por for. *typica* e for. *major* A. Br.

SAMPAIO (Fl. Portuguesa: 336, 1947) só considera em Portugal o taxon de flores tetrâmeras, a que dá o nome de *E. paludosa* Seub. raça *major* (A. Br.), assinalando-o para Trancoso e Aveiro, precisamente como fizera P. COUTINHO no seu primeiro trabalho <sup>1</sup>.

As nossas observações mostraram-nos que os exemplares de Aveiro possuem flores trímeras (3 sépalas, 3 pétalas, 6 estames), cápsulas 3-valves e sépalas com comprimento sensivelmente igual ao das cápsulas. Por outro lado, os espécimes de Trancoso apresentam flores tetrâmeras (4 sépalas, 4 pétalas e 8 estames), cápsulas 4-valves e possuem sépalas que não ultrapassam ou ultrapassam muito pouco a cápsula.

Estamos, pois, em presença de dois taxa que algumas Floras (E. BONNET, Petite Fl. Paris: 79, 1883; A. BOUREAU, Fl. Centr. France et Bass. Loire, 3.<sup>a</sup> ed., 2: 113, 1857; NYMAN, Consp. Fl. Eur.: 123, 1878-1882; BRIQUET & DE LITARDIÈRE, Prodr. Fl. Corse, 2, 2: 154, 1936; FOURNIER, Les Quatre Fl. France:

<sup>1</sup> Estes dois botânicos citam ainda outra espécie, *E. Alsinastrum* L., para Vilar Formoso.

442, 1946; e CHASSAGNE, Fl. d'Auvergne, 1: 420, 1956) consideram como espécies distintas: *E. hexandra* (Lapierre) DC. e *E. major* A. Br. Nem todos os autores, porém, são desta opinião, pois enquanto o primeiro taxon é geralmente distinguido como espécie independente, *E. major* tem sido considerado como variedade de *E. hexandra* (Lapierre) DC. (COSSON & SAINT-PIERRE, Syn. Analyt. Fl. envir. Paris, 2.<sup>a</sup> ed.: 52, 1861; ARCANGELI, Consp. Fl. Ital.: 114, 1882; ROUY & FOUCAUD, Fl. France, 3: 26, 1896, et Suppl.: 47, 1927; e COSTE, Fl. France, 1: 225, 1901)<sup>1</sup>.

Dado o facto de termos verificado que o número de peças florais se mantém constante tanto na população de Aveiro (flores trímeras) como na de Trancoso (flores tetrâmeras), como ainda em material de outros países que tivemos ocasião de observar, pensamos que este carácter tem considerável valor sistemático, conclusão que está de acordo com o procedimento da maior parte dos autores das Floras mais recentes, que o utilizam nas suas chaves. Sendo assim, somos de parecer que *E. hexandra* (Lapierre) DC. e *E. major* A. Br. devem ser consideradas como espécies distintas.

A revisão do restante material do herbário de Coimbra permitiu-nos identificar alguns exemplares colhidos em Montemor-o-Velho como pertencentes a *E. macropoda* Guss. Numa folha de herbário, proveniente de uma herborização feita em Alfarelos, encontram-se exemplares que identificámos como *E. macropoda* Guss. e outros como *E. Hydropiper* L. var. *pedunculata* Moris. Ambos estas taxa foram já referidos para Portugal: o primeiro, em Vilar Formoso, por PINTO DA SILVA & B. RAINHA (in Agron. Lusit. 18: 37, 1956) e o segundo, em Montemor-o-Velho, por ROSETTE FERNANDES (in Bol. Soc. Brot. sér. 2, 23: 143, 1949).

PINTO DA SILVA & B. RAINHA (*loc. cit.*: 38) referem que *E. macropoda* Guss. se distingue bem de *E. hexandra* (Lapierre) DC. pelas sépalas cujo comprimento é duplo da altura da cápsula. No entanto, acrescentam que a categoria específica do

---

<sup>1</sup> Alguns autores consideram *E. hexandra* (Lapierre) DC. e *E. major* como taxa infraespecíficos de *E. paludosa* Seub., e outros incluíram-nos como variedades em *E. Hydropiper* L.

primeiro taxon é discutível, « como já pode avaliar-se na posição que lhe tem sido atribuída em relação às suas afins *E. hexandra* e *E. major* e até a *E. Hydropiper* ».

As diferenças fundamentais entre *E. major* e *E. macropoda* residem no facto de na primeira as flores serem curtamente pediceladas e as sépalas terem aproximadamente o mesmo comprimento da cápsula, enquanto na segunda as flores são mais longamente pediceladas e as sépalas têm sensivelmente o dobro da altura da cápsula. Examinando exemplares de *E. hexandra* da Escandinávia existentes no herbário de Coimbra, tivemos ocasião de nos aperceber que o tamanho dos pedicelos, bem como a altura das sépalas é um tanto variável nesta espécie. Sendo assim, é de presumir que o mesmo aconteça em *E. major*. Portanto, *E. macropoda* talvez se deva considerar um taxon infraespecífico de *E. major*, como o fizeram já alguns autores (BRIQUET & DE LITARDIÈRE, Prodr. Fl. Corse, 2, 2: 53, 1936; FOURNIER, Les Quatre Fl. France: 442, 1946; CHASSAGNE, Fl. d'Auvergne, 1: 420, 1956). No entanto, como há outras espécies de *Elatine* que não estudámos e como, de acordo com PINTO DA SILVA & B. RAINHA (*loc. cit.*), pensamos ser necessário observar mais material deste género para se resolver o problema de *E. macropoda*, considerá-la-emos neste trabalho como espécie distinta de *E. major*.

Damos a seguir chaves para a determinação dos taxa de *Elatine* existentes em Portugal.

- 1 Folhas verticiladas ..... *E. Alsinastrum* L.  
Folhas opostas ..... 2
- 2 Flores trímeras (3 sépalas, 3 pétalas, 6 estames, cápsula  
3-valve) ..... *E. hexandra* (Lapierre) DC.  
Flores tetrâmeras (4 sépalas, 4 pétalas, 8 estames, cápsula  
4-valve) ..... 3
- 3 Sementes recurvadas em ferradura ..... *E. Hydropiper* L.  
Flores pediceladas ..... var. *pedunculata* Moris  
Sementes direitas ou pouco arqueadas ..... 4
- 4 Sépalas do tamanho da cápsula ..... *E. major* A. Br.  
Sépalas ultrapassando a altura da cápsula até ca. do dobro  
..... *E. macropoda* Guss.

ESPÉCIMES<sup>1</sup> E DISTRIBUIÇÃO**Elatine hexandra** (Lapierre) DC.

*Espécimes*: Aveiro, nos arredores, VIII-1890, *J. Henriques* s. n. (COI); matas de Foja, arrozais, 5-VI-1959, *J. Matos* s. n. (COI).

*Distribuição*: Beira Litoral.

**Elatine major** A. Br.

*Espécime*: Trancoso, VII-1890, *M. Ferreira* s. n. (COI).

*Distribuição*: Beira Alta.

**Elatine macropoda** Guss.

*Espécimes*: Montemor-o-Velho, Ereira, Lagoa, VII-1898, *M. Ferreira* s. n. (COI); arredores de Alfarelos, apeadeiro de Montemor, VII-1910, *M. Ferreira* s. n. pro parte (COI).

*Distribuição*: Beira Alta (Vilar Formoso) e Beira Litoral.

**Elatine Hydropiper** L. var. **pedunculata** Moris:

*Espécime*: arredores de Alfarelos, apeadeiro de Montemor, VIII-1910, *M. Ferreira* s. n. pro parte (COI).

*Distribuição*: Beira Litoral (Montemor-o-Velho e Alfarelos).

**Elatine Alsinastrum** L.:

*Distribuição*: Vilar Formoso.

**Torilis japonica** (Hott.) DC.

Esta espécie, que tem sido assinalada no Minho, Beira Litoral (Buçaco) e Estremadura (Óbidos), foi agora herborizada no Douro Litoral.

*Espécime*: Arouca, encosta da serra da Freita (maciço da Gralheira), entre Arouca e a Senhora da Guia, numa mata

<sup>1</sup> Nesta lista não mencionamos os espécimes de *E. Alsinastrum* L., nem os assinalados nos trabalhos de P. SILVA & B. RAINHA e de ROSETTE FERNANDES, por esse material, além de não constituir novidade para o País, também não nos suscitar quaisquer dúvidas.

sombria e húmida de *Quercus*, 28-VII-1961, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8250 (COI).

*Distribuição*: Minho, Douro Litoral, Beira Litoral e Estremadura.

### **Vinca major L.**

Esta espécie é mais comum no nosso País do que até aqui se julgava. É muito frequente no Minho, onde já fora herbORIZADA pelo Dr. J. HENRIQUES (cf. P. SILVA in Agron. Lusit. 13: 83, 1951). Herborizámo-la também noutros locais fora daquela província, num deles em condições que nos fazem suspeitar que talvez seja espontânea em Portugal.

#### *Espécimes*:

**Minho**: Eiteiro, entre Santa Marta de Portuzelo e Lanhezes, muito abundante nos muros, 1-III-1962, *J. Paiva, A. Marques & M. C. Alves* 8329 (COI); Candemil, entre Vila Nova de Cerveira e Paredes de Coura, nos muros, 2-III-1962, *J. Paiva, A. Marques & M. C. Alves* 8339 (COI) [var. *variegata* Loud.]; Vila do Pico, entre Ponte da Barca e Vila Verde, nos muros, 2-III-1962, *J. Paiva, J. Matos & M. C. Alves* 8344 (COI); Gêmea, entre Ponte da Barca e Vila Verde, nos muros, 2-III-1962, *J. Paiva, J. Matos & M. C. Alves* 8346 (COI).

**Beira Litoral**: Relva, entre Vale de Cambra e S. João da Madeira, nos muros, 28-II-1962, *J. Paiva, A. Marques & M. C. Alves* 8314 (COI); serra de S. Pedro Dias, a 1 km de Venda, numa encosta sombria, 25-IV-1962, *J. Paiva, J. Matos & A. Marques* 8399 (COI).

*Distribuição*: Minho, Beira Litoral, Beira Baixa (Castelo Branco?) e Algarve<sup>1</sup>.

### **Glechoma hederacea L.**

forma **grandifolia** (Hoffgg. & Link) P. Cout.

Foi encontrada próximo da Lousã. Estando já assinalada para a Beira Alta e Beira Baixa, ainda não estava mencionada para a Beira Litoral.

<sup>1</sup> MOLLER (Catalogo das Plantas Medicinaes: 173, 1882) cita para esta espécie Castelo Branco e Algarve (S. Brás, Faro, Tavira e S. Estêvão). Não vimos, porém, material daquelas localidades.

*Espécime*: Vilarinho, pr. Lousã, terreno húmido e sombrio, 27-VII-1960, J. Matos s. n. (COI).

*Distribuição*: Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Alta, Beira Litoral, Beira Baixa, Ribatejo e Algarve.

### **Jasione humilis** (Pers.) Loisel.

No Minho, fora da serra do Gerês, habita também na serra de Castro Laboreiro.

*Espécime*: serra de Castro Laboreiro, por entre as rochas, 24-VII-1961, J. Paiva, J. Matos & A. Marques 8064 (COI).

*Distribuição*: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral, Beira Alta e Beira Baixa.

### **Eupatorium glandulosum** H. B. K.

Este *Eupatorium* tem sido encontrado em condições de subespontaneidade em diversos locais de Lisboa e arredores (VASCONCELLOS in An. Inst. Sup. Agron. 11: 17, 1940; P. SILVA in Agron. Lusit. 9: 19, 1957). Encontrámo-lo recentemente, também como subespontâneo, na margem direita do rio Douro, perto do Porto Manso e noutros locais, onde vegeta com abundância.

*Espécimes*: Porto Manso, pr. Aregos, margem direita do rio Douro, 28-VII-1961, J. Paiva, J. Matos & A. Marques 8230 (COI); Porto Antigo, Mosteiró, numa barreira da estrada, 28-IV-1962, J. Paiva, J. Matos & A. Marques 8476 (COI).

*Distribuição*: Douro Litoral (margem direita do Douro) e Estremadura (Lisboa e arredores).

### **Gnaphalium purpureum** L.

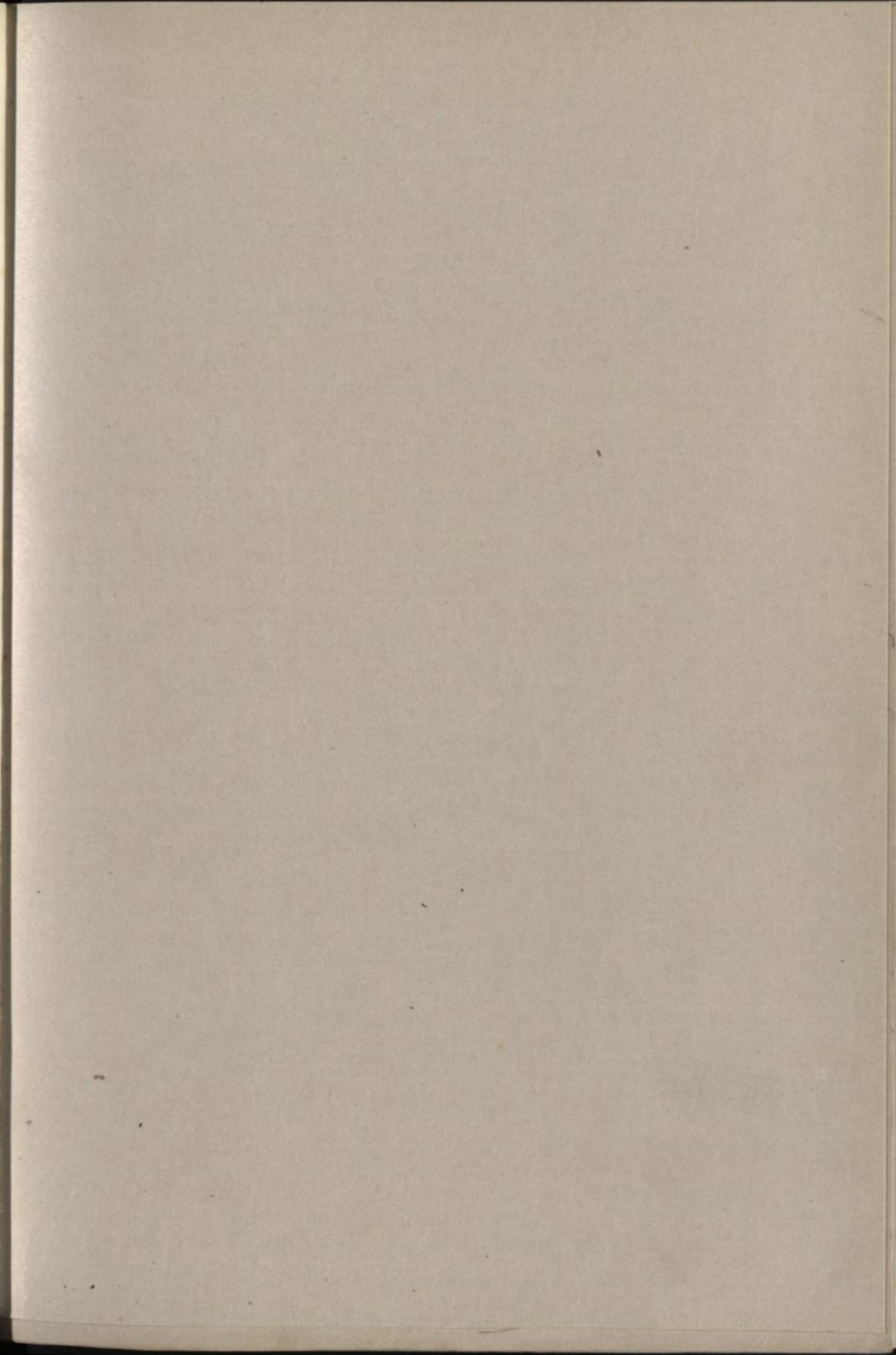
Segunda citação para a Beira Litoral.

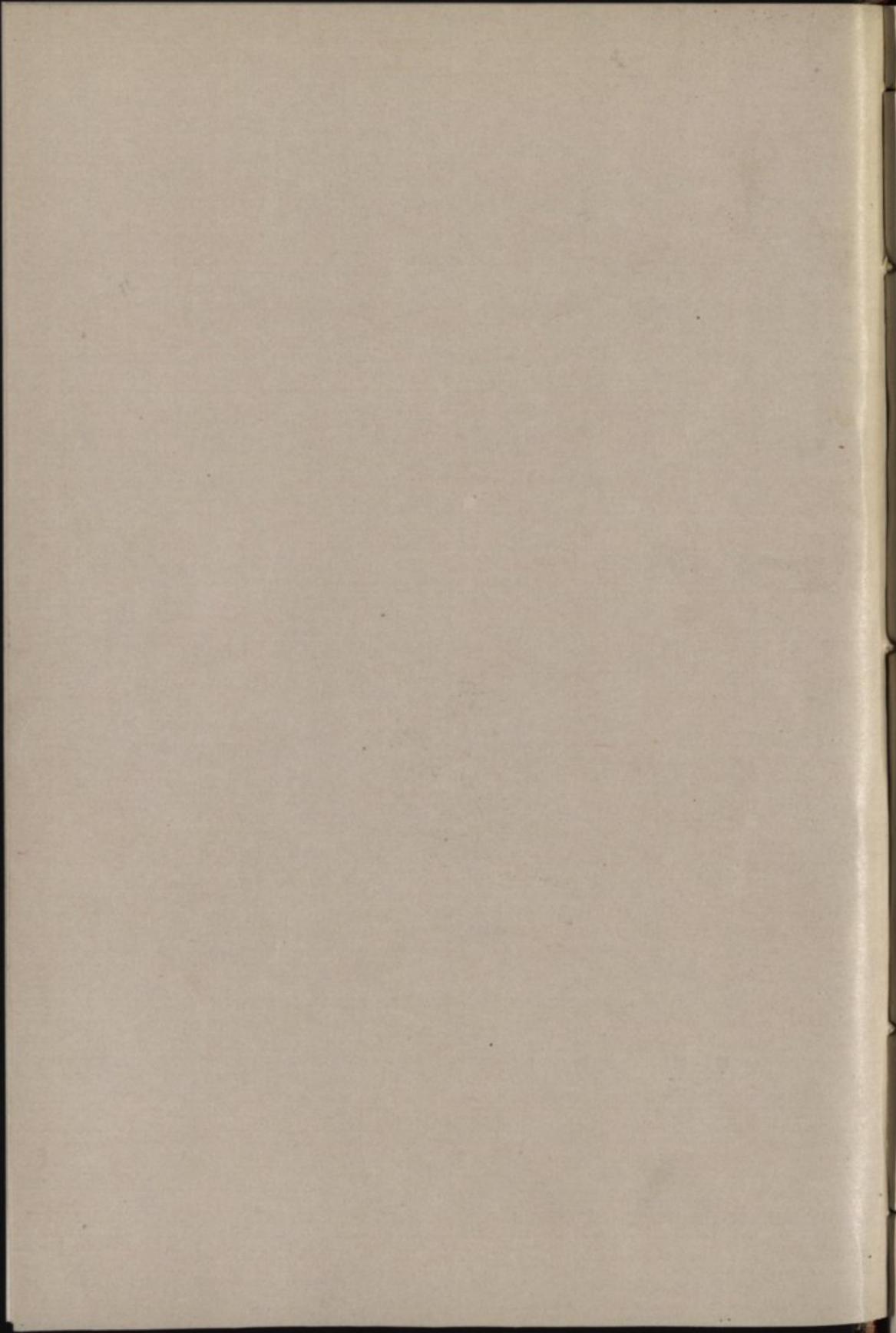
*Espécime*: Pampilhosa, Valdoeiro, 22-VI-1960, J. Matos s. n. (COI).

*Distribuição*: Douro Litoral, Beira Litoral, Ribatejo, Estremadura, Alto Alentejo e Algarve.







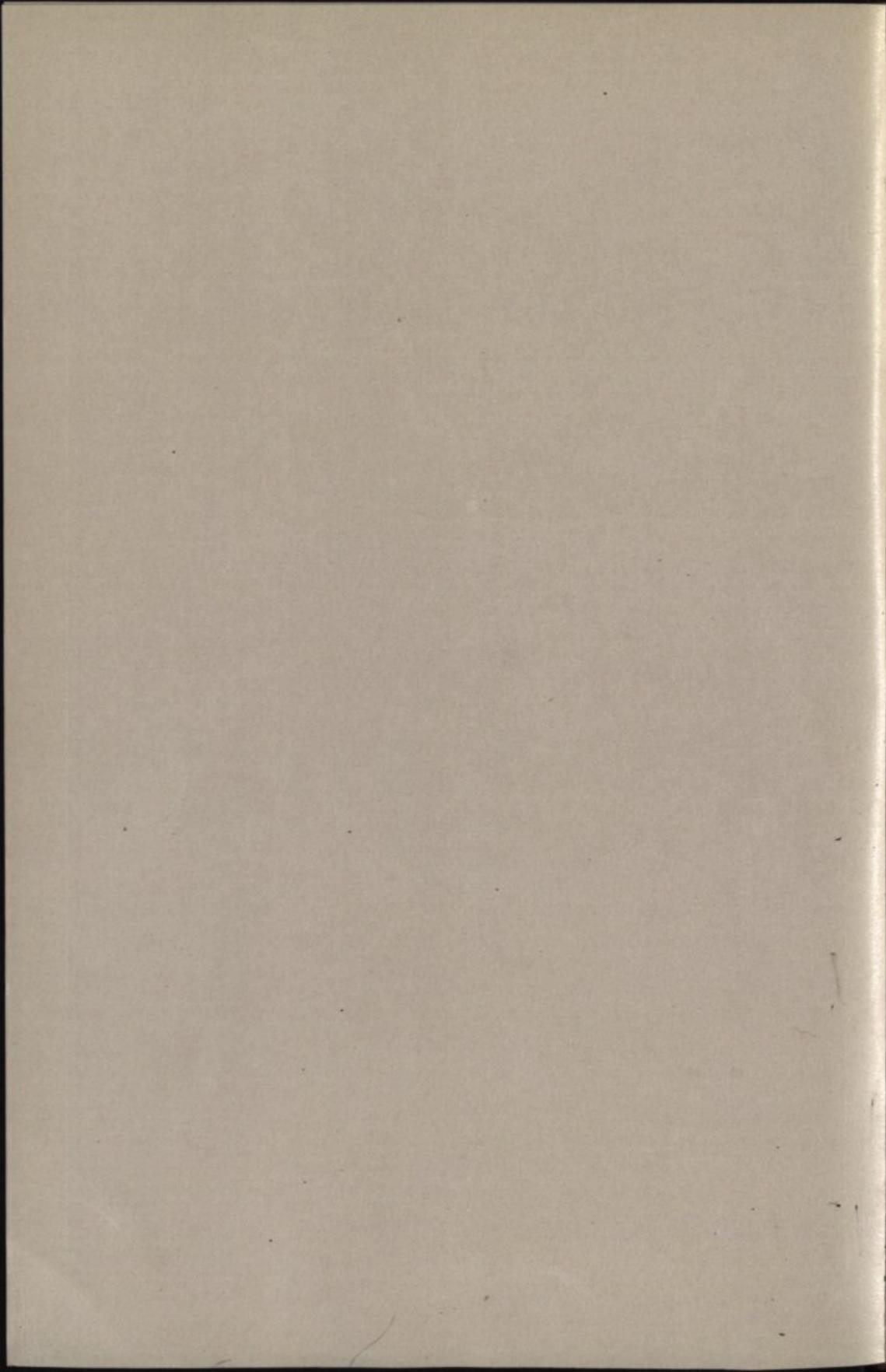


**ANUÁRIO**  
DA  
**SOCIEDADE BROTERIANA**  
**ANO XXIX**

REDACTOR  
**PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES**  
Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra



COIMBRA  
1963



ANUÁRIO  
DA  
SOCIEDADE BROTERIANA  
ANO XXIX

ANUÁRIO DA  
SOCIEDADE BROTERIANA

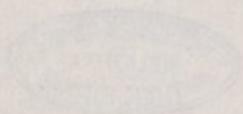
ANO XXIX  
1963



ANUÁRIO DA  
SOCIEDADE BROTTERANA

ANO XIX

1904



**ANUÁRIO**  
DA  
**SOCIEDADE BROTERIANA**  
**ANO XXIX**

REDACTOR

**PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES**

Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra



COIMBRA  
1963

ANUÁRIO  
DA  
SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XXIX

REDACTOR

PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES

Imprensa da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra



COIMBRA

1963  
Composição e impressão das Oficinas  
da Tip. Alcobacen & Lt. — Alcobaga

# SESSÕES DA SOCIEDADE BROTERIANA

## ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Reunião de 19 de Janeiro de 1963

*Presidência do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. José Ernesto de Mesquita Rodrigues*

**A**BERTA a sessão, foi concedida a palavra ao Presidente da Sociedade, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Prof. Dr. ABÍLIO FERNANDES, que procedeu à leitura do relatório da Direcção referente ao ano de 1962. Esse relatório é do teor seguinte:

« Verificando-se que a parte continental do país se encontra já muito razoavelmente explorada no que diz respeito às plantas vasculares, compreende-se que a Direcção esteja procurando intensificar a colheita das pertencentes aos grupos das celulares. Nesta conformidade, acolheu com muita simpatia a vinda a Portugal do Ex.<sup>mo</sup> Sr. ARNOLD NAUWERCK, botânico alemão que se dedica ao estudo do fitoplâncton de água doce, a quem concedeu todas as facilidades para a realização do seu trabalho. Na companhia do vogal da Direcção, Rev. P.<sup>o</sup> MANUEL PÓVOA DOS REIS, esse especialista percorreu alguns dos pontos mais interessantes de Portugal sob o ponto de vista algológico (vários rios e barragens), onde efectuou diversas colheitas. Os resultados dos estudos levados a efeito deram ensejo à publicação no volume XV das *Memórias* de um notável trabalho intitulado «Zur Systematik und Ökologie portugiesischer Planktonalgen», onde são enumeradas muitas das espécies encontradas.

O Rev. P.<sup>o</sup> M. PÓVOA DOS REIS aproveitou a oportunidade para realizar ele próprio várias colheitas de Rodofíceas de água doce durante as explorações que fez juntamente com o Ex.<sup>mo</sup> Sr. ARNOLD NAUWERCK. O material coligido permitiu-lhe a



elaboração de dois trabalhos, um publicado também no n.º XV das *Memórias* e outro no volume XXXVI do *Boletim*. Por outro lado, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. JOSÉ ERNESTO DE MESQUITA RODRIGUES ocupou-se da identificação não só de Clorofíceas de água doce, mas também de Feofíceas da costa portuguesa. Havendo, portanto, possibilidades de se realizar no Instituto Botânico o estudo dos grupos referidos, a Direcção agradecerá todo o material dos mesmos que lhe for remetido pelos sócios.

A herborização de plantas vasculares também não foi descurada, porquanto o pessoal do Instituto efectuou diversas explorações que permitiram aumentar as colecções e enviar por permuta muitos espécimes. O estudo desses materiais está sendo feito pelos Lic.<sup>dos</sup> D. ROSETTE BATARDA FERNANDES e JORGE AMÉRICO RODRIGUES DE PAIVA. A estes dois consócios se devem os trabalhos que preenchem o n.º XXVIII do *Anuário*, baseados principalmente sobre materiais provenientes destas colheitas.

Cumprindo a resolução da Assembleia Geral do ano transacto, publicou-se o volume XXXVI do *Boletim* que foi dedicado ao sócio honorário, Prof. Dr. AURÉLIO QUINTANILHA, pelo motivo da passagem do seu 70.º aniversário. Este volume compreende bastantes trabalhos quer de autores portugueses, quer estrangeiros, particularmente de ingleses.

Gostosamente deixamos aqui consignados os nossos agradecimentos aos colaboradores das *Memórias*, *Anuário* e *Boletim* pelo auxílio que concederam à Sociedade.

De 22 a 26 de Junho, realizou-se no Porto o XXVI Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências. Nele tomaram parte vários membros da Sociedade Broteriana, que apresentaram as seguintes comunicações:

- J. BARROS NEVES — Dados cariológicos sobre algumas espécies africanas de *Ornithogalum* L.
- A. FERNANDES — Sobre a cariologia de *Campanula lusitana* L. ex Loeffl. e *C. transtagana* R. Fernandes.
- A. FERNANDES & ROSETTE FERNANDES — O género *Olinia* Thunb. em Angola.
- A. FERNANDES & J. MESQUITA — Sobre o comportamento meiótico dos heterocromatinosomas curtos de *Narcissus bulbocodium* L.

- ROSETTE FERNANDES — Notas sobre algumas espécies do género *Campanula* L.
- ROSETTE FERNANDES — Anomalias florais, repartição dos sexos e sinonímia em *Rhus longipes* Engl.
- J. E. DE MESQUITA RODRIGUES — Contribuição para o conhecimento das Algas de água doce de Portugal—II.
- EDUARDO JOSÉ MENDES — Additiones et adnotationes florae angolensi — V.
- GEORGETTE BARROS DE SÁ NOGUEIRA & MARIA HELENA PEREIRA DIAS — Um aspecto da azinheira na Serra de Montejunto.
- MANUEL PÓVOA DOS REIS — Uma nova espécie de *Lemanea* encontrada em Portugal.
- ANICETA CLOTILDE DOS SANTOS — Um novo fungo no *Hedychium gardnerianum* Roscoe (Conteira).
- ESTER PEREIRA DE SOUSA — Novos taxa da flora de Angola—II.
- ANTÓNIO ROCHA DA TORRE — Taxa angolensia nova vel minus cognita — II.

Esta lista mostra que a participação da nossa Sociedade foi bastante valiosa. Agradeço, penhoradamente, aos sócios mencionados a colaboração que se dignaram conceder à Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, de cuja federação a Sociedade Broteriana faz parte.

O movimento da biblioteca foi muito intenso, tendo-se recebido, por permuta ou dádiva, 2 083 volumes e folhetos.

A actividade dos sócios no que respeita à colheita de plantas foi quase nula. Renovo, portanto, o apelo do ano transacto, insistindo com todos os membros para que enviem ao herbário do Instituto Botânico de Coimbra os exemplares provenientes das suas herborizações ».

Terminada a leitura, o Presidente da Assembleia pôs em discussão o relatório da Direcção, o qual foi aprovado.

Em seguida, o Dr. ABÍLIO FERNANDES referiu-se ao estado financeiro da Sociedade. As contas, que foram aprovadas, mostraram que, em 31 de Dezembro de 1962, existia em caixa um saldo de 20 222\$90.

Prosseguindo, o Presidente da Direcção disse que a impressão e a distribuição das revistas da Sociedade consomem somas avultadas. Por esse facto, propôs que a Direcção fique autorizada a aplicar os fundos disponíveis na publicação e expedição das referidas revistas, no caso de serem insuficientes as verbas obtidas de outras fontes. Esta proposta foi aprovada.

A Assembleia resolveu reconduzir nos seus cargos os vogais da Direcção anterior, Ex.<sup>mos</sup> Srs. Prof. Dr. ALOÍSIO FERNANDES COSTA e Rev. P.<sup>o</sup> MANUEL PÓVOA DOS REIS.

## DIRECÇÃO

Reunião de 19 de Janeiro de 1963

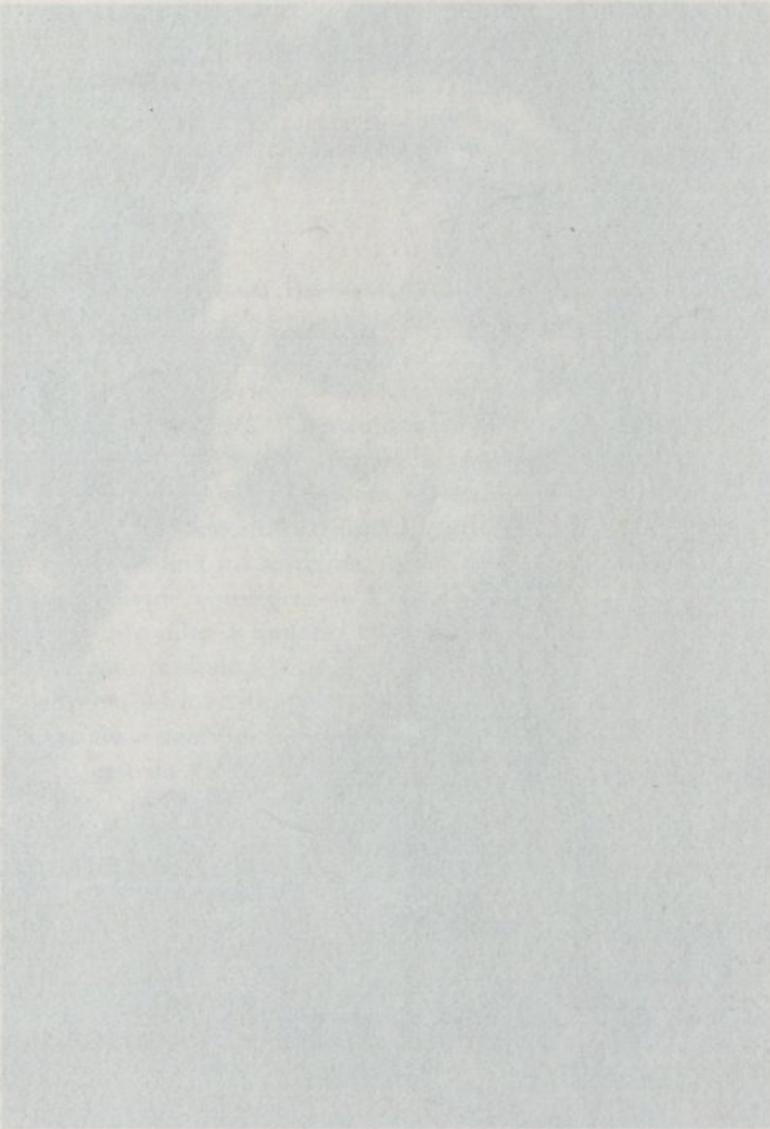
*Presidência do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Abilio Fernandes*

Foi resolvido:

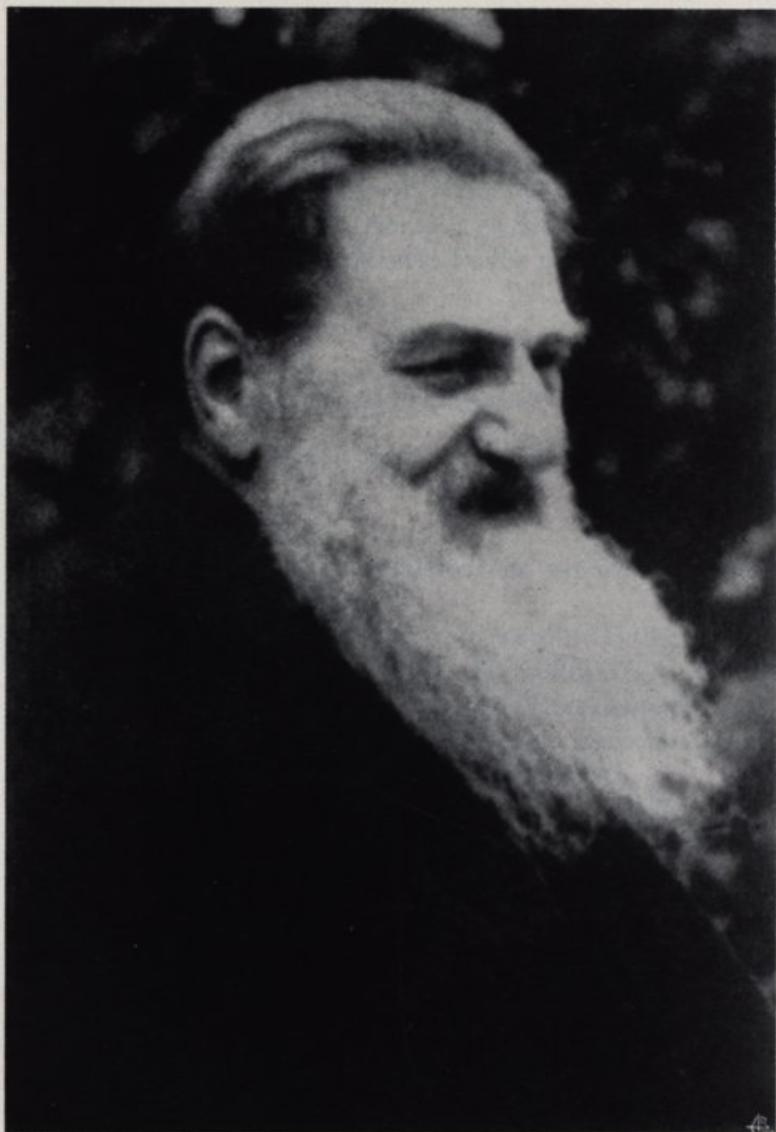
- a) Manter as comissões de redacção do *Boletim* e das *Memórias*.
- b) Que, em virtude de o Instituto Botânico se encontrar ainda privado de naturalista, a redacção do *Anuário* fique a cargo do Presidente da Sociedade, que actuará também como Secretário-tesoureiro até ser preenchido o lugar vago.
- c) Instar com os sócios para que realizem trabalhos de herborização, particularmente no domínio das Criptogâmicas.

O

14 de  
religio  
lema  
freq  
ber  
sola  
pelo  
-o-  
colle  
a ap  
ma  
D  
S  
M  
prof  
per  
sion  
nle  
o ten  
espe  
C  
me



Matas das varzeas, 1944-1945, N. 104, 105  
Força pública nos seguintes termos:  
Eduardo, Com. Transportes - La Cruz, Carlos, Transportes  
Pa. Martins - Sr. R. P. Martins, Transportes e Armazenagem  
de Alimentos, P. 100-105 (1945)



Rev. P.º CHARLES TISSERANT

## REV. P.<sup>E</sup> CHARLES TISSERANT \*

(1886-1962)

O Rev. P.<sup>o</sup> CHARLES-MICHEL TISSERANT, filho de HIPPOLYTE TISSERANT e de OCTAVIE-LÉONIE-HÉLOÏSE CONNARD, nasceu em Nancy a 14 de Outubro de 1886. Membro de uma família profundamente religiosa, foi confiado desde os 3 anos de idade aos cuidados das Irmãs da Doutrina Cristã. Concluídos os estudos primários, frequentou em seguida os colégios de S. Leopoldo e de S. Sigiberto, de Nancy, onde adquiriu uma forte preparação em filosofia e matemáticas elementares, distinguindo-se particularmente pelas suas extraordinárias aptidões para a geometria.

Tendo resolvido consagrar-se à vida eclesiástica, deparou-se-lhe o seguinte dilema quando concluiu os seus estudos no colégio: efectuar trabalho social cristão em França ou exercer o apostolado em África? Foi pelo segundo caminho, que exigiria mais abnegação e sacrifício, que o P.<sup>o</sup> CHARLES TISSERANT optou. Deste modo, entrou como noviço na Congregação do Espírito Santo, na casa de Chevilly (Seine), em Setembro de 1904.

No ano de 1905-1906 fez o serviço militar, findo o qual prosseguiu os seus estudos eclesiásticos até 1911. Durante este período, teve como professor o Rev. P.<sup>o</sup> CHARLES SACLEUX, missionário que vivera muito tempo em África, onde se dedicara não só ao estudo das línguas dos povos junto dos quais exercera o seu apostolado, mas também à colheita de plantas cujos espécimes enviara para o Museu de História Natural de Paris. Convencido pelas palavras do seu ilustre Mestre de que a acção missionária feita através de intérpretes é necessariamente defi-

\* Muitos dos elementos utilizados na elaboração desta nota biográfica foram colhidos nos seguintes artigos:

EUGÈNE, Card. TISSERANT — Le Père Charles Tisserant.

FR. PELLEGRIN — Le R. P. Charles Tisserant, botaniste et ethnologue in *Adansonia*, 3: 203-206 (1963).

ciente e atraído pelas belezas do reino vegetal que o mesmo professor lhe ia revelando durante as visitas que ambos faziam ao Laboratório de Fanerogamia do Museu de História Natural de Paris, CHARLES TISSERANT em breve passou a interessar-se entusiasticamente pelo estudo das línguas da África Central, bem como pela Botânica.

Em 28 de Outubro de 1910, no início do último ano de teologia, foi ordenado sacerdote por Monsenhor LE ROY, pioneiro da exploração botânica do Gabão.

Em Julho de 1911, as obediências da Congregação do Espírito Santo, a que pertencia, determinaram que o P.<sup>o</sup> TISSERANT fosse colocado na Prefeitura Apostólica do Oubangui-Chari, na África Equatorial Francesa. Esta determinação foi acolhida pelo jovem sacerdote com verdadeiro júbilo, porquanto via deste modo concretizarem-se as suas aspirações, surgindo-lhe o ensejo de ir desempenhar a missão para a qual longa, paciente e conscienciosamente se tinha estado a preparar.

Depois de uma viagem penosa, o P.<sup>o</sup> CHARLES TISSERANT chegou à Missão da Sagrada Família, em Banziris, situada a montante de Bangui. Animado do maior fervor, dá início à obra cuja realização tinha sido o grande sonho da sua vida. Em breve, porém, sente ressoar nos seus ouvidos as palavras do P.<sup>o</sup> SACLEUX: a obra do missionário só poderá ser eficiente se este comunicar directamente com o indígena, pois que, através de intérpretes, as verdades evangélicas chegam muitas vezes deformadas aos que se pretende conquistar para a doutrina de CRISTO. Deste modo, para alcançar integralmente o objectivo que visava, dedicou-se com entusiasmo ao estudo da língua banda durante o período em que permaneceu na Missão acima referida, assim como na de Bambari, onde foi colocado em 1920. Os conhecimentos adquiridos permitiram-lhe publicar as obras abaixo mencionadas, que muito auxiliaram não só a tarefa evangelizadora dos seus Irmãos, mas também a difusão da língua francesa numa grande parte da África Equatorial:

- Éssai de la langue banda in *Trav. Mém. Inst. Ethnol.* 13 (1930).
- Dictionnaire Banda-français, *Idem*, 14 (1931).
- Catéchisme banda (1930).

Apesar de as suas obrigações de missionário serem extremamente pesadas e os estudos sobre a língua banda bastante absorventes, o P.<sup>o</sup> TISSERANT, dotado de uma vitalidade e dinamismo verdadeiramente excepcionais, encontrava ainda tempo para se embevecer na contemplação da Natureza. Ao percorrer as florestas, estepes e savanas que atravessava para prestar assistência aos seus catecúmenos, não deixava de se deter perante as variadas plantas que se lhe deparavam, algumas das quais de rara beleza. Sabendo que muitas delas eram ainda desconhecidas dos botânicos, resolveu proceder a herborizações, a fim de contribuir para o progresso da ciência em que tinha sido iniciado pelo seu Mestre SACLEUX. Dada a falta de tempo e sobretudo de livros e de herbários que lhe permitissem comparar os seus materiais com espécimes autênticos ou autenticados, o P.<sup>o</sup> TISSERANT não podia realizar ele próprio na sua Missão o estudo dessas plantas. Remeteu-as, por isso, para o Laboratório de Fanerogamia do Museu de História Natural de Paris, onde a sua colecção ia aumentando progressivamente.

Em 1931, o P.<sup>o</sup> TISSERANT foi nomeado superior da Missão de Bozoum, no país dos Gbayas. Em Março de 1939, foi encarregado do novo posto de Bangassou, situado na região leste da Colónia, no país dos Nzakara. Entretanto, deflagrou a segunda guerra mundial e todos os Irmãos em idade militar foram mobilizados. A fim de suprir a falta desses colaboradores, o P.<sup>o</sup> TISSERANT multiplicou os seus esforços no sentido de que a assistência não faltasse aos catecúmenos. A fadiga foi-se acumulando, até que surgiram perturbações de saúde que se acentuaram de maneira alarmante. Em face disso, os seus superiores obrigaram-no a partir para Angola em Junho de 1942, visto não poder ir recompor-se na Europa, onde a guerra alastrava vertiginosamente. Acolhido com o maior carinho pelos seus Irmãos portugueses da Missão do Huambo, situada a cerca de 20 km de Nova Lisboa, nas margens do rio Cuando, o repouso e as favoráveis condições climáticas do planalto angolano actuaram eficazmente sobre o organismo do P.<sup>o</sup> TISSERANT, que em breve se restabeleceu.

Durante o período em que esteve em tratamento, percorria em passeio os arredores da Missão. O seu espírito foi desde logo atraído pelas plantas que encontrava e, como botâ-

nico entusiasta, começou a herborizar. Organizou, assim, uma coleção que resolveu oferecer ao Instituto Botânico da Universidade de Coimbra, porquanto, tendo encontrado na biblioteca da Missão o fascículo 1 do volume I do *Conspectus Florae Angolensis*, sabia que esta Instituição se encontrava muito interessada no estudo da flora de Angola. A remessa dos espécimes foi acompanhada de uma carta que transcrevemos a seguir, em virtude de ela pôr claramente em evidência a simplicidade encantadora da sua alma de eleição, os seus sentimentos de gratidão relativamente aos Portugueses que tão bem o tinham acolhido, a sua superior capacidade de observação e os seus vastos conhecimentos de botânica:

« † Benguela le 8 Déc. 1942

Monsieur le Directeur,

Mon nom n'est pas inconnu dans la littérature botanique. Missionnaire dans la Colonie française de l'Oubangui-Chari depuis 31 ans, j'y ai ramassé un herbier de plus de 3000 n<sup>os</sup>. En France, au Muséum d'Histoire Naturelle de Paris, j'ai étudié plusieurs de mes plantes en particulier des Légumineuses, ce qui m'a amené à examiner et à déterminer un certain nombre de plantes d'Angola (des Indigoferas).

Après onze ans de séjour en Colonie, j'avais besoin de repos. Les circonstances actuelles ne me permettant pas de rentrer en Europe, mes Supérieurs m'ont envoyé ici en Angola. Accueilli avec bonté par Mgr. Junqueira évêque de Nova-Lisboa, j'ai pu séjourner cinq mois dans la Mission de Huambo sur le Rio Cuando, près de la Centrale Electrique du chemin de fer de Lobito, à 20 kms. de Nova-Lisboa.

Dans mes nombreuses promenades autour de la Mission de Juillet à Novembre, j'ai herborisé et ramassé un petit herbier de 344 plantes, représentant environ 330 espèces.

Il m'était difficile d'en faire profiter le M. H. N. de Paris, je me suis résolu de les envoyer à votre Institut,

ayant vu qu'il publiait le *Conspectus Florae Angolensis*, dont j'ai trouvé un exemplaire du 1<sup>er</sup> fascicule à la Mission. D'autant plus que cet envoi constituait un geste naturel de gratitude envers le Portugal qui a bien voulu favoriser un bon nombre de mes compatriotes d'Afrique Equatoriale Française le séjour en Angola, où ils ont pu prendre le repos que les circonstances les empêchaient d'aller prendre en Europe.

Toutes mes récoltes (à 4 plantes près) ont été faites dans les environs immédiats de la Mission Catholique de Huambo (Cuando). Au Nord se trouve le lac artificiel qui alimente la Centrale Electrique et au-dessous du barrage le Rio Cuando qui coule ici vers le Sud-Ouest. Auprès du lac au Nord il y a 3 grands rochers de gneiss ou granites, qui, ainsi que les ravins voisins, m'ont donné quelques plantes que je n'ai trouvé que là. A l'Est et au Sud-Est, c'est le plateau couvert de savane boisée (ce que vous appelez mato xerófilo) formation dont le sol est couvert d'herbes de petite taille et dont les arbres ne dépassent 6 à 8 m. Il est coupé de vallées dont les pentes dégarnies se sont adoucies et dont le fond est occupé par des marais d'où sortent les ruisseaux. Ces marais ont été très remaniés par les cultures indigènes: fossés de drainage, champs de blé et de maïs. La forêt y a à peu près disparu, on ne trouve que quelques lambeaux de minces galeries forestières, là où l'étroitesse de la vallée empêchait les cultures, avec fougères arborescents, Pandanus, un *Randia* à très grandes fleurs, un *Eugenia*, et par place des *Raphias* nains, dont je n'ai pas vu les fleurs ni les fruits.

Au Sud-Ouest beaucoup de rochers, ou mieux d'éboulis de rochers. Parmi ces rochers l'un, plus élevé, a servi à faire la carte de la région et on y voit encore une colonne de ciment, je le désigne «signal trigonométrique», plusieurs de mes plantes n'ont été vues que là.

Mon herbier ne représente qu'une partie et bien faible de ce qui pousse ici; mais étant hôte chez des confrères, et n'étant pas chez moi, mes moyens de récolte et surtout de séchage étaient réduits.

Je vous fait expédier une caisse renfermant mon herbier de Lobito, je pense que vous la recevrez bientôt.

Veillez croire, Monsieur le Directeur, à l'assurance de mon entier dévouement.

CH. TISSERANT.»

O material foi recebido em Coimbra em Março de 1943, tendo a sua recepção sido acusada na seguinte carta:

«Coimbra, le 22-3-1943

Rev. P.<sup>e</sup> Ch. Tisserant,  
Mission Catholique de Bangui,  
Oubangui-Chari,  
Afrique Equatoriale Française

Rév. Père,

Je viens de recevoir votre aimable lettre du 8 Décembre écoulé, ainsi que la magnifique collection de plantes que vous avez ramassées aux alentours de la Mission Catholique de Huambo pendant votre séjour en Angola et que vous avez offerte à l'Institut Botanique de Coimbra. En recevant ce magnifique cadeau, je viens vous dire combien votre noble geste nous a touché et combien nous apprécions votre collection.

Depuis longtemps que notre Institut est intéressé dans l'étude de la floristique de l'Angola. De cette façon, tout le matériel qui nous arrive est le bienvenu. Nous vous sommes donc très reconnaissants et nous vous remercions chaleureusement de l'amabilité de votre don.

Nous vous envoyons, par ce courrier, le vol. I, fasc. 1 du *Conspectus Florae Angolensis* et dans l'avenir nous vous ferons parvenir la suite de cette publication.

En vous remerciant une fois de plus de votre amabilité, je vous prie, Rév. Père, d'agréer l'assurance de ma considération la plus distinguée.

Le Directeur,  
Prof. Dr. ABÍLIO FERNANDES.»

Os exemplares foram integrados no herbário de Angola do Instituto Botânico de Coimbra e vão sendo estudados à medida que se prepara a revisão das famílias para o *Conspectus*. Até hoje foram já citadas as espécies *Crotalaria kutchiensis* Bak. f., *C. cistoides* Welw. ex Bak., *Argyrobium aequinoctiale* Welw. ex Bak., *Indigofera sutherlandioides* Welw. ex Bak., *I. Antunesiana* Harms, *I. Taruffiana* Torre e *Tephrosia dasyphylla* Welw. ex Bak., da família das *Leguminosae*; *Olinia huillensis* Welw. ex A. & R. Fernandes, da família das *Oliniaceae*; *Adenia Tisserantii* A. & R. Fernandes, da família das *Passifloraceae*; e *Trochomeria multiflora* R. Fernandes, da família das *Cucurbitaceae*, das quais as duas últimas novas para a ciência.

Decorridos 5 meses após a chegada à Missão do Huambo, o P.<sup>o</sup> TISSERANT, apesar de não ter ainda terminado o período de repouso que lhe tinha sido concedido, viu-se obrigado a deixar Angola para regressar ao seu trabalho, em virtude de ter adoecido um dos seus Irmãos. Volta então a Bambari, para dentro em pouco tempo ser deslocado para Mbaiki, no país Lissogo. Em seguida transitou para Berbérati e, seis meses mais tarde, é destacado outra vez para Bozoum. Finalmente, passou para Boukoko, onde lhe foi confiada a direcção da secção de botânica da «Station Centrale de Boukoko», encarregada principalmente de prestar esclarecimentos aos indígenas sobre as plantas úteis.

Dotado, como dissemos, de extraordinárias aptidões para o estudo das línguas, foi-lhe fácil, uma vez dominado o banda, aprender a língua e os dialectos dos outros povos com os quais ia convivendo e, com o fim de tornar mais eficiente o trabalho dos outros missionários, escreveu um catecismo bem como uma gramática e um dicionário em língua gbaya. Mais tarde, elaborou também um dicionário francês-sango e escreveu um manual intitulado «Sango, langue véhiculaire de l'Oubangui-Chari».

Enquanto se dedicava aos estudos linguísticos, não descu- rava o seu herbário que se ia avolumando no Laboratório de Fanerogamia do Museu de Paris, até perfazer cerca de 10 000 exemplares de Espermatófitas. As Briófitas mereceram-lhe também muita atenção, tendo enviado cerca de 700 colheitas de Musgos ao especialista R. POTIER DE LA VARDE. O estudo dos seus materiais tem levado à descoberta de plantas interessantes,

entre as quais se contam alguns géneros, várias espécies e variedades novos para a ciência.

Cultivando a botânica com o mesmo entusiasmo que a linguística, o P.<sup>e</sup> TISSERANT aproveitava todos os seus períodos de repouso na Europa para se dedicar ao estudo das plantas que tinha coligido. Esses estudos, prosseguidos mais tarde também na « Station Centrale de Boukoko », deram ensejo à publicação dos trabalhos a seguir enumerados que põem claramente em evidência o elevado merecimento do P.<sup>e</sup> TISSERANT como botânico.

## 1929

Les Caféiers sauvages de l'Oubangui français. *Rev. Bot. Appl. Agric. Trop.* 9: 27-30.

## 1930

*Eriosema* de l'Oubangui. *Bull. Mus. Nat. Hist. Nat. sér. 2, 2*: 313-323.  
Plantes à filasse employées par les Bandas du Haut-Oubangui (Afrique Équatoriale Française). *Rev. Bot. Appl. Agric. Trop.* 10: 10-15.  
*Psophocarpus* nouveaux, Légumineuses-Papilionées du Haut-Oubangui. *Bull. Mus. Nat. Hist. Nat. sér. 2, 2*: 574-576.  
Tephrosias nouveaux de l'Oubangui-Chari (Légumineuses-Papilionées). *Ibid.* 2: 677-679.  
Note sur deux Indigoferas (Légumineuses-Papilionées). *Ibid.* 2: 680-681.

## 1931

Indigoferas d'Afrique (Légumineuses-Papilionées). *Ibid.* 3: 163-172.  
Les formations végétales du Haut-Oubangui et leurs rapports avec l'agriculture. *Rev. Bot. Appl. Agric. Trop.* 11: 651-655.  
Révision des *Indigofera* Ouest-Africains de l'herbier du Muséum. *Bull. Mus. Nat. Hist. Nat. sér. 2, 3*: 258-272.  
Légumineuses-Hédysarées d'Afrique. *Ibid.* 3: 333-336.

## 1933

*Abrus* nouveaux de l'Oubangui. *Ibid.* 5: 332.

## 1949

Sur le *Lepidobotrys Staudtii* Engl. *Bull. Soc. Bot. Fr.* 96: 214-216.

## 1950

Catalogue de la flore de l'Oubangui-Chari. *Mém. Inst. Étud. Centrafric.* 2: 1-166.

L'arachide a-t-elle un fruit indéhiscent? *Bull. Soc. Bot. Fr.* 97: 175-177.

2<sup>o</sup> Note: La déhiscence de l'arachide. *Ibid.* 97: 185-187.

## 1952

À propos de la déhiscence des capsules chez le *Tisserantodendron* R. Sillans. *Ibid.* 99: 173-174, 1 fig. (Em colaboração com R. SILLANS).

Le *Piptadenia Mannii* Oliver (Légumineuse-Mimosée). *Ibid.* 99: 257-258.

Sur quelques Flacourtiacées de l'Oubangui-Chari. *Ibid.* 99: 285-286. (Em colaboração com R. SILLANS).

## 1953

L'agriculture dans les savanes de l'Oubangui. *Bull. Inst. Étud. Centrafric.* nouv. sér. 6: 209-273.

Plantes nouvelles de l'Oubangui-Chari (g. *Scottellia* et *Ritchiea*). *Bull. Soc. Bot. Fr.* 100: 6-9, 2 fig. (Em colaboração com R. SILLANS).

## 1954

Matériaux pour la flore de l'Oubangui-Chari (Pittosporacées). *Notul. System.* 15: 92-93. (Em colaboração com R. SILLANS).

Matériaux pour la flore de l'Oubangui-Chari (Flacourtiacées). *Ibid.* 15: 93-103. (Em colaboração com R. SILLANS).

## 1955

Sur quelques *Rinorea* (Violacées) de l'Oubangui-Chari. *Bull. Soc. Bot. Fr.* 102: 31-34.

Les *Rinorea* (Violacées) de l'Oubangui appartenant à la Section § *Brachypetalae*. *Ibid.* 102: 34-37.

Les *Cochlospermum* de l'Ouest Africain (Cochlospermacées). *Ibid.* 102: 340-345.

Les *Homalium* de l'Oubangui-Chari (Samydacées). *Ibid.* 102: 345-347.

## 1956

Matériaux pour la flore de l'Oubangui-Chari (Crucifères). *Notul. System.* 15: 183-184.

Matériaux pour la flore de l'Oubangui-Chari (Nymphaeacées). *Ibid.* 15: 184-187.

Matériaux pour la flore de l'Oubangui-Chari (Violacées). *Ibid.* 15: 187-194.

Matériaux pour la flore de l'Oubangui-Chari (Renonculacées). *Ibid.* 15: 194-196.

Matériaux pour la flore de l'Oubangui-Chari (Capparidacées). *Ibid.* 15: 197-206. (Em colaboração com R. SILLANS).

Matériaux pour la flore de l'Oubangui-Chari (Rosacées). *Ibid.* 15: 206-212. (Em colaboração com R. SILLANS).

Un *Uvaria* peu connu d'Afrique équatoriale: *Uvaria muricata* (Pierre) Engl. et Diels (Annonacées). *Bull. Soc. Bot. Fr.* 103: 468-470.

Le genre *Xylopia* (Annonacées) en Oubangui-Chari. *Ibid.* 103: 609-611.

## 1957

Ménispermacée nouvelle de l'Oubangui-Chari. *Ibid.* 104: 614-616.

## 1958

Matériaux pour la flore de l'Oubangui-Chari (Cochlospermacées). *Notul. System.* 15: 298-300.

Matériaux pour la flore de l'Oubangui-Chari (Samydacées). *Ibid.* 15: 300-305.

Matériaux pour la flore de l'Oubangui-Chari (Ménispermacées). *Ibid.* 15: 305-320.

Matériaux pour la flore de l'Oubangui-Chari (Annonacées). *Ibid.* 15: 321-354. (Em colaboração com R. SILLANS).

Esta lista mostra que a obra do P.<sup>o</sup> TISSERANT é extensa e valiosa e que a ele se deve a maior parte dos conhecimentos que se possuem sobre a flora do Oubangui-Chari. O seu interesse incidiu em primeiro lugar sobre as Leguminosas, nas quais realizou revisões notáveis, providas de claves para a identificação das espécies, particularmente dos géneros *Eriosema*, *Tephrosia* e *Indigofera*, bem como da tribo *Hedysareae*. Ocupou-se em seguida das *Flacourtiaceae* e *Samydaceae*, passando depois às *Pittosporaceae*, *Violaceae*, *Cochlospermaceae*, *Cruciferae*, *Nymphaeaceae*, *Ranunculaceae*, *Capparidaceae*, *Rosaceae*, *Annonaceae* e *Menispermaceae*, tendo, em alguns casos, o trabalho sido efectuado em colaboração com R. SILLANS.

No decurso destas revisões, foram encontrados vários taxa novos que o P.<sup>o</sup> TISSERANT descreveu quer só, quer em colaboração com R. SILLANS. Entre essas novidades para a ciência contam-se: *Eriosema Pellegrinii*, *E. Sacleuxii*, *E. ippyense*, *Psophocarpus Lecomtei*, *P. obovalis*, *Tephrosia Le-Testui*, *T. moroubensis*, *T. oubanguiensis*, *Indigofera Chevalieri*, *I. oubanguiensis*, *I. trichocarpa* Leprieur var. *oubanguiensis*, *I. vicioides* Jaub. & Spach var. *occidentalis*, *I. secundiflora* Poir. var. *Schimperi*, *I. secun-*

*diflora* Poir. var. *oubanguiensis*, *I. mounyinensis*, *I. Dekindtii*, *I. komiensis*, *I. Le-Testui*, *Ormocarpum Klainei*, *Smithia oubanguiensis*, *Abrus repens*, *Syrreonema boukokoense*, *Uvaria muricata* (Pierre) Engl. & Diels var. *yallingensis*, *Rinorea oubanguiensis*, *Homalium oubanguiensis*, *Ritchiea boukokoensis* (em colaboração com R. SILLANS), *Scottellia macrocarpa* (em colaboração com R. SILLANS) e *Piptostigma longipilosum* Mildbr. & Diels ex Engl. var. *subnudum*.

Além de estudos meramente florísticos, o P.<sup>o</sup> TISSERANT ocupou-se ainda de fitogeografia, bem como de questões agrícolas. Entre os trabalhos sobre estes assuntos, merecem especial relevo os intitulados «Les formations végétales du Haut-Oubangui et leurs rapports avec l'agriculture» et «Plantes à filasse employées par les Bandas du Haut-Oubangui». Por outro lado, nota-se que, em quase todos os artigos, os nomes das espécies são acompanhados dos nomes vernáculos e de judiciosas considerações linguísticas sobre a derivação dos mesmos. Particularmente interessantes sob esse ponto de vista são os capítulos da introdução do «Catalogue de la flore de l'Oubangui-Chari».

Os elevados méritos do Rev. P.<sup>o</sup> CHARLES TISSERANT foram devidamente apreciados pelos seus concidadãos, tendo-lhe sido concedidas várias distinções entre as quais mencionaremos: Membro correspondente do Museu de História Natural de Paris (1923), do Instituto de Estudos da África Central e da Academia das Ciências Ultramarinas (1956); Cavaleiro da Legião de Honra, das Palmas Acadêmicas e do Mérito Agrícola; e Oficial da Estrela Negra de Bénin. Foi-lhe também outorgado o prêmio do Instituto de França «Général Muteau», pelos seus trabalhos de exploração botânica na África Central.

Os naturalistas que estudaram os seus materiais também lhe prestaram justa homenagem, dando o seu nome a alguns taxa novos por ele herborizados. Tais são os géneros *Tisserantia* (*Compositae*), que lhe foi dedicado pelo Prof. H. HUMBERT, *Tisserantiella* (musgo da família *Pottiaceae*) por POTIER DE LA VARDE e *Tisserantodendron* (*Bignoniaceae*) por R. SILLANS, bem como as seguintes espécies e variedades: *Baphiastrum Tisserantii* Pell., *Beilschmiedia Tisserantii* A. Chev., *Bulbostylis Tisserantii* Cherm., *Burmanna Tisserantii* Schlechter, *Centaurea*

*Tisserantii* Philipson, *Combretum Tisserantii* Exell, *Cyperus Tisserantii* Cherm., *Dasiphylla Tisserantii* Pell., *Diplolophium Tisserantii* Norm., *Dissotis Tisserantii* Jacques-Félix, *Eriosema Tisserantii* Stan. & De Crewe, *Fimbristylis Tisserantii* Cherm., *Hibiscus Tisserantii* Bak. f., *Hypoestes strobilifera* S. Moore var. *Tisserantii* R. Ben., *Indigofera asparagoides* Taub. var. *Tisserantii* Pell., *Kerstingiella Tisserantii* Pell., *Kolobopetalum Tisserantii* A. Chev., *Kyllingia Tisserantii* Cherm., *Lepidagathis Tisserantii* R. Ben., *Mendoncia Gilgiana* (Lindau) R. Ben. var. *Tisserantii* R. Ben., *Oryza Tisserantii* A. Chev., *Parinari Tisserantii* Aubrév., *Pavetta Tisserantii* Brem., *Scleria Tisserantii* Cherm., *Tiliacora Tisserantii* A. Chev., *Turraea Tisserantii* Pell. e *Vigna Tisserantii* Pell. Os autores portugueses A. & R. FERNANDES, desejando manifestar-lhe a sua gratidão pela oferta ao Instituto Botânico de Coimbra das plantas colhidas nos arredores da Missão do Huambo, também lhe dedicaram a espécie *Adenia Tisserantii*.

Tal era a figura prestigiosa do Rev. P.<sup>o</sup> CHARLES TISSERANT que, depois de uma vida de caridade, humildade e sacrifício, integralmente devotada à propagação da fé cristã e à Ciência, faleceu em Paris a 28 de Setembro de 1962. Repousa agora em Chevilly, no cemitério particular da Congregação do Espírito Santo, precisamente na localidade onde se preparou para exercer com tanta devoção e proficiência o seu apostolado evangélico no continente africano.

À Família do extinto, em especial a seu ilustre Irmão, Sua Eminência o Cardeal EUGÈNE TISSERANT, Decano do Sacro Colégio e Doutor Honoris Causa pela Universidade de Coimbra, deixamos aqui consignada a expressão do nosso mais profundo pesar.

A. FERNANDES

## PANORAMA DOS ESTUDOS FLORÍSTICOS EM PORTUGAL \*

por

**ABÍLIO FERNANDES**

**M**ANDAM os Estatutos da nossa Universidade que, no início de cada ano lectivo, um professor pronuncie uma oração em louvor da Ciência que cultiva. Como, para o desempenho desta incumbência, a Faculdade de Ciências muito facilmente encontraria voz mais autorizada que a de um cultor da humilde Botânica, insisti para ser substituído neste encargo tão honroso como difícil. Não acedendo o Conselho ao meu pedido, aqui me encontro perante vós, a fim de, muito singelamente, vos apresentar uma vista panorâmica dos estudos florísticos em Portugal.

Os dados históricos e paleontológicos mostram que, durante muitos milénios, o Homem foi vegetariano. O seu desenvolvimento intelectual e a capacidade de executar com as mãos tarefas cada vez mais perfeitas permitiram-lhe, há cerca de 40 000 anos, data em que deve ter tido lugar a segunda grande expansão da Humanidade<sup>1</sup>, dedicar-se à caça e à pesca, tornando-se, assim, omnívoro. As plantas, porém, continuaram a fornecer-lhe grande parte do seu sustento, podendo dizer-se, dada a dificuldade que existe em distinguir entre ciência pura e aplicada, que a Botânica nasceu quando a linguagem falada permitiu ao Homem atribuir nomes aos vegetais que lhe eram úteis ou nocivos.

Momento culminante na história da Humanidade foi também aquele em que o Homem empreendeu a cultura das plantas

---

\* Lição proferida na abertura solene da Universidade de Coimbra, no ano lectivo 1963-64.

<sup>1</sup> Vide C. D. DARLINGTON — The Genetics of Society in A Symposium on Race: an inter-disciplinary approach, Honolulu, 1963.

de que dependia. Como certos documentos atestam, as primeiras que cultivou foram os cereais, datando as searas mais primitivas de trigo e de cevada de há cerca de 10 000 anos. A partir das sementes, obtidas agora em maior quantidade, o Homem passou a fabricar regularmente o pão — a grande fonte dos glicídios tão necessários à sua subsistência. Ao mesmo tempo que operava a selecção entre os cereais trazidos do estado espontâneo e que formas mais produtivas iam surgindo, procurava outras plantas que lhe pudessem fornecer novos tipos de alimentos ou outros produtos de utilidade. Deste modo, a pouco e pouco, mercê do seu espírito de observação, cuja agudeza se desenvolvia sob a pressão das necessidades crescentes, descobriu as Leguminosas, simultaneamente fontes de proteínas e de glicídios, e várias espécies de *Brassica* que tão úteis se revelaram. Mais tarde, começou a cultivar plantas produtoras de sementes oleaginosas; depois, aquelas de que obtinha fibras com que tecia peças de vestuário e fazia cordas e utensílios diversos; em seguida, as que lhe forneciam tubérculos, bolbos e frutos variados; e, posteriormente, as usadas como medicamentos, as árvores frutíferas e muitas espécies herbáceas pertencentes particularmente às famílias das Crucíferas, Umbelíferas e Compostas, nas quais encontrou manancial de substâncias que hoje se denominam vitaminas<sup>1</sup>.

Assegurada a subsistência graças aos vegetais cultivados e aos animais domésticos e construída a sua habitação, o Homem, já civilizado, passou a interessar-se pelas plantas ornamentais, que lhe têm permitido, desde há cerca de 4 000 anos, criar quer à volta de sua casa, quer em recintos mais ou menos vastos dentro das cidades, ambientes perfumados de beleza, cor, frescura, harmonia e quietude, onde lhe é grato repousar das agruras da luta pela vida.

Desempenhando as plantas papel predominante na vida e na evolução da Humanidade, compreende-se que o Homem as tenha procurado estudar sob todos os pontos de vista. Segundo os dados que possuímos, foi a Escola de ARISTÓTELES que primeiramente se ocupou do estudo científico dos

---

<sup>1</sup> Vide C. D. DARLINGTON — *Chromosome Botany and the Origins of Cultivated Plants*, sec. ed., New York, 1963.

vegetais, sendo THEOPHRASTUS DE ERESUS (370-287 A. C.) o autor da mais antiga classificação desses seres. Esta dividia as plantas em árvores, arbustos, subarbustos e ervas, baseando-se, como era de esperar, nos caracteres mais aparentes ou sejam os fornecidos pelas dimensões e consistência dos caules. No entanto, como revela a análise da sua *Historia Plantarum*, THEOPHRASTUS reconheceu já os Fungos, as Algas e os Líquenes e verificou que os vegetais se separavam em dois grandes grupos: sem flor e com flor. Por outro lado, caracterizava as plantas em geral por não possuírem poder de acção voluntária nem senso moral.

O estudo meramente científico iniciado por THEOPHRASTUS não seria prosseguido tão cedo. Efectivamente, entre os cultores da Botânica que se lhe seguiram passou a dominar o aspecto utilitário e assim é que a grande obra de PLINIUS (23-79), *Historia Naturalis*, é um repositório de tudo quanto se conhecia à data sobre as plantas, em particular no que respeita às suas aplicações.

Sob este ponto de vista, nota-se que bem cedo a Humanidade sofredora procurou encontrar no reino vegetal alívio ou cura para os seus males. Não é, pois, de admirar que esse capítulo especial do estudo das plantas fosse objecto de muito interesse e que, reunindo os seus conhecimentos pessoais às referências bibliográficas, DIOSCÓRIDES elaborasse, provavelmente entre os anos 70 a 80, a sua *Materia Medica*, em que são descritas cerca de 600 espécies, muitas das quais de comprovado valor medicinal.

Durante o longo letargo da Idade Média, surge, como estrela de grande fulgor, o «Doctor Universalis» ALBERTUS MAGNUS (ALBERT VON BOLLSTÄDT) (Fig. 1). Tendo chegado à conclusão de que a informação científica deve obter-se pela observação e experiência, a sua atitude perante a Ciência era, então, inteiramente nova, correspondendo precisamente à do investigador moderno. Se atendermos a que ALBERTUS MAGNUS viveu de cerca de 1193 a 1280, não podemos, dadas as características da época, deixar de considerar este dominicano como um dos mais extraordinários espíritos que a Humanidade tem produzido.

Como refere REED<sup>1</sup>, a sua obra botânica, «De Vegetabilibus», é só acidentalmente um herbário de matéria médica, contendo particularmente descrições de plantas e a discussão de certas questões filosóficas. Além disso, trata das plantas que ele conhecia e não de ficções acerca delas.



Fig. 1. — ALBERT VON BOLLSTÄDT (? 1193-1280).  
(ALBERTUS MAGNUS).

Os seus conhecimentos permitiram-lhe formular também uma classificação do reino vegetal, que, segundo STRUNZ<sup>2</sup>, é a seguinte:

- I. Plantas sem folhas (principalmente Criptogâmicas)
- II. Plantas com folhas

<sup>1</sup> HOWARD S. REED—A Short History of the Plant Sciences, Waltham, Mass., U. S. A., 1942.

<sup>2</sup> F. STRUNZ in HOWARD S. REED, *loc. cit.*

1. Plantas com córtex ou casca (Monocotiledóneas)
2. Plantas com túnica (Dicotiledóneas)
  - a) Herbáceas, sem nós
  - b) Lenhosas, com nós

Esta classificação representa um grande avanço sobre a de THEOPHRASTUS, desconhecida de ALBERTUS MAGNUS, sendo de notar o estabelecimento entre as Dicotiledóneas de dois grupos, Herbáceas e Lenhosas, ideia que aparece também nas classificações de alguns autores modernos, particularmente na de HUTCHINSON.

ALBERTUS MAGNUS escreveu ainda sobre agricultura e jardinagem, verificando-se que as ideias que expôs sobre estes dois ramos da botânica aplicada eram o produto das suas observações.

Infelizmente, os escritos de ALBERTUS MAGNUS tiveram pouca divulgação, sendo provavelmente esta a causa de não terem exercido uma influência que levasse os pensadores a modificar mais cedo a sua atitude perante o cosmos. Na verdade, dado o convencimento dominante de que não era possível avançar mais além do ponto atingido pelos sábios da antiguidade clássica, os filósofos da Idade Média continuaram os seus trabalhos de meros comentadores.

Nos fins do século XV e princípios do XVI, os Portugueses e os Espanhóis, com as suas temerárias viagens, conseguem rasgar amplas janelas que dão ao Homem uma nova visão do Mundo. Aliando à ousadia uma grande sagacidade e um invulgar espírito de observação, os marinheiros, ao regressar, narravam, perante os ouvintes maravilhados, os prodígios do mundo vegetal que lhes tinha sido dado observar. Traziam também sementes das plantas cultivadas pelos aborígenes das regiões que descobriam e que estes utilizavam quer para a sua nutrição, quer com fins medicidais. Como elas eram diferentes das conhecidas até então, a crença de que não havia mais plantas do que as enumeradas por PLÍNIO e DIOSCÓRIDES desapareceu e deu lugar, nos espíritos esclarecidos da época, ao anseio de adquirir novos conhecimentos.

Os autores abandonam então o comentário dos clássicos para eles próprios fazerem observações, descreverem e figura-



Fig. 2. — Estátua de GARCIA DE ORTA, da autoria de JOAQUIM MARTINS CORREIA, erigida em Lisboa em frente do edifício do Instituto de Medicina Tropical.

rem os vegetais. Surge, assim, uma pléiade de botânicos notáveis entre os quais brilham os nomes de CONRAD GESNER, JEAN e CASPAR BAUHIN, REMBERT DODOENS (DODONAEUS), CHARLES DE L'ESCLUSE (CLUSIUS), PIERRE PENA, MATTHIAS DE L'OBEL (LOBELIUS), JOHN GERARD e sobretudo o de ANDREA CESALPINO (CAESALPINUS), o qual merece verdadeiramente o nome de primeiro sistemata dos tempos modernos, pois que a ele se ficou devendo uma classificação do reino vegetal baseada particularmente sobre os caracteres dos frutos e das sementes.

Nesta época de esplendor científico sobressaiem também os nomes dos portugueses AMATUS LUSITANUS, comentador e ampliador da obra de DIOSCÓRIDES; TOMÉ PIRES, o autor de uma longa *Carta*, escrita em Cochim em 27 de Janeiro de 1517 e dirigida ao rei D. MANUEL I, dando-lhe notícia das drogas por ele identificadas na Ásia; e GARCIA DE ORTA (Fig. 2), cuja obra *Coloquio dos simples e drogas e cousas medicinais da Índia*, publicada precisamente há 4 séculos em Goa, ficará, como monumento que a vontade dos homens não poderá jamais destruir, a atestar para todo o sempre a presença de Portugal na Índia e noutras paragens do Oriente.

Entretanto, a variedade e a beleza da flora da Península Ibérica começavam a interessar os botânicos estrangeiros, entre eles CLUSIUS (Fig. 3), que aqui efectuou duas viagens, na segunda das quais atravessou Portugal, provavelmente de Vila Real de Santo António até Lisboa. As plantas colhidas no nosso país são descritas e comentadas no seu livro *Rariorum aliquot stirpium per Hispanias observatarum Historia*, editado em 1576. Digna de menção é também a viagem de BARRELIER, desenhador de mérito, que nos legou uma obra em que figuram valiosas estampas de espécies da flora portuguesa.

Deve-se ao médico alemão GABRIEL GRISLEY a primeira flócula de Portugal, intitulada *Viridarium Lusitanicum*, publicada em Lisboa, em 1661. Consta da enumeração de cerca de 2 000 plantas colhidas pelo autor provavelmente nas cercanias da nossa capital. Como refere PINTO DA SILVA<sup>1</sup>, «o *Viridarium* é um trabalho de interpretação difícil e muitas vezes mesmo

<sup>1</sup> Portugal, a Índia da Europa in *Revista Agronómica*, 29: 265-284, 1941.

impossível o que levou LINEU a classificá-lo, segundo se lê numa das cartas que escreveu a DOMINGOS VANDELLI, de 'miserrimum opus cujas plantas Oedipus sit qui intelingat' ».



Fig. 3. — CHARLES DE L'ESCLUSE (1526-1609) (CAROLUS CLUSIUS).  
Reprodução do retrato publicado na obra *Rariorum Plantarum Historia* editada em Antuérpia, em 1601.

Em 1689, Portugal foi percorrido pelo célebre botânico francês PITTON DE TOURNEFORT (Fig. 4) que, no seu *Dénombrement des plantes que i'ay trouvé dans mon voyage d'Hespagne et du Portugal entrepris dans le mois d'octobre de 1688 par l'ordre de Monseigneur de Louvois*, cita, segundo JÚLIO HENRIQUES, 600 espécies diferentes observadas no nosso país. Dado o facto de ter sido possível identificar na nomenclatura binomial as plantas mencionadas por TOURNEFORT, o trabalho deste autor

constitui contribuição valiosa para o conhecimento da flora de Portugal.

Nos anos que decorrem entre 1727 e 1760, as Ciências Naturais experimentaram um surto de progresso verdadeiramente



Fig. 4. — JOSEPH PITTON DE TOURNEFORT (1656-1708).

extraordinário, graças ao génio de LINEU (Fig. 5). No que respeita pròpriamente à Botânica Sistemática, foram a elaboração do sistema sexual por um lado e o estabelecimento da nomenclatura binomial por outro que conduziram a esse progresso, que culminou com a publicação, em 1753, da grande obra do naturalista sueco intitulada *Species Plantarum*.

Temos de confessar que, infelizmente, o nosso país não se encontra entre os obreiros que nesse período contribuíram para a elevação do edifício da ciência botânica. A reforma da Universidade de 1772, levada a cabo pelo MARQUÊS DE POMBAL, veio, porém, criar as condições para que Portugal se integrasse no movimento científico da Europa e nele começasse a cola-



Fig. 5. — CAROLUS LINNAEUS (1707-1778).

borar como elemento activo. Deve-se este facto à circunstância do Governo de D. JOSÉ I, em provisão de 7 de Outubro de 1772, ter nomeado professor de História Natural e Química da Universidade o paduano DOMINGOS VANDELLI, que tinha recebido o benéfico influxo epistolar de LINEU durante o período em que se dedicou à colheita de minerais, fósseis, plantas e animais no Norte da Itália e ia dando conta dos seus trabalhos ao eminente professor de Upsala.

Além de ter reeditado o *Viridarium* de GRISLEY (1789), estabelecendo a correspondência entre os nomes que ali figuram e os da nomenclatura binomial, VANDELLI elaborou vários

trabalhos originais de botânica, entre os quais avultam: *Dissertatio de Arbore Draconis* (1768), *Sobre a utilidade dos Jardins Botânicos* (1770), *Fasciculus plantarum, cum novis generibus et speciebus* (1771) e *Florae Lusitanicae et Brasiliensis specimen* (1788). É de notar que, neste último trabalho, em que refere cerca de 1 150 espécies dispostas segundo o sistema sexual de LINEU, VANDELLI se ocupa conjuntamente de Portugal e do Brasil como se dum país único se tratasse...

VANDELLI não esqueceu que os Estatutos Pombalinos recomendavam «o cuidado, e providencia necessaria, para se ajuntarem as Plantas dos Dominios Ultramarinos, os quaes tem riquezas immensas no que pertence ao Reino Vegetal». Por isso, uma das suas grandes preocupações foi criar discípulos que pudessem efectuar as explorações que se impunham. Preparou, assim, o Dr. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, o afamado explorador do Brasil; MANOEL GALVÃO DA SILVA, que procedeu ao reconhecimento de Goa e de Moçambique; e provavelmente também JOAQUIM JOSÉ DA SILVA e JOÃO DA SILVA FEIJÓ, que fizeram colheitas respectivamente em Angola e Cabo Verde. Verifica-se, pois, que Portugal, contrariamente ao que muitas vezes se tem afirmado, promoveu, no devido tempo e em escala adequada, a exploração das suas províncias ultramarinas.

Enquanto VANDELLI ensinava na Universidade, percorria as terras do Oriente o missionário da Companhia de Jesus, JOÃO DE LOUREIRO, que, ao mesmo tempo que pregava a doutrina de CRISTO e tratava com o maior desvelo e carinho os indígenas doentes, estudava a flora das regiões por onde passava (China, Cochinchina, Índia e África oriental). Dos seus estudos resultou a *Flora Cochinchinensis*, primeiramente publicada em Lisboa pela Academia das Ciências (1790) e reimpressa três anos depois em Berlim sob a direcção do grande botânico alemão WILLDENOW. Não me deterei na análise desta obra notabilíssima, bastando dizer, para se aquilatar do seu extraordinário valor, que o eminente botânico americano E. D. MERRILL dá a LOUREIRO o cognome de LINEU do Oriente, pondo, assim, a *Flora Cochinchinensis* a par da *Species Plantarum*. Durante as suas viagens, LOUREIRO colheu também plantas em Moçambique, sendo, portanto, de portugueses os primeiros espécimes herborizados naquella nossa província ultramarina.

Os trabalhos iniciados por VANDELLI, que, depois de jubilado, passou para Lisboa como Director do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda, foram continuados com o maior brilho pelo seu sucessor na cátedra coimbrã — o exímio botânico



Fig. 6. — FELIX DE AVELLAR BROTERO (1744-1828).

FELIX DE AVELLAR BROTERO (Fig. 6). Depois de ter permanecido algum tempo em França, onde foi discípulo de BUFFON, JUSSIEU, AUBENTON, LAMARCK, VALMONT DE BOMARE e outros, o que lhe permitiu doutorar-se em Medicina na Universidade de Reims

e publicar em Paris o seu célebre *Compendio de Botanica*, BROTERO regressou a Portugal aureolado de grande prestígio, compreendendo-se que o Governo de D. MARIA I o tivesse nomeado, por Decreto de 24 de Janeiro de 1791 e Carta Régia de 5 de Fevereiro do mesmo ano, professor da cadeira de Botânica e Agricultura da Universidade.

Ninguém melhor que BROTERO sabia quanto era imperioso proceder-se à elaboração de uma *Flora* do nosso país. Com esse fim, iniciou herborizações, ao mesmo tempo que se ocupava do ensino e da instalação do Jardim Botânico. As exortações para que BROTERO publicasse a *Flora Lusitanica* vinham em primeiro lugar do Governo, particularmente do Ministro D. RODRIGO DE SOUSA COUTINHO, que não só concedeu verbas especiais para as herborizações, mas também conseguiu autorização para que o nosso naturalista fosse dispensado de dar aulas durante certos períodos. O interesse deste homem de Estado por essa obra era de tal natureza que, em 15 de Junho de 1799, escrevia a BROTERO: «Também Vm. poderá dizer-me se terá já adiantado a sua *Flora Lusitanica*, pois que Sua Magestade lha mandaria aqui publicar com as Estampas que Vm. julgasse necessarias». «Caso muito para louvor e admiração — comentam AMÉRICO PIRES DE LIMA e J. R. SANTOS JÚNIOR<sup>1</sup> — este de os Poderes Públicos se dignarem, em 1799, mostrar interêsse tão pessoal, directo, e inteligente pelos problemas das Ciências Naturais».

Outros incitamentos chegavam a BROTERO do estrangeiro, de onde o Abade CORRÊA DA SERRA (Fig. 7), o distinto carpológista português, membro fundador da Academia das Ciências de Lisboa, a quem botânicos da categoria de ALPHONSE DE CANDOLLE pediam a opinião sobre os trabalhos que desejavam publicar, lhe escrevia: «No dia em q̄ se acabou de ler o seu fascículo<sup>2</sup> e depois, me fallaram muitos dos Socios, do desejo q̄ tinhaõ que o Sñr Brotero publicasse huã completa *Flora Lusitanica*, pelo muito que a sua selecção e methodo em descrever as plantas gerálmente agradou. Tambem eu dezejo quizesse empreen-

<sup>1</sup> Vide Cartas inéditas de e para Brotero in *An. Soc. Brot.* 10: 12-96, 1944.

<sup>2</sup> Uma comunicação enviada por BROTERO à Sociedade Lineana de Londres, de que era membro.

der esta publicação, porq̃ o trabalho já o tem certamente feito. Portugal e a Botanica carecem de huã tal obra, q̃ nas mãos do Sñr Brotero havia de fazer honra à nação».



Fig. 7. — Abade JOSÉ CORRÊA DA SERRA (1750-1823).

Estas exortações e o facto de saber que os botânicos alemães HOFFMANSEGG e LINK preparavam também uma *Flora de Portugal* levaram BROTERO, embora contrariado por não a considerar suficientemente completa, a publicar, em 1804, a sua *Flora Lusitânica*, que constituiu um dos maiores títulos de glória do nosso naturalista.

É provável que BROTERO só tenha começado a trabalhar na *Flora* alguns anos depois de ter sido nomeado professor. Se atendermos a que nessa época não existiam herbários de plantas da Metrópole e a que, por esse facto, o insigne botânico, para efectuar as suas colheitas, teve de percorrer o país num período em que as viagens eram tão incómodas como demoradas, não podemos deixar de admirar o esforço titânico despendido por BROTERO para, possivelmente em menos de 10 anos, dar à estampa uma obra em que 1 900 espécies são primorosamente descritas em latim e dispostas segundo um sistema que, embora paralelo ao de LINEU, tem muito de original. Triunfou, assim, o acendrado patriotismo do nosso naturalista que viu a sua *Flora* publicada antes do aparecimento da de HOFFMANSEGG & LINK. Efectivamente, a bela obra destes autores, com texto em latim e francês, só deveria começar a publicar-se em 1807 sob o título de *Flore Portugaise*. Trata-se de uma edição luxuosa, que não chegou a concluir-se, na qual as descrições das espécies são acompanhadas por estampas que podem incluir-se entre as mais belas que a iconografia botânica mundial tem produzido.

Como era de esperar, as invasões francesas, desorganizando a vida do país, prejudicaram também a actividade de BROTERO, que viu a sua casa incendiada e o desaparecimento da sua livraria e do seu herbário.

Depois de jubilado em 16 de Agosto de 1811, BROTERO passou para Lisboa, onde foi ocupar o lugar de Director do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda, sucedendo assim a VANDELLI. Aí prosseguiu os seus trabalhos sobre a flora de Portugal, elaborando os dois magníficos tomos da *Phytographia Lusitaniae selectior*, publicados, respectivamente, em 1816 e 1827.

No desempenho deste novo cargo, BROTERO, embora ainda muito ocupado com o estudo da flora da Metrópole, não podia deixar de se interessar também pela do Ultramar, particularmente pela do Brasil, a possessão que nessa altura se encontrava mais em foco. Os seus estudos sobre essa flora levaram-no à publicação das seguintes obras: *Description of Callicocca Ipecacuanha* (1802); *Descriptions of a new genus of plant named Araujia and of a new species of Passiflora* (1817); e *Descriptions of two species of Erythrina* (1824).

No período em que VANDELLI dirigiu o Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda, reuniram-se nesta Instituição os materiais mineralógicos e geológicos, bem como as colecções de animais e plantas, colhidos, durante as chamadas expedições filosóficas dos fins do século XVIII, pelos naturalistas atrás referidos. Ali se arquivaram também os herbários de LOUREIRO e os brasileiros de Fr. JOSÉ MARIANNO DA CONCEIÇÃO VELLOZO e Frei VELLOZO DE MIRANDA.

Deste modo, o Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda converteu-se nessa época no primeiro Centro de Estudos de Ciências Naturais do Ultramar Português, e lembramos que seria sem dúvida muito interessante reintegrá-lo nessas funções.

Em 1808, o *Commissaire pour les Sciences et les Arts*, GEOFROY SAINT HILAIRE, que acompanhou os exércitos napoleónicos de ocupação da Península, apresentou-se no Museu, munido de uma ordem de JUNOT, que obrigava o Director a entregar-lhe os materiais que ele escolhesse. Sairam assim da Ajuda, para serem incorporados nas colecções do Museu de História Natural de Paris, quase todos os herbários existentes e mesmo os manuscritos dos trabalhos ali elaborados e as respectivas gravuras. Este acontecimento teve as mais nefastas consequências para o estudo das Ciências Naturais do nosso Ultramar, pois que se tornava necessário recomeçar tudo de novo, o que, mercê das deficientes condições económicas em que ficou o país após as invasões francesas e das lutas políticas subsequentes, só bastante mais tarde poderia tornar-se realidade.

Às causas que ocasionaram a interrupção dos estudos sobre a botânica do Ultramar deve ser atribuído também o interregno que surgiu igualmente no estudo da flora metropolitana, o qual só teve o seu termo com a chegada a Portugal do naturalista austríaco, Dr. FREDERICO WELWITSCH (Fig. 8). Desde muito novo que aquele que viria a ser um dos mais extraordinários colectores da África mostrou o maior enlevo e curiosidade pelas coisas da Natureza. Durante o período em que frequentou as cadeiras de Botânica do curso de Medicina na Universidade de Viena, colheu e organizou colecções em que se encontravam representados todos os grupos de plantas. Um interesse muito especial, porém, era dedicado às *Cyanophyta* que lhe forneceram matéria para elaborar a sua dissertação de doutoramento.

Na estonteante e estouvada Viena da sua mocidade, WELWITSCH viu-se envolvido numa aventura que o obrigou a ausentar-se do seu país, para o que solicitou da Unio Itineraria de Württemberg uma missão de exploração científica aos Açores e



Fig. 8. — FREDERICO WELWITSCH (1806-1872).

Cabo Verde. O barco que o levava fez escala em Lisboa, onde o notável explorador desembarcou em Junho de 1839. Percorrendo os lugares mais pitorescos situados à volta da nossa capital — vale de Alcântara, Benfica, Queluz, Sintra, Arrábida e outros —, WELWITSCH ficou fascinado pela paisagem e, como naturalista, sofreu o sortilégio da bela e rica flora do nosso

país, a ponto de, inteiramente absorvido pelas suas herborizações, se ter esquecido da viagem aos Açores e Cabo Verde.

Graças à benéfica influência do Príncipe D. FERNANDO, a alta sociedade portuguesa interessava-se então vivamente pelas Ciências e Artes, tendo, portanto, WELWITSCH encontrado em Lisboa um ambiente extremamente favorável. É, assim, nomeado conservador do Museu e Jardim Botânico da Ajuda (1840-1844) e depois escolhido pelo DUQUE DE PALMELA para lhe reorganizar os seus jardins. Convencido de que muitas plantas da nossa flora poderiam ser postas em cultura e de que o clima de Portugal era propício à introdução de várias espécies exóticas, WELWITSCH contribuiu para que entre nós se intensificasse o gosto pela jardinagem e tornou-se um dos membros fundadores da Sociedade de Horticultura Portuguesa.

Encarregado pela Academia das Ciências de Lisboa de organizar um herbário da flora lusitana, colheu com entusiasmo plantas de todos os grupos, preparando-as com esmero. Esse herbário, que esteve primeiramente na posse da Academia das Ciências, transitou para a Escola Politécnica, encontrando-se actualmente no Instituto Botânico da Universidade de Lisboa.

Nos fins de 1842, passou por Lisboa o naturalista Dr. GUILHERME PETERS, com destino a Moçambique, onde ia fazer explorações botânicas por ordem do rei FREDERICO GUILHERME da Prússia. Foi muito bem acolhido, sendo-lhe concedidas todas as facilidades para a realização do seu trabalho. Este acontecimento deve ter contribuído para fazer sair o Governo do letargo em que se encontrava mergulhado, mostrando-lhe à evidência, tal como já tinha sucedido no começo do século XIX com a *Flore Portugaise* de HOFFMANSEGG & LINK, que era desprestigiado para nós que fossem os outros países a promover o estudo dos nossos próprios territórios...

É crível que os homens de estado tenham começado nessa data a pensar na necessidade de proceder à exploração das províncias ultramarinas sob o ponto de vista histórico-natural e agrícola, mas só oito anos depois a ideia se concretizou. Constando a WELWITSCH que os Poderes Públicos alimentavam tais desígnios, enviou, com a data de 23 de Maio de 1850, uma exposição ao Ministério do Ultramar em que se oferecia para desempenhar tal encargo.

No seu parecer, as regiões que prometiam resultados mais interessantes eram a Nova Colónia de Moçâmedes, na costa ocidental, e a zona compreendida entre a baía de Lourenço Marques e Quelimane, na oriental<sup>1</sup>.

O oferecimento de WELWITSCH foi aceite, tendo o Governo resolvido começar pela província de Angola. Deste modo, o naturalista austríaco, que entretanto considerava Portugal como pátria adoptiva, depois de efectuar uma viagem a Londres onde foi adquirir a aparelhagem de que carecia e receber os conselhos e ensinamentos do grande botânico e explorador inglês ROBERT BROWN, partiu para Angola em 1853.

São bem conhecidos os itinerários de WELWITSCH: 1) de Luanda à foz do Quizembo, um pouco ao norte de Ambriz, e de Luanda à foz do Cuanza, que lhe permitiram fazer o reconhecimento da região litoral; 2) penetração no interior numa profundidade de cerca de 250 milhas, seguindo pelo curso do Bengo, por Sange, Ambaca e Pungo Andongo, cordilheira das Pedras de Guinga, Pedras de Quitagi, margens do Lombe e do Guiji, ilhas de Calemba no Cuanza e florestas de Quizonde ao Condo, junto às cataratas do Cuanza; 3) de Benguela a Moçâmedes e desta cidade ao Cabo Negro para o norte e em direcção à Baía dos Tigres para o sul, em cujo percurso descobriu a extraordinária *Welwitschia mirabilis*, planta denominada em sua honra e que tornou o seu nome para sempre justamente famoso; 4) de Moçâmedes à Serra da Chela e dali ao planalto da Huíla, particularmente à região de Lopolo.

Estas viagens permitiram-lhe estabelecer os fundamentos da fitogeografia de Angola, pelo reconhecimento das zonas litoral, montanhosa e altiplana.

Espírito esclarecido e interessado em todos os ramos das Ciências Naturais, à medida que a sua viagem ia decorrendo, WELWITSCH enviava para a Metrópole colecções de sementes e plantas vivas para serem distribuídas pelo Real Jardim da Ajuda, Jardim Botânico de Coimbra («como primeiro e principal estabelecimento botânico do Paiz») e por alguns particulares interessados em horticultura; amostras mineralógicas

---

<sup>1</sup> Vide AMÉRICO PIRES DE LIMA — Correspondência oficial de Welwitsch, Agência Geral das Colónias, 1949.

e geológicas, entre as quais um «Schisto bituminoso conchífero» das minas de petróleo das montanhas do Libongo, com destino ao Museu Nacional de Lisboa; e objectos etnográficos diversos também para o Museu Nacional de Lisboa e Museu de História Natural da Universidade de Coimbra. Simultaneamente, organizava com o maior carinho a sua colecção de plantas, etiquetando-a de maneira primorosa.

Em 1861, regressou a Lisboa com o herbário, do qual nunca quis separar-se.

Uma vez na Metrópole, foi encarregado pelo Governo de organizar um mostruário de produtos ultramarinos referentes à botânica, medicina, etnografia, comércio, indústria e agricultura, para figurar na Exposição Universal de Londres, de 1862. Este mostruário alcançou um extraordinário sucesso, tendo WELWITSCH, que o acompanhou a Londres na qualidade de delegado do Governo Português, sido distinguido com três medalhas de ouro. Como compensação do esforço despendido, foi condecorado com a Ordem de Cristo logo que regressou a Portugal<sup>1</sup>.

Alguns governantes daquele tempo pensavam que a simples exploração levada a efeito por WELWITSCH era tudo quanto havia a fazer para se elaborar a *Flora de Angola*, e que bastaria agora que o naturalista desse à estampa os resultados obtidos. Por isso, insistiam com ele para que efectuasse a publicação. Como cientista consciencioso, WELWITSCH verificava que não possuía em Lisboa recursos que lhe permitissem completar os seus estudos, pois lhe faltava bibliografia e os espécimes com os quais os seus deveriam ser confrontados. Atendendo a que só nos herbários de Inglaterra e de outros países poderia encontrar os elementos que necessitava, WELWITSCH enviou uma exposição ao Ministro da Marinha e Ultramar, solicitando que o autorizasse a efectuar a indispensável viagem. Esse pedido foi deferido por MENDES LEAL, tendo o eminente naturalista partido para Londres em Outubro de 1863.

Para se fazer uma ideia da grande massa de materiais colhidos por WELWITSCH, basta dizer, consoante informa JOSÉ DE

<sup>1</sup> Vide Colectânea de escritos doutrinários, florísticos e fitogeográficos de Frederico Welwitsch concernentes principalmente à Flora de Angola, compilação, revisão e notas de ASCENSÃO MENDONÇA, Agência Geral das Colónias, 1945.

ALMEIDA<sup>1</sup>, que «na relação de carga expedida se mencionam 42 caixotes equivalendo a carga a cerca de 318 pés cúbicos. Avalia-se que o seu conteúdo abrangia para cima de 5000 espécies de plantas e 3000 espécies de insectos e outros animais, em grande parte novos para a ciência, da maior parte dos quais trazia numerosos repetidos, destinados ao estudo».

Uma vez em Londres, continuou os trabalhos no Museu Britânico e aí se entregou com tal paixão ao estudo do seu herbário que se esqueceu dos compromissos assumidos para com o Governo Português. Três dias antes de morrer fez testamento em que dispunha das colecções como se de propriedade sua se tratasse, legando-as ao Museu Britânico. O nosso Governo, altamente lesado, intentou uma acção nos tribunais ingleses, em que actuou como delegado de Portugal o Dr. BERNARDINO ANTÓNIO GOMES. A sentença não poderia deixar de ser favorável ao nosso país, ao qual foi reconhecido o direito a todas as colecções, incluindo as notas originais de WELWITSCH. O Governo Português poderia, porém, se esta fosse a sua vontade, oferecer ao Museu Britânico a primeira duplicata acompanhada da transcrição das etiquetas e distribuir os restantes duplicados por outros herbários. O nosso Governo mostrou-se verdadeiramente magnânimo, pois não só ofereceu a primeira duplicata ao Museu Britânico, mas também distribuiu outras pelos herbários de Kew, Paris, Berlim, Estocolmo, Viena e S. Petersburgo. Procedendo deste modo, Portugal deu um dos mais extraordinários exemplos da universalidade do seu espírito de colaboração com os outros povos, porquanto pôs à disposição de todo o mundo culto espécimes de grande valor para o estudo da flora da África tropical.

Os espécimes de WELWITSCH foram examinados por diversos especialistas, tendo os resultados sido reunidos na obra de HIERN, «Catalogue of the Welwitsch's African Plants», que consta de 6 volumes, com 1 600 páginas, publicados de 1896 a 1901. Esses exemplares foram também estudados em Portugal pelo distinto cientista, erudito e literato que foi o CONDE DE FICALHO (Fig. 9), contribuindo em parte para a elaboração das

---

<sup>1</sup> O Dr. Frederico Welwitsch e a sua obra em Angola, Agência Geral das Colónias, Lisboa.

«Plantas Úteis da África Portuguesa», obra em que são descritas e discutidas as origens, migrações e usos das plantas cultivadas nas províncias portuguesas de África.

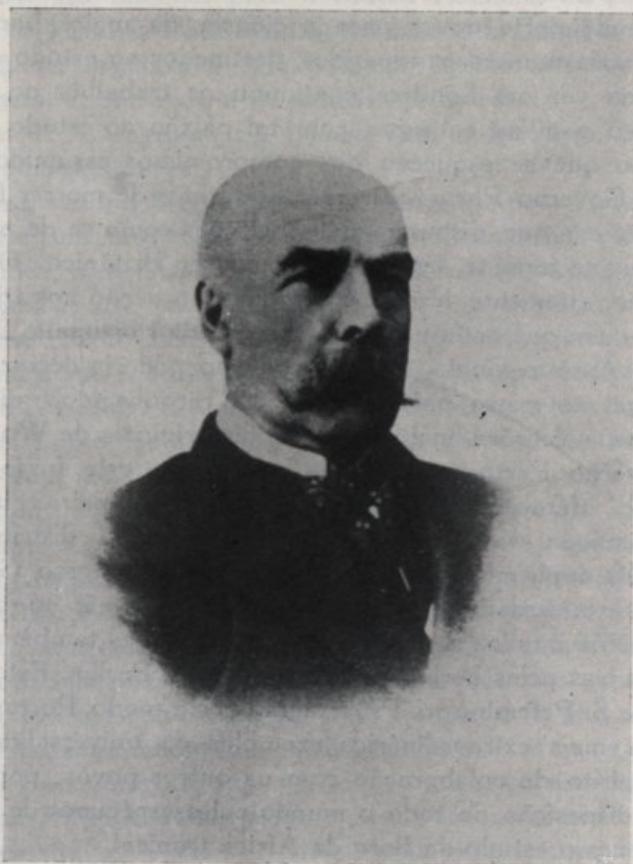


Fig. 9. — FRANCISCO DE MELLO, CONDE DE FICALHO (1837-1903).

Como refere JÚLIO HENRIQUES<sup>1</sup>, MORITZ WILLKOMM (Fig. 10) teve de abandonar a Faculdade de Medicina da Universidade de Leipzig, em virtude de pertencer a uma associação política de estudantes. Aconselhado pelo seu mestre O. KUNTZE, WILLKOMM empreendeu uma viagem de exploração botânica pela Suíça,

<sup>1</sup> Dr. H. M. Willkomm in *Bol. Soc. Brot.* 9: 5, 1891.

sul da França, Espanha e sul de Portugal (Algarve). Durante esse percurso, coligiu numerosas plantas sobre as quais elaborou o trabalho *Enumeratio Plantarum Novarum et Rario-*

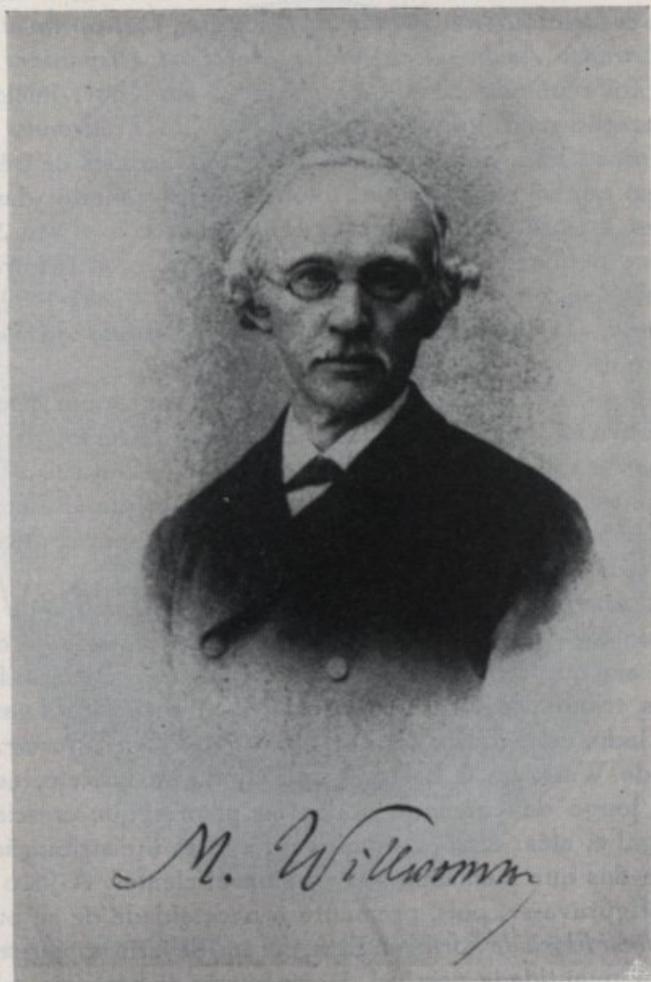


Fig. 10. — H. MORITZ WILLKOMM (1821-1900?).

*rum, quas in Hispania Australi Regnoque Algarbiorum annis 1845 et 1846 legit.* Pelo facto de a flora da Península ter exercido sobre ele uma verdadeira fascinação, voltou a Espanha em 1859, e, mais tarde, em 1873, ano em que visitou

as ilhas Baleares. Os espécimes herborizados permitiram-lhe prosseguir os estudos sobre esta flora tão interessante, dando-lhe ensejo a que desse à estampa, em 1852 e 1856, respectivamente o primeiro e o segundo volumes da obra intitulada *Icones et Descriptiones Plantarum Novarum, Criticarum et Rariorum Europae Austro-Occidentalis praecipue Hispaniae*. Entretanto, foi reunindo outros materiais e, em 1861, iniciou, em colaboração com J. LANGE, a publicação do *Prodromus Florae Hispanicae*. Esta obra, terminada em 1880, consta de três volumes em que são enumeradas 5 089 espécies<sup>1</sup>, muitas das quais comuns à flora de Portugal. O *Prodromus*, com o seu *Supplementum* publicado por WILLKOMM em 1893, e as *Illustrationes Florae Hispaniae Insularumque Balearium* (1881-1892) tornaram-se, assim, imprescindíveis para o estudo da flora do nosso país.

Apesar de BROTERO se ter preocupado em formar discípulos, a sua obra não teve continuador em Coimbra. Um longo período de trevas se abate sobre os estudos botânicos na velha Universidade, as quais só começam a dissipar-se quando, em 1874, JÚLIO HENRIQUES (Fig. 11) é nomeado professor catedrático e lhe é confiada a direcção do Jardim Botânico.

A famosa *Flora Lusitanica* de BROTERO, velha de quase três quartos de século, não satisfazia já às necessidades de uma época em que os chamados sistemas naturais de classificação tinham triunfado, substituindo o sistema sexual de LINEU. Por outro lado, essa *Flora*, bem como o *Prodromus Florae Hispanicae* de WILLKOMM & LANGE, à data ainda incompleto, estavam muito longe de enumerar todas as plantas que cresciam em Portugal e, além disso, os dados referentes à distribuição geográfica das que mencionavam eram insuficientes. A JÚLIO HENRIQUES afigurava-se, pois, premente a necessidade de se publicar uma *Nova Flora de Portugal*. Esta, porém, deveria apoiar-se sobre a maior quantidade possível de espécimes de herbário coligidos em todos os pontos do país. As colecções então existentes eram, no entanto, tão pobres!... Tornava-se, portanto, imperioso proceder a intensos trabalhos de herborização e organizar um sistema de permutas que permitisse ao Museu Botânico de

<sup>1</sup> JÚLIO HENRIQUES, *loc. cit.*

Coimbra obter material estrangeiro de comparação. JÚLIO HENRIQUES mete ombros a esta empresa com verdadeiro fervor: herboriza ele próprio; cerca-se de colaboradores competentes e



Fig. 11. — JÚLIO AUGUSTO HENRIQUES (1838-1928), quando novo.

dedicados — JOAQUIM DE MARIZ (Fig. 12), naturalista culto e artista de fina sensibilidade, a quem se devem estudos valiosos sobre diversas famílias da flora de Portugal, e os incomparáveis colectores que foram ADOLFO FREDERICO MOLLER e MANUEL FERREIRA — que muito o auxiliaram; transmite a sua inquebrantável fé e optimismo às sucessivas gerações dos seus

discípulos; e lança um apelo a todos quantos em Portugal o poderiam ajudar nesta cruzada, terminando por criar, em 1880, a Sociedade Broteriana.

Graças ao entusiasmo de JÚLIO HENRIQUES e à maneira inteligente como coordenou todas as boas-vontades que surgiram, as colecções de material português do Museu e Jardim Botânico de Coimbra aumentavam constantemente, o mesmo acontecendo

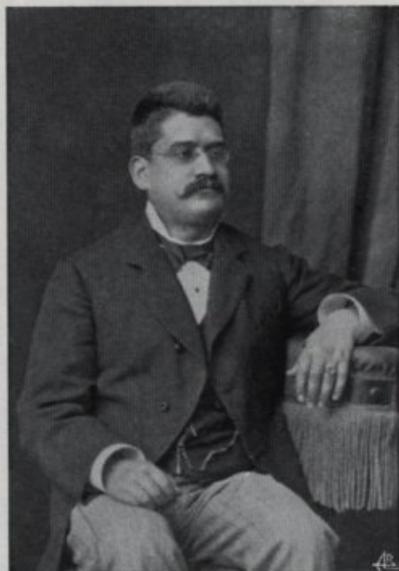


Fig. 12. — JOAQUIM DE MARIZ (1847-1916).

ao herbário geral, onde eram arquivados os espécimes não portugueses obtidos por permuta. Por outro lado, tendo conhecimento de que WILLKOMM estava disposto a vender a sua colecção, constituída principalmente por espécimes da região mediterrânica, da maior importância, portanto, para o estudo da flora da Península Ibérica, JÚLIO HENRIQUES entrou em negociações com aquele professor de Praga, as quais conduziram à compra pelo Museu Botânico de Coimbra, por 10 000 francos, de um herbário em que se encontram representadas cerca de 10 000 espécies, num total de 100 000 exemplares. Esta medida de JÚLIO HENRIQUES é digna dos maiores louvores, pois que, com a aquisi-

ção do herbário de WILLKOMM, se apetrechou a Universidade de Coimbra com um instrumento de trabalho de incalculável valor, dados os espécimes-tipos e outro material autêntico que contém.

A Sociedade Broteriana adquiriu mais importância com a fundação do seu *Boletim*, que JÚLIO HENRIQUES ia fazendo aparecer todos os anos. Concebido a princípio para desempenhar funções meramente informativas, em breve se converteu numa verdadeira revista científica onde começaram a aparecer não só artigos de autores que trabalhavam em Portugal, como JÚLIO HENRIQUES, CONDE DE FICALHO, JOAQUIM DE MARIZ, JULES DAVEAU, PEREIRA COUTINHO, ASCENSÃO GUIMARÃES, MOLLER, etc., no estudo das plantas vasculares, mas também de botânicos estrangeiros, como AGARDH, NORDSTEDT, HAUCK, FLAHAULT, DE-TONI, VAN HEURCK, ASKANASY, WITTRUCK, WINTER, BRESADOLA, ROUMEGUÈRE, LAGERHEIM, SACCARDO, BERLESE, MATTIROLO, TRAVERSO, SPESSA, NYLANDER, STIZENBERGER, STEPHANI, BROTHERUS, MULLER, etc., sobre Criptogâmicas.

A JÚLIO HENRIQUES se deve ainda o encaminhamento do notável fitólogo D. ANTÓNIO XAVIER PEREIRA COUTINHO (Fig. 13), que, graças ao entusiasmo que nele soube despertar o Mestre coimbrão, passou de engenheiro silvicultor do distrito de Bragança a professor de Botânica do Instituto Superior de Agronomia e depois da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Sob a acção metódica e inteligente deste famoso professor, os herbários das duas instituições que dirigiu desenvolveram-se também de maneira considerável, juntando-se novas colecções às de VALORADO (médico, antigo discípulo de BROTERO) e WELWITSCH, entre as quais as de A. R. DA CUNHA e as do próprio PEREIRA COUTINHO.

Impulso semelhante surgiu no Porto, onde, sob a orientação do espírito privilegiado de GONÇALO SAMPAIO (Fig. 14), se organizaram igualmente colecções que foram aumentando progressivamente.

No começo do século XX existiam, pois, em Portugal quatro herbários, cujo estudo permitiria preparar uma *Flora* já bastante satisfatória das plantas vasculares do país, a elaboração da qual seria muito auxiliada pelas monografias de várias famílias publicadas quer no *Boletim da Sociedade Broteriana*, quer nos *Arquivos da Universidade de Lisboa*, quer ainda nos

*Anais da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.* É curioso assinalar que os professores de Botânica das nossas três Universidades tomaram, independentemente uns dos outros, a iniciativa da realização de tal obra.

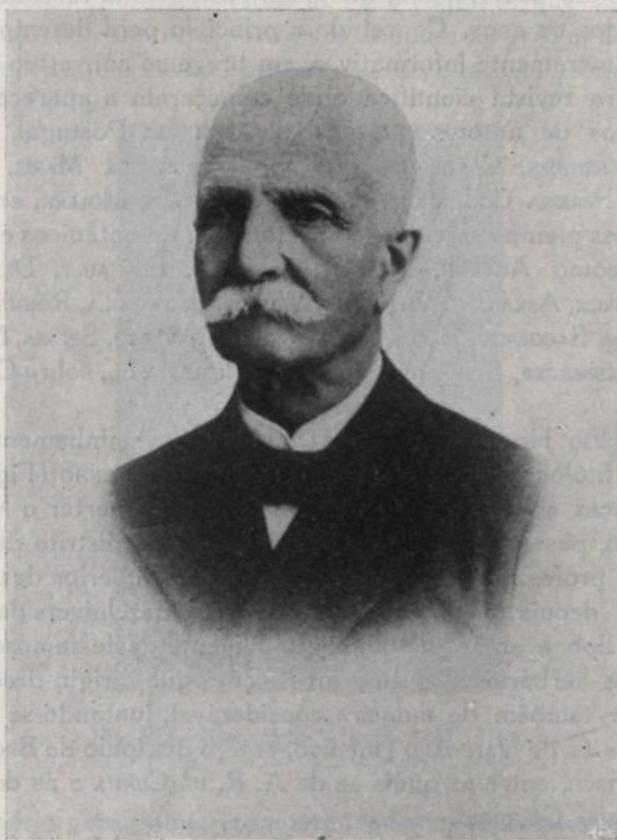


Fig. 13. — D. ANTÓNIO XAVIER PEREIRA COUTINHO (1851-1939).

Assim, em 1906, JÚLIO HENRIQUES deu início à publicação, no vol. XXII (1.<sup>a</sup> sér.) do *Boletim da Sociedade Broteriana*, do seu *Esboço da Flora da Bacia do Mondego* (pág. 21-113), a qual prosseguiu em 1907 (vol. XXIII, 1.<sup>a</sup> sér., pág. 200-215), 1909 (vol. XXIV, 1.<sup>a</sup> sér., pág. 214-239), 1910 (vol. XXV, 1.<sup>a</sup> sér., pág. 191-221) e 1911 (vol. XXVI, 1.<sup>a</sup> sér., pág. 85-117 e 210-327). Esta *Flora*, porém, só em 1913 apareceu como volume independente.

Nela são enumeradas 1 515 espécies, dispostas segundo o sistema proposto por ENGLER no *Syllabus der Pflanzenfamilien*.

Em 1909, GONÇALO SAMPAIO principiou a publicar o *Manual da Flora Portuguesa*, cujo último fascículo saiu em Dezembro



Fig. 14. — GONÇALO SAMPAIO (1865-1937).

de 1914. Esta obra, que trata de 534 géneros e 1 089 espécies, ficou infelizmente incompleta, apesar de, como refere TABORDA DE MORAIS<sup>1</sup> «existir na Universidade do Porto em dactilografia a parte não publicada e pela qual os seus alunos se orientavam».

<sup>1</sup> Notícia sôbre a vida e a obra do Prof. Gonçalo Sampaio in *Bol. Soc. Brot. sér. 2*, 12: 297-314, 1937.

Finalmente, em 1913, PEREIRA COUTINHO deu à estampa a *Flora de Portugal*, a mais completa das três. O objectivo visado pelo autor é magistralmente definido nas primeiras palavras da Introdução: «Uma *Flora* resumida, onde as plantas do nosso paiz possam ser determinadas com relativa facilidade, é hoje absolutamente indispensavel. Livros semelhantes existem em todos os povos cultos, exercendo as mais beneficacões: vulgarizam o conhecimento do meio vegetal, que tanto interessa a tão importantes e variadas industrias; despertam o gosto pela botanica e influem muito favoravelmente na educação, pois que, pelas forçadas ligações entre o livro e as coisas da natureza, acostumam o espirito ao estudo pratico e util, obrigam a methodizar o trabalho e desenvolvem preciosas qualidades de observação e de comparação».

Depois da publicação destas obras, os trabalhos de exploração botânica do país prosseguiram, promovidos particularmente pelos nossos estabelecimentos de ensino superior. Apesar de PEREIRA COUTINHO ter publicado uma série de notas adicionais, a sua *Flora* desactualizou-se rapidamente. Por outro lado, pelo facto de se ter esgotado, os alunos de botânica viram-se privados de um instrumento de trabalho absolutamente necessário à sua formação. Dado este estado de coisas, os professores da Universidade de Coimbra, LUÍS CARRISSO e AURÉLIO QUINTANILHA, lembraram por várias vezes a PEREIRA COUTINHO a conveniência de publicar uma 2.<sup>a</sup> edição. O venerando botânico acedeu por fim aos rogos do seu colega, Prof. RUY TELLES PALHINHA, que tomou sobre si o encargo de dirigir a nova edição. Esta, impressa sob os auspícios do Instituto de Alta Cultura, saiu do prelo em 1939. Seguindo integralmente o plano da anterior, enumera 799 géneros e 2 845 espécies, ou sejam, respectivamente, mais 12 e 110 que a primeira edição.

Apesar de não ter concluído o seu *Manual da Flora Portuguesa*, GONÇALO SAMPAIO foi-o ampliando e actualizando, com o objectivo de o reeditar mais tarde sob o título de *Flora Portuguesa*. Infelizmente, a morte levou-o antes de poder realizar esse intento. O seu sucessor, Prof. AMÉRICO PIRES DE LIMA, auxiliado pelo Prof. ARNALDO ROZEIRA, conseguiu, porém, preparar essa 2.<sup>a</sup> edição, que veio a lume em 1947, custeada igualmente pelo Instituto de Alta Cultura.

A exploração botânica de Portugal tem continuado ininterruptamente nos últimos anos, levada a cabo em especial pelos Institutos Botânicos de Coimbra, Lisboa e Porto, bem como pelo Instituto Superior de Agronomia, Estação Agronómica Nacional, Estação de Melhoramento de Plantas de Elvas e Instituto do Vinho do Porto. Desde 1939 até hoje, essas explorações vieram revelar muitas novidades no que respeita às plantas vasculares, as quais foram por nós enumeradas em 1955<sup>1</sup> e por PINTO DA SILVA em 1963<sup>2</sup>.

Os interesses de JÚLIO HENRIQUES não se limitavam somente às plantas vasculares. Os grupos das celulares mereceram-lhe também a melhor atenção, tendo ele próprio efectuado ou promovido, por intermédio dos seus colaboradores, a colheita de Algas, Fungos, Líquenes e Briófitas. À medida que os materiais se iam acumulando, JÚLIO HENRIQUES enviava-os para estudo, em regra a especialistas estrangeiros, em virtude de não haver nessa data entre nós quem se ocupasse deles. Os resultados obtidos foram publicados no *Boletim da Sociedade Broteriana*. Recentemente, tem-se trabalhado em Coimbra sobretudo em Clorofíceas e Rodofíceas de água doce, bem como em Feofíceas marinhas. É-me grato deixar aqui assinalado que, tanto na colheita de material destes grupos como na de plantas vasculares, o Instituto Botânico foi poderosamente auxiliado pela Fundação Calouste Gulbenkian, graças ao facto de, em 1960, se ter adquirido a suas expensas, além de valiosa bibliografia, uma viatura automóvel que se tem revelado da maior utilidade.

Também no Instituto Botânico de Lisboa se tem ultimamente investigado em Algas, Líquenes e Briófitas.

No Porto, ANTÓNIO MACHADO dedicou-se ao estudo das Briófitas e GONÇALO SAMPAIO ao dos Líquenes e Algas, tendo, quanto ao último grupo, deixado seu filho, JOAQUIM SAMPAIO, como digno continuador. A este se devem vários trabalhos sobre Cianofíceas e a monografia *Desmídias Portuguesas*, publi-

<sup>1</sup> A. FERNANDES — Progrès récents dans l'étude de la flore vasculaire du Portugal in *An. Soc. Brot.* 21: 6-31, 1955.

<sup>2</sup> A. R. PINTO DA SILVA — L'étude de la flore vasculaire du Portugal continental et des Açores les dernières années (1955-1961) in *Webbia*, 18: 397-412, 1963.



cada no vol. XVIII (2.<sup>a</sup> sér.) da *Boletim da Sociedade Broteriana*.

No Instituto Superior de Agronomia, VERÍSSIMO DE ALMEIDA iniciou uma série de importantes trabalhos sobre fungos parasitas existentes em Portugal, os quais foram depois continuados,

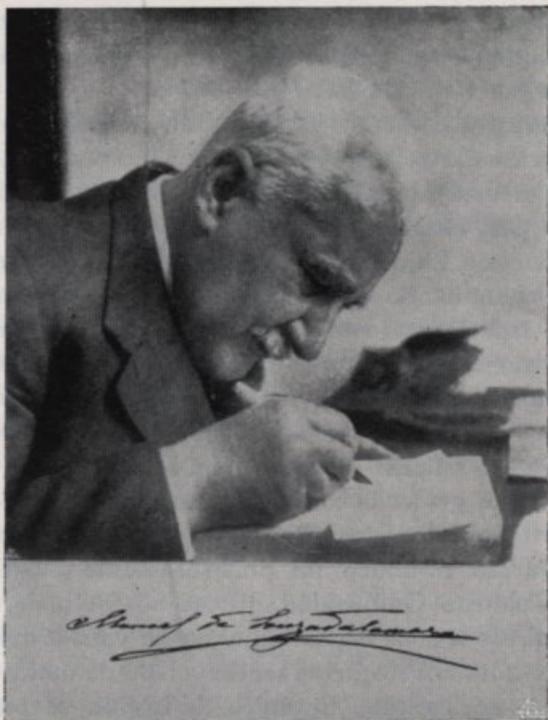


Fig. 15. — MANUEL DE SOUSA DA CÂMARA (1871-1955).

com grande entusiasmo e proficiência, pelo célebre micólogo MANUEL DE SOUSA DA CÂMARA (Fig. 15) e seus colaboradores.

Aos professores do Colégio de S. Fiel e do Instituto Nun' Alvres, entre os quais sobressaiem os Rev. P.<sup>es</sup> CAMILO TORREND, C. ZIMMERMANN e AFONSO LUISIER (Fig. 16), se devem igualmente valiosíssimos trabalhos especialmente sobre Algas, Fungos e Musgos.

As ilhas do arquipélago dos Açores têm sido intensamente exploradas por botânicos portugueses e sobretudo por estran-

geiros<sup>1</sup>. Essas explorações deram lugar à publicação de algumas *Floras* e *Catálogos*, entre os quais se destacam: «*Flora Azorica*», de MORITZ SEUBERT (1844); «*Catalogue de la Flore des îles Açores*», de DROUET (1876); «*Natural History of the Azores or Western Islands*», de GODMAN com a colaboração de vários outros



Fig. 16. — Rev. P.º AFONSO LUISIER (1872-1957).

autores (1870); «*Botanical Observations of the Azores*», de WILLIAM TRELEASE (1897); «*Pteridófitos do Arquipélago dos Açores*», de R. TELLES PALHINHA (1943); e «*Contribuição para o conhecimento da flora dos Açores*», de R. TELLES PALHINHA, (Fig. 17), A. GONÇALVES DA CUNHA e L. G. SOBRINHO (1941).

Apesar, porém, da existência destes trabalhos, não possuímos ainda uma *Flora* completa, com chaves e descrições que permitam identificar as espécies do Arquipélago.

<sup>1</sup> Vide R. TELLES PALHINHA in *Bol. Soc. Brot.* sér. 2, 21: 37, 1974.

Diversas têm sido também as explorações nas ilhas da Madeira e Porto Santo, as quais conduziram à elaboração das obras «A Manual Flora of Madeira and the Adjacent Islands of Porto Santo and the Dezertas», pelo Rev. RICHARD THOMAS

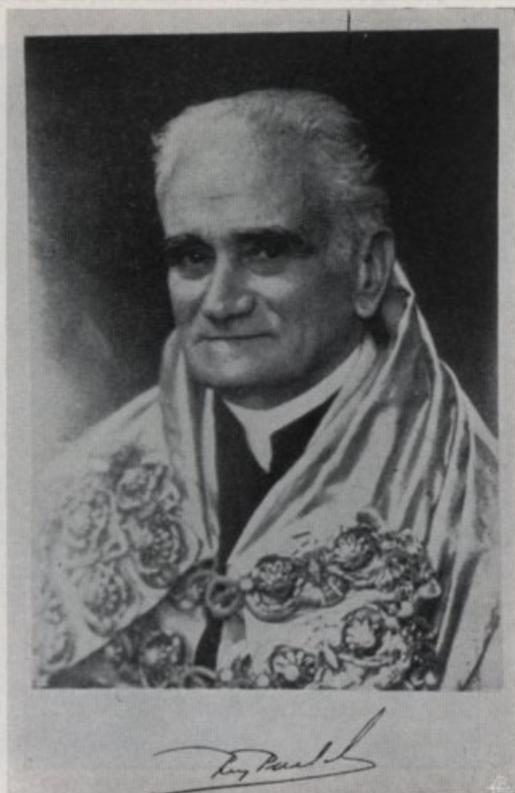


Fig. 17. — RUY TELLES PALHINHA (1871-1957).

LOWE (1857-1868); e «Flora do Archipelago da Madeira», de CARLOS DE AZEVEDO MENEZES (1914). Ambas estas *Floras*, desprovidas de chaves e bastante incompletas, encontram-se além disso desactualizadas e esgotadas, impondo-se a publicação de uma outra que as substitua. Por outro lado, os notáveis trabalhos do eminente briologista Rev. P.<sup>o</sup> AFONSO LUISIER (Fig. 16) necessitam ser prosseguidos.

Atendendo a que existem coligidos muitos materiais pertencen-

centes aos diversos grupos de plantas celulares; a que possuímos em Portugal alguns algólogos, micólogos e líquenólogos; a que a parte referente às plantas vasculares das actuais *Floras* necessita ser remodelada no que respeita à ampliação das descrições das espécies, à correcta identificação de muitas taxa mediante confronto com os tipos, à actualização da nomenclatura, à inclusão das novidades encontradas, à correcta indicação das áreas geográficas, etc.; e a que, dadas as analogias entre a vegetação de Portugal continental e a das Ilhas Adjacentes, uma *Flora de Portugal* deverá incluir também os Açores e Madeira, penso que chegou o momento de, à semelhança dos outros países cultos, Portugal meter ombros à empresa da publicação de uma *Flora Geral da Metrópole*.

Esta tarefa poderia, na nossa opinião, ser levada a bom termo desde que fossem tomadas as seguintes medidas:

1) Alargamento do quadro dos naturalistas — nome impróprio que deveria ser substituído pelo de taxonomistas, com um vencimento correspondente às elevadas funções de investigação que desempenham — dos Institutos Botânicos das Universidades de Coimbra, Lisboa e Porto. Efectivamente, os quadros destas instituições não comportam actualmente senão um lugar desta categoria, o que é manifestamente insuficiente, pois que esse funcionário de pouco mais se pode ocupar que dos serviços de rotina.

2) Desmembramento dos Centros de Estudo de Ciências Naturais do Instituto de Alta Cultura anexos às Faculdades de Ciências em Centros de Botânica e de Zoologia-Antropologia e atribuição aos primeiros das verbas necessárias para pagar a alguns investigadores em regime de «full-time». Seja-me permitido dizer que esta política tem sido ultimamente seguida pelo Centre National de la Recherche Scientifique de França e os resultados obtidos quanto à Botânica são verdadeiramente notáveis.

3) Atribuição às instituições onde se trabalha na flora da Metrópole de verbas que lhes permitam efectuar a exploração dos arquipélagos dos Açores e Madeira e mandar os seus investigadores, sempre que isso se torne necessário, aos mais categorizados centros botânicos estrangeiros, a fim de tipificarem os materiais e consultarem as colecções ali existentes.

4) Nomeação de uma Comissão constituída pelos Directores dos Institutos Botânicos de Coimbra, Lisboa e Porto,

Gabinete de Botânica do Instituto Superior de Agronomia e Estação Agronómica Nacional que se ocuparia do projecto da *Flora* e da coordenação do trabalho efectuado nessas instituições, bem como da edição da obra, para a qual o Governo

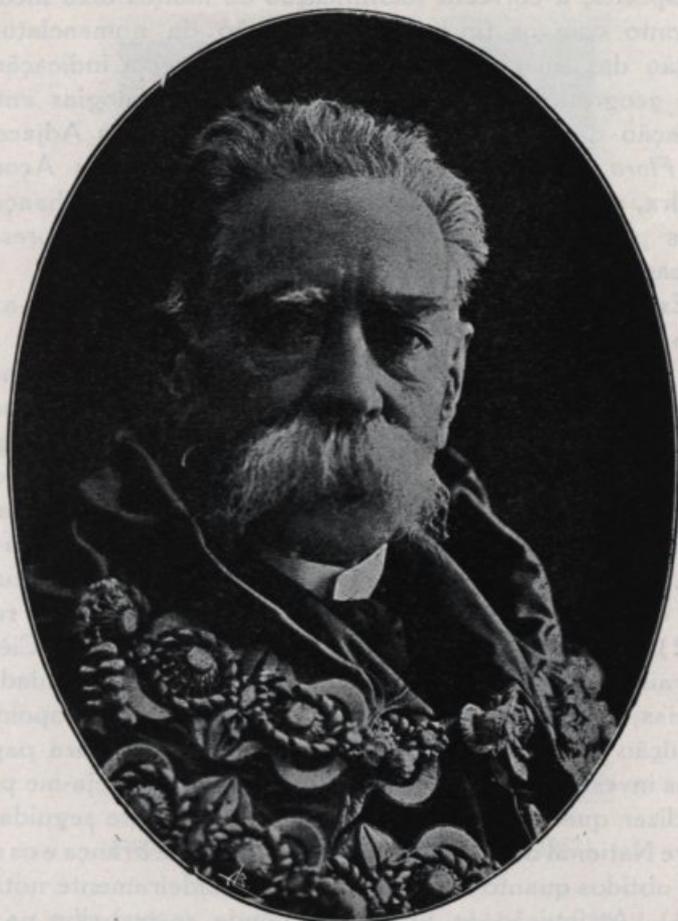


Fig. 18. — JÚLIO AUGUSTO HENRIQUES, em idade avançada.

deveria, durante os anos em que isso fosse necessário, destinar uma verba especial no orçamento do Instituto de Alta Cultura.

Enquanto se ocupava em coligir materiais que servissem à elaboração de uma *Flora da Metrópole*, JÚLIO HENRIQUES (Fig. 18)

não esquecia que a sua Pátria se não limitava à estreita faixa do continente europeu, mas que era constituída por províncias espalhadas por vários pontos do globo. A todas, desde Cabo Verde a Timor, dedicou a melhor atenção e sobre elas publicou, no *Boletim*, as listas das plantas que dali lhe enviavam colectores oficiais ou benévolos, em regra antigos discípulos, membros da Sociedade Broteriana. Mereceu-lhe, porém, particular interesse a Ilha de S. Tomé, que ele próprio foi explorar, se bem que se encontrasse já nessa data com a idade de 65 anos. Dos seus estudos resultou o magnífico trabalho «A Ilha de S. Tomé sob o ponto de vista historico-natural e agricola», publicado no vol. XXVII, 1.<sup>a</sup> série, do *Boletim da Sociedade Broteriana*.

A ideia da ocupação científica do Ultramar não morreu no Instituto Botânico de Coimbra com o desaparecimento de JÚLIO HENRIQUES. Pelo contrário, essa ideia adquiriu uma amplitude muito maior e tornou-se um dos pensamentos dominantes do seu ilustre sucessor, o Dr. LUÍS WITTNICH CARRISSO (Fig. 19). Convencido de que Portugal, apesar dos incontrovertidos argumentos fornecidos pela sua história, necessitava justificar a posse das suas províncias ultramarinas pela ocupação militar, política, científica e económica, pôs uma grande parte da actividade do Instituto que dirigia ao serviço da exploração botânica do Ultramar, organizando, em 1927, a primeira Missão Botânica a Angola, constituída somente por ele próprio e pelo naturalista FRANCISCO DE ASCENSÃO MENDONÇA. Esta viagem tornou-se possível graças às facilidades concedidas pelo Dr. TORRES GARCIA, que ao tempo ocupava o lugar de Secretário da Agricultura naquela província.

Depois de regressar, LUÍS CARRISSO concebeu o projecto de publicar os dados já existentes sobre a flora de Angola. Verificando, porém, que o Instituto Botânico de Coimbra dispunha apenas de um naturalista, que lhe faltava muita bibliografia e ainda que uma grande massa de material angolano se encontrava no herbário do Museu Britânico, o saudoso Mestre, previamente autorizado pelo Conselho da Faculdade de Ciências, entabulou negociações com o Museu Britânico, representado especialmente pelo Director do Departamento de Botânica, Dr. JOHN RAMSBOTTOM, as quais conduziram ao estabelecimento

de uma colaboração com o fim de se elaborar o *Conspectus Florae Angolensis*. Começou-se a trabalhar imediatamente nessa obra, o primeiro fascículo da qual, compreendendo as famílias *Ranunculaceae* a *Malvaceae* na sequência de BENTHAM



Fig. 19. — LUÍS WITNICH CARRISSO (1886-1937).

& HOOKER e da autoria dos naturalistas A. W. EXELL e F. A. MENDONÇA, viu a luz da publicidade em Fevereiro de 1937.

Apesar da existência da colecção de WELWITSCH e da mais recente de JOHN GOSSWEILER (Fig. 20), constituída quase por 14 000 números, LUÍS CARRISSO, considerando Angola ainda insufi-

cientemente explorada e aspirando a que o *Conspectus* fosse o mais completo possível, organizou, em 1937, nova Missão a essa nossa província, no decurso da qual, possivelmente em consequência do enorme esforço físico despendido, tombou



Fig. 20. — JOHN GOSSWEILER (1873-1952).

para sempre, vitimado por uma síncope cardíaca, quando se dedicava ao estudo da estranha vegetação que, quase miraculosamente, brota das areias ressequidas do deserto de Moçâmedes.

Compreende-se que a morte prematura do Dr. CARRISSO, num momento em que muito havia ainda a esperar dos seus superiores dotes intelectuais, dinamismo, capacidade organizadora, acendrado patriotismo e conhecimentos adquiridos nas

viagens de exploração efectuadas, pudesse afectar as disposições tomadas para a realização dos estudos sobre a flora de Angola. No entanto, as direcções que se seguiram à do Dr. CARRISSO manifestaram desde logo ao Museu Britânico o maior interesse no prosseguimento da colaboração. Entretanto, desencadeou-se a segunda Grande Guerra e o Museu Britânico teve de pôr as suas colecções a bom recato para que não corressem o risco de serem destruídas. Por outro lado, também em consequência da guerra, o naturalista Dr. A. W. EXELL, o investigador adstrito pelo Museu Britânico ao serviço do *Conspectus* e que, com sua Esposa, tinha acompanhado o Prof. CARRISSO a Angola na Missão de 1937, foi obrigado a deixar os seus trabalhos para prestar serviço no Ministério dos Negócios Estrangeiros. Deste modo, tornou-se necessário interromper a elaboração daquela obra, a qual só recomeçou algum tempo depois de terminada a guerra, quando o Dr. EXELL retomou o seu lugar no Museu Britânico. Depois dessa data, publicaram-se: em 1951, o fascículo 2 do vol. I, compreendendo as famílias *Malvaceae* a *Aquifoliaceae*; em 1954, o fascículo 1 do vol. II com as famílias *Celastraceae* a *Connaraceae*; e, em 1956, o fascículo 2 do vol. II, incluindo as *Caesalpinioideae* e *Mimosoideae*, da família das *Leguminosae*.

Considerando um dever imperioso o prosseguimento da publicação do *Conspectus*, a Direcção do Instituto Botânico de Coimbra tem-se esforçado, desde 1942, em demonstrar, perante o Ministério da Educação Nacional, a importância desta obra, pedindo, simultâneamente, que lhe fossem concedidos os recursos necessários para poder honrar os compromissos assumidos. Esses pedidos, formulados quer mediante exposições dirigidas através da Direcção da Faculdade de Ciências, quer através dos projectos de orçamento, resumem-se no aumento do número de naturalistas e de outro pessoal técnico do quadro do Instituto Botânico, o que permitiria acelerar a publicação do *Conspectus*. Infelizmente, porém, essas solicitações não puderam ser ainda atendidas.

Graças aos esforços do inolvidável e saudoso Prof. JOÃO PEREIRA DIAS, a cuja memória me é grato prestar aqui homenagem não só pelas suas excepcionais qualidades humanas, mas também pelo brilho e eficiência com que durante largos

anos desempenhou o lugar de Director da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, a Junta de Investigações do Ultramar, de que era então Secretário o Dr. LUÍS SILVEIRA, criou, em 1953, o Agrupamento Científico de Estudos Ultramarinos junto desta Faculdade. O Prof. J. CARRINGTON DA COSTA, com a sua elevada compreensão dos problemas da nossa investigação científica, teve sempre o maior carinho por este Agrupamento durante o período em que presidiu aos destinos da Junta e idêntico interesse lhe continua a ser devotado pelo Eng.º CARLOS KRUS ABECASIS, actual Presidente dessa Instituição.

Do Agrupamento Científico de Estudos Ultramarinos obteve o Instituto Botânico, desde 1953, verbas que lhe permitiram adquirir alguns materiais e aparelhos e pagar tarefas a investigadores que têm colaborado com o Director no estudo de famílias para o *Conspectus*, bem como de outras das floras da Guiné Portuguesa e de Moçambique. Com o regime de tarefas, certamente utilíssimo, não é, porém, possível fixar colaboradores efectivos, pois que estes, atingida uma certa preparação, procuram lugares melhor remunerados e mais estáveis. Seria, pois, da maior vantagem que o Agrupamento dispusesse de recursos que lhe permitissem pagar não só tarefas, mas também a investigadores em regime de «full-time».

Prèviamente autorizada pelo Comandante SARMENTO RODRIGUES, que ao tempo ocupava o lugar de Ministro do Ultramar, a Direcção do Centro de Botânica da Junta de Investigações do Ultramar, exercida nessa data pelo Dr. F. A. MENDONÇA, entabulou, em 1954, negociações com os Reais Jardins Botânicos de Kew, Departamento de Botânica do Museu Britânico e Herbário Federal de Salisbury, que conduziram a um entendimento entre os Governos de Portugal, Inglaterra e Federação das Rodésias e Niassalândia para a elaboração de uma *Flora* da vasta área constituída pela Rodésia do Norte, Rodésia do Sul, Niassalândia, Moçambique, Caprivi Strip e Protectorado da Bechuanalândia. Pelo facto de essa região corresponder aproximadamente à bacia do Zambeze, foi resolvido dar-lhe nome de *Flora Zambesiaca*.

Concluído o entendimento, começou-se a trabalhar imediatamente na referida *Flora*, segundo o plano e os princípios

estabelecidos pelas Comissões Executiva e Editorial que tinham sido oportunamente designadas.

Como universitário e investigador distinto, o Prof. J. CARRINGTON DA COSTA estava convencido de que a investigação científica ultramarina se tornaria mais eficiente desde que se apoiasse nas Universidades, pois que estas Instituições eram as únicas que, graças aos seus recursos em pessoal, material e bibliografia, estavam em condições de contribuirem eficazmente para a sua intensificação. Seguindo esta linha de pensamento e considerando que haveria vantagens em depositar nas mesmas mãos a direcção de tudo o que dizia respeito à investigação ultramarina no domínio da Botânica, aquele Professor, nos fins de 1959, convidou para dirigir o Centro de Botânica da Junta o Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra, o estabelecimento de Ensino Superior onde se estava trabalhando mais intensamente na flora do Ultramar.

Esta direcção comum tem proporcionado uma melhor coordenação de esforços, pois permitiu tornar os dois centros de estudo complementares no que respeita a bibliografia e a espécimes de herbário, evitando-se, assim, duplicações, com manifesto lucro para a economia da Nação. Além disso, foi possível associar o Centro de Botânica aos trabalhos do *Conspectus* e o Instituto Botânico aos da *Flora Zambesiaca*. Deste modo, a colaboração portuguesa nestas duas *Floras* tem-se efectuado em melhores condições e adquirido uma extensão maior do que aquela que se conseguiria se os dois estabelecimentos continuassem a trabalhar com direcções diferentes. Graças, pois, a este novo sistema de trabalho, tornou-se possível publicar, em 1962, o fascículo 1 do vol. III do *Conspectus*, contendo as tribos *Genisteeae* a *Galegeae* da subfamília *Papilionoideae*, elaborado unicamente por investigadores portugueses; concluir este ano o fascículo 2 do mesmo volume, também da autoria quase exclusiva de taxonomistas nacionais; e fazer avançar consideravelmente o manuscrito dos dois fascículos do vol. IV cuja publicação se prevê para breve. Dada a sua enorme importância económica, o Dr. EDMUND LAUNERT iniciou já no Museu Britânico o estudo da família das *Gramineae*, a qual ocupará possivelmente dois dos próximos volumes.

Por outro lado, o fascículo 1 do vol. I da *Flora Zambesiaca*, que trata das *Gymnospermae* e das famílias *Ranunculaceae* a *Polygalaceae* das *Angiospermae* na sequência de BENTHAM & HOOKER, saiu no começo de 1960, seguindo-se-lhe o fascículo 2 no ano imediato, com as famílias *Caryophyllaceae* a *Sterculiaceae*. O fascículo 1 do vol. II, contendo as famílias *Tiliaceae* a *Icacinaceae*, foi publicado no princípio de 1963 e trabalha-se agora activamente no fascículo 2. Da *Flora Zambesiaca* extrair-se-á depois oportunamente a *Flora de Moçambique*.

As restantes províncias ultramarinas também têm sido objecto de vários estudos. Assim, a Guiné Portuguesa foi explorada sobretudo pelos Eng.<sup>os</sup> A. FIGUEIREDO GOMES E SOUSA e JOSÉ D'OREY, bem como pelo Regente Agrícola JOAQUIM VIEGAS GRAÇA DO ESPÍRITO SANTO, e, ultimamente, pelos membros da Missão de Estudos Agronómicos do Ultramar.

Os materiais colhidos por GOMES E SOUSA foram estudados por ele próprio, daí resultando os «Subsídios para o conhecimento da flora da Guiné Portuguesa», que constituem o vol. I das *Memórias da Sociedade Broteriana*. Os espécimes de ESPÍRITO SANTO deram ensejo à publicação de 10 «Contribuições para o conhecimento da flora da Guiné Portuguesa», da autoria de ESTER PEREIRA DE SOUSA, bem como de alguns artigos de investigadores do Instituto Botânico de Coimbra. Dados os trabalhos já existentes, a elaboração de uma *Flora* desta província não apresentará dificuldades de maior.

Várias têm sido as explorações botânicas em Cabo Verde, efectuadas quer por nacionais, quer por estrangeiros<sup>1</sup>. O estudo das plantas colhidas forneceu elementos para a publicação de alguns trabalhos entre os quais se destacam os de J. A. CARDOSO JÚNIOR — «Enumeração das plantas colhidas nas ilhas de Cabo Verde» (1896) e «Cryptogamicas das ilhas de Cabo Verde» (1915) —, PEREIRA COUTINHO — «Herbarii Gorgonei Universitatis Olisiponensis Catalogus» (1914) —, A. CHEVALIER — «Flore de l'Archipel du Cap Vert» (1935) — e B. PETERSON — «Notes on a Collection of Vascular Plants from the Cape Verde Islands» (1960).

<sup>1</sup> Vide L. A. GRANDVAUX BARBOSA in *Comp. Rend. IV<sup>e</sup> Réunion Plénière de l'AETFAT*: 77, 1962.

Como estas obras são simples catálogos, sem chaves e necessariamente incompletas, torna-se conveniente que também para Cabo Verde se elabore uma verdadeira *Flora*.

Os estudos de JÚLIO HENRIQUES sobre S. Tomé e Príncipe foram prosseguidos mais tarde, principalmente pelo Dr. A. W. EXELL, autor do «Catalogue of the Vascular Plants of S. Tomé» (1944, 1956). No entanto, nem o trabalho de JÚLIO HENRIQUES nem o de EXELL possuem chaves para identificação das espécies, tornando-se, assim, necessário que se dê início à redacção de uma *Flora* daquela província.

Dos trabalhos sobre a província de Macau, destaca-se a lista das plantas publicada pelo discípulo de JÚLIO HENRIQUES, Dr. JOSÉ GOMES DA SILVA, no *Boletim Oficial do Governo de Macau e Timor*, n.ºs 22 a 27 (1887).

As explorações levadas a efeito em Timor tanto por nacionais como por estrangeiros foram enumeradas por RUY CINATTI VAZ MONTEIRO GOMES<sup>1</sup> o qual, enquanto residiu nessa ilha como secretário do Governador, também efectuou diversas colheitas e estudos de fitogeografia. A *Flora Malesiana*, que está sendo editada por C. G. G. J. VAN STEENIS, inclui o Timor Português.

Desnecessário se torna encarecer a grande importância dos estudos florísticos. Como durante tanto tempo sucedeu, eles prosseguem ainda hoje um fim utilitário, pois dão ensejo à descoberta de novas plantas úteis para a Humanidade, quer pelas suas propriedades alimentícias, quer por produzirem madeiras, fibras, celulose, substâncias medicamentosas, perfumes, etc. Além disso, podem contribuir também para a identificação de plantas venenosas, daninhas, ornamentais, etc.

Por outro lado, as *Floras* são absolutamente indispensáveis para o estudo das associações vegetais, das quais fazem em regra parte certas espécies características, indicadoras da natureza do solo e das condições climáticas. Deste modo, o conhecimento das associações permite fornecer aos agrónomos e silvicultores, sem prévios ensaios que são geralmente demorados e onerosos, dados do maior valor sobre as culturas que se

---

<sup>1</sup> *Estudos, Ensaios e Documentos da Junta de Investigações do Ultramar*, 4, 1950.

poderão instalar em determinadas regiões. Quer dizer, uma agricultura e uma silvicultura racionais só se podem praticar desde que se conheça a cobertura da vegetação natural da zona que se pretende cultivar. Os estudos florísticos podem auxiliar também poderosamente o melhoramento das plantas cultivadas, pois que conduzem muitas vezes à descoberta das formas selvagens de que elas derivaram ou de espécies próximas, as quais, cruzadas com aquelas, poderão originar raças de maior produtividade ou imunes a certas doenças. Não deveremos esquecer ainda que algumas espécies, desenvolvendo-se exclusivamente sobre solos ricos em metais pesados, indicam a presença de jazigos superficiais dos mesmos.

Além destes objectivos meramente práticos, os estudos florísticos têm um enorme interesse científico, pois que o seu fim é inventariar e catalogar todos os vegetais existentes sobre a Terra, descrevendo-os, dando-lhes nomes científicos correctos e ordenando-os segundo determinados sistemas de classificação. Estes estudos estão, portanto, na base de todas as investigações de biologia vegetal, agronomia e silvicultura, porquanto só por seu intermédio poderão os investigadores conhecer exactamente os materiais sobre que trabalham. Que não esqueçam esta verdade os detractores dos floristas. Que se lembrem que os botânicos que se dedicam à elaboração de *Floras*, tal como os geneticistas, fazem correntemente a análise minuciosa do fenótipo das espécies que estudam. Que se recordem que eles utilizam também a observação que alguns designam por «fina», procurando nos caracteres anatómicos, nos fornecidos pela morfologia e estrutura do pólen, nos provenientes do número e morfologia dos cromosomas, etc. dados que lhes permitam resolver muitos dos problemas que se lhes deparam. Que não olvidem que eles são em geral verdadeiros sistematas, ocupando-se das complexas questões da classificação dos seres que estudam, bem como da sua origem e relações filogenéticas. Que se lembrem também que muitos desses botânicos descritores conseguiram, pela simples observação dos caracteres da morfologia externa, obter resultados que o emprego de métodos de análise muito mais refinados por botânicos não floristas vieram apenas confirmar. Que se lembrem ainda que alguns



problemas de classificação e filogenia que os floristas não conseguiram resolver ficaram também insolúveis nas suas mãos...

Eis, em bosquejo, o panorama dos estudos florísticos em Portugal continental, insular e ultramarino. Como vos foi certamente possível reconhecer por esta exposição, bastante se tem feito, mas, dada a diversidade e a riqueza das floras, bem como a extensão de alguns grupos ainda pouco estudados, particularmente em Angola e Moçambique, verifica-se que muitíssimo resta ainda a fazer. Tenho esperança de que o Governo da Nação, consciente da grande importância destes estudos, lhes continuará a dispensar o seu alto patrocínio, concedendo-lhes os recursos de que imperiosamente necessitam para que se mostrem no futuro dignos do seu brilhante passado.

\* \* \*

A minha Mulher, ROSETTE MERCEDES BATARDA FERNANDES, deixo aqui consignada a expressão do meu profundo reconhecimento não só pelo seu carinhoso e entusiástico amparo, mas também pelo valioso auxílio que me prestou com a sua criteriosa revisão.

Ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Prof. A. SALAZAR LEITE, Director do Instituto de Medicina Tropical, agradeço a amabilidade com que se dignou fornecer-me a fotografia da estátua de GARCIA DE ORTA.

À Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. MARIA DA CONCEIÇÃO DE MARIZ SOARES DA GRAÇA agradeço a gentileza com que me facultou a fotografia de seu Pai, Dr. JOAQUIM DE MARIZ.

Finalmente, aos Srs. FRANCISCO CABRAL JÚNIOR, ANÍBAL SAÍL SARMENTO e JOSÉ DOS SANTOS FIGUEIRA agradeço a dedicação com que me auxiliaram a preparar o original para a tipografia.

As figuras 1, 4 e 5 foram extraídas da obra de E. HAWKES e G. S. BOULGER, *Pioneers of Plant Study*, The Sheldon Press, London, 1928; o retrato de FREDERICO WELWITSCH (Fig. 8), da *Colectânea de escritos*, etc. compilada por ASCENSÃO MENDONÇA; o de MANUEL DE SOUSA DA CÂMARA (Fig. 15), do vol. XVII (1955) da *Agronomia Lusitana*; e os restantes de diversos volumes do *Boletim da Sociedade Broteriana* e do *Conspectus Florae Angolensis*.



problemas de classificação e filogenia que as Boletins não conseguem resolver tiveram também inactiva nas suas mãos.

É, em todo caso, o panorama dos estudos hereditários em Portugal continental, insular e ultramarina. Como, via de regra, tentamos mostrar, reconhecemos por esta exposição, bastante de ter feito, mas, dada a diversidade e a riqueza dos Heróis, bem como a extensão de alguns grupos ainda por ser estudados, particularmente em Angola e Moçambique, verifica-se que muito ainda resta a fazer. Tendo esperança de que o Governo da Nação, consciente da grande importância dos estudos hereditários e disposto a ser alto patrocínio concedendo-lhes os recursos de que necessitamos, nos ajude para que se devotem no futuro digno do seu brilhante passado.

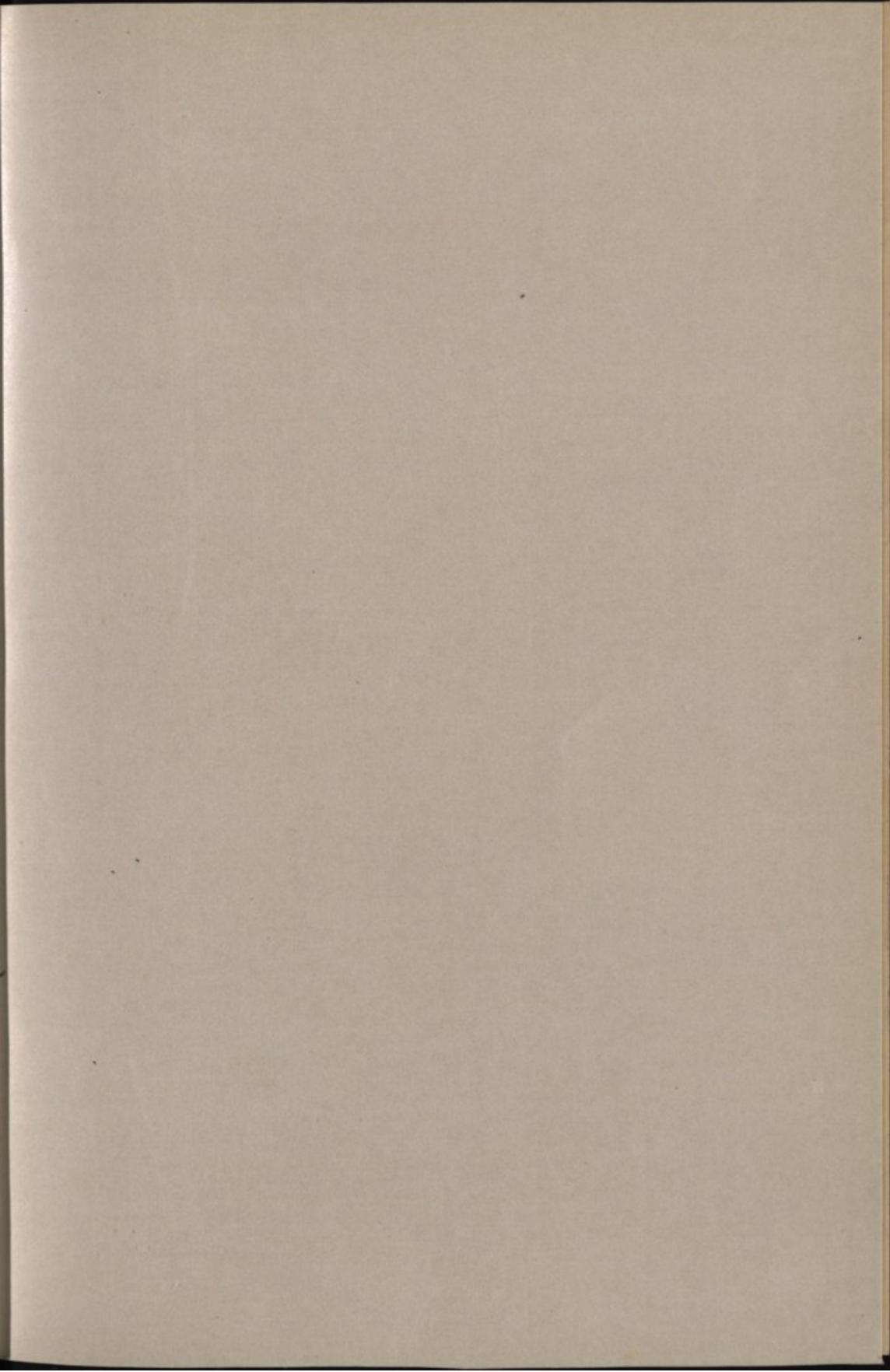
A minha Mulher, Rosetta Micaela Helena Frazão, bem aqui consignada a expressão do meu profundo reconhecimento não só pelo seu carinho e entusiástico apoio, mas também pela valiosa ajuda que me presta com a sua valiosa revisão.

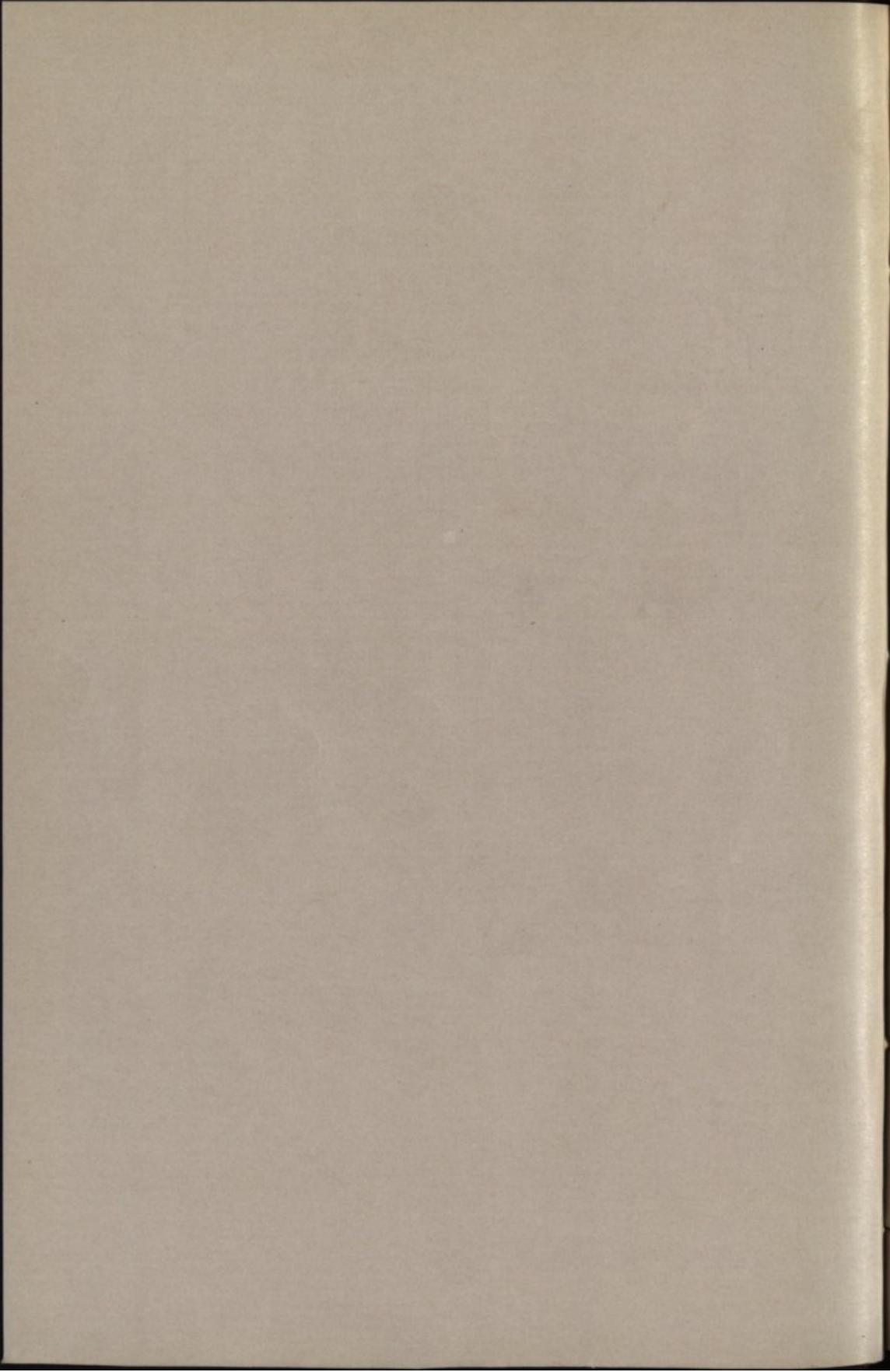
À Ex.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> Prof.<sup>a</sup> A. Susana Luis, Directora do Instituto de Medicina Tropical, agradeço a hospitalidade com que se dignou fornecer-me a fotografia do crânio de Ganga de Ganga.

À Ex.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Helena Frazão de Maria Sousa de Ganga, agradeço a gentileza com que me facultou a fotografia do seu Pai, Dr. Joaquim de Maria.

Finalmente, aos Srs. Francisco Carlos Jesus, António Simão e José Loureiro, Professores de Biologia e de Botânica, com que me auxiliaram e prepararam o original para a tipografia.

De Huxley, J. A. and Huxley, E. A. (1963) *The Evolutionary Biology of Man*. London, Chapman and Hall, 1963, p. 100. De Huxley, J. A. and Huxley, E. A. (1963) *The Evolutionary Biology of Man*. London, Chapman and Hall, 1963, p. 100. De Huxley, J. A. and Huxley, E. A. (1963) *The Evolutionary Biology of Man*. London, Chapman and Hall, 1963, p. 100.





# ANUÁRIO

DA

## SOCIEDADE BROTERIANA

**ANO XXX**

REDACTORES

**PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES**

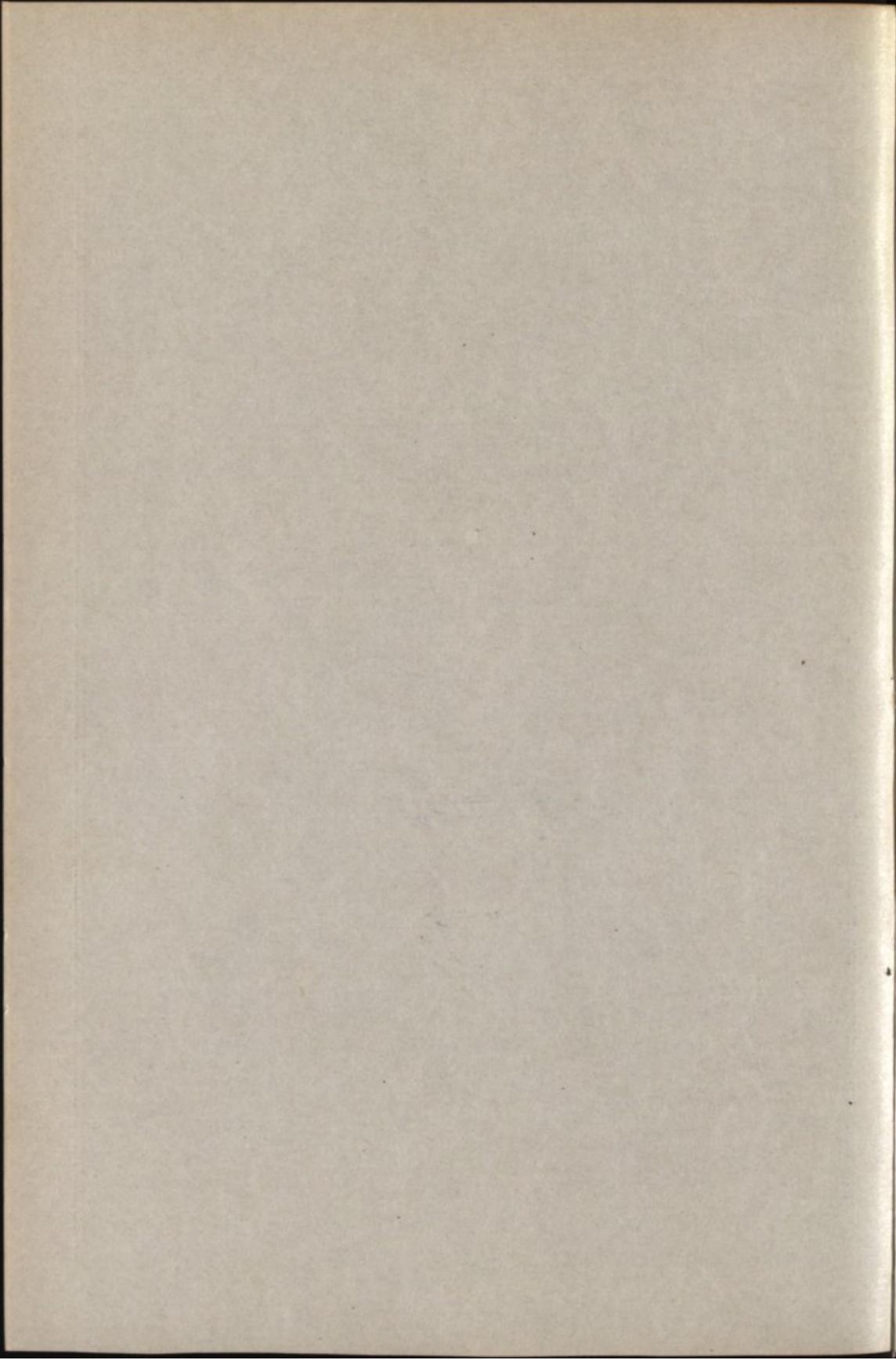
Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

**ROSETTE BATARDA FERNANDES**

Naturalista do Instituto Botânico



COIMBRA  
1964



ANUÁRIO  
DA  
SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XXX

ANUÁRIO DA  
SOCIEDADE BROTERIANA

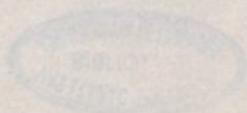
ANO XXX

1964



COIMBRA

1964



ANUÁRIO DA  
SOCIEDADE BROTERIANA  
ANO XX  
1964



# ANUÁRIO

DA

## SOCIEDADE BROTERIANA

**ANO XXX**

REDACTORES

**PROF. DR. ABÍLIO FERNANDES**

Director do Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

**ROSETTE BATARDA FERNANDES**

Naturalista do Instituto Botânico



COIMBRA

1964



# ANUÁRIO DA SOCIEDADE BROTERIANA

ANO XXX

REDACTORES

PROF. DR. ABILIO FERNANDES  
Professor de História, Instituto de Investigação de Coimbra  
ROSETTE BATAIDA FERNANDES  
Médica do Instituto de Coimbra



Composição e impressão das Oficinas  
da Tip. Alcobacense, Lt. — Alcobaca



# SESSÕES DA SOCIEDADE BROTERIANA

## ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Reunião de 5 de Fevereiro de 1964

*Presidência do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. José Firmino Mesquita*

**A**BERTA a sessão, foi concedida a palavra ao Presidente da Sociedade, Ex.<sup>mo</sup> Sr. Prof. Dr. ABÍLIO FERNANDES, que procedeu à leitura do relatório da Direcção referente ao ano de 1963. Esse relatório é do teor seguinte:

«Como habitualmente, a Direcção dispensou o maior cuidado à publicação das revistas da Sociedade, tendo-se dado à estampa o volume XXXVII do *Boletim*, que contém colaboração variada tanto de botânicos portugueses como estrangeiros, o volume XVI das *Memórias*, constituído pela dissertação de concurso ao lugar de professor extraordinário de botânica do consócio Dr. JOSÉ ERNESTO DE MESQUITA RODRIGUES e o n.º XXIX do *Anuário*, onde se inseriram uma notícia bio-bibliográfica sobre o Rev. P.º CHARLES TISSERANT e a lição proferida pelo Presidente da Sociedade na abertura solene da Universidade de Coimbra no ano lectivo 1963-64.

A todos os investigadores que se dignaram prestar-nos a sua colaboração, deixamos aqui consignado o reconhecimento da Direcção.

O Rev. Cónego PÓVOA DOS REIS continuou com êxito o estudo das Rodofíceas de água doce de Portugal. Agradecerá, penhoradamente, todo o material desse grupo que os consócios puderem remeter-lhe.

O pessoal do Instituto Botânico efectuou diversas herborizações. Entre o material colhido encontram-se algumas novidades, de que oportunamente será dada notícia.



O movimento da biblioteca foi muito intenso, tendo-se recebido, por permuta ou dádiva, 2120 volumes e folhetos.

A actividade dos sócios no que respeita à colheita de plantas foi quase nula. A Direcção renova, portanto, o apelo do ano transacto, insistindo com todos os membros para que enviem ao herbário do Instituto Botânico de Coimbra os exemplares provenientes das suas herborizações».

Terminada a leitura, o Presidente da Assembleia pôs em discussão o relatório da Direcção, o qual foi aprovado.

Em seguida, o Presidente da Sociedade tomou a palavra para dizer que era com muita satisfação que anunciava o preenchimento do lugar de Secretário-tesoureiro da Direcção, em virtude de ter sido nomeada Naturalista do Instituto Botânico a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. ROSETTE MERCEDES BATARDA FERNANDES, que, nos termos dos estatutos da Sociedade, passa a desempenhar o referido cargo.

Prosseguindo, leu uma carta do sócio Ex.<sup>mo</sup> Sr. Eng.<sup>o</sup> A. R. PINTO DA SILVA em que anunciava a remessa das grades que tinham servido às herborizações do Rev. P.<sup>o</sup> MIRANDA LOPES, bem como de documentos diversos que pertenceram àquele dedicado membro da Sociedade Broteriana, em que sobresaiem cópias de cartas dirigidas a JÚLIO HENRIQUES, PEREIRA COUTINHO e GONÇALO SAMPAIO. O Dr. ABÍLIO FERNANDES leu depois a carta em que acusou a recepção e agradeceu esta tão interessante como valiosa oferta. As grades e os documentos despertaram muita curiosidade da parte da Assembleia.

O Dr. ABÍLIO FERNANDES disse que tinha recebido uma outra carta do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Eng.<sup>o</sup> A. R. PINTO DA SILVA em que este consócio acentua as vantagens que haveria em se organizar um ficheiro das obras botânicas mais antigas (até 1830) existentes em todas as bibliotecas portuguesas, incluindo mesmo as particulares.

A Sr.<sup>a</sup> D. ROSETTE FERNANDES informou que tinha elaborado já um ficheiro no que respeita às obras desse tipo existentes na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

Após a discussão desse problema, ficou resolvido que a Direcção da Sociedade tomasse a seu cargo a elaboração das respectivas fichas.

O Presidente da Direcção acentuou que se encontrava muito sobrecarregado e que só poderia ocupar-se desse assunto provavelmente no mês de Novembro. Solicitou o auxílio dos outros membros da Direcção, bem como dos sócios a que terá de recorrer.

Discutiram-se depois alguns problemas referentes à protecção de várias espécies ameaçadas de extinção, tendo-se resolvido que a Direcção se mantivesse em estreito contacto com a Liga de Protecção à Natureza, no sentido de a apoiar em todas as diligências que fizesse com o fim de defender as nossas preciosidades florísticas.

O Presidente da Sociedade lembrou à Assembleia que se realizará em Bilbau, de 20 a 24 de Julho, o XXVII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências e incitou os sócios a que elaborassem comunicações para ali serem apresentadas.

Em seguida, o Secretário-tesoureiro referiu-se ao estado financeiro da Sociedade. As contas, que foram aprovadas, mostraram que, em 31 de Dezembro de 1963, existia em caixa um saldo de 21 294\$30.

Prossequindo, o Presidente da Direcção disse que a impressão e a distribuição das revistas da Sociedade consomem somas avultadas. Por esse facto, propôs que a Direcção fique autorizada a aplicar os fundos disponíveis na publicação e expedição das revistas, no caso de serem insuficientes as verbas obtidas de outras fontes. Esta proposta foi aprovada.

A Assembleia resolveu reconduzir nos seus cargos os vogais da Direcção anterior, Ex.<sup>mos</sup> Srs. Prof. Dr. ALOÍSIO FERNANDES COSTA e Rev. Cónego MANUEL PÓVOA DOS REIS.

## DIRECÇÃO

Reunião de 5 de Fevereiro de 1964

Presidência do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Abílio Fernandes

Foi resolvido:

- a) Manter a comissão de redacção do *Boletim* e das *Memórias*.

- b) Que, nos termos dos estatutos, a comissão de redacção do *Anuário* seja constituída pelo Presidente da Direcção e pelo Secretário-tesoureiro.
- c) Instar com os sócios para que realizem trabalhos de herborização, particularmente no domínio das Criptogâmicas.

\* \* \*

Temos o prazer de anunciar a inscrição do seguinte

### NOVO SÓCIO

ANTÓNIO DO NASCIMENTO TELES, Eng.º Agrónomo, Estação Agronómica Nacional, Oeiras.

# NOTAS DE FLORÍSTICA

## VIII

por

**J. MALATO-BELIZ**

COM A COLABORAÇÃO DE

**A. F. RAIMUNDO E J. A. GUERRA**

Estação de Melhoramento de Plantas, Elvas

COMO sequência de notas anteriores, apresenta-se agora mais uma série, na qual se inclui, a par da indicação de novas localidades que implicam a correcção das áreas de distribuição das plantas a que se referem, a menção de duas novas espécies para a flora portuguesa.

As presentes notas resultaram, principalmente, do estudo de material coligido no fim da Primavera de 1961, durante a excursão efectuada na companhia dos ilustres cientistas de Aberystwyth, Drs. MARTIN BORRILL, J. D. HAYES, R. HUGHES e I. DAVIES, para colheita de ecotipos de gramíneas de interesse forrageiro (especialmente *Dactylis* e *Avena* spp.), através do centro e sul do País, a qual foi, em parte, acompanhada, a nosso convite, pelo Eng.º Agr. A. N. TELES, da Estação Agronómica Nacional.

Participou nalgumas outras excursões, especialmente na efectuada no norte do Minho, o Eng.º Silv. R. DANTAS BARRETO, da Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, ao qual estamos gratíssimos pelo muito que nos elucidou acerca da mencionada região.

Aos Ex.<sup>mos</sup> Senhores Directores dos Institutos Botânicos do Porto, Coimbra e Lisboa, e aos Ex.<sup>mos</sup> Senhores Conservadores dos respectivos herbários, ao Senhor Professor J. DE CARVALHO e VASCONCELLOS (Instituto Superior de Agronomia) e ao Eng.º Agr. A. R. PINTO DA SILVA (Estação Agronómica Nacional), patenteamos o mais vivo reconhecimento pelas facilidades concedidas na consulta de material de herbário.

**Typha latifolia L. var. latifolia for. latifolia**

Além das províncias referidas na *Flora de Portugal* (COUTINHO, 1939), e do alargamento da área ao vale do Tejo, referido por ROTHMALER (1940), esta planta foi recentemente colhida na parte do vale do Sado pertencente ao Baixo Alentejo.

*Espécime*: Baixo Alentejo: Alcácer do Sal: Entre Palma e Marateca (14.Junho.1961, *Malato-Beliz et al.* ELVE 10851).

**Triglochin striata R. et Pav.**

Anote-se que o limite norte da área desta espécie em Portugal, presentemente conhecida, é não apenas Viana do Castelo (cf. MENDES e ROMARIZ, 1954-55), mas o próprio extremo litoral norte do País, como provam as colheitas recentemente feitas em Caminha.

*Espécime*: Minho: Caminha: Junto à confluência do Coura: Nos salgados (16.Julho.1961, *Malato-Beliz e Dantas Barreto* ELVE 10860).

**Allium pruinaum Link var. bulbiferum P. Cout.**

Conhecida já de Santa Comba-Dão (cf. Q. e A. R. PINTO DA SILVA, 1961), na Beira Alta, esta espécie, na sua variedade *bulbiferum*, existe também nos arredores de Gouveia.

*Espécime*: Beira Alta: Próximo de Gouveia: Nas margens do rio Mondego (18.Junho.1961, *Malato-Beliz et al.* ELVE 10850).

*Distribuição*: Beira Litoral, Beira Alta, Ribatejo, Estremadura, Alto e Baixo Alentejo, Algarve.

**Ranunculus gramineus L.**

A sua área deve também incluir o Alto Alentejo.

*Espécime*: Alto Alentejo: Elvas: S. Rafael: Entre os rochedos da margem do Guadiana (3.Abril.1961, *Malato-Beliz, Dantas Barreto e J. A. Guerra* ELVE 10849).

**Lathyrus hirsutus L.**

Existe também no Alto Alentejo.

*Espécimes*: Alto Alentejo: Terrugem: Margens da ribeira de Asseca, próximo da ponte (22.Junho.1960, A. Raimundo e J. A. Guerra ELVE 10847); *Idem*: Serra de Ossa: Próximo do Convento: Nas margens de um regato (22.Junho.1960, A. Raimundo e J. A. Guerra ELVE 10848).

**Erodium littoreum Léman**

Esta geraniácea encontra-se também no Cabo de S. Vicente, além da única localidade portuguesa mencionada na *Flora de Portugal*.

*Espécime*: Algarve: Cabo de S. Vicente: Em solo arenoso (13.Junho.1961, Malato-Beliz et al. ELVE 10846).

**Centaureum umbellatum (L.) Gilib. for. albiflorum  
Mend. et Vasc.**

Embora citada agora pela segunda vez em Portugal, supomos que, além de Trás-os-Montes e Alto Douro (MENDONÇA e VASCONCELLOS, 1944) e do Alto Alentejo, esta forma não é rara dentro da área do tipo específico.

*Espécime*: Alto Alentejo: Serra de Ossa: Próximo do Convento: Berma da estrada, em solo de xisto (4.Julho.1960, A. Raimundo e J. A. Guerra ELVE 10845).

*Distribuição*: Trás-os-Montes e Alto Douro, Alto Alentejo.

**Solanum Ottonis Hylander**

Além das localidades recentemente referidas para esta solanácea por R. FERNANDES (1960) e por PINTO DA SILVA e M. SILVA (1961), na Beira Alta ela encontra-se, ainda, próximo de Gouveia.

*Espécime*: Beira Alta: Próximo de Gouveia: Nas margens do rio Mondego (18.Junho.1961, Malato-Beliz et al. ELVE 10844).

*Distribuição:* Minho, Douro Litoral, Beira Alta, Beira Litoral e Ribatejo.

**Gratiola officinalis** L.

Existe também no Alto Alentejo.

*Espécime:* Alto Alentejo: Borba: Margens da albufeira do Monte Branco (15.Julho.1960, A. Raimundo e J. A. Guerra ELVE 10843).

**Proboscidea louisiana** (Mill.) Woot. et Standl.

(Est. I e II)

Planta anual, densamente pubescente-glandulosa. Ramos muito patentes, atingindo cerca de 1 m de comprimento. Folhas inferiores opostas, as médias e superiores, em geral, alternas, longamente pecioladas, subarredondadas a reniformes, com seio basal profundo, até cerca de 25 cm de comprimento, normalmente mais largas do que compridas, inteiras a irregularmente dentadas. Cálice com cerca de 2 cm de comprimento. Corola de 3-5 cm, esbranquiçada ou amarelada, variegada de purpúreo. Fruto de 10-20 cm de comprimento.

*Espécime:* Alto Alentejo: Elvas: Nos restolhos dos terrenos da E. M. P. (17.Agosto.1960, J. A. Guerra ELVE 10975).

Esta interessante planta, pertencente à família *Martyniaceae*, agora pela primeira vez assinalada no País como subespontânea, é frequente nos campos cultivados dos arredores de Elvas. A sua introdução em Portugal deve ter tido origem em mistura com sementes provenientes dos Estados Unidos da América do Norte, em cuja região central e sul é espontânea.

*Distribuição:* Alto Alentejo (Elvas).

**Gnaphalium purpureum** L.<sup>1</sup>

No Alto Alentejo, além dos locais referidos por A. FERNANDES e R. FERNANDES (1948), esta espécie encontra-se também na região de Elvas, onde foi recentemente colhida.

<sup>1</sup> Não se levou a determinação até à variedade, seguindo o esquema de GLEASON (1958, Vol. 3, pág. 482), ultimamente referido por PINTO DA SILVA (1964), porque nos parece pouco claro o critério de separação adoptado.

*Espécime*: Alto Alentejo: Elvas: Ajuda: Herdade do Monte Branco (11.Maio.1961, *Malato-Beliz* ELVE 10842).

*Distribuição*: Douro Litoral, Beira Litoral, Estremadura. Ribatejo, Alto Alentejo e Algarve.

***Galinsoga parviflora* Cav. (Est. III, fig. c)**

Esta composta subespontânea está muito mais largamente distribuída no País do que o referido na 2.<sup>a</sup> edição da *Flora de Portugal* (COUTINHO, 1939), conforme se deduz das citações posteriores de vários autores. Na Beira Litoral, além do local conhecido de há muito, foi recentemente colhida nos arredores de Penacova.

Entretanto, foi também herborizada junto a Alpedrinha, na Beira Baixa, o que constitui a primeira citação documentada para esta província.

*Espécimes*: Beira Litoral: Próximo de Penacova: No areal do rio Mondego (18.Junho.1961, *Malato-Beliz et al.* ELVE 10979); Beira Baixa: Alpedrinha: Bermas da estrada (17.Junho.1961, *Malato-Beliz et al.* ELVE 10978).

*Distribuição*: Minho, Beiras, Estremadura, Ribatejo e Baixo Alentejo.

***Galinsoga ciliata* (Raf.) Blake (Est. III, fig. a e b;  
Est. IV)**

Planta anual, erecta ou ascendente, de cerca de 3,5 a 10 cm de altura, simples ou pouco ramosa, densamente viloso-acetinada, particularmente nos caules e na página inferior das folhas jovens. Folhas opostas, ovado-romboidais, de base acunheada, serradas. Capítulos pequenos, com cerca de 3.5-4.0 mm de comprimento. Brácteas do involúcro elíptico-obovadas, verde-escariosas, com a margem franjado-ciliada, nervuras purpúreas, com pêlos glanduloso-capitados no dorso. Flores marginais com cerca de 4 mm, com corola ligulada profundamente trilobada; flores do disco com cerca de 3 mm, com corola tubulosa. Aquénios com cerca de 1,5 mm de comprimento, aclavados, costados, hispídeos, com papilho

de escamas alongado-asseoveladas, franjado-ciliadas nas margens.

Planta nova para a flora portuguesa, a distinção (vid. Est. III e IV) da espécie anteriormente referida (*Galinsoga parviflora* Cav.) pode fazer-se pelas seguintes chaves:

Aquénios marginais sem papilho; papilho dos aquénios do disco do tamanho da corola, não em forma de arista *G. parviflora* Cav.

Aquénios marginais com papilho igualando o tubo da corola; papilho dos aquénios do disco atingindo cerca de  $\frac{1}{2}$  da corola, em forma de arista *G. ciliata* (Raf.) Blake

*Espécime*: Beira Litoral: Próximo de Penacova: No areal do rio Mondego (18.Junho.1961, Malato-Beliz e J. A. Guerra ELVE 10977).

*Distribuição*: Beira Litoral (Penacova).

Planta originária da América Central e do Sul, existe, introduzida e com carácter ruderal, em vários países da Europa, além de Portugal.

Em Penacova, no areal da margem do Mondego, faz parte de um agrupamento em que estão presentes: *Sanguisorba agrimonioides*, *Galinsoga parviflora*, *Echinochloa crus-galli*, *Saponaria officinalis*, *Panicum repens*, *Hordeum secalinum*, *Ononis spinosa* e *Cyperus Eragrostis*.

#### **Taraxacum duriense** van Soest

Além das províncias já referidas (MALATO-BELIZ e ABREU, 1954), esta espécie existe também em Trás-os-Montes e Alto Douro.

*Espécime*: Trás-os-Montes e Alto Douro: Entre Mogadouro e Miranda do Douro (23.Abril.1955, Malato-Beliz et al. ELVE 10981).

*Distribuição*: Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral, Beira Litoral, Estremadura e Alto Alentejo.

## SUMÁRIO

A presente série de notas refere, pela primeira vez, a existência de determinadas plantas em Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Baixa, Alto e Baixo Alentejo e assinala a presença de outras em novos locais.

Nelas se incluem, também, duas espécies novas para Portugal: *Proboscidea louisiana* (Mill.) Woot. et Standl. e *Galinsoga ciliata* (Raf.) Blake.

## RÉSUMÉ

Dans cette série de notes sur la distribution de quelques plantes au Portugal, on a rapporté quelques plantes nouvelles et des nouveaux endroits dans les provinces de Trás-os-Montes et Alto Douro, Beira Baixa, Alto et Baixo Alentejo.

On indique aussi, comme des espèces nouvelles pour le Portugal Continental: *Proboscidea louisiana* (Mill.) Woot. et Sandl. et *Galinsoga ciliata* (Raf.) Blake.

## SUMMARY

In this new contribution to the knowledge of the distribution of some plants in Portugal, new taxa and new loci to Trás-os-Montes and Alto Douro, Beira Baixa, Alto and Baixo Alentejo are reported.

*Proboscidea louisiana* (Mill.) Woot. et Standl. and *Galinsoga ciliata* (Raf.) Blake are mentioned for the first time to the Continental Portuguese flora.

## BIBLIOGRAFIA

COUTINHO, A. X. PEREIRA

1939 *Flora de Portugal (Plantas vasculares)*. Bertrand (Irmãos) Lt.<sup>a</sup> Lisboa.

FERNANDES, A. e R. FERNANDES

1948 Herborizações nos domínios da Fundação da Casa de Bragança. II — Vila Viçosa. *Bol. Soc. Brot.* 22 (2.<sup>a</sup> Série) 17-96.

FERNANDES, R.

1960 Duas espécies americanas novas para a flora de Portugal. *An. Soc. Brot.* 26: 31-44.

GLEASON, H. A.

- 1958 *The New Britton and Brown Illustrated Flora of the Northeastern United States and Adjacent Canada*. 2<sup>nd</sup> printing. Lancaster.

MALATO-BELIZ, J. e J. P. ABREU

- 1954 Notas de florística. IV. *Mem. Soc. Brot.* **10**: 11-27.

MENDES, E. J. e C. ROMARIZ

- 1954-55 Anotações e aditamentos à flora lusitânica. *Bol. Soc. Port. Ciênc. Nat.* **20**: 1-18.

MENDONÇA, F. A. e J. C. VASCONCELLOS

- 1944 Contribuições para a topografia florística da região duriense. II. *An. Inst. Vinho do Porto* **5**: 119-200.

PINTO DA SILVA, A. R. e M. DA SILVA

- 1961 in Plantas novas e novas áreas para a flora de Portugal. VII (De Flora Lusitana Commentarii ad Normam Herbarii Stationis Agronomicae Nationalis, Fasc. XIV). *Agron. Lusit.* **23** (1): 28.

PINTO DA SILVA, Q. e A. R. PINTO DA SILVA

- 1961 in Plantas novas e novas áreas para a flora de Portugal. VI (De Flora Lusitana Commentarii ad Normam Herbarii Stationis Agronomicae Nationalis, Fasc. XIII). *Agron. Lusit.* **22** (1): 17.

PINTO DA SILVA, A. R.

- 1964 in Plantas novas e novas áreas para a flora de Portugal. VIII (De Flora Lusitana Commentarii ad Normam Herbarii Stationis Agronomicae Nationalis, Fasc. XV). *Agron. Lusit.* **24** (3): 177-203 (1962).

ROTHMALER, W.

- 1940 Sobre algumas plantas criticas. *Brotéria, Sér. Ciênc. Nat.* **9** (1): 4-17.



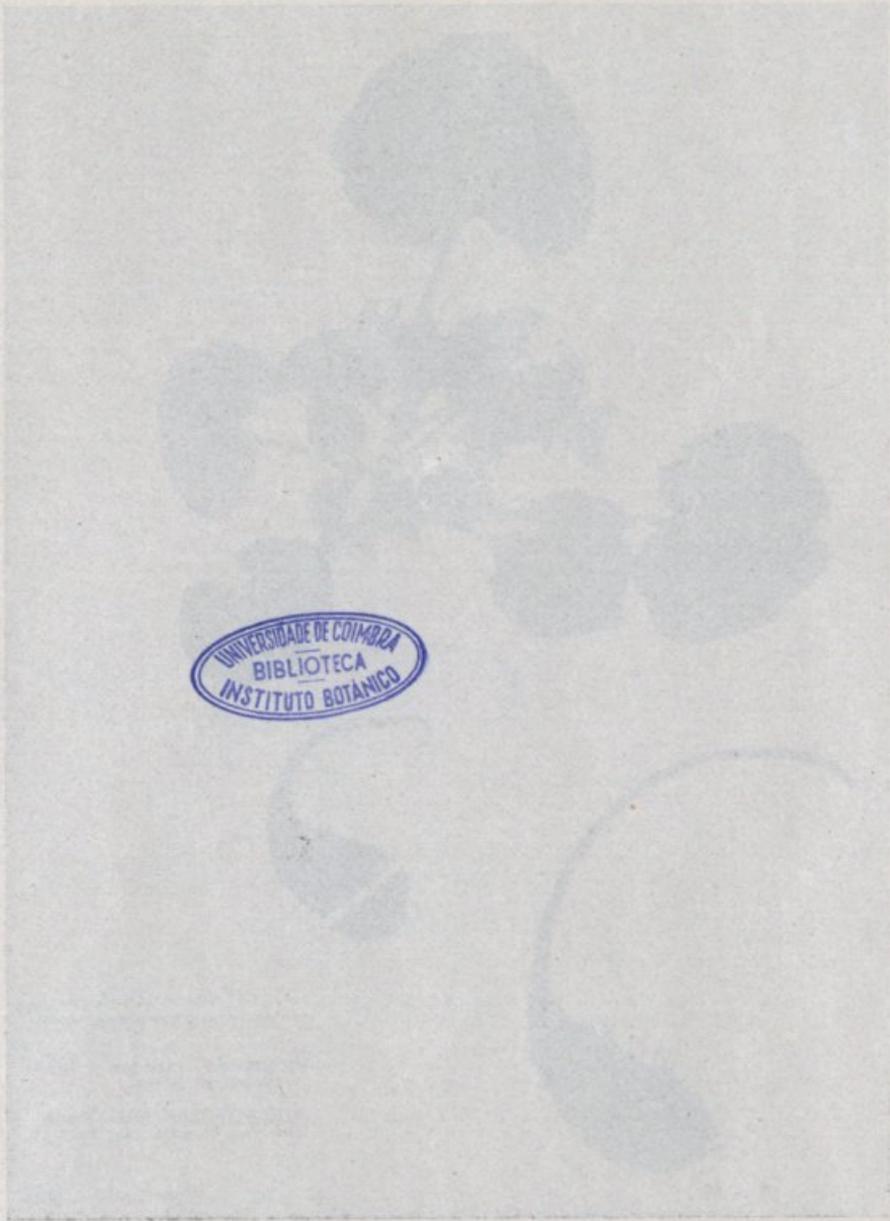
*Proboscidea louisiana* (Mill.) Woot. et Standl.: a — Ramo florido ( $\times 0.8$ ); b — Fruto desprovido da polpa ( $\times 1/2$ ).





***Proboscidea louisiana* (Mill.) Woot. et Standl.**

*Callinaga villosa* (Raf.) Steud. n. - Aspecto geral da planta (x 1/2)  
 1 - Flor do disco (x 5); 2 - Flor marginal (x 5) - *Callinaga*  
*parviflora* - 1 - Flor do disco (x 5); 2 - Flor marginal (x 5).



UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
BIBLIOTECA  
INSTITUTO BOTANICO



a



1



2



1



2

b

c

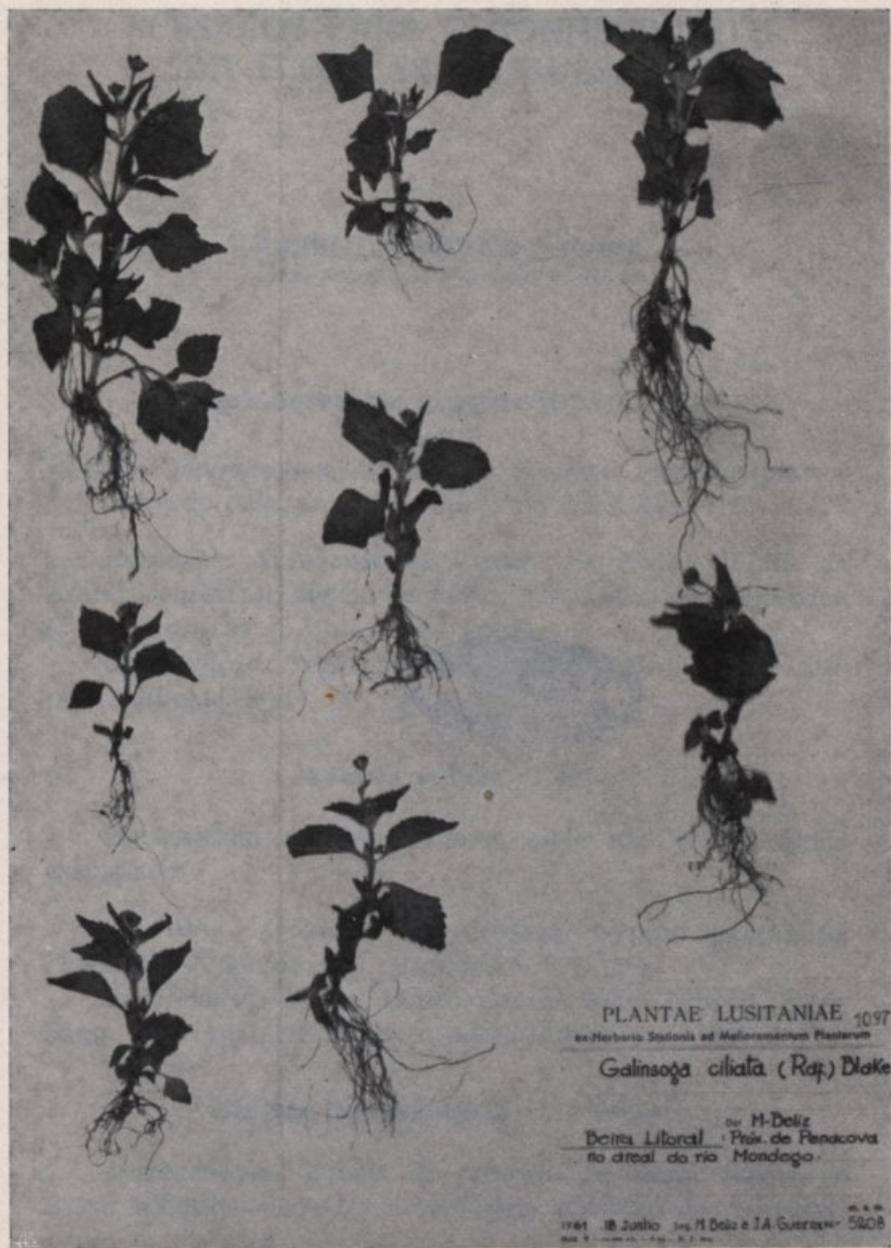
*Galinsoga ciliata* (Raf.) Blake: a — Aspecto geral da planta ( $\times 1$ );  
 b: 1 — Flor do disco ( $\times 7$ ); 2 — Flor marginal ( $\times 9$ ); c — *Galinsoga*  
*parviflora*: 1 — Flor do disco ( $\times 8$ ); 2 — Flor marginal ( $\times 12$ ).



UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
BIBLIOTECA  
INSTITUTO BOTANICO



1 - Flor do disco ( $\times 8$ ); 2 - Flor marginal ( $\times 12$ );  
 3 - Flor do disco ( $\times 7$ ); 4 - Flor marginal ( $\times 9$ ); 5 - *Gallinago*  
*ellata* (Raf.) Bosc; 6 - Aspecto geral da planta ( $\times 1$ );



*Galinsoga ciliata* (Raf.) Blake



# SUBSÍDIOS PARA O CONHECIMENTO DA FLORA PORTUGUESA—III

por

**ÂNGELO PEREIRA & J. PAIVA**

Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

## **Ophioglossum vulgatum** L. (Est. I)

**E**STE *Ophioglossum*, assinalado até aqui somente para o norte do país, foi herborizado no Alto Alentejo.

*Espécime*: arredores de Castelo de Vide, Quinta da Atalaia, substrato fresco de souto, 9-VI-1962, A. Fernandes, R. Fernandes & J. Matos 8584 (COI).

*Distribuição*: Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral e Alto Alentejo.

## **Isoetes velata** A. Br.

Herborizado na Beira Baixa, onde não estava ainda assinalado.

*Espécime*: arredores da Covilhã, terreno pantanoso, 21-V-1959, J. Matos & A. Marques s. n. (COI).

*Distribuição*: Minho, Douro Litoral, Beira Litoral, Beira Baixa, Ribatejo, Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve.

## **Biarum tenuifolium** (L.) Schott

Acrescente-se à área de distribuição desta espécie o Baixo Alentejo, onde foi herborizada próximo de Aljustrel.

*Espécime*: pr. Aljustrel, entre Aljustrel e Ervidel, numa encosta inculca, 5-IV-1963, J. Paiva, J. Matos & A. Marques 8888 (COI).

*Distribuição*: Beira Litoral, Estremadura, Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve.

### **Juncus heterophyllus** Desf.

A área desta espécie é alargada ao Algarve. É digna de menção a existência nos exemplares herborizados de raízes com tubérculos fusiformes, cuja presença neste taxon foi já assinalada por MAIRE (Fl. Afr. Nord, 4: 288, 1957).

*Espécime*: próx. Odeceixe, entre Odeceixe e Aljezur, numa represa de água, 3-IV-1963, J. Paiva, J. Matos & A. Marques 8806 (COI).

*Distribuição*: Minho, Beira, Ribatejo, Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve.

### **Scilla italica** L. var. **albiflora** A. Fernandes & Garcia

Alargue-se a área deste taxon para o Algarve.

*Espécime*: entre Sagres e Cabo de S. Vicente, terreno areno-argiloso, 23-III-1964, A. Fernandes, R. Fernandes & J. Matos 9025-A (COI).

*Distribuição*: Alto Alentejo e Algarve.

### **Minuartia hybrida** (Vill.) Schischk.

Estenda-se a área desta espécie à Beira Baixa, visto ter sido herborizada em Castelo Branco.

*Espécime*: Castelo Branco, rio Ponsul, terreno inculto junto ao rio, 22-V-1959, J. Matos & A. Marques 6647 (COI).

*Distribuição*: Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral Estremadura, Beira Baixa e Alto Alentejo.

### **Silene Coutinhoi** Rothm. & P. Silva

Alargue-se a área de distribuição deste taxon mais para o sul do país, pois foi herborizado no Alto Alentejo.

*Espécime*: arredores de Castelo de Vide, Quinta da Atalaia, substrato fresco de souto, 9-VI-1962, A. Fernandes R. Fernandes & J. Matos 8587 (COI).

*Distribuição*: Trás-os-Montes, Beira Baixa e Alto Alentejo.

**Ranunculus omiophyllus** Ten. (**R. Lenor-**  
**mandii** F. Schultz)

Estenda-se a área ao Baixo Alentejo.

*Espécime*: Baleizão, a 13 km de Beja, depois da ponte sobre o Guadiana, terra funda e húmida, 11-VI-1962, A. Fernandes, R. Fernandes & J. Matos 8721 (COI).

*Distribuição*: Minho, Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira, Alto Alentejo e Baixo Alentejo.

**Sedum andegavense** DC.

Segunda citação para a Beira Baixa, onde só estava assinalado para Castelo Novo.

*Espécime*: na estrada Castelo Branco-Monfortinho, a ca. de 5 km de Castelo Branco, terreno inculto, saibroso, 23-V-1959, J. Matos & A. Marques 6679-A (COI).

*Distribuição*: Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Alta, Beira Litoral, Beira Baixa, Estremadura, Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve.

**Melilotus officinalis** (L.) Desr.

Este *Melilotus* só estava assinalado para Portugal em Bragança e Guarda (cf. R. FERNANDES in Bol. Soc. Brot. sér. 2, 23: 138, 1949 et in Mem. Soc. Brot. 6: 35, 1950). Foi recentemente herborizado nos arredores de Coimbra.

*Espécime*: Coimbra, Estação Velha, 24-VII-1958, J. Matos s. n. (COI).

*Distribuição*: Trás-os-Montes (Bragança), Beira Alta (Guarda) e Beira Litoral (Coimbra).

***Trifolium phleoides* Pourr. subsp.  
*gemellum* (Pourr.) Thell.**

Acrescente-se a Beira Baixa à área de distribuição deste taxon, pois herborizou-se próximo de Castelo Branco.

*Espécime*: entre Castelo Branco e Monfortinho, a ca. de 5 km da primeira localidade, 23-V-1959, J. Matos & A. Marques 6680 (COI).

*Distribuição*: Trás-os-Montes e Alto Douro, Beira Alta, Beira Baixa, Estremadura, Alto Alentejo, Baixo Alentejo e Algarve.

***Callitriche obtusangula* Legall**

Na distribuição geográfica de *C. obtusangula* Legall, H. D. SCHOTSMAN (Notes on some portuguese species of *Callitriche* in Bol. Soc. Brot. sér. 2, 35: 100, 1961), por lapso, não indica a Estremadura, embora no texto se refira a um exemplar herborizado próximo de Óbidos.

*Espécime*: próximo da Fonte do Mouro, nos arredores de Óbidos, 1959, J. Matos & F. Cardoso s. n. (COI).

*Distribuição*: Beira Litoral, Estremadura e Alto Alentejo.

***Callitriche pedunculata* DC.**

Alargue-se a área ao Algarve.

*Espécime*: entre Carrapateira e Vila do Bispo, num charco, 3-IV-1963, J. Paiva, J. Matos & A. Marques 8829 (COI).

*Distribuição*: Trás-os-Montes e Alto Douro, Douro Litoral, Beira Litoral, Beira Baixa, Estremadura, Baixo Alentejo e Algarve.

**Lamium bifidum** Cyr.

Este taxon, citado para Portugal só para duas localidades ( S. Fiel e Castelo de Vide), foi herborizado em 1956 na Pampilhosa da Serra.

*Espécime*: Pampilhosa da Serra, Quinta de S. Martinho, 27-III-1956, A. Brito s. n. (COI).

*Distribuição*: Beira Baixa e Alto Alentejo.

**Eclipta prostrata** (L.) L.

No Baixo Alentejo só tinha sido assinalada, até agora, em Sines (cf. P. SILVA & RAINHA in Agron. Lusit. 20: 244, 1959). J. MATOS teve ocasião de a herborizar em Alcácer do Sal.

*Espécime*: Alcácer do Sal, nas motas dos arrozais, 18-IX-1960, J. Matos 7611 (COI).

*Distribuição*: Beira Litoral, Beira Baixa, Ribatejo e Baixo Alentejo.

**Atractylis cancellata** L.

A presença desta espécie em Castelo Branco vem confirmar que ela se encontra na Beira Meridional, como indica BROTERO (Fl. Lus. 1: 347, 1804).

*Espécime*: Castelo Branco, rio Ponsul, terreno cultivado, pedregoso, 22-V-1959, J. Matos & A. Marques 6651 (COI).

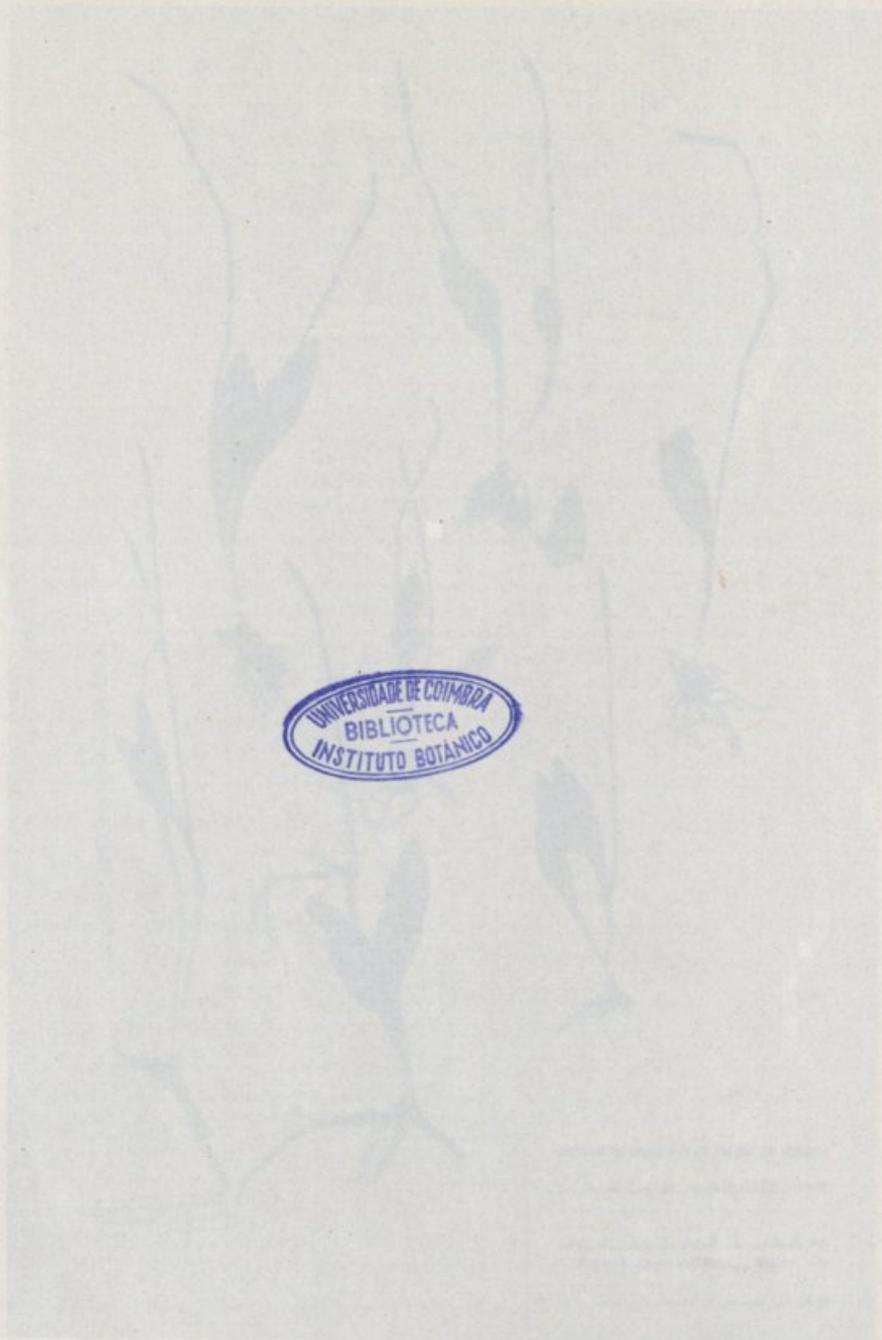
*Distribuição*: Beira Baixa, Ribatejo, Alentejo e Algarve.

... (faint text)



***Ophioglossum vulgatum* L.**

Espécime A. Fernandes, R. Fernandes & J. Matos 8584 (COI).



*Opiliosiphon salicornia* L.  
Eduardo A. Rozendo & Fernando A. Silva (2011)

# UM HÍBRIDO NO GÉNERO *LAVATERA* L.

por

**ROSETTE FERNANDES**

Instituto Botânico da Universidade de Coimbra

NA vasta bibliografia consultada para a preparação do estudo sobre o género *Lavatera* a figurar na *Flora Europaea*, não encontrámos qualquer referência a híbridos. Entre as plantas estudadas, porém, depararam-se-nos alguns exemplares que, pelos seus caracteres, mostram nitidamente tratar-se de um híbrido entre *L. triloba* L. e *L. Olbia* L. É este, pois, o primeiro híbrido a ser indicado no género.

A planta foi encontrada no Algarve, na Praia do Carvoeiro, onde igualmente se colheu um dos progenitores, *L. triloba* (tab. I e II). Quanto ao outro, *L. Olbia* (tab. III), existe também no Algarve, sendo provável que apareça não longe daquele local, de onde, no entanto, não há nenhuma colheita nos herbários portugueses. Considerando estes factos, é de presumir que tenha sido *L. triloba* o progenitor feminino.

O híbrido (tab. IV) é intermediário entre os progenitores por certos caracteres e mostra também, simultaneamente, particularidades ou de um ou de outro. Assim:

1) *Indumento*: nos caules, pecíolos e pedúnculos apresenta-se formado por pêlos estrelados muito pequenos e aplicados, que aparecem em *L. Olbia* e não existem em *L. triloba*; por pêlos estrelados ou subfasciculados de ramos compridos mais semelhantes, pelas suas dimensões, aos que se encontram em *L. Olbia*; e por pêlos simples, ténues, capitado-glandulosos, característicos de *L. triloba* e que *L. Olbia* não possui.

2) *Folhas*: a forma do limbo é intermediária entre a dos pais. Com efeito, ao passo que em *L. triloba* as folhas são suborbiculares e cordadas na base ou pouco distintamente lobadas (tab. I e II) e que em *L. Olbia* são marcadamente 5-3-lobadas (pelo menos as inferiores e medianas) com o lobo central mais alongado que os laterais (tab. III), no híbrido (tab. IV) apresentam-se 3-lobadas, com o lobo mediano mais comprido que os outros dois como sucede na última espécie, mas todos arredondados como é o caso de *L. triloba*.

3) *Estípulas*: maiores que as de *L. Olbia*, menores que as de *L. triloba*.

4) *Inflorescências*: as flores em *L. triloba* possuem pedúnculos relativamente compridos e dispõem-se em fascículos axilares de 2-8(10); em *L. Olbia* são solitárias e curtamente pedunculadas (pedúnculo geralmente inferior a 1 cm); no híbrido existem 1-2(3) flores por axila, em pedúnculos curtos como os de *L. Olbia*.

5) *Epicálice*: em *L. triloba* é bastante mais curto que o cálice e os seus segmentos separam-se por vezes quase até a base, enquanto em *L. Olbia* subigualam o cálice e são unidos até cerca do meio; no híbrido aproximam-se mais, pelas dimensões e forma, dos de *L. Olbia*.

6) *Cálice*: as sépalas de *L. triloba* são longa e insensivelmente acuminadas, com as margens rectilíneas ou ligeiramente convexas; em *L. Olbia* as sépalas, proporcionalmente mais curtas, contraem-se bruscamente em ponta mais aguda e são limitadas por margens côncavas para o ápice. Estes mesmos caracteres aparecem no híbrido, que, portanto, se mostra bastante mais próximo de *L. Olbia* no que respeita ao cálice e ao epicálice.

7) *Corola*: no híbrido as pétalas são purpúreas e grandes como nos progenitores. Pelo facto de não se encontrarem em boas condições, não pudemos fazer medições exactas, nem observar a sua forma.

Pensámos, dadas as dimensões relativamente pequenas das folhas e o pequeno comprimento dos pedúnculos, que esta planta correspondesse a uma forma de *L. triloba* subsp. *minoricensis* (Camb.) R. Fernandes var. *minoricensis*, endémica das Ilhas Baleares. No entanto, pelas corolas grandes, pela forma do epicálice, com as brácteas unidas em grande extensão e não quase livres como sucede nesse taxon, e pelo cálice também diferente, a planta da Praia do Carvoeiro não se pode filiar na subsp. *minoricensis*.

É interessante notar que a natureza híbrida da planta se pode considerar implícita nas dúvidas que suscitou a sua determinação. Assim, tendo-a o seu colector determinado como *L. Olbia* L., A. R. PINTO DA SILVA, que estudou depois um duplicado, identificou-a como ? *L. triloba*, com a anotação «Ainda que não perfeitamente condizente com as plantas de LISE (incl. o exemplar colhido na mesma localidade), parece dever incluir-se em *L. triloba* L. e não em *L. Olbia* L., espécie a que seguramente não pertence».

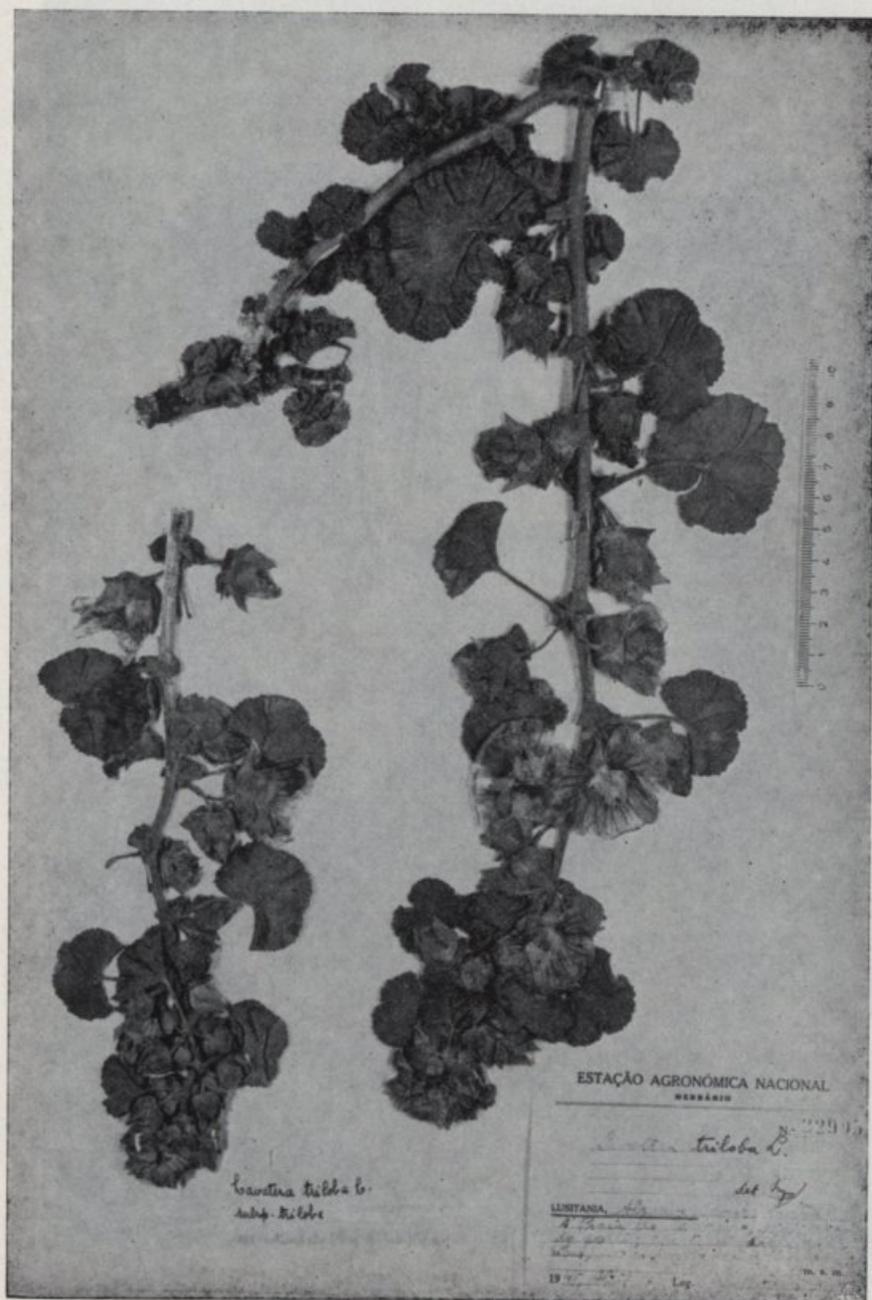
*L. Olbia* × *triloba*, hyb. nov.

*Suffrutex*. *Caules* cylindrici, indumento pilis stellatis minusculis albidis adpressisque et pilis stellatis vel subfasciculatis et pedicellatis validis cum pilis tenuibus simplicibus capitato-glandulosis intermixtis constituto, ut stipulae, petioli et epicalyx, dense obtecti. *Stipulae* usque ad 1×1 cm, ovato-cordatae, acutae, virides. *Petiolus* usque ad 4 cm longus (in speciminibus visis). *Lamina foliorum* omnino trilobata, lobis rotundatis, lateralibus patulis, mediano longiore et latiore, margine crenata et saepe undulato-crispa, crassiuscula, laete viridis, utrinque stellato-tomentosa. *Flores* axillares 1-3, breviter pedunculati, pedunculis vix usque ad 1 cm longis. *Epicalycis bractae* usque ad 1/3-1/2 coalitae, parte libera late ovata, abrupte acuminata, acuta, calyci subaequales vel paullo breviores. *Sepala* ovato-triangularia, acuta. *Petala* purpurea. *Fructum* maturum non vidimus.

Icon. nostr.: tab. IV.

Habitat in Lusitania, in Algarbiis, ad rupes calcareas littoris dicti «Praia do Carvoeiro» pr. propugnaculum, 24-V-1956, *Malato-Beliz et al.* 3051 (ELVE; LISE).

Propter indumentum, magnitudinem stipularum, formam laminae foliorum et dispositionem florum, intermedia inter progenitores est; propter pedunculos breves et formam ac magnitudinem epicalycis calycisque ad *L. Olbia* magis accedit.



***Lavatera triloba* L. subsp. *triloba* var. *triloba*.**

Espécime *Pinto da Silva et al.* 606 (LISE) colhido na Praia do Carvoeiro (Algarve). Compare-se com a tab. IV.





***Lavatera triloba* L. subsp. *triloba* var. *triloba***

Espécime Pinto da Silva et al. 1965 (LISE) herborizado entre Loulé e o desvio para Benafim. Repare-se na forma das folhas, igual à das do exemplar representado na tab. I; compare-se com a tab. IV.





**Lavatera Olbia L. var. Olbia**

Espécime *Bento Rainha* 3595 (LISE). Comparem-se a forma das folhas e a disposição das flores com as das plantas figuradas nas tab. I, II e IV.

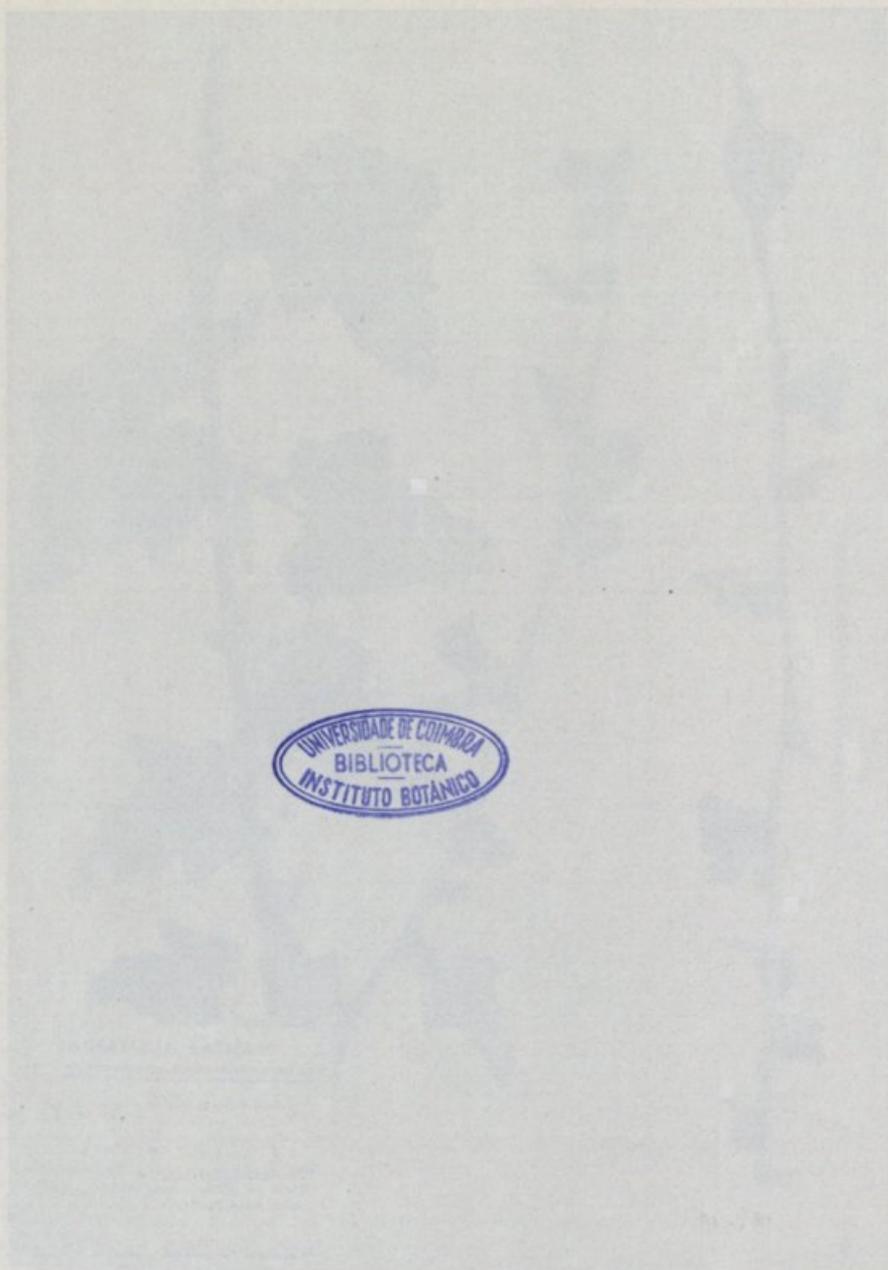
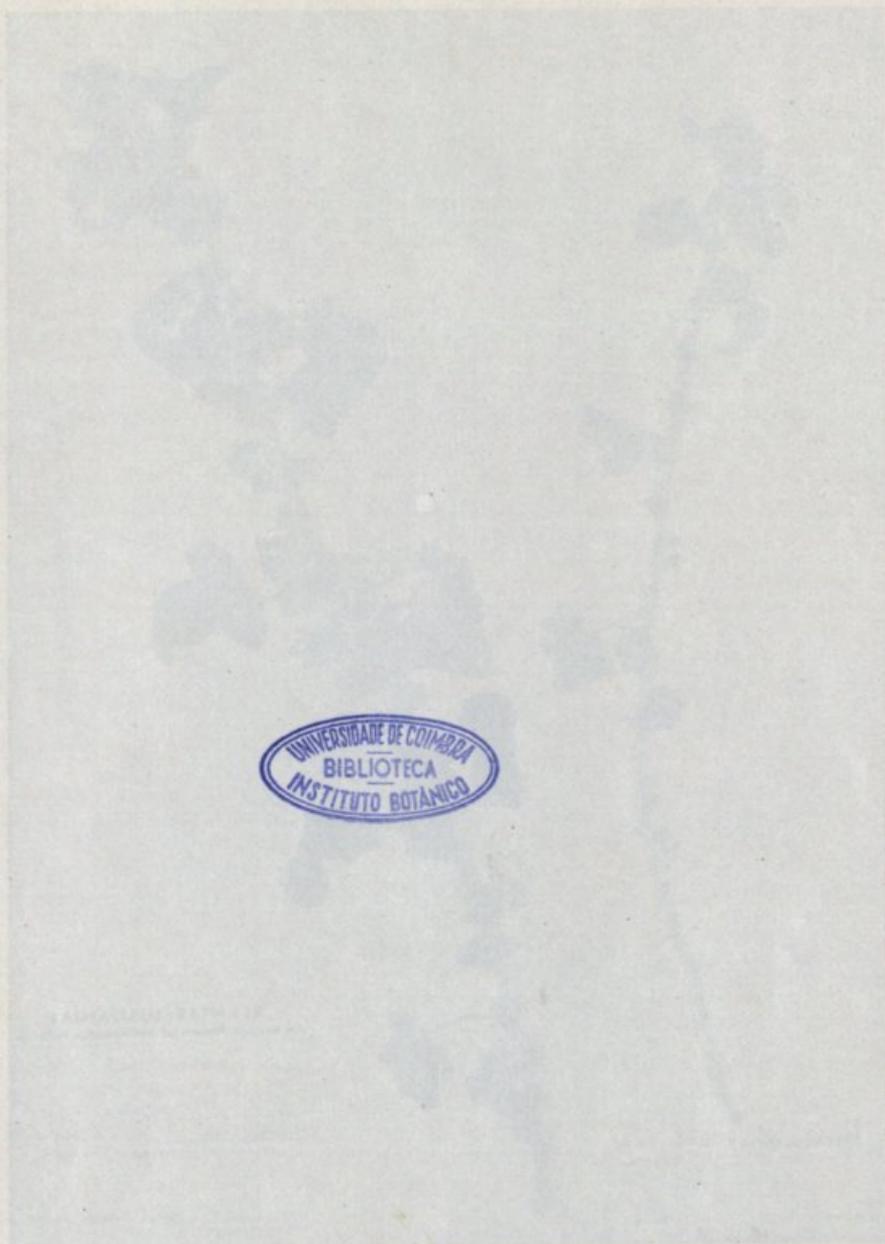


Fig. 1. — *Urtica dioica* L. var. *dioica*  
Epiderme (ver. 100x). — *Urtica dioica* L. var. *dioica*  
e a disposição das fibras nos seos das células epidérmicas  
ver. Tab. I, fig. IV



**Lavatera Olbia × triloba**

Espécime *Malato-Beliz et al.* 3051 (ELVE).



UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
BIBLIOTECA  
INSTITUTO BOTÂNICO

Expediente Administrativo nº 1001 (11.11.11)  
Laboratório de Botânica

